

CRISTO SENHOR



A SAÍDA DO EGITO

ANNE RICE

Rocco



DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [Le Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [Le Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [LeLivros.Info](#) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados [neste link](#)

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."



Anne Rice

CRISTO SENHOR

A saída do Egito

Tradução de Alyda Christina Sauer
Digitalização e Revisão de Sayuri
Formatação de LeYtor

A stylized, handwritten-style signature or logo, possibly reading "Rice" or "Riceo", rendered in a dark, textured font.

Título original
CHRIST THE LORD:
Out of Egypt

Esta é uma obra de ficção. Nomes, personagens, lugares e incidentes são produtos da imaginação da autora ou foram usados de forma fictícia.

Copyright © 2005 by Anne O'Brien Rice

Direitos para a língua portuguesa reservados
com exclusividade para o Brasil à
EDITORA ROCCO LTDA.

Av. Presidente Wilson, 231 - 8^o andar
20030-021 - Rio de Janeiro, RJ
Tel.: (21)3525-2000-Fax.: (21)3525-2001
rocco@rocco.com.br
www.rocco.com.br

Printed in Brazil/Impresso no Brasil

preparação de originais
FÁTIMA FADEL

CIP-Brasil. Catalogação-na-fonte.
Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ.

Rice, Anne, 1941-
R381c Cristo Senhor: a saída do Egito/Arme Rice; tradução de
Alyda Christina Sauer. - Rio de Janeiro: Rocco, 2007.

Tradução de: Christ the Lord: out of Egypt
ISBN 978-85-325-2250-4

1. Jesus Cristo — Ficção. 2. Bíblia. N. T. História de
fatos bíblicos - Ficção. 3. Novela americana. I. Sauer, A-
lyda Christina. II. Título.

07-2782

CDD-813
CDU-821.111 (73)-3

PARA
Christopher

Com humildade, procurei fazer

algo transformador.

Trazê-lo para cá, na forma de uma

História, e essa história é Cristo Senhor.

ANNE RICE

QUANDO ISRAEL SAIU DO EGITO, a casa de Jacó de um povo com língua estranha;

Judá era seu santuário e Israel seu domínio.

O oceano o viu e se abriu: o Jordão recuou.

As montanhas pulavam como carneiros, e as pequenas colinas como cordeiros.

O que te perturbou, ó oceano, para fugires? E tu, Jordão, que recuaste?

Vós, montanhas, que pulastes como carneiros; e vós pequenas colinas, como cordeiros?

Tremei, terra, na presença do Senhor, na presença do Deus de Jacó;

Que transformou a rocha em corredeira, a pedra em fonte de águas.

– Salmo 114. Bíblia versão do rei Jaime

EU TINHA SETE ANOS. O que sabemos quando temos sete anos? Toda a minha vida, pelo menos era assim que eu pensava, moramos na cidade de Alexandria, na rua dos Carpinteiros, com outros galileus, e mais cedo ou mais tarde íamos para casa.

Era fim de tarde. Estávamos brincando, a minha turma contra a dele, e quando ele correu atrás de mim mais uma vez, valentão do jeito que era e maior do que eu, pegou-me desequilibrado, senti o poder me escapar e gritei.

— Você nunca chegará aonde quer chegar.

Ele caiu lívido na terra arenosa e todos se juntaram ao seu redor. Fazia muito calor e meu peito arfava quando olhei para ele. Ele estava inerte.

Com um estalar de dedos todos recuaram. Como se a rua inteira fizesse silêncio, menos os martelos dos carpinteiros. Nunca escutei silêncio tão grande.

— Ele está morto! — disse o pequeno Josué.

E todos começaram a repetir.

— Ele está morto, ele está morto, ele está morto.

Eu sabia que era verdade. Ele não passava de um emaranhado de braços e pernas na terra batida.

E eu estava oco. O poder tinha levado tudo consigo, tudo acabado.

A mãe dele saiu da casa, e o seu grito subiu pelas paredes e se transformou num uivo. De todo lado chegaram mulheres correndo.

Minha mãe me levantou do chão. Ela me carregou pela rua, pelo pátio e para dentro da escuridão da nossa casa. Todos os meus primos nos cercaram e Tiago, meu irmão mais velho, fechou as cortinas. Ficou de costas para a luz e disse:

— Foi Jesus. Ele o matou. — Ele estava com medo.

— Não diga isso! — minha mãe disse.

Ela me agarrava com tanta força que eu mal podia respirar.

O grande Josué acordou.

Agora o grande Josué era meu pai, porque tinha se casado com a minha mãe, mas nunca o chamei de pai. Ensinaram-me a chamá-lo de José. Eu não sabia por quê.

Estava dormindo na esteira. Tínhamos trabalhado o dia inteiro numa obra na casa de Philo, e ele e os outros homens tinham se deitado na hora mais quente do fim da tarde para dormir. Ele começou a se levantar.

— Que gritaria é essa lá fora? — perguntou. — O que aconteceu?

José olhou para Tiago. Tiago era o filho mais velho dele. Tiago era filho de uma mulher que tinha morrido antes de José se casar com a minha mãe.

Tiago repetiu.

— Jesus matou Eleazar. Jesus rogou-lhe uma praga e ele caiu morto.

José olhou para mim, sem expressão, ainda cheio de sono.

Ouvimos mais e mais gritos na rua. José ficou de pé e passou a mão no cabelo grosso e crespo.

Meus priminhos entravam pela porta da frente um por um e se amontoavam à nossa volta.

Minha mãe tremia.

— Ele não pode ter feito uma coisa dessas — ela disse. — Ele não faria isso.

— Eu vi — disse Tiago. — Eu vi quando ele fez os pardais de barro no Sabá. O Mestre disse que ele não podia fazer isso no Sabá. Jesus olhou para os passarinhos e eles viraram passarinhos de verdade. E saíram voando. Você também viu. Ele matou Eleazar, mãe, eu vi.

Meus primos formaram um círculo de rostos lívidos na penumbra: o pequeno Josué, Judas e os pequenos Simeão e Salomé observavam nervosos, com medo de serem enxotados dali. Salomé tinha a minha idade, era a que eu mais gostava e de quem eu era mais chegado. Salomé era como uma irmã para mim.

Então chegou o irmão da minha mãe, Cleofas, sempre muito falante, pai desses primos, exceto do grande Silas que chegava nesse momento também, um rapaz mais velho que o Tiago. Ele foi para um canto e depois entrou o irmão dele, Levi, e os dois quiseram saber o que estava havendo.

— José, eles estão todos aí fora — disse Cleofas. — Jonathan bar Zakkai e seus irmãos, e estão dizendo que Jesus matou o menino deles. Eles estão com inveja porque conseguimos aquele trabalho na casa de Philo, estão com inveja porque conseguimos aquele outro trabalho antes desse, estão com inveja porque estamos tendo um trabalho atrás do outro, eles pensam que fazem tudo melhor do que nós...

— O menino está morto? — perguntou José. — Ou está vivo?

Salomé se aproximou e sussurrou no meu ouvido.

— Faça-o viver, Jesus, como fez com os passarinhos!

O pequeno Simeão dava risada. Ele era pequeno demais para entender o que estava acontecendo. O pequeno Judas sabia, mas estava quieto.

— Pare — disse Tiago, o chafincho das crianças. — Salomé, cale a boca.

Eu ouvia os gritos na rua. Ouvi outros ruídos. De pedras atingindo as paredes da casa. Minha mãe começou a chorar.

— Como ousam fazer isso! — gritou meu tio Cleofas, correndo para a rua. José foi atrás dele.

Eu me desvencilhei dos braços da minha mãe e saí correndo antes que ela pudesse me segurar, passei pelo meu tio e por José e fui direto para o meio da multidão que acenava, berrava e erguia os punhos cerrados. Fui tão rápido que eles nem me viram. Eu era como um peixe no rio. Passei em ziguezague pelo meio das pessoas que berravam acima da minha cabeça, até chegar à casa de Eleazar.

Todas as mulheres estavam de costas para a porta e nenhuma me viu quando me esgueirei pelo canto da sala.

Fui direto para o quarto escuro onde o tinham posto deitado numa esteira. A mãe dele estava lá, abraçada a uma irmã e em prantos.

Havia apenas um lampião e bem fraquinho.

Eleazar estava lívido e com os braços ao lado do corpo, com a mesma túnica suja e as solas dos pés muito pretas. Ele estava morto, com a boca aberta e os dentes brancos à mostra, sobre o lábio.

O médico grego chegou — na realidade ele era judeu —, ajoelhou-se, olhou para

Eleazar e balançou a cabeça.

Então me viu e disse:

— Fora.

A mãe de Eleazar virou para trás, me viu e deu um grito.

Eu me inclinei sobre ele.

— Acorda, Eleazar — eu disse. — Desperta agora.

Estendi o braço e pus a mão na testa dele.

O poder saiu. Meus olhos se fecharam. Fiquei tonto. Mas ouvi quando ele engoliu ar.

A mãe dele não parava de gritar e feria meus ouvidos. A irmã dela gritava. Todas as mulheres gritavam.

Eu caí no chão para trás. Estava fraco. O médico grego olhava fixo para mim. Eu estava nauseado. O quarto, escuro. Outras pessoas tinham entrado no quarto correndo.

Eleazar se ergueu e já veio engatinhando para cima de mim antes que qualquer pessoa pudesse segurá-lo, ele me socou e bateu com a minha cabeça no chão e não parava de me chutar.

— Filho de Davi, Filho de Davi! — ele berrava, zombando de mim. — Filho de Davi, Filho de Davi! — E chutava meu rosto, minhas costelas, até o pai dele agarrá-lo pela cintura e levantá-lo no ar.

Meu corpo todo doía, não conseguia respirar.

— Filho de Davi! — Eleazar continuou gritando.

Alguém me levantou e me carregou para fora da casa, para o meio da multidão na rua. Eu ainda estava ofegante, sem ar. Tudo doía. Parecia que a rua inteira gritava, pior do que antes, e alguém disse que o Mestre estava vindo, e meu tio Cleofas gritava em grego com Jonathan, o pai de Eleazar, e Jonathan gritava de volta, e Eleazar berrava:

— Filho de Davi, Filho de Davi!

Eu estava nos braços de José. Ele tentava andar, mas a multidão não deixava. Cleofas empurrava o pai de Eleazar. O pai de Eleazar queria pegar Cleofas, mas outros

homens seguraram os braços dele. Ouvi Eleazar gritando ao longe.

E o Mestre declarou:

— Essa criança não está morta, cale a boca, Eleazar, quem disse que ele estava morto? Eleazar, pare de gritar! Quem é que podia pensar que essa criança estava morta?

— Trouxe-o de volta à vida, foi isso que ele fez — disse um deles.

Nós estávamos no nosso pátio, toda a multidão tinha entrado conosco, meu tio e o pessoal de Eleazar ainda gritando uns com os outros, e o Mestre exigindo ordem.

Agora meus tios, Alfeu e Simão, também estavam lá. Estes eram irmãos de José. E tinham acabado de acordar. Ergueram os braços para a multidão. Com bocas muito sérias e olhos enormes.

Minhas tias, Salomé, Ester e Maria, estavam lá, e todos os primos corriam e pulavam como se aquilo fosse um carnaval, menos Silas, Levi e Tiago, que estavam parados ao lado dos homens.

E então não vi mais nada.

Eu estava nos braços da minha mãe e ela me levou para a sala da frente. Estava tudo escuro. Tia Ester e tia Salomé estavam com ela. Ouvi pedras batendo na casa outra vez. O Mestre falou mais alto, em grego.

— Tem sangue no seu rosto! — sussurrou minha mãe. — Seu olho está sangrando. Seu rosto está ferido! — Ela chorava. — Oh, veja só o que aconteceu com você — ela disse em aramaico, a nossa língua, que não falávamos muito.

— Não estou machucado — eu disse, e quis dizer que não tinha importância.

Meus primos me rodearam de novo e Salomé sorria, como se dissesse que sabia que eu podia trazê-lo de volta à vida. Segurei a mão dela e apertei.

Mas lá estava Tiago de cara fechada.

O Mestre entrou na sala de costas, com as mãos para cima. Alguém abriu a cortina e a luz entrou forte. José e seus irmãos chegaram. E Cleofas também. Todos nós tivemos de recuar para abrir espaço.

— Vocês estão falando de José, Cleofas e Alfeu, que negócio é esse de expulsá-los daqui? — disse o Mestre para a multidão. — Eles estão conosco há sete anos!

A família furiosa de Eleazar quase entrou toda na sala. O pai entrou mesmo.

— É, sete anos, e por que não voltam para a Galiléia, todos eles?! —berrou o pai de Eleazar. — Sete anos é tempo demais! Aquele menino está possuído por um demônio e estou dizendo para vocês, meu filho estava morto!

— Você está reclamando que ele esteja vivo agora?! Qual é o seu problema? — retrucou meu tio Cleofas.

— Você está parecendo louco! — acrescentou meu tio Alfeu.

E isso continuou assim, os homens berravam uns com os outros, cerravam os punhos ameaçadores, as mulheres balançavam a cabeça concordando e lançavam olhares para as outras, os outros participavam de longe.

— Ah, as coisas que vocês falam! — disse o Mestre, pronunciando cada palavra como se estivesse na Casa de Estudo. — Jesus e Tiago são meus melhores alunos. E estes homens são seus vizinhos, o que aconteceu para vocês ficarem contra eles desse jeito? Prestem atenção no que estão dizendo!

— Oh, seus alunos, seus alunos! — gritou o pai de Eleazar. — Mas nós temos de viver e trabalhar, e a vida é mais do que ser aluno!

Mais gente entrou na sala.

Minha mãe recuou até encostar na parede, agarrada em mim. Eu queria sair dali, mas não podia. Minha mãe sentia medo demais.

— É, trabalho, é isso mesmo — disse meu tio Cleofas. — E quem disse que não podemos viver aqui, o que você quer dizer com nos expulsar, só porque a maior parte do trabalho fica conosco, porque somos melhores e sabemos atender ao que as pessoas querem...

Subitamente José levantou as mãos e rugiu a palavra.

— Quietos!

E todos silenciaram.

José jamais havia levantado a voz daquele jeito antes.

— O Senhor condena uma discussão como essa! — disse José. — Vocês

quebraram as paredes da minha casa.

Ninguém disse nada. Todos olhavam para ele. Até Eleazar estava lá e olhou para ele.

Nem o Mestre falou qualquer coisa.

— Agora Eleazar está vivo — disse José. — E por acaso nós vamos voltar para a Galiléia.

Mais uma vez ninguém disse nada.

— Vamos partir para a Terra Santa assim que terminarmos nossas empreitadas aqui. Vamos nos despedir e aquelas obras que vierem encomendar quando estivermos nos preparando para viajar deixaremos para vocês.

O pai de Eleazar esticou o pescoço, meneou a cabeça e abriu as mãos. Ele deu de ombros. Abaixou a cabeça e deu meia-volta. Os homens que estavam com ele também. Eleazar olhou fixo para mim e então todos eles saíram da casa.

A multidão se afastou do pátio e minha tia Maria, a egípcia, que era mulher de Cleofas, entrou e fechou um pouco as cortinas.

Restou apenas o nosso grupo e o Mestre. O Mestre não estava contente. Ele olhou para José e franziu a testa.

Minha mãe secou os olhos, olhou para mim, mas então o Mestre começou a falar. Ela me apertou e suas mãos tremiam violentamente.

— Partindo daqui para voltar para casa? — disse o Mestre. — E levando meus melhores alunos com você? Levando meu ótimo Jesus? E voltar para casa para quê, eu posso perguntar? Para a terra de leite e mel?

— Você zomba dos nossos ancestrais? — perguntou meu tio Cleofas.

— Ou está fazendo pouco do próprio Senhor? — perguntou meu tio Alfeu, que falava grego tão bem quanto o Mestre.

— Não faço pouco de ninguém — disse o Mestre olhando para mim enquanto falava —, mas fico espantado de vocês poderem deixar o Egito com tanta facilidade, só por causa de uma pequena confusão na rua.

— Isso não teve nada a ver com a decisão de partir — disse José.

— Então por que vão partir? Jesus está se dando maravilhosamente bem aqui. Ora, Philo está muito impressionado com o aprendizado dele e o Tiago aqui é extraordinário, e...

— Sim, e aqui não é Israel, é? — perguntou Cleofas. — E não é o nosso lar.

— E, e o que você ensina para eles é grego, as escrituras em grego! —disse Alfeu. — E em casa ensinamos para eles em hebraico porque você nem conhece hebraico e você é o Mestre, e é isso que a Casa de Estudo é aqui, grego, e você chama de Tora, e Philo, sim, o grande Philo, ele nos dá trabalho para fazer, e os amigos dele também, e tudo isso é muito bom, e nós temos nos dado bem, e somos gratos, sim, mas ele também fala grego e lê as escrituras em grego e fica maravilhado com o que esses meninos sabem de grego...

— O mundo inteiro fala grego agora — disse o Mestre. — Os judeus em todas as cidades do Império falam grego e lêem as escrituras em grego...

— Jerusalém não fala grego! — disse Alfeu.

— Na Galiléia lemos as escrituras em hebraico — disse Cleofas. —Você nem entende hebraico e se chama Mestre!

— Ah, estou farto dos seus ataques, por que aturo vocês? Para onde estão indo e levando esses meninos? De volta para alguma aldeia suja? Vão deixar Alexandria por isso?

— Sim — disse tio Cleofas —, e não é nenhuma aldeia suja, é a casa do meu pai. Você conhece uma palavra em hebraico? — Ele então cantou em hebraico o salmo que gostava muito e que tinha ensinado para nós há muito tempo. — “O Senhor preservará a minha entrada e a minha saída de hoje em diante e para todo o sempre.” — E prosseguiu dizendo: — Agora você sabe o que isso significa?

— E você sabe o que significa? — retrucou o Mestre. — Gostaria de ouvir sua explicação. Você conhece o significado que o escriba da sua sinagoga ensinou, você só sabe isso e se aprendesse grego aqui para gritar na minha cara, estaria melhor. O que vocês sabem, seus judeus cabeças-duras da Galiléia? Vieram buscar refúgio no Egito e vão embora com a mesma cabeça-dura que chegaram.

Minha mãe estava nervosa. O Mestre olhou para mim.

— E levar essa criança, essa criança brilhante...

— E o que queria que fizéssemos? — perguntou Alfeu.

— Ah, não, não pergunte isso! — sussurrou minha mãe.

Era muito incomum ela se meter na conversa.

José olhou rapidamente para ela e depois para o Mestre. O Mestre continuou.

— E sempre a mesma coisa — disse o Mestre com um ruidoso suspiro. — Em tempos difíceis vocês vêm para o Egito, sempre para o Egito, o país recebe a escória da Palestina...

— A escória! — disse Cleofas. — Você chama nossos ancestrais de escória?

— Eles também não falavam grego — disse Alfeu.

Cleofas deu risada.

— E o Senhor no Sinai também não falava grego — ele disse.

Tio Simão falou baixinho:

— E o sumo sacerdote lá em Jerusalém, quando encosta a mão no bode, deve esquecer de dizer todos os nossos pecados em grego.

E todos começaram a rir. Os meninos mais velhos riram. Tia Maria riu. Mas minha mãe continuava chorando. Eu tive de ficar ao lado dela.

Até José sorriu.

O Mestre estava furioso. E continuou:

— ...quando há fome, eles vêm para o Egito, quando não há trabalho, vêm para o Egito, se Herodes promove um assassinato em massa, vêm para o Egito, como se o rei Herodes se preocupasse em cuidar do destino de um punhado de judeus galileus como vocês! Um assassinato em massa! Como se...

— Pare — disse José.

O Mestre parou de falar.

Todos os homens olharam fixo para o Mestre. Ninguém disse uma palavra. Ninguém se mexeu.

O que tinha acontecido? O que o Mestre tinha dito? *Assassinato em massa*. O que significavam aquelas palavras?

Até Tiago estava com a mesma expressão dos homens.

— Ah, vocês pensam que as pessoas não falam dessas coisas? — perguntou o Mestre. — Como se eu acreditasse nas histórias dos viajantes.

Eles não disseram nada.

Então José falou, com voz suave.

— O Senhor criou a paciência para isso! — ele disse. — Mas eu não tenho. Vámos para casa porque é a nossa casa — ele continuou, olhando fixo para o Mestre —, e é a terra do Senhor. E porque Herodes está morto.

O Mestre se espantou. Todos ficaram surpresos. Até a minha mãe se surpreendeu, e vi as mulheres se entreolhando.

Agora, nós, os pequenos, sabíamos que Herodes era o rei da Terra Santa e sabíamos que ele era um homem mau. Pouco tempo atrás ele tinha feito uma coisa terrível, a profanação do Templo, pelo menos era o que tínhamos ouvido os homens falando, mas não sabíamos mais do que isso.

O Mestre franzia o cenho olhando para José.

— José, não é sensato dizer tal coisa — disse o Mestre. — Você não pode falar do rei desse jeito.

— Ele está morto — disse José. — A notícia chegará pelo correio romano dentro de dois dias.

O Mestre ficou gelado. Todos os outros ficaram em silêncio, com os olhos em José.

— Como sabe? — perguntou o Mestre.

Sem resposta.

— Vámos precisar de um tempo para nos preparar para a viagem — disse José. — Os meninos terão de trabalhar conosco até lá. Sinto que não poderão ir mais à escola agora.

— E o que Philo vai pensar? — perguntou o Mestre. — Quando souber que vocês estão levando Jesus embora?

— O que é que Philo tem a ver com o meu filho? — disse a minha mãe.

A voz dela chocou a todos.

Seguiu-se mais silêncio.

Eu sabia que aquele momento não era fácil.

Um pouco antes o Mestre tinha me levado para encontrar com Philo, um homem rico e estudioso, para me exibir para ele como ótimo aluno, e Philo gostou muito de mim, chegou a me levar para a Grande Sinagoga que era tão grande e tão bela como os templos pagãos da cidade, onde os judeus ricos se reuniam no Sabá, lugar que a minha família jamais freqüentou. Nós costumávamos ir à pequena Casa de Orações na nossa rua.

Foi depois dessas visitas que Philo nos ofereceu trabalho na casa dele — a fabricação de portas, bancos e estantes para sua nova biblioteca —, e logo os amigos dele também encomendaram serviços semelhantes que significaram bons rendimentos.

Philo me tratava como convidado quando eu ia vê-lo.

E mesmo hoje, quando colocamos as portas era suas dobradiças, pegamos os bancos pintados com os pintores e os levamos para Philo, eu estivera com ele, e ele me elogiou em conversa que teve com José.

Mas falar disso agora, que Philo tinha gostado especialmente de mim? Não era certo, e senti que os homens estavam constrangidos, todos olhando para o Mestre. Eles trabalharam duro para Philo e para os amigos de Philo.

O Mestre não respondeu à pergunta que minha mãe fez.

José finalmente falou:

— Philo ficará surpreso de saber que o meu filho voltará comigo para o nosso lar em Nazaré?

— Nazaré? — disse o Mestre com frieza. — O que é Nazaré? Nunca ouvi falar desse lugar. Vocês chegaram aqui vindos de Belém. Suas histórias terríveis, por que vocês... Philo acha Jesus o aluno mais promissor que já viu. Philo poderia educar seu

filho se vocês permitissem. É isso que Philo tem de fazer com seu filho, foi isso que Philo disse. Philo ia cuidar disso...

— Philo não tem nada a ver com o nosso filho — disse a minha mãe, chocando outra vez a todos por elevar a voz, segurando com força os meus ombros.

Era o fim da casa de rico com seu piso de mármore. O fim da biblioteca de pergaminhos. Cheiro de tinta. O grego é a língua do Império. Está vendo isso? Este é um mapa do Império. Segure essa ponta para mim. Veja. Roma governa tudo isso. Ali está Roma, aqui Alexandria, aqui Jerusalém. Está vendo, Antioquia, Damasco, Corinto, Éfeso, todas as grandes cidades, e em todas essas cidades vivem judeus que falam grego e têm o Tora em grego. Mas não há cidade, exceto Roma, tão grandiosa como Alexandria, onde estamos agora.

Desfiz a lembrança. Tiago olhava fixo para mim. O Mestre falava comigo.

— ... mas você gostou de Philo, não? Gostou de responder às perguntas dele. Você gostou da biblioteca dele.

— Ele fica conosco — José disse calmamente. — Ele não vai ao encontro de Philo.

O Mestre continuou olhando para mim. Aquilo não era certo.

— Jesus, diga alguma coisa! — ele pediu. — Você quer ser educado por Philo, não quer?

— Meu senhor, eu faço o que meu pai e minha mãe querem — eu disse e sacudi os ombros.

O que eu podia fazer?

O Mestre deu meia-volta e gesticulou com as mãos para cima.

— Quando vocês vão? — ele perguntou.

— Assim que pudermos — disse José. — Ainda temos trabalho para terminar.

— Eu quero informar Philo de que Jesus está de partida — disse o Mestre, e com isso foi caminhando para a porta.

Mas José o fez parar.

— Nós nos demos bem no Egito — ele disse, tirou dinheiro da bolsa e pôs na mão do Mestre. — Agradeço por ter ensinado aos nossos filhos.

— Sim, sim, e os leva embora para... onde mesmo? José, há mais judeus vivendo em Alexandria do que em Jerusalém.

— Talvez sim, Mestre — disse Cleofas —, mas o Senhor habita o Templo em Jerusalém, e sua terra é a Terra Santa.

Os homens sorriram concordando e as mulheres também, assim como eu, a pequena Salomé e Judas, Josué e Simeão.

O Mestre não pôde dizer nada e apenas meneou a cabeça.

— E se terminarmos logo o nosso trabalho — disse José dando um suspiro —, podemos chegar a Jerusalém a tempo para a Páscoa.

Todos nós soltamos gritos de prazer quando ouvimos isso. Jerusalém. Páscoa. Estávamos todos muito animados. Salomé bateu palmas. Até tio Cleofas sorriu.

O Mestre abaixou a cabeça. Encostou dois dedos nos lábios e depois nos abençoou.

— Que o Senhor os acompanhe em sua viagem. Que cheguem ao seu lar em paz.

O Mestre foi embora.

Na mesma hora a família toda começou a falar na nossa língua natal pela primeira vez aquela tarde.

Minha mãe olhou para mim, pronta para cuidar dos meus cortes e escoriações.

— Ora, eles sumiram — ela sussurrou. — Você está curado.

— Não foi nada — eu disse.

Estava muito feliz de ir para casa.

A QUELA NOITE, DEPOIS DA CEIA, enquanto os homens cochilavam em suas esteiras no pátio, Philo apareceu.

Sentou-se para beber um copo de vinho com José, como se não trajasse linho branco e pudesse se sujar, e cruzou as pernas como os outros homens. Sentei ao lado de José, esperando ouvir tudo que era dito, mas então minha mãe me levou para dentro.

Ela ficou escutando atrás da cortina e deixou que eu também escutasse. Tia Salomé e tia Ester estavam conosco.

Philo queria que eu ficasse com ele para me dar instrução e disse que depois me mandaria de volta para José um jovem educado. José ouviu tudo isso em silêncio, mas respondeu que não. José era meu pai e precisava me levar de volta para Nazaré. Ele sabia que era isso que tinha de fazer. Agradeceu a Philo e ofereceu mais vinho para ele, afirmando que providenciaria para eu ser educado como um judeu.

— O senhor esquece — ele disse com seu modo gentil — que no Sabá todos os judeus são filósofos e estudiosos pelo mundo inteiro. E pode acreditar que não é diferente na cidade de Nazaré.

Philo ficou satisfeito com isso, meneou a cabeça e sorriu.

— Ele irá para a escola de manhã, como fazem todos os meninos — José continuou. — E teremos nossos debates sobre a Lei e os Profetas. E iremos para Jerusalém e lá, nas Festas, talvez ele ouça os mestres do Templo. Eu já ouvi muitas vezes.

Quando Philo ofereceu uma contribuição para a minha educação, uma pequena bolsa que ele quis pôr na mão de José, José recusou.

Philo ficou tranqüilo por um tempo, falou de muitas coisas com José, da cidade e dos trabalhos que nossos homens tinham feito, e do Império, e depois perguntou como José tinha tanta certeza de que Herodes estava morto.

— A notícia chegará aqui em breve, com o correio romano — disse José. — Quanto a mim, fiquei sabendo em um sonho, meu senhor. E isso significa que devemos voltar para casa.

Meus tios, que tinham ficado calados esse tempo todo no escuro, se adiantaram concordando e dizendo o quanto desprezavam o rei.

As palavras estranhas do Mestre, aquela conversa de assassinato em massa, ficaram na minha cabeça, mas os homens não mencionaram isso e acabou chegando a hora de Philo ir embora.

Ele nem espanou a roupa de linho fino ao se levantar, agradeceu inúmeras vezes a José pelo ótimo vinho e nos desejou felicidades.

Eu corri lá para fora e caminhei um pouco com Philo pela rua. Dois escravos tinham ido com ele e carregavam tochas. Eu jamais tinha visto a rua dos Carpinteiros tão iluminada àquela hora e sabia que as pessoas nos viam dos pátios onde se refrescavam com a brisa do mar que chegava ao escurecer.

Philo disse para eu sempre me lembrar do Egito e do mapa do Império que ele havia me mostrado.

— Mas por que todos os judeus não voltam para Israel? — perguntei para ele. — Se somos judeus, não devíamos viver na terra que o Senhor nos deu? Eu não entendo.

Ele pensou um pouco. E então disse:

— Um judeu pode viver em qualquer lugar e ser judeu. Nós temos o Torá, os Profetas, a Tradição. Vivemos como judeus onde quer que estejamos. E não levamos a Palavra do Único Senhor Verdadeiro para todo lugar que vamos? Não divulgamos essa Palavra entre os pagãos onde moramos? Eu vivo aqui porque meu pai viveu aqui e o pai dele antes dele também. Você vai voltar para a sua casa porque seu pai quer que você volte para casa.

Meu pai.

Senti um arrepio. *José não era meu pai.* Eu sempre soube disso, mas não era algo que se podia revelar para alguém, jamais. E não disse nada naquele momento.

Fiz que sim com a cabeça.

— Lembre-se de mim — disse Philo.

Beijei as mãos dele, ele se abaixou e me beijou nas duas faces.

Philo foi para casa, talvez para um belo jantar, em sua casa com piso de mármore e

lâmpioes por toda parte, cortinas luxuosas e os quartos no andar de cima com vista para o mar.

Ele virou para trás uma vez, acenou para mim e depois desapareceu com seus servos e suas tochas.

Fiquei triste, mas por pouco tempo, o bastante para nunca me esquecer dessa tristeza penetrante. Mas estava animado demais com a volta para a Terra Santa.

E fui correndo para casa.

No escuro, cheguei silenciosamente ao pátio e ouvi minha mãe chorando. Ela estava sentada ao lado de José.

— Mas eu não sei por que não podemos viver em Belém — ela dizia. — Tive a impressão que devíamos voltar para lá.

Belém, onde eu nasci.

— Nunca — disse José. — Não podemos nem pensar em tal coisa. — Ele era gentil com ela, como sempre. — Como pôde imaginar que nós um dia voltaríamos para Belém?

— Mas esperei por isso o tempo todo — insistiu minha mãe. — Já passaram sete anos e as pessoas esquecem, se é que um dia entenderam...

Meu tio Cleofas, deitado de costas com os joelhos dobrados ria baixinho, do jeito que ria de tantas coisas. Meu tio Alfeu não disse nada. Parecia olhar para as estrelas. Eu vi Tiago parado na porta observando e talvez ouvindo também.

— Pense em todos os sinais — disse minha mãe. — Pense na noite em que chegaram os homens do Oriente. Ora, basta isso...

— É exatamente isso — disse José, sentando ao lado dela. — Você acha que alguém por lá esqueceu isso? Acredita que esqueceram alguma coisa? Nós nunca mais podemos ir para lá.

Cleofas riu de novo.

José não deu atenção para Cleofas, nem minha mãe. José a abraçou.

— Vão se lembrar da estrela — disse José —, dos pastores chegando das colinas. Eles se lembrarão dos homens do Oriente. E acima de tudo se lembrarão da noite em

que...

— Não diga, por favor — pediu minha mãe, pondo as mãos sobre as orelhas. — Por favor, não diga essas palavras.

— Você não vê? Precisamos levá-lo para Nazaré. Não temos escolha. Além disso...

— Que estrela? Que homens do Oriente? — perguntei, sem poder me conter. — O que aconteceu?

Mais uma vez meu tio Cleofas riu baixinho.

Minha mãe olhou para mim. Não sabia que eu estava ali.

— Você não deve se preocupar com isso — ela disse.

— Mas o que aconteceu em Belém? — perguntei.

José olhava para mim.

— Nossa casa em Nazaré — disse minha mãe, com a voz mais forte. A voz que usava para mim. — Você tem mais primos do que consegue contar em Nazaré. A Velha Sara está à nossa espera, e o Velho Justo. Estes são nossos parentes. Nós vamos voltar para a nossa casa. — Ela se levantou e fez sinal para eu me aproximar.

— Sim — disse José. — Vamos partir o mais cedo possível. Levaremos alguns dias, mas chegaremos a tempo para a Páscoa em Jerusalém e depois vamos para casa.

Minha mãe segurou minha mão e começou a me puxar para dentro.

— Mas quem eram os homens do Oriente, mamãe? — perguntei. — Não pode me dizer?

Meu tio não parava de rir baixinho.

Mesmo no escuro eu podia ver a expressão estranha no rosto de José.

— Uma noite dessas eu conto tudo para você — disse minha mãe.

Não havia mais lágrimas. Ela era forte para mim como sempre foi, não a criança que era com José.

— Você não deve me perguntar essas coisas agora. Agora não. Eu contarei quando chegar a hora.

— Isso é verdade — disse José. — Não quero que você pergunte, entendeu?

Eles eram gentis, mas estas eram palavras dadas e estranhas. Todas as palavras que eles falaram eram estranhas.

Eu devia ter deixado que continuassem a conversar. Teria ficado sabendo de mais coisas. Eu sabia que era um grande segredo o que estavam conversando. Como poderia não ser? E quanto a eu ter ouvido, sabiam que tinham cometido um erro.

Eu não queria dormir. Fiquei deitado no meu cobertor, tentando adormecer, mas o sono não vinha e eu não queria que viesse. Nunca quis. Mas agora meus pensamentos estavam acelerados. Nós íamos para casa e eu tinha muito que pensar porque muita coisa tinha acontecido e agora eles estavam falando dessas coisas estranhas.

E o que tinha acontecido hoje? O que tinha acontecido com Eleazar e o que houve com ele, isso e a lembrança dos pardais até onde eu conseguia lembrar... eram pequenas formas brilhantes na minha mente, para as quais eu não tinha palavras. Nunca havia sentido algo parecido com o poder que saiu de dentro de mim logo antes de Eleazar cair morto na terra, ou o poder que saiu de dentro de mim logo antes de ele se levantar da esteira. *Filho de Davi, Filho de Davi, Filho de Davi...*

Pouco a pouco todos entraram para dormir. As mulheres foram para o seu canto e eu com o pequeno Justo aninhado ao meu lado, o filho mais novo de Simão. A pequena Salomé cantava baixinho para a bebê Ester que por algum milagre estava quieta.

Cleofas tossia, falava sozinho mas não dizia nada, depois dormia de novo.

Senti uma mão na minha. Abri os olhos. Era Tiago ao meu lado, meu irmão mais velho.

— O que você fez — ele sussurrou.

— Sim?

— Matar Eleazar e trazê-lo de volta?

— Sim?

— Nunca mais, mas nunca mais faça isso — ele disse.

— Eu sei — respondi.

— Nazaré é um lugar pequeno — ele disse.

— Eu sei — concordei.

Ele virou para o outro lado.

Eu rolei de lado, com a cabeça apoiada no braço. Fechei os olhos e acariciei a cabeça do pequeno Justo. Sem despertar, ele se aconchegou mais a mim.

O que é que eu sabia?

— Jerusalém — murmurei. — Onde o Senhor habita o Templo.

Ninguém me ouviu. Philo tinha me dito, é o maior Templo do mundo todo. Eu vi os parais de barro que fiz. Vi quando ganharam vida, ouvi o bater das asas, ouvi a respiração entrecortada da minha mãe, o grito de José: “Não!” E eles foram embora, pequenos pontos no céu.

— Jerusalém.

Vi Eleazar erguer-se da esteira.

Philo tinha dito naquele dia, quando me recebeu em sua casa, que o Templo era tão lindo que milhares iam lá para vê-lo, milhares, pagãos e judeus de todas as cidades do Império, homens e mulheres que peregrinavam até lá para oferecer sacrifícios para o Senhor de Todas as Coisas.

Abri meus olhos de repente. Todos dormiam à minha volta.

O que eu pensava que tinha acontecido em tudo aquilo? Um *grande deslize*.

De onde vinha aquele poder? Continuava lá?

José não tinha dito uma só palavra sobre isso. Minha mãe não me perguntou o que aconteceu. Chegamos a conversar sobre os parais feitos no Sabá?

Não. Ninguém podia falar dessas coisas. E agora eu não podia perguntar para ninguém, não é? Falar sobre essas coisas fora da família, isso jamais podia acontecer. Assim como eu não podia ficar na grande cidade de Alexandria e estudar com Philo na casa com piso de mármore dele.

A partir de agora eu devia ficar muito atento, pois até nas menores coisas eu podia usar mal o que havia dentro de mim, esse poder capaz de matar Eleazar e trazê-lo de volta à vida.

Ah, tudo bem todos sorrirem com a minha rapidez para aprender, Philo, o Mestre e os outros meninos, e eu sabia muito das Escrituras em grego e em hebraico, graças a José, ao tio Cleofas e ao tio Alfeu, mas isso era diferente.

Agora eu sabia de uma coisa que estava além das palavras que conhecia.

Eu queria procurar José, acordá-lo, pedir ajuda para entender o que estava acontecendo. Mas sabia que ele ia dizer para eu não fazer mais perguntas sobre isso nem sobre o assunto que ouvi os adultos conversando. Porque esse poder, esse poder estava de alguma forma associado às coisas que eles disseram e à estranha conversa do Mestre que fez com que todos silenciassem e olhassem para ele. Essa associação devia existir.

E isso me deixava triste, tão triste que tinha vontade de chorar. Era por minha causa que tínhamos de sair dali. Era culpa minha e apesar de todos estarem felizes, eu me sentia triste e culpado.

Tudo isso era meu, para manter em segredo. Mas ia descobrir o que tinha acontecido em Belém. Ia dar um jeito de saber, mesmo tendo de obedecer a José.

Mas, por enquanto, qual era o segredo muito profundo de tudo aquilo? O que havia por trás de tudo? Eu não devia usar mal quem *eu sou*.

Senti frio. Fiquei imóvel e me senti muito pequeno. Puxei o cobertor para me cobrir melhor. Sonolência. Ela veio como se um anjo tivesse encostado em mim.

Era melhor dormir, já que todos dormiam. Melhor se deixar levar, como todos se deixavam levar pelo sono. Melhor confiar como eles confiavam. Parei de me esforçar para ficar acordado e pensar nessas coisas. Fiquei sonolento, tão sonolento que não conseguia mais pensar.

Cleofas tossiu de novo. Cleofas ia adoecer como sempre acontecia. E aquela noite eu sabia que ia ser grave. Ouvi o ronco no peito dele.

EM POUCOS DIAS a notícia chegou ao porto: Herodes estava morto. Era a conversa de galileus e habitantes da Judéia por toda parte. Como foi que José soube? O Mestre voltou falando alto, querendo saber, mas José não disse nada.

Ficamos muitas horas ocupados terminando as tarefas que havíamos assumido, o acabamento das portas, bancos, dintéis e tudo que precisava ser nivelado e polido para depois ser enviado para os pintores. Depois disso ainda tínhamos de pegar as peças já pintadas e montá-las no lugar, nas casas dos que tinham nos contratado, e disso eu gostava porque via muitos cômodos, pessoas diferentes, apesar de nós sempre trabalharmos de cabeça baixa e olhando para o chão em atitude de respeito, porque mesmo assim eu via coisas. Aprendia coisas. E tudo isso resultava em voltar para casa depois do escurecer, cansado e faminto.

Era mais trabalho do que José tinha pensado, mas ele não queria descumprir sua promessa e nesse meio-tempo minha mãe escreveu para a Velha Sara e para os primos que íamos voltar para casa, cartas que Tiago escrevia para ela e depois nós dois levávamos para o correio, e toda a nossa vida estava animada por esses preparativos.

A disposição na rua estava do nosso lado outra vez, agora que todos já sabiam que em breve íamos partir. Outras famílias nos deram presentes para levar para casa, pequenos lampiões de cerâmica, uma deu uma taça de pedra e outra uma peça de bom linho.

Estava praticamente decidido ir por terra, já planejávamos comprar burricos, quando tio Cleofas levantou de sua cama uma noite tossindo muito e disse:

— Eu não quero morrer no deserto.

Ele estava muito pálido e magro, já não trabalhava muito conosco e só disse isso. Ninguém respondeu.

E assim ficou resolvido, íamos viajar por mar. Ia custar mais, todos sabiam disso, mas José disse que iríamos por mar até o velho porto de Jamnia. E chegaríamos a Jerusalém a tempo para a Festa, e depois disso Cleofas dormiu melhor.

Chegou a hora de partir. Usávamos nossos melhores mantos de lã e sandálias, todos vergados ao peso de pacotes e mais pacotes. E parecia que a rua inteira havia

comparecido para se despedir de nós.

Lágrimas foram vertidas, e até Eleazar veio me cumprimentar, e eu a ele; e então nos vimos abrindo caminho pelo meio da maior multidão que eu tinha visto no porto, minha mãe nos mantinha juntos, eu apertava a mão de Salomé, e Tiago não parava de avisar para ficarmos juntos. E os arautos também não paravam de soprar seus trompetes anunciando os barcos. E finalmente veio o chamado para um navio que ia para Jamnia, depois outro e ainda mais outro. As pessoas gritavam e acenavam por toda parte.

— Peregrinos — disse tio Cleofas, rindo de novo como fazia antes de ficar doente. — O mundo inteiro está indo para Jerusalém.

— O mundo inteiro! — gritou a pequena Salomé. — Você ouviu isso? — ela perguntou para mim.

Eu ri junto com ela.

Seguimos empurrando e abrindo caminho, agarrados à nossa bagagem, os homens berrando e gesticulando sobre as nossas cabeças, as mulheres sempre juntas, esticando os braços para nos puxar para perto, e de repente estávamos na prancha de embarque, quase caindo na água escura.

Em toda a minha vida eu nunca estive antes no convés de um navio assim, e logo que os embrulhos foram todos postos no chão juntos e as mulheres sentaram em cima deles, olhando umas para as outras com véus cobrindo o rosto, e Tiago olhou para nós mais uma vez muito sério, Salomé e eu saímos correndo para a amurada do navio, passamos por baixo das pessoas para chegar ao ponto em que poderíamos ver o porto e todas as outras pessoas apressadas que ainda acenavam, disputavam lugar e falavam muito, apesar de quase sermos amassados pelas barrigas e costas em cima de nós.

Vimos quando recolheram a prancha de desembarque e jogaram os cabos para dentro da embarcação, vimos o último marinheiro que subiu a bordo e a água se avolumando entre nós e o porto. Sentimos de repente aquele tranco quando o barco zarpou, e todos a bordo gritaram bem alto. Então deslizamos para o mar, e apertei a pequena Salomé num abraço, e rimos de alegria ao sentir o barco singrando as águas sob os nossos pés.

Acenamos e gritamos para pessoas que nem conhecíamos, elas acenaram de volta e eu senti o espírito positivo de todos à minha volta.

Cheguei a pensar que Alexandria ia desaparecer atrás de todos aqueles barcos e mastros, mas quanto mais nos afastávamos, melhor eu via a cidade, via realmente, como jamais vi antes, e uma sombra passou por mim, e se não fosse a felicidade da pequena Salomé, eu talvez não sentisse essa felicidade toda. Mas senti.

O vento aumentou, o cheiro do mar ficou subitamente limpo e maravilhoso, embrenhou-se nos nossos cabelos e refrescou nossos rostos. Estávamos realmente deixando o Egito para trás e eu queria chorar como um bebê.

Todos começaram a gritar para que olhássemos para o Grande Farol, como se não pudéssemos vê-lo enorme sobre nós, à esquerda.

Eu havia olhado para o mar muitas vezes, para ver o Grande Farol.

Mas o que significava passar por ele agora?

Todos viraram as cabeças, as pessoas apontavam e finalmente Salomé e eu tivemos uma boa visão dele. Ficava sozinho numa pequena ilha — uma enorme tocha perto do céu. E passamos por ele como se fosse sagrado, deslumbrados e murmurando.

O navio seguiu seu caminho e o que tinha parecido lento agora parecia muito veloz, o mar subia e descia, e algumas mulheres gritaram.

As pessoas começaram a cantar hinos. A terra ficou ainda mais distante. O farol foi ficando menor e por fim desapareceu.

O grupo de gente que admirava o farol se dispersou, eu virei para trás e pela primeira vez vi a gigantesca vela quadrada enfunada com o vento e os marinheiros manejando os cabos, toda aquela cena dos homens na barra do leme, todas as famílias agora reunidas em volta de sua bagagem, e soube que devíamos voltar para o nosso pessoal que sem dúvida estaria sentindo a nossa falta.

As pessoas cantavam cada vez mais alto e logo um hino contagiou a multidão, e pequena Salomé e eu também cantamos, mas o vento chegou rodopiando para levar as palavras para longe.

Tivemos de abrir caminho entre os grupos para localizar a nossa família, mas acabamos encontrando, e lá estavam minha mãe e minhas tias cuidando para que seus vós não fossem arrancados de suas cabeças, e minha tia Maria dizia que tio Cleofas estava com febre, e ele mesmo dormia todo encolhido embaixo de um cobertor bem

enrolado, perdendo toda a atividade.

José estava um pouco distante, sentado em um dos poucos baús que tínhamos levado, calado como sempre, olhando para o céu azul e para o mastro acima da vela onde havia uma verga de joanete, mas meu tio Alfeu conversava muito entretido com outros passageiros do navio sobre os problemas que tínhamos em Jerusalém.

Tiago era todo ouvidos para isso e logo eu também prestava atenção, só que não tive coragem de chegar perto demais, com medo de os homens se afastarem se me vissem ali. Eles berravam para se fazerem ouvir com o vento forte, bem próximos uns dos outros num espaço pequeno, procurando segurar os mantos para não serem arrancados pelo vento, inclinando o corpo para cá e para lá conforme o barco se movia sobre as águas.

Mas num dado momento precisei escutar o que eles diziam e fui me aproximando. A pequena Salomé quis ir comigo, mas a mãe dela puxou-a de volta e fez sinal para ela esperar, procurei indicar que voltaria para pegá-la.

— Estou dizendo, é perigoso — um dos homens disse em grego.

Era um homem alto com a pele bem escura e muito bem vestido.

— Eu não iria para Jerusalém se fosse vocês. Para mim é a minha casa, e minha mulher e filhos estão lá. Eu tenho de ir para lá. Mas ouçam o que digo, não é hora de todos esses navios zarparem cheios de peregrinos.

— Eu quero estar lá — disse o outro, falando grego com a mesma facilidade, embora parecesse mais rude: — Quero ver o que vai acontecer. Eu estava lá quando Herodes queimou Matias e Judas vivos, dois dos melhores estudiosos da Lei que já tivemos. — Ele meneou a cabeça para meus dois tios. — Quero justiça de Herodes Arquelau. Quero que os homens que serviram ao pai dele sejam punidos. O comportamento dele em relação a tudo isso dirá muita coisa.

Fiquei atônito. Tinha ouvido falar muitas coisas ruins do rei Herodes. Não sabia nada desse novo Herodes, filho dele, que era Arquelau.

— Bem, o que ele diz para o povo? — perguntou meu tio Alfeu. — Ele deve dizer alguma coisa.

Meu tio Cleofas, que tinha acordado e se afastado da companhia das mulheres,

apareceu de repente.

— Ele deve dizer todas as mentiras que tem de dizer. — Ele afirmou isso como se soubesse. — E tem de esperar César dizer se ele vai ser o rei. Não pode governar sem que César confirme a sua coroa. E qualquer coisa que diga não significa nada mesmo. — Meu tio deu uma das suas risadas zombeteiras.

Fiquei imaginando o que pensavam dele.

— Ele diz a todos para terem paciência, naturalmente — disse o primeiro homem com seu bom grego. Fluía com facilidade, como o grego do nosso Mestre ou de Philo. — E está esperando a confirmação de César, sim, e diz ao povo para esperar. Mas o povo nem dá ouvidos aos seus mensageiros. O povo não quer ter paciência agora. Quer ação. Quer vingança. E podem muito bem obtê-la.

Isso me deixou intrigado.

— Você têm de entender — disse o homem rude, o mais zangado — que César não sabia de todo o mal que o velho Herodes fazia. Como pode César saber de tudo que se passa no Império? Eu digo que tem de haver uma avaliação das coisas que ele fez.

— É — disse o mais alto —, mas não em Jerusalém, na Páscoa, não quando chegam os peregrinos de todo o Império.

— Por que não? — disse o outro. — Por que não quando o mundo inteiro está lá? Por que não quando a notícia de que Herodes Arquelau não é o senhor daqueles que insistem na justiça pelo sangue dos que foram assassinados chegará a César?

— Mas por que Herodes queimou vivos os dois mestres da Lei? — perguntei e fiz isso instintivamente, surpreendendo até a mim mesmo.

Na mesma hora José acordou de seus pensamentos, embora estivesse bem afastado, olhou para mim e depois para os homens.

Mas o mais alto, o mais calmo, já respondia à minha pergunta.

— Porque eles tiraram a águia dourada que Herodes havia posto sobre o portão do Grande Templo, foi por isso — ele disse calmamente. — A Lei diz claramente que não pode haver imagem de ser vivo no nosso Templo. Você já tem idade bastante para saber disso, filho. Então não sabe? Só por ter construído o Templo, Herodes não tinha o direito de pôr uma imagem de um ser vivo nele. Qual era o sentido de fazer esse

esforço para reconstruir um templo magnífico e transgredir a lei pondo em suas paredes uma imagem que era uma profanação?

Entendi o que ele dizia apesar de as suas palavras não serem tão simples. E estremei.

— Esses homens eram fariseus, mestres da Lei — o homem alto continuou, fixando os olhos em mim. — Eles levaram seus pupilos com eles para derrubar a águia. E Herodes tirou suas vidas por isso!

José estava ao meu lado.

O homem zangado disse:

— Não o leve embora. Deixe o menino aprender. Eles devem conhecer os nomes de Matias e Judas. Esses dois meninos devem saber. — Ele balançou a cabeça para mim e para Tiago. — Era a coisa certa e justa a fazer. E eles sabiam que Herodes era um monstro. Todos sabiam. Vocês em Alexandria, o que isso tinha a ver com vocês? — Ele olhou para os meus tios. — Mas para nós, nós que vivemos com ele e com suas monstruosidades... Que ele impunha aos grandes e aos pequenos. Uma vez, obedecendo a um capricho, um capricho louco, temendo que um novo rei estivesse nascendo, um Filho de Davi, ele enviou seus soldados numa caminhada de mais de três quilômetros de Jerusalém até a cidade de Belém e...

— Chega! — disse José, sorrindo um pouco e balançando a cabeça, ao mesmo tempo que erguia a mão.

Ele me afastou dali. Com rapidez e firmeza me levou para perto das mulheres. Deixou Tiago lá.

O vento engoliu todas as palavras deles.

— Mas o que aconteceu em Belém? — perguntei para ele.

— Você vai ouvir histórias sobre Herodes e seus feitos a vida inteira — disse José em voz baixa. — Lembre-se de que eu disse que há algumas perguntas que não quero que você faça.

— Nós ainda vamos para Jerusalém?

José não respondeu.

— Vá para lá e sente-se com a sua mãe e as crianças — ele disse.

Fiz o que ele mandou.

O vento agora soprava com muita força e o barco balançava. Fiquei meio nauseado. Estava começando a sentir frio.

A pequena Salomé esperava para me interrogar. Eu me instalei entre ela e minha mãe. Ali me aqueci e me senti melhor.

Josué e Simeão já estavam dormindo em suas camas irregulares no meio dos embrulhos. Silas e Levi abraçados com Eli, sobrinho da tia Maria e de tio Cleofas, que tinha ido morar conosco. Eles apontavam para a vela e para o cordame.

— O que estavam dizendo? — Salomé quis saber.

— Problemas em Jerusalém — eu disse. — Tomara que nós vamos mesmo para lá — eu disse. — Quero ver isso. — Pensei em todas as palavras que tinha ouvido e disse excitado: — Salomé, pense só, pessoas de todo o Império estão indo para Jerusalém.

— Eu sei — ela disse. — É a melhor coisa que eu já fiz.

— É — concordei e dei um grande suspiro. — Espero que Nazaré também seja um bom lugar.

Minha mãe suspirou e jogou a cabeça para trás.

— Vocês devem ver Jerusalém primeiro — ela disse com tristeza. — Quanto a Nazaré, parece que é a vontade de Deus.

— É uma cidade grande? — perguntou a pequena Salomé.

— Não é nem uma cidade — disse a minha mãe.

— Não? — perguntei.

— É uma aldeia — ela disse. — Mas um dia recebeu a visita de um anjo.

— As pessoas contam isso? — Quis saber a pequena Salomé. — Que um anjo apareceu em Nazaré? Isso aconteceu mesmo?

— Não, as pessoas não contam isso — disse minha mãe. — Mas eu sei.

E se calou. Ela era assim. Dizia pequenas coisas e nada mais. Depois disso ela não

disse mais nada, nem quando perguntei, muitas vezes.

Meu tio Cleofas voltou, enjoado e tossindo, deitou-se, minha tia o cobriu e acariciou.

Ele ouviu quando falamos sobre anjos em Nazaré, quando dissemos que esperávamos vê-los lá, e começou a rir aquele seu riso nada discreto.

— Minha mãe diz que Nazaré um dia recebeu a visita de um anjo — eu disse para ele.

Sabia que ele podia nos contar alguma coisa.

— Minha mãe diz que sabe que isso aconteceu.

E a risada dele continuou enquanto ele apenas se encolhia para dormir.

— O que você faria, pai? — pequena Salomé perguntou para ele. — Se visse um anjo do Senhor com seus próprios olhos em Nazaré?

— Exatamente o que a minha amada irmã fez — ele respondeu olhando para mim. — Obedeceria ao anjo em tudo que ele me dissesse para fazer. — E mais uma vez deu aquela sua risada tão pessoal.

Minha mãe ficou com muita raiva. Ela virou para o irmão. Minha tia balançou a cabeça como se dissesse para deixar para lá. Ela era assim com o marido.

E em geral minha mãe também agia assim, deixava tudo passar quando se tratava do irmão dela, mas dessa vez foi diferente.

A pequena Salomé viu a expressão de raiva no rosto da minha mãe, algo tão surpreendente que eu nem sabia o que pensar disso, levantei a cabeça e vi que Tiago também estava lá, observando, e soube que ele tinha escutado tudo. Fiquei muito triste de ver aquilo. Não sabia o que fazer. Mas José estava sentado, calado, longe de tudo isso, concentrado em seus pensamentos.

Tive então uma intuição e não sei por que nunca intuí isso antes. José encarava Cleofas, mas nunca respondia para ele de verdade. Por ele, estaria fazendo aquela viagem por mar e não por terra. E por ele ia para Jerusalém, mesmo correndo algum risco. Mas jamais respondia. Ele nunca disse nada em resposta às risadas de Cleofas.

E Cleofas ria de tudo. Na Casa de Oração ele ria quando achava engraçadas as

histórias dos profetas. Começava a rir bem baixinho e então as crianças menores, como eu, também ríamos com ele. Tinha rido assim com a história de Elias. E o Mestre ficou furioso, Cleofas insistiu que a história tinha partes engraçadas. Ele disse que o Mestre devia entender isso. E então todos os homens passaram a argumentar com o Mestre sobre a história de Elias.

Minha mãe concentrou-se novamente na sua costura. Seu rosto recuperou a suavidade. Ela estava remendando um belo corte de algodão egípcio. Como se nada tivesse acontecido.

O mestre do navio berrava com os marinheiros e parecia que eles não tinham descanso.

Achei melhor não dizer mais nada.

Tudo à nossa volta era o mar cintilante, abençoado, e o barco subindo e descendo embaixo de nós, levando-nos suavemente. Outras famílias estavam cantando, nós conhecíamos os hinos e cantávamos junto, de todo o coração...

Não importavam os segredos.

Estávamos a caminho de Jerusalém.

A TÉ A PEQUENA SALOMÉ e eu já estávamos cansados do balanço do navio, quando finalmente chegamos ao pequeno porto de Jamnia. Só os peregrinos e os navios de carga mais lentos usavam esse porto agora, e tivemos de ancorar bem longe devido à maré baixa e às pedras.

Pequenos barcos nos levaram até o cais, os homens se dividiram para cuidar das mulheres em um barco e as crianças em outro. As ondas eram tão grandes que pensei que íamos ser jogados no mar. Mas mesmo assim adorei.

E finalmente pudemos pular dos barcos e ir andando na beira do mar cheia de espuma até terra firme.

Todos caímos de joelhos e beijamos o solo por termos chegado em segurança à Terra Santa e corremos para o interior, molhados e tremendo de frio, para a cidade de Jamnia, que ficava a uma boa distância da praia, onde descansamos numa estalagem.

A hospedaria ficou lotada com os passageiros do navio, ficamos num pequeno quarto no andar de cima, cheio de feno, mas estávamos tão felizes de estar ali que nada daquilo importava. E dormi ouvindo os homens discutindo com outros homens, vozes gritando e rindo no andar de baixo e mais e mais peregrinos chegando.

No dia seguinte havia muitos burricos à venda para todos nós peregrinos e iniciamos a nossa viagem através da bela planície com seus bosques distantes. Dizendo adeus para o mar nevoento, avançamos lentamente para as colinas da Judéia.

Cleofas teve de ir montado num burro, apesar dos seus protestos iniciais, por isso íamos devagar, e muitas outras famílias no meio da grande multidão passaram a nossa frente, mas estávamos tão alegres de estar em Israel que nem fazíamos questão de nos apressar, e José disse que tínhamos bastante tempo para chegar a Jerusalém para a purificação.

Quando paramos na próxima estalagem de beira de estrada fizemos nossas camas numa grande barraca ao lado da casa e ouvimos avisos dos que viajavam em direção ao mar para não prosseguir, que devíamos ir para o norte, direto para a Galiléia. Mas Cleofas nesse momento já estava embalado cantando: “Se eu te esquecer, ó Jerusalém”, e todas as outras canções sobre a cidade que conseguia lembrar.

— Levem-me para os portões do Templo e deixem-me lá, como mendigo, se for o caso! — ele disse para José. — Se resolverem prosseguir para a Galiléia!

José fez que sim com a cabeça e disse que íamos seguir para Jerusalém e para o Templo.

Mas as mulheres estavam ficando com medo. Tinham medo do que iam encontrar em Jerusalém e por Cleofas.

Os acessos de tosse iam e vinham, mas ele tinha febre o tempo todo, vivia com sede e inquieto. E rindo, sempre rindo baixinho. Ria das crianças, das coisas que os outros diziam, olhava para mim e ria. E às vezes ria sozinho, talvez se lembrando de alguma coisa.

Na manhã seguinte iniciamos a difícil e lenta subida das montanhas. Nossos companheiros do navio já estavam bem na frente e nós ficamos com aqueles que vinham de muitos lugares diferentes. Eu ainda ouvia falarem grego à nossa volta, tanto quanto o aramaico. E até um pouco de latim.

Mas a nossa família tinha parado de falar grego com as outras, comunicava-se apenas em aramaico.

Foi só no terceiro dia que finalmente tivemos a primeira visão da Cidade Santa da colina acima dela. Nós crianças pulávamos sem parar de tanta excitação. E gritávamos. José sorria. À nossa frente curvas e mais curvas da estrada, mas dava para ver tudo — aquele lugar sagrado que povoava nossas preces e nossos corações, e todas as canções desde que nascemos.

Havia acampamentos em volta dos muros altos com barracas de todos os tamanhos, fogueiras para cozinhar, e chegando mais perto as aglomerações de pessoas eram tão imensas que mal conseguíamos nos mover por horas a fio. Havia gente falando aramaico por toda parte, só que eu ainda ouvia um pouco de grego e todos os homens procuravam pessoas conhecidas, aqui e ali apertavam-se as mãos, acenavam e chamavam os amigos.

Por um longo tempo não consegui ver nada. Estava numa multidão com as crianças, misturadas com os homens, de mão dada com José. Eu só sabia que nos movíamos bem devagar e que estávamos perto dos muros da cidade.

E finalmente passamos pelos portões abertos.

José se abaixou e me levantou nos braços, pôs-me sentado em seu ombro, e eu vi o Templo nitidamente acima das pequenas ruas da cidade.

Fiquei triste de a pequena Salomé não poder ver isso, mas então Cleofas disse bem alto que queria a filha com ele em cima do burrico, por isso tia Maria levantou Salomé e ela pôde ver também.

E vejam! Estávamos na Cidade Santa de Jerusalém, e o Templo bem à nossa frente.

Ora, em Alexandria, como qualquer bom menino judeu, nunca deixei meus olhos focalizarem os templos pagãos. Não tinha olhado para as estátuas pagas. O que eram ídolos para um menino judeu a quem proibiam de fazer tais coisas e que consideravam sem sentido? Mas tinha passado perto dos templos e das procissões com suas músicas, e olhava apenas para as casas que José e eu tínhamos de visitar, que de qualquer modo raramente eram fora do bairro judeu da cidade, e suponho que a Grande Sinagoga era o prédio mais grandioso no qual eu tinha entrado. Além disso os templos pagãos não eram mesmo para entrar. Até eu sabia que eram as casas dos deuses pagãos de quem recebiam os nomes e para quem eram construídas.

Mas eu conhecia esses templos e, de um jeito ou de outro, com o canto dos olhos, sabia como eram. Tinha noção também de como eram os palácios dos ricos, e alguma idéia do que qualquer filho de carpinteiro chamaria de escala das coisas.

E para o Templo de Jerusalém eu não tinha medida alguma. E nenhuma palavra de Cleofas ou de Alfeu, de José e de Philo, me preparou para o que eu vi.

Era uma construção tão grande, tão grandiosa e tão sólida, um prédio tão brilhante, de ouro e brancura, que se estendia tanto para a direita quanto para a esquerda, que varria da minha cabeça qualquer coisa que eu tinha visto na rica cidade de Alexandria, e as maravilhas do Egito desapareceram e fiquei completamente sem ar. Completamente extasiado.

Cleofas levantou o pequeno Simeão nos braços para ele poder ver, a pequena Salomé segurava a bebê Ester que berrava sem nenhum motivo, e tia Maria erguia Josué, e Alfeu, meu primo, o pequeno Tiago.

Quanto ao grande Tiago, meu irmão, que sabia tanta coisa, Tiago que já tinha visto o Templo antes, quando era bem pequeno estive lá com José, muito antes de eu nascer, até ele ficou deslumbrado, e José calado como se tivesse nos esquecido e a todos à nossa

volta.

Minha mãe estendeu o braço e pôs a mão na minha cintura, olhei para baixo e sorri para ela. Minha mãe pareceu linda para mim como sempre, tímida com seu véu cobrindo quase todo o rosto e visivelmente muito feliz de estarmos ali finalmente. Então ela olhou para o Templo, e eu também.

E em todo aquele amontoado de gente, era uma multidão considerável de pessoas se mexendo e andando, indo e voltando, havia aquela sensação de ter sempre alguém em silêncio e imóvel só para olhar para aquele Templo, procurando conhecer o tamanho dele, tentando entendê-lo, querendo talvez lembrar aquele momento, porque muitos tinham vindo de bem longe, há muito tempo, ou então estavam ali pela primeira vez.

Eu queria seguir, entrar no Templo, pensei que era isso que íamos fazer... mas não era.

Fomos avançando na direção do Templo, mas perdíamos a visão dele, descíamos por ruas estreitas e tortuosas, os prédios pareciam se fechar sobre as nossas cabeças, as pessoas se acotovelavam e nossos homens perguntavam onde era a sinagoga dos galileus, onde íamos nos hospedar.

Eu sabia que José estava cansado. Afinal de contas, eu tinha sete anos, e ele já me carregava há bastante tempo. Pedi para ele me pôr no chão.

Cleofas tinha febre muito alta e, sim, ria de felicidade. Pediu água. Disse que queria se banhar agora e tia Maria explicou que não podia. As mulheres disseram que tínhamos de colocá-lo na cama sem demora.

Minha tia quase chorava cuidando dele e o pequeno Simeão começou a chorar, por isso eu o segurei no colo. Mas ele era tão pesado que Tiago teve de pegá-lo.

E foi assim que continuamos pelas ruas estreitas e sinuosas, ruas que poderiam ser de Alexandria, só que com muito mais gente. A pequena Salomé e eu ríamos porque “o mundo inteiro estava lá mesmo”, e por toda parte havia muita conversa, vozes elevadas, pessoas falando grego, até hebraico, pessoas *falando* hebraico, e algumas falando latim, mas não muitas, a maioria aramaico como nós.

Quando chegamos à sinagoga, um grande prédio de três andares, os aposentos estavam lotados como todos esperavam, mas quando já íamos embora à procura da

sinagoga dos alexandrinos minha mãe chamou uns primos dela, Zebedeu e a mulher dele com os filhos que acabaram de chegar, todos correram para ela com muitos abraços e beijos, e insistiram muito para subirmos com eles e repartirmos o espaço reservado para eles na cobertura. Outros primos já estavam lá esperando. Zebedeu ia cuidar de tudo.

A mulher de Zebedeu era Maria Alexandra, prima da minha mãe, que sempre chamavam de Maria como a minha mãe e como a minha tia Maria que era casada com o irmão da minha mãe, Cleofas. E quando essas três mulheres se abraçaram e se beijaram elas gritaram “As três Marias!” e com isso ficaram muito contentes, como se nada mais estivesse acontecendo.

José estava ocupado pagando a hospedagem e nós entramos com Zebedeu e seu clã, e ele tinha irmãos com mulheres e filhos, pelo pátio apinhado de gente onde deixavam os burros para serem alimentados e cuidados, depois subimos a escada e mais acima uma de madeira. Os homens carregaram Cleofas que ria o tempo todo daquele seu jeito baixinho, porque estava envergonhado.

No telhado um monte de parentes veio nos receber.

Destacada de todo o resto havia uma mulher idosa que estendeu a mão para a minha mãe quando minha mãe chamou o nome dela.

— Isabel.

E esse nome eu conhecia bem. O do filho dela, João, também.

Minha mãe jogou-se nos braços dessa mulher. Choraram e se abraçaram muito e eu fui levado para perto dela, e do filho dela, um menino da minha idade que nunca falava nada.

Como eu disse, eu sabia da prima Isabel e de muitos outros porque minha mãe tinha escrito muitas cartas do Egito para casa e recebido muitas da Judéia e da Galiléia também. Com frequência eu estava com ela quando ela ia até o escriba do nosso bairro para ditar as cartas. E quando as recebia, eram lidas e relidas muitas vezes, por isso os nomes e as histórias eu também conhecia.

Gostei muito de Isabel porque tinha um jeito calmo e bonito e achei seu rosto muito atraente, de um modo que não sabia traduzir em palavras nem para mim mesmo. Era comum eu sentir isso por gente mais velha, pensar que as rugas dos seus rostos

tinham muito valor e que seus olhos brilhavam no meio das pregas de pele.

Mas como estou procurando contar essa história do ponto de vista da criança que eu era, não vou me estender mais nisso.

Meu primo João também, tinha o mesmo jeito da mãe, só que me fazia pensar no meu irmão Tiago. Na verdade os dois se distinguiam, como eu já devia esperar. João parecia um menino da idade de Tiago, apesar de não ser, e o cabelo dele era muito comprido.

João e Isabel usavam roupas brancas muito limpas.

Eu sabia pela minha mãe e pelas conversas da prima dela que João tinha sido consagrado desde o nascimento ao Senhor. Ele nunca cortaria o cabelo e jamais beberia o vinho da ceia.

E isso eu vi em questão de minutos, porque havia saudações e lágrimas e abraços, e uma grande comoção por toda parte.

No telhado não cabia mais ninguém. José encontrou primos dele e, como José e Maria eram primos também, isso significava alegria para os dois, e ao mesmo tempo Cleofas resmungava que não ia beber a água que a mulher dele tinha levado, e o pequeno Simeão chorava, e então a bebê Ester também abriu o berreiro e Simão, o pai dela, pegou-a no colo.

Zebedeu e a mulher abriram espaço para o nosso cobertor no chão e então a pequena Salomé quis segurar a pequena Ester. E o pequeno Zoker se soltou e quis correr. A pequena Maria também berrava, e com tanta coisa acontecendo à minha volta, era difícil prestar muita atenção em cada uma.

Antes que alguém percebesse, agarrei a mão da pequena Salomé e a puxei para longe, passamos por baixo de algumas pessoas, por cima de outras, e chegamos à beirada do telhado.

Havia uma pequena mureta, com altura suficiente para ninguém cair lá de cima...

E pude ver o Templo de novo! Com aquele mar de telhados na frente, subindo e descendo nas colinas e se elevando até as poderosas muralhas do Templo.

Ouvi música das ruas lá embaixo e pessoas cantando, a fumaça das fogueiras cheirava bem e todos conversavam, no pátio e nos telhados, e o ruído ficou parecendo

um cântico sagrado.

— O nosso Templo — disse com orgulho a pequena Salomé e eu fiz que sim com a cabeça. — O Senhor que fez o Céu e a Terra mora no Templo — ela disse.

— O Senhor está em toda parte — respondi.

Ela olhou bem para mim.

— Mas Ele está no Templo! — ela disse. — Eu sei que o Senhor está em toda parte. Mas agora devemos dizer que ele está no Templo. Viemos para cá para ir ao Templo.

— Sim — eu disse e olhei para o Templo.

— Para morar no meio do seu povo, Ele fica no Templo — ela disse.

— É — eu disse —, e... em toda parte. — Eu não tirava os olhos do Templo.

— Por que você diz isso? — ela perguntou.

Dei de ombros.

— Você sabe que é verdade. O Senhor está conosco, com você e comigo, agora mesmo. O Senhor está sempre conosco.

Ela deu risada e eu também.

As fogueiras que usavam para cozinhar formaram uma névoa na nossa frente e todo o barulho era como uma névoa de outro tipo. Meus pensamentos ficaram mais claros. *Deus está em toda parte e Deus está no Templo.*

Amanhã íamos para lá. Amanhã íamos para o pátio entre seus muros. Amanhã, e então os homens iriam ter a primeira aspersão de purificação com o sangue da novilha vermelha na preparação para a Festa da Páscoa que nós todos comeríamos juntos em Jerusalém, para comemorar nossa saída do Egito muito, muito tempo atrás. Eu ficaria com as crianças e as mulheres. Mas Tiago ia ficar com os homens. Veríamos tudo do nosso lugar, mas todos estaríamos dentro do Templo. Mais perto do altar onde os cordeiros da Páscoa seriam sacrificados. Mais perto do santuário onde apenas o sumo sacerdote podia ir.

Nós sabíamos como era o Templo e sabíamos o que era a Lei desde sempre, desde o tempo que começamos a saber das coisas. Em casa nos ensinaram José, Alfeu e

Cleofas, e depois o Mestre, na escola. Conhecíamos a Lei de cor.

Senti uma quietude dentro de mim, no meio de todo aquele barulho em Jerusalém. A pequena Salomé parecia sentir a mesma coisa. Ficamos bem perto um do outro, sem falar e sem nos mover, e toda aquela conversa, os risos, os bebês chorando e até a música, nada disso chegava até nós.

José se aproximou e nos levou de volta para perto da família.

As mulheres estavam chegando com a comida que tinham ido comprar. Era hora de todos se reunirem e de rezar.

Pela primeira vez vi preocupação na expressão de José enquanto ele observava Cleofas.

Cleofas ainda brigava com a mulher por causa da água, não queria beber.

Virei, olhei para ele e soube na mesma hora que ele não sabia o que fazia. Não estava bem da cabeça.

— Você, venha sentar ao meu lado! — ele disse para mim.

Fiz isso, sentei à direita dele e cruzei as pernas. Estávamos todos muito perto uns dos outros. A pequena Salomé sentou à esquerda e ficou observando tudo que ele fazia.

Ele estava zangado, mas não era com ninguém ali. De repente perguntou quando íamos chegar a Jerusalém. Se alguém se lembrava de que íamos para Jerusalém. Todos ficaram assustados.

Minha tia subitamente sentiu-se cansada demais de tudo aquilo e levantou as mãos como se desistisse. A pequena Salomé ficou calada também, apenas olhando para o pai.

Cleofas olhou em volta e sabia que tinha dito alguma coisa errada. Então pareceu voltar a ser o que era, sem mais nem menos. Pegou o copo com água limpa e bebeu. Respirou bem fundo e olhou para a mulher dele. Minha tia se aproximou de novo. Minha mãe ficou ao lado dela e passou o braço em sua cintura. Minha tia precisava dormir, dava para perceber, mas não podia fazer isso agora.

O molho estava quente, recém-saído do fogo. Eu tinha muita fome. O pão também estava quente.

Era hora da bênção. A primeira oração que todos nós recitamos juntos em

Jerusalém. Abaixei a cabeça. Zebedeu, o mais velho, liderou a oração na língua da nossa família e as palavras soaram um pouco diferentes para mim. Mas mesmo assim foi muito bom.

Depois meu primo João, filho de Zacarias, olhou fixo para mim como se tivesse algo muito importante em mente, mas não disse nada.

Finalmente começamos a molhar o pão no molho. Estava muito bom, não era só um molho, mas uma sopa grossa de lentilhas, feijões bem cozidos, pimentão e temperos. E havia muitos figos secos para mastigar depois do gosto quente da sopa, eu gostei demais. Não pensei em nada além da comida. E Cleofas comeu um pouco, o que deixou todos felizes.

Foi a primeira ceia boa desde que saímos de Alexandria. E abundante. Comi até quase não agüentar mais.

Depois Cleofas quis conversar comigo e pediu para todos nos deixarem sozinhos. Tia Maria fez aquele gesto de desistir de novo e se afastou para descansar um pouco e cuidar dos afazeres de tirar a mesa. Tia Salomé cuidava do pequeno Tiago e das outras crianças. A pequena Salomé ajudava com o bebê Ester e o pequeno Zoker a quem amava tanto.

Minha mãe se aproximou de Cleofas.

— Ora, o que você vai falar? — ela perguntou, sentando à esquerda dele, não muito perto, mas o bastante para ouvir a conversa. — Por que devemos nos afastar? — ela disse com suavidade mas com alguma coisa em mente.

— Vá embora — ele disse para ela.

Parecia que estava bêbado, mas não estava. Ele tinha bebido menos vinho do que todos os outros.

— Jesus, venha aqui para poder ouvir o que vou murmurar no seu ouvido.

Minha mãe se recusou a sair dali.

— Não meta coisas na cabeça dele — disse minha mãe.

— E o que você quer dizer com isso? — perguntou Cleofas. — Pensa que eu vim para a Cidade Santa de Jerusalém para meter coisas na cabeça dele?

Então ele agarrou o meu braço. Seus dedos estavam tão quentes que pareciam queimar.

— Vou contar uma coisa para você — ele disse. — Trate de se lembrar disso. É para ser guardado no seu coração, junto com a Lei, está me ouvindo? Quando ela me contou que o anjo tinha aparecido, eu acreditei. O anjo apareceu para ela! Eu acreditei.

O anjo... o anjo que apareceu em Nazaré. Ele foi visitá-la. Foi isso que ele disse no barco, não foi? Mas o que significava?

Minha mãe olhou bem para ele. O rosto de Cleofas estava molhado e os olhos muito arregalados. Eu sentia a febre nele. Podia ver até.

Ele continuou.

— Acreditei nela. Sou irmão dela, não sou? Maria tinha treze anos, estava prometida ao José e posso dizer que jamais saiu das nossas vistas fora de casa, não poderia jamais ter qualquer chance de alguém estar com ela, você entende o que eu estou dizendo, estou falando de um homem. Não havia como, e eu sou irmão dela. Lembre-se disso que eu disse. Eu acreditei nela. — Cleofas recostou um pouco nas roupas empilhadas atrás dele. — Uma criança virgem, uma criança a serviço do Templo de Jerusalém, para tecer o grande véu, com as outras escolhidas e depois em casa, sob nossos olhos.

Ele estremeceu. Olhou para ela. E ficou olhando para ela. Ela virou para o outro lado, depois se afastou. Mas não para muito longe. Ficou lá de costas para nós, perto da prima Isabel.

Isabel observava Cleofas e me observava também. Eu não sabia se dava para ela ouvir o que ele tinha dito ou não.

Não me mexi. Olhei para Cleofas. O peito dele subia e descia a cada respiração ruidosa e mais uma vez ele estremeceu.

Minha cabeça funcionava, reunindo cada informação que eu tinha aprendido e que pudesse me ajudar a descobrir o sentido do que ele havia dito. Era a cabeça de uma criança que foi criada dormindo com homens e mulheres naquele quarto e em outros quartos ao lado, e dormindo em pátios abertos com homens e mulheres no calor do verão, vivendo sempre perto deles, ouvindo e vendo muitas coisas. A minha cabeça trabalhava e trabalhava. Mas não entendia o sentido de tudo que Cleofas tinha dito.

— Lembre-se do que eu disse para você, que eu acreditei!

— Mas você não tem certeza, tem? — sussurrei.

Ele arregalou os olhos e adotou uma expressão diferente, como se despertasse da febre.

— E José também não tem certeza, não é? — perguntei baixinho também. — E é por isso que ele nunca se deita ao lado dela.

Minhas palavras soaram antes dos meus pensamentos. Fiquei tão surpreso quanto ele com o que eu disse. E senti um calafrio no corpo inteiro, fiquei todo arrepiado. Mas não tentei mudar o que disse.

Ele se ergueu nos cotovelos e ficou com o rosto muito perto do meu.

— Veja o contrário disso — ele disse, com dificuldade para respirar. — Ele nunca encosta nela justamente porque acredita. Você não entende? Como poderia tocar nela depois de uma coisa dessas? — Ele sorriu e depois deu aquela risada dele, baixinho, mas ninguém mais ouviu. — E você? — ele continuou. — Você precisa crescer para realizar as profecias? É, precisa. E precisa ser criança antes de se tornar homem? Sim. Se não, como poderia? — Os olhos dele mudaram, como se não pudesse mais ver as coisas diante dele. Mais uma vez respirou com dificuldade. — E foi assim com o rei Davi. Ungido, foi enviado de volta para seu rebanho, um menino pastor, não é? Até a hora que Saul mandou buscá-lo. Até a hora que o Senhor Deus mandou chamá-lo! Você não vê, é isso que confunde a eles todos! Que você tenha de crescer como qualquer outra criança! E a maior parte do tempo não sabem o que fazer com você! E sim, eu tenho certeza! E eu sempre tive essa certeza!

Ele caiu deitado outra vez, cansado, incapaz de continuar, mas não deixou de olhar para mim. Sorriu e então ouvi sua risada.

— Por que você ri? — perguntei.

Ele sacudiu os ombros.

— Eu ainda acho graça — ele respondeu. — Sim, acho graça. Eu vi um anjo? Não, não vi. Talvez, se tivesse visto, não riria, ou então pode ser que risse ainda mais. A minha risada é meu jeito de falar, você não acha? Lembre-se disso. Ah, ouça todos eles lá nas ruas. Lá, aqui. Eles querem justiça. Vingança. Você ouviu tudo isso? Herodes fez

isso. Herodes fez aquilo. Eles apedrejaram os soldados de Arquelaú! Mas o que me importa isso agora? Eu queria poder respirar sem sentir dor, apenas quinze minutos!

Ele ergueu a mão, tateando à minha procura. Tócou a parte de trás da minha cabeça, eu me abaixei e beijei seu rosto molhado.

Faça a dor passar.

Ele respirou fundo, depois foi como se adormecesse, seu peito começou a subir e descer lentamente e sem dificuldade. Pus a mão no peito dele e senti seu coração. *Força por mais um tempo. Que mal há nisso?*

Quando me afastei quis ir até a beira do telhado. Queria chorar. O que eu tinha feito? Talvez nada. Mas não pensava que era nada. E as coisas que ele disse para mim... o que significavam? Como é que eu podia entender essas coisas?

Sim, eu queria as respostas para as perguntas, mas essas palavras só criavam mais perguntas, e minha cabeça doía. Eu estava com medo.

Sentei no chão e recostei na mureta. Agora eu mal podia ver por cima dela. Com todas as famílias reunidas tão perto, tantas pessoas de costas para mim, tanta conversa e gente cantando baixinho para as crianças, pensei que estava escondido.

Agora já estava escuro e havia tochas iluminando toda a cidade, e gritos de alegria, e muita música. As fogueiras para cozinhar ainda ardiam, ou talvez fossem para aquecer, pois tinha esfriado um pouco. Eu sentia frio. Queria ver o que estava acontecendo lá embaixo, ao mesmo tempo não queria. Não me importava.

Um anjo tinha aparecido para minha mãe, um anjo. Eu não era filho de José.

Minha tia Maria pegou-me de surpresa. Ela me puxou com força para eu virar de frente para ela. Estava abaixada em cima de mim. Seu rosto cheio de lágrimas cintilantes e a voz bem rouca.

— Você pode curá-lo? — ela perguntou.

Fiquei tão surpreso que não soube o que dizer para ela.

Minha mãe se aproximou de nós e tentou puxá-la para longe de mim. As duas ficaram de pé ao meu lado, suas saias encostavam no meu rosto. Elas sussurravam palavras raivosas.

— Você não pode pedir isso para ele! — murmurou minha mãe. — Ele é uma criança e você sabe disso!

Tia Maria chorava de soluçar.

O que eu podia dizer para a minha tia Maria?

— Eu não sei! — eu disse. — Eu não sei! — repeti.

E então chorei. Levantei os joelhos e me encolhi ainda mais contra a mureta. Sequei minhas lágrimas.

Elas foram embora.

As famílias perto de nós estavam quietas, as mulheres tinham posto os pequenos para dormir. Lá embaixo um homem tocava flauta e outro cantava. A música soou bem clara um certo tempo, depois sumiu no silêncio.

Eu não via as estrelas por causa da névoa. Mas a visão de todas as tochas na cidade, subindo e descendo as colinas, e mais alto do que tudo o Templo, como uma montanha com suas enormes tochas trêmulas, acabou tirando todos os pensamentos da minha mente.

Tive uma sensação boa, que no Templo eu ia rezar para entender todas aquelas palavras, não só o que meu tio tinha dito para mim, mas todas as outras coisas que ouvi.

Minha mãe voltou.

Ao meu lado, perto da mureta, só havia espaço para minha mãe ajoelhar e depois sentar sobre os calcanhares.

Quando ela olhou para o Templo a luz das tochas iluminou seu rosto.

— Ouça o que vou dizer — ela disse.

— Estou ouvindo — respondi, em grego, sem pensar.

— Isso só devia ser dito para você mais adiante — ela continuou, em grego também.

Mesmo com o barulho das ruas, com as vozes baixas das conversas noturnas no telhado, eu podia ouvi-la.

— Mas agora não dá para esperar — ela disse. — Meu irmão cuidou disso.

Gostaria que ele sofresse em silêncio. Mas ele nunca foi de fazer qualquer coisa em silêncio. Por isso vou falar. E você vai me ouvir. Não me pergunte nada. Faça o que José disse para fazer quanto a isso. Mas ouça o que vou dizer.

— Estou ouvindo — eu disse mais uma vez.

— Você não é filho de um anjo — ela disse.

Eu fiz que sim com a cabeça.

Ela virou de frente para mim. A luz das tochas brilhou em seus olhos.

Eu não disse nada.

— O anjo me disse que o poder do Senhor cairia sobre mim — ela disse. — E o Senhor me cobriu com seu manto, eu senti, depois de um tempo senti a vida se formando dentro de mim, e era você.

Eu não disse nada.

Ela olhou para o chão.

O barulho na cidade silenciou. Achei minha mãe linda sob a luz das tochas. Talvez linda como Sara era para o faraó, linda como Raquel era para Jacó. Minha mãe era linda. Modesta, mas linda, por mais que os véus escondessem, por mais que abaixasse a cabeça e ruborizasse.

Eu queria estar no colo dela, em seus braços, mas não me mexi. Não era certo me mexer ou dizer qualquer coisa.

— E foi assim que aconteceu — ela disse, levantando a cabeça de novo. — Eu nunca estive com um homem, nem naquela época, nem agora, e nunca estarei. Sou consagrada ao Senhor.

Eu fiz que sim com a cabeça.

— Você não entende isso... entende? — ela perguntou. — Não pode compreender o que estou dizendo.

— Eu compreendo — eu disse. — Eu entendo.

José não era meu pai, sim, isso eu sabia. Jamais chamei José de pai. Sim, ele era meu pai de acordo com a Lei e casado com a minha mãe, mas não era meu pai. E ela

sempre pareceu uma menina, e as outras mulheres pareciam suas irmãs mais velhas, eu sabia, sim, eu sabia.

— Tudo é possível para o Senhor — eu disse. — O Senhor fez Adão com terra. Adão nem teve mãe. O Senhor pode fazer um filho sem pai. — Sacudi os ombros.

Ela balançou a cabeça. Agora não era uma menina, mas também não era uma mulher. Estava sentida e quase triste. Quando falou outra vez, não era bem ela mesma.

— Não importa o que qualquer pessoa diga para você em Nazaré — ela disse —, lembre-se do que foi dito esta noite.

— As pessoas dizem coisas...?

Ela fechou os olhos.

— Era por isso que você não queria voltar para lá... para Nazaré? — perguntei.

Ela respirou fundo. Pôs a mão na frente da boca. Estava atônita. Respirou fundo de novo e sussurrou suavemente:

— Você não entendeu o que eu disse para você! — Ela estava sentida e pensei que ia chorar.

— Não, mamãe, eu entendi, entendo — respondi logo. Não queria magoá-la. — O Senhor pode qualquer coisa.

Ela ficou desapontada, mas olhou para mim e, por minha causa, sorriu.

— Mamãe — eu disse e estendi os braços para ela.

Minha cabeça latejava de tantos pensamentos. Os pardais, Eleazar morto na rua e se levantando vivo da esteira, coisas demais, coisas que escapavam da minha mente, que estava transbordando. E todas as palavras de Cleofas... o que significavam? *Você precisa crescer como qualquer outra criança, ou seria o pequeno Davi voltando para o seu rebanho até ser chamado? Não deixe que ela fique triste.*

— Eu entendo. Eu sei — disse para ela.

Dei um sorriso tímido como nunca fiz com ninguém, só para ela. Era mais um pequeno sinal do que uma concessão. Ela também tinha um sorriso para mim. Pequeno.

E agora ela se desfez de tudo que tinha acontecido antes e estendeu os braços para

mim.

Fiquei de joelhos, ela também, e ela me apertou.

— Por enquanto basta — ela disse. — Basta você ter a minha palavra — sussurrou no meu ouvido.

Depois de um tempo nós nos levantamos e voltamos para perto da família.

Deitei na minha cama de trouxas, ela me cobriu e sob as estrelas, com a cantoria da cidade, Cleofas cantando também, adormeci profundamente.

Afinal, era o lugar mais distante para onde eu podia ir.

N A MANHÃ SEGUINTE o movimento nas ruas era enorme, era muito difícil abrir caminho, mas conseguimos, todos nós, até os bebês nos braços das mães, fomos caminhando para o Templo.

Cleofas estava descansado e um pouco melhor, apesar de ainda muito fraco, necessitando de ajuda no caminho.

Fui nos ombros de José e a pequena Salomé nos ombros do tio Alfeu. Conseguimos nos dar as mãos e tivemos uma visão maravilhosa de todo aquele povo nos levando pelas ruelas sinuosas, por baixo de arcos, até que chegamos ao grande espaço aberto diante da enorme escadaria e o muro dourado e alto do Templo.

Então nos separamos, as mulheres e os bebês separados dos homens, movendo-se lentamente para o ritual dos banhos, para a limpeza em regra antes de entrar no Templo.

Isso não era a aspersão e purificação para a Páscoa. Havia três estágios a cumprir, e o primeiro era a aspersão dos homens dentro do Templo, hoje.

Aquilo era uma limpeza geral que tínhamos de fazer por causa da longa viagem desde o Egito, uma limpeza que nos ia preparar para entrar no Templo propriamente dito. E as nossas famílias queriam isso, e os banhos estavam lá, por isso fomos nos lavar, apesar de não ser exigido pela Lei.

Demoramos bastante. A água estava fria e ficamos felizes quando vestimos nossas roupas outra vez e pudemos voltar lá para fora, para junto das mulheres. Pequena Salomé e eu nos encontramos de novo e nos demos as mãos.

A multidão parecia ter aumentado, mas eu não sabia como mais gente encontraria espaço ali. Todos cantavam salmos em hebraico, alguns com os olhos semicerrados. Outros simplesmente conversavam. E as crianças coravam, naturalmente, como sempre fazem.

José me pôs nos ombros mais uma vez. E quase cegos com a luz que refletia nos muros do Templo, começamos a subir a escadaria.

E nessa subida, degrau por degrau, todos ficaram deslumbrados com o tamanho do Templo, como eu, e a multidão rezava em voz alta como se as palavras que diziam não fossem uma oração.

Parecia impossível que homens tivessem construído paredes daquela altura e ainda por cima as tivessem decorado com um mármore de brancura tão pura, e as vozes ecoavam nelas, mas quando chegamos ao topo e avançamos lentamente para passar pelos portões, eu vi que havia soldados na praça lá embaixo e que alguns estavam a cavalo.

Não eram soldados romanos. Eu não sabia o que eram. Mas a multidão não gostou da presença deles. Mesmo daquela grande distância eu pude ver que as pessoas levantavam os punhos cerrados contra eles, e os cavalos dançavam como fazem os cavalos, e pensei ter visto pedras atiradas no ar.

Mal podia agüentar aquela espera, os nossos passos eram lentos. Acho que queria que José se esforçasse mais para abrir caminho e passar pelos portões. Ele cedia com muita facilidade. E todos nós tínhamos de ficar juntos, o que agora incluía também Zebedeu e a família dele, e também Isabel e o pequeno João, e primos cujos nomes eu não lembrava.

Finalmente entramos pelos portões e para minha surpresa demos num imenso túnel. Mal dava para ver a linda decoração à nossa volta. As orações das pessoas ecoavam no teto e nas paredes. Juntei-me a eles nas orações, mas a maior parte do tempo só ficava olhando em volta e sem ar de novo, exatamente como quando Eleazar me chutou com força e não consegui mais respirar.

Chegamos ao grande espaço aberto do primeiro salão dentro do Templo e todos gritaram ao mesmo tempo.

Bem longe, dos dois lados, estavam as colunas dos átrios cobertos e no meio delas um mar de gente. Na nossa frente erguia-se a parede do santuário. E as pessoas em cima dos telhados eram tão minúsculas que eu nem conseguia visualizar seus rostos, de tão imenso que era aquele lugar sagrado.

Ouvia e sentia o cheiro dos animais reunidos nos pórticos mais distantes, os animais à venda para serem sacrificados e o ruído de todos ali cresceu em meus ouvidos.

Mas toda a sensação da multidão ficou diferente. Todos estavam muito alegres de estar ali. Todas as crianças riam de felicidade.

O sol brilhava como não tinha visto nas ruas estreitas da cidade. O ar era doce e fresco.

Ouvi barulho de cavalos também, não dos cascos, mas os relinchos dos animais

com as rédeas retesadas, e ouvi gritos.

Mas naquele momento estava entetido olhando para frente, para as paredes brilhantes diante de mim, as paredes que cercavam os salões das mulheres e dos homens. Eu era pequeno demais para ser levado para o salão dos homens. Hoje eu ia ficar com as mulheres, eu sabia disso. Mas poderia ver os homens quando fossem aspergidos com a primeira purificação para a Páscoa.

Tudo aquilo era deslumbrante para mim e a maravilha de estar fazendo parte era indescritível. Eu sabia muito bem que havia pessoas à minha volta de todo o Império, que tinham ido para estar ali naquele dia, e que isso era maravilhoso como esperávamos que seria. Cleofas tinha sobrevivido para estar ali. Cleofas estava vivo para ser purificado para fazer a ceia da Páscoa conosco. Talvez Cleofas vivesse o bastante para voltar para casa.

O Templo era nosso, o Templo era de Deus, era tão esplêndido que podíamos entrar nele e chegar muito perto da presença de Deus.

Havia muitos e muitos homens correndo em cima dos pórticos distantes. E homens nos outros telhados, mas eram minúsculos, como eu disse, e não dava para ouvir o que diziam, mas eu sabia que eles estavam gritando pelo jeito que seus braços se moviam no ar.

De repente começaram a nos empurrar, para lá e para cá. Pensei que José ia cair, mas ele não caiu.

Um grito imenso soou no meio da multidão.

Começou uma gritaria, e as mulheres berravam. Acho que as crianças gostaram. Eu continuava nos ombros de José e a multidão era tão compacta que não podíamos nos mover.

Foi quando vi à esquerda muitos soldados armados, a cavalo, em disparada na nossa direção, pelo meio da multidão. Fomos todos jogados para trás como se as pessoas fossem água, e depois para frente, minha mãe e minha tia Maria gritaram, e a pequena Salomé gritou e estendeu um braço para mim, mas estávamos longe demais para eu poder segurar sua mão.

Quase todos em volta berravam em aramaico, mas muitos gritavam em grego.

— Saíam, saíam! — os homens berravam.

Mas não havia como. Ouvi subitamente os balidos de ovelhas, como se alguém tivesse feito todas elas saírem correndo. E depois os mugidos de vacas e bois... um som horrível.

Os soldados estavam chegando cada vez mais perto de nós, com as lanças em riste. Não havia para onde fugir.

Então as pedras começaram a voar.

Todo mundo gritava. Vi um soldado ser atingido por muitas pedras e cair do cavalo. Muitas mãos o agarraram e ele despencou no meio da multidão. Um homem vestido com um manto subiu no cavalo e começou a lutar contra outro soldado, e o soldado espetou a espada duas vezes na barriga dele. O sangue jorrou de dentro dele.

Senti que tinha parado de respirar. Foi como o chute de Eleazar na barriga. Abri a boca mas o ar não vinha. José quis me tirar dos ombros, mas a multidão estava compacta demais em volta e não conseguiu. Além disso eu não queria descer. Por mais horrível que fosse aquilo, eu queria ver.

Orações soaram de todos os cantos, mas não eram mais os salmos alegres. Eram pedidos de ajuda, pedidos de socorro. Algumas pessoas caíram no chão.

Mas essas coisas estavam acontecendo de todos os lados. Fomos empurrados para trás de novo, como uma onda no mar.

José estendeu os braços para cima e com o auxílio de outras mãos me passou por cima da sua cabeça e me pôs no chão, envolveu-me com os braços e me arrastou pelo amontoado de gente que se debatia e gritava.

Quando meus pés bateram no mármore eu não consegui me mexer. Até a minha túnica ficou presa nos que estavam à minha frente e atrás de mim.

— Pequena Salomé! — chamei. — Pequena Salomé, onde você está?

— Yeshua — ela chamou em aramaico. — Estenda a mão.

Vi a cabeça dela na minha frente, ela fazia força como se estivesse nadando, para se aproximar de mim, no meio dos corpos que nos espremiavam.

Puxei-a para o meu lado, na frente de José e em cima de mim ouvi Cleofas rindo.

Ele estava diante de mim, dando aquela risada de sempre.

A multidão moveu-se para o lado e depois para frente e então nós caímos. Todos caíram. Mãos me empurraram para baixo, e eu puxei a pequena Salomé para baixo de mim, com a mão direita protegi a cabeça dela.

— Ajoelhem-se e fiquem aí! — ordenou José.

O que nós podíamos fazer? Estávamos de joelhos e éramos empurrados para frente.

Ouvi a voz da minha mãe bem perto.

— Meu filho, meu filho.

José e Cleofas ergueram as mãos e rezaram para o Senhor. Eu segurei Salomé e levantei a mão esquerda.

— Ó Senhor, vós sois o meu refúgio! — clamou José.

Cleofas disse outra oração.

— Estendo as minhas mãos para vós, ó Senhor — bradou minha mãe.

— Ó Senhor, protegi-me! — gritou a pequena Salomé.

Todos à nossa volta suplicavam ao Senhor.

— Que os maus caiam em suas próprias armadilhas — disse Tiago ao meu lado.

— Livrai-me, Senhor, livrai-me do mal que me cerca — eu pedi, mas não consegui ouvir a minha voz.

As orações foram ficando mais altas, como uma trovoadas que crescia muito, quase a ponto de abafar os gritos e lamentos dos que lutavam.

Os mugidos do gado eram terríveis e os berros agudos das mulheres me machucavam.

Levantei a cabeça até onde tive coragem e olhei em volta. Vi que todos estavam ajoelhados e balançando o corpo para frente e para trás. Zebedeu levantou-se para suplicar a Deus e depois se abaixou, mas ele era apenas um de muitos que eu nem conseguia contar.

Pessoas chegaram correndo pelo meio dos que rezavam, tropeçando em cima de nós, empurrando e se apoiando nos nossos ombros e costas, tentando sair, escapar dali.

Por um momento fiquei esmagado contra as lajes de mármore do piso, deitado ao lado de Salomé, sempre com a mão na cabeça dela.

Uma disposição meio louca tomou conta de mim, eu quis me levantar e procurei me libertar. Empurrei e esperncei para um lado até sair de baixo do José e fiquei de pé como se estivesse correndo.

Vi a grande praça. Bem longe, lá na frente, as pessoas corriam para todos os lados, as ovelhas também partiam em disparada com passos rápidos e trêmulos, e os soldados avançavam sobre as pessoas. O povo, até quem estava ajoelhado e curvado, insurgiu-se como um todo e atirava pedras nos soldados.

Alguns grupos de pessoas eram como as pilhas de mortos.

Os salmos subiam ao céu.

— Eu me refugio em vós, ó Senhor, protegei-me... Eu vos imploro, ó Senhor...

Soldados montados perseguiram o povo, homens e mulheres que corriam bem na nossa direção.

— José, olhe — gritou minha mãe. — Segure-o, puxe-o para baixo.

Eu me livrei das mãos que tentavam me agarrar.

As pessoas pisavam em cima dos que estavam ajoelhados, bem em cima deles, como se fossem pedras à beira do mar. Os que rezavam gemiam e gritavam, e quando um cavaleiro solitário avançou para cima de nós, os corpos recuaram para os dois lados, abrindo passagem.

Eu caí com uma mão atrás da cabeça e outra nas costas. Pude ouvir o cavalo bufando e as batidas dos cascos no chão.

Minha cabeça ficou imprensada nas pedras.

Mas com o canto do olho vi as pernas do cavalo bem ao nosso lado e quando o animal deu marcha a ré vi um homem se levantar das pilhas de pessoas emboladas. Ele tirou uma pedra de dentro do manto e jogou no soldado.

E gritou em grego:

— Ninguém além do Senhor Deus tem o direito de nos governar! Leve essas palavras para Herodes. Leve-as para César!

Então outra pedra apareceu de baixo do manto dele, e mais outra.

O soldado abaixou a lança diretamente para o peito do homem, perfurou e atravessou o corpo dele com ela.

O homem soltou a pedra que segurava e caiu de costas, com os olhos arregalados.

Minha mãe soluçava. A pequena Salomé gritava.

— Não olhe, não olhe!

Mas eu deveria desviar os olhos daquele homem nos seus últimos minutos? Eu deveria fugir da morte dele?

O soldado puxou a lança e o homem subiu com ela. O sangue escorria da boca do homem.

O corpo foi jogado de um lado para outro e então a lança se soltou e o corpo caiu.

O homem rolou para o lado esquerdo e ficou olhando bem para nós, direto para mim.

Não vi mais o cavalo. Só ouvi e foi aquele barulho horrível do galope enlouquecido. Vi o soldado dominado por homens em volta dele, os que o tinham derrubado do cavalo que agora corria solto.

O corpo dele se perdeu no meio da multidão que o cobriu, e cotovelos subiam e desciam em cima dele.

Nossos homens se abaixaram e rezaram.

O homem moribundo, se ouviu, se soube, não se importou.

Ele não nos via. Nem soube o que aconteceu com o soldado. O sangue saía da sua boca e escorria pelas pedras.

Minha mãe deu gritos terríveis.

As pessoas que agarravam o soldado se levantaram e fugiram correndo. Mais gente se levantou e correu. Atrás deles muitos continuaram de joelhos e rezaram.

O corpo do soldado estava coberto de sangue.

O homem que olhava para nós estendeu a mão, mas seu braço caiu inerte, e ele morreu.

Pessoas passaram correndo entre nós e o homem. Ouvi mais uma vez as ovelhas.

Senti minha mão escorregar de lado no chão e tentei segurá-la, mas ela despencou no chão de olhos fechados.

As pedras voaram de novo sobre as nossas cabeças de todos os lados.

Quem tinha ido para aquele Templo sem levar pedras para esta guerra?

As pedras caíam em cima de nós, atingindo nossas cabeças e ombros.

Quando José levantou os braços nos cânticos, consegui sair de baixo dele e ergui o corpo ajoelhado.

A multidão estava sem controle e dispersa. Havia corpos por toda parte como montes de lã ensangüentada antes da lavagem.

Para todo canto que eu olhava havia homens lutando e homens morrendo.

Sobre os lindos pórticos, os homens que pareciam minúsculos e pretos contra o céu lutavam, soldados com suas espadas desembainhadas cortavam os que tentavam acertá-los com porretes.

Vi ao longe, nas pedras onde não havia mais aglomeração, outro homem atacar um soldado, correndo diretamente para a lança que o trespassou. Mulheres cercavam os mortos para chorar sobre eles. Essas mulheres não se importavam com o lugar onde os corpos estavam. Choravam e berravam. Uivavam como cães. Os soldados não as atacavam.

Mas ninguém se aproximou do nosso homem morto, o homem caído de lado com o sangue saindo pela boca, de olhos esbugalhados, sem enxergar mais nada. Ele ficou lá jogado, sozinho.

Por fim os soldados ocuparam todos os espaços e eram tantos que eu nunca conseguiria contá-los. Chegaram a pé no meio do povo. Moviam-se no meio das famílias dos que estavam ajoelhados e cada vez mais perto, pela esquerda e pela direita.

Ninguém mais os enfrentava.

— Reze! — José disse para mim, interrompendo seu cântico por um segundo.

Eu obedeci. Ergui os braços e rezei.

— Mas as almas dos bons estão nas mãos do Senhor e nenhuma tormenta se abaterá sobre eles.

Mais soldados apareceram a cavalo. Falavam alto e em grego. No início não ouvi o que diziam, mas então um deles chegou mais perto, com seu cavalo a passo.

— Vão embora, vão para suas casas! — ele disse. — Saiam de Jerusalém, é uma ordem do rei.

O SILÊNCIO NÃO ERA SILÊNCIO. Era cheio de gritos e soluços e da barulheira dos cavalos, dos soldados gritando para que fôssemos embora.

Alguns corpos ficaram lá sozinhos em cima dos pórticos. Eu os vi. E o nosso homem morto estava completamente sozinho. Ovelhas vagavam por toda parte, as ovelhas sem jaça que seriam sacrificadas na Páscoa. Homens corriam atrás delas. E corriam atrás dos bois que ainda mugiam, e esses mugidos eram o som mais alto de todos.

Finalmente nos levantamos porque José se levantou e seguimos, todos juntos, Cleofas muito trêmulo, ainda rindo baixinho, mas não tanto que qualquer soldado não pudesse ouvir.

Tia Salomé e tia Ester ampararam minha mãe segurando seus braços. Ela começou a desabar de novo e gemeu. José tentou se aproximar dela, mas as crianças estavam no caminho. Eu segurava a pequena Salomé.

— Mamãe, temos de ir agora — eu disse e fiquei perto dela. — Mamãe, acorde. Nós vamos embora.

Ela procurava ser forte. Mas os outros a fizeram dar meia-volta e foram empurrando. Tio Alfeu parou um pouco para dar atenção a Silas e a Levi que cochicharam perguntas para ele, mas não ouvi o que disseram. Agora eles tinham mais de catorze anos e talvez vissem tudo aquilo de outro modo, não como nós, os pequenos, víamos.

Todos foram indo para os portões.

Cleofas foi o único entre nós que agiu como a mulher de Lot, virou para trás muitas vezes.

— Olhe — ele dizia para quem quisesse ouvir. — Está vendo aqueles sacerdotes lá? — Ele apontava para o topo do muro mais distante do pátio interno. — Eles tiveram o bom-senso de correr e se proteger, não tiveram? Será que sabiam que os soldados iam nos atacar?

Foi a primeira vez que os vimos, o grupo de homens reunido lá em cima, sobre os portões, que podiam muito bem ter assistido a tudo lá do alto. Mal conseguia vê-los.

Acho que usavam seus mantos de tecidos finos e chapéus, mas não tenho certeza.

O que estavam pensando ao ver tudo isso? E quem viria cuidar do nosso homem morto? Como iam lavar o sangue dele? O Templo inteiro estava profanado por ele. O Templo inteiro teria de ser purificado.

Mas não tínhamos tempo para ficar olhando. E agora eu só queria sair dali. Ainda não estava com medo. Só espantado. O medo viria mais tarde.

Os soldados seguiram atrás de nós, gritando ordens. Falavam em grego e em aramaico também.

Eram os mesmos que tinham matado os outros. Nós nos movíamos o mais depressa que podíamos.

Não haveria comemoração da Páscoa este ano, avisou o soldado.

— A Festa acabou, nada de Páscoa! Nada de Páscoa! Vocês vão para suas casas.

— Nada de Páscoa! — disse Cleofas em voz baixa, rindo. — Como se eles pudessem determinar que não haverá Páscoa! Desde que exista um judeu vivo no mundo, haverá Páscoa quando tiver de haver Páscoa!

— Quietos — disse José. — Não olhe para eles. O que quer que eles façam? Misturem o sangue de mais judeus e galileus em seus sacrifícios? Não os provoquem!

— É uma abominação — disse Alfeu. — Devemos sair da cidade o mais rápido possível.

— Mas é certo sair logo agora? — perguntou meu primo Silas.

Meu tio Alfeu mandou o filho calar-se com um gesto e um som bem firmes.

Meu tio Simão, o calado, não disse nada.

Quando entramos no túnel passaram pessoas correndo por nós. José me pegou no colo e pequena Salomé junto comigo. Os outros homens também pegaram as outras crianças. Cleofas tentou levantar o pequeno Simeão, seu filho menor, que choramingava pedindo colo, mas então Cleofas teve um novo ataque de tosse, por isso as mulheres cuidaram do menino. Minha mãe o segurou.

Aquilo foi um bom sinal. Ela estava com a criança no colo e tudo ia ficar bem.

Eu não enxergava muito bem no escuro. Mas agora não tinha importância. Salomé soluçava sem parar e nada que tia Maria dizia para ela servia para consolá-la. Eu não conseguia encostar nela, pois estava bem lá para trás.

— Nada de Páscoa! — disse Cleofas, depois tossiu mais e continuou. — Então esse rei que não espera a confirmação de César em seu trono acaba de decretar o fim da Páscoa! Esse rei que está tão coberto de sangue agora quanto o pai dele, que assume o lado do pai...

— Não diga mais nada — pediu Alfeu. — Se eles ouvirem uma palavra, atacam todos nós.

— É, e quantos inocentes eles massacraram lá dentro agora mesmo? — disse Cleofas.

José falou em voz alta e firme, como tinha feito em Alexandria.

— Você não dirá mais nem uma palavra sobre isso até estarmos fora de Jerusalém!

Cleofas não respondeu. Mas não falou mais nada. Ninguém mais falou.

Chegamos à luz do dia e nos deparamos com soldados por toda parte, dando ordens como se nos amaldiçoassem.

Havia corpos caídos pelas ruas. Pareciam estar dormindo. Todas as mulheres começaram a chorar diante da visão dos mortos porque todos nós tivemos de desviar deles ou pular sobre eles, e as carpideiras de joelhos choravam e algumas pediam pelas almas.

Os homens começaram a distribuir moedas onde podiam, como faziam os outros. Algumas pessoas eram miseráveis demais para querer tal coisa ou não precisavam disso.

Mas todos choravam enquanto se afastavam às pressas. As nossas mulheres choravam e tia Maria soluçava que aquela era sua primeira peregrinação, que toda a sua vida no Egito tinha desejado isso, e o que tinham feito bem diante dos nossos olhos?

Na sinagoga, encontramos todos com muito medo. José nos reuniu no pátio para esperar enquanto as mulheres subiam correndo para o telhado para pegar nossas trouxas. Ele e Alfeu foram buscar os burros. Tiago nos disse para ficarmos parados sem fazer barulho e para segurar os bebês. Eu segurava a mão do pequeno Simeão. Cleofas encostou na parede, sorriu e falou coisas que ninguém escutou.

Os lamentos agudos sobre os mortos ainda enchiam meus ouvidos. Não conseguia parar de pensar no nosso homem morto, o que tinha morrido tão perto de nós. Será que alguém ia enterrá-lo? O que aconteceria se ninguém fizesse isso?

Eu não tinha olhado para o rosto do soldado que o matou. Não tinha visto o rosto de nenhum soldado. A única coisa que vi deles foram as botas amarradas, a armadura escura e embaçada, e suas lanças. Como poderia esquecer aquelas lanças?

— Saíam de Jerusalém — alguém gritou ainda em hebraico ali, no pátio da sinagoga. — Saíam de Jerusalém e vão para suas casas. Não há Páscoa.

E o nosso homem morto. Ele devia saber que o soldado ia matá-lo quando jogou a pedra que tinha escondido embaixo do manto. Levava as pedras para o Templo para poder arremessá-las.

No entanto ele parecia qualquer um de nós. O mesmo manto simples, a túnica, o mesmo cabelo escuro e encaracolado, barba como as barbas de José e dos meus tios. Um judeu como nós, mas ele gritou em grego, por que grego, e por que tinha feito aquilo? Por que praticamente se jogou em cima do soldado, sabendo que o soldado tinha uma lança apontada para ele?

Vi mentalmente a lança entrar no nosso homem morto repetidas vezes e a expressão de seu rosto. Eu vi os mortos por todo o pátio do Templo e as ovelhas perdidas. Pus as mãos sobre os olhos. Não conseguia parar de ver essas coisas.

Senti frio. Encolhi-me perto de minha mãe que, na mesma hora, abriu os braços. Fiquei abraçado com ela, encostado em seu manto macio.

Estávamos ao lado de Cleofas e deixamos o pequeno Simeão se contorcer, virar e brincar. Eu disse para o meu tio:

— Por que aquele homem jogou aquelas pedras se sabia que o soldado ia matá-lo?

Cleofas tinha visto. Todos nós tínhamos visto, não tínhamos? Cleofas ficou pensativo, olhou para cima, para o resto de luz que entrava por cima das paredes altas.

— Era uma boa hora para morrer — ele disse. — Talvez fosse o melhor momento que ele viu em toda a vida.

— Você acha que foi bom? — perguntei.

Ele deu sua risada suave e calma e olhou bem para mim.

— E você achou? — perguntou. — Acha que aquilo foi bom?

Ele não esperou que eu respondesse. Disse no meu ouvido:

— Arquelaú é um tolo — disse Cleofas, falando grego. — César devia zombar dele e rir muito. Rei dos judeus! — Ele balançou a cabeça. — Estamos exilados em nossa própria terra. É essa a verdade. É por isso que eles estão lutando! Querem se livrar dessa miserável família de reis que constrói templos pagãos e que vive como tiranos pagãos!

José segurou o braço de Cleofas e puxou-o para um canto.

— Não fale — disse José, olhando nos olhos de Cleofas. — Chega disso aqui, está entendendo? Não me importa o que você pensa, não diga mais nada.

Cleofas não disse nada. Começou a tossir de novo. E emitia sons bem baixos como se falasse, mas não estava falando.

José foi cuidar de amarrar as trouxas no burro. Com a voz mais suave ele disse:

— Nada agora, está entendendo, irmão?

Cleofas não respondeu. Minha tia Maria se aproximou de Cleofas e secou um pouco o suor na testa dele.

Então eu tinha me enganado de pensar que José não tinha respondido a ele.

Mas Cleofas nem deu sinal de que tinha ouvido. Estava perdido em seu riso e olhando para longe, como se José não lhe tivesse dito aquelas coisas. E agora o rosto inteiro dele estava coberto de suor e não fazia calor aquele dia.

Finalmente os clãs todos se reuniram, e José e Zebedeu nos levaram para fora do pátio.

— Meu irmão — José disse para Cleofas. — Quando estivermos do lado de fora dos portões, quero que você prossiga montado neste animal.

Cleofas fez que sim com a cabeça.

Estávamos mais juntos uns dos outros do que um rebanho de ovelhas quando saímos pelas ruas.

O barulho do choro das mulheres se ouvia bem alto sob os arcos e nos caminhos estreitos com muros altos por onde tínhamos de passar. Vi que as janelas e as portas estavam bem fechadas. Os portões de madeira dos pátios também estavam fechados. As pessoas paravam perto dos pedintes e daqueles que estavam encolhidos aqui e ali. Os homens davam moedas. José pôs uma moeda na minha mão e disse para eu dar para um mendigo. Eu fiz isso e o homem beijou meus dedos. Era um velho, magro e de cabelo branco, de olhos bem azuis.

Minhas pernas doíam, e feri meus pés no calçamento irregular, mas não era hora de reclamar.

Assim que saímos da cidade, a visão à nossa volta foi ainda pior do que o que tínhamos visto dentro do pátio do Templo.

As barracas dos peregrinos foram destruídas. Havia corpos por toda parte. Os pertences estavam espalhados e as pessoas nem pensavam em recolhê-los.

Os soldados cavalgavam de um lado para outro no meio do povo indefeso, berrando suas ordens, sem nem lembrar os mortos. Tínhamos de prosseguir, todos tinham de prosseguir. Eles empunhavam lanças. Alguns desembainharam as espadas. Estávamos cercados.

Não podíamos parar para ajudar ninguém ali, como não tínhamos podido parar dentro da cidade. Os soldados chegavam a empurrar as pessoas com as lanças e todos se apressavam para não serem tocados daquele jeito humilhante.

Mas o que mais nos chamava a atenção era o número de mortos. Eram incontáveis.

— Isso foi um massacre — disse meu tio Alfeu.

Ele chamou os filhos, Silas e Levi, e Eli para perto e disse, de modo que todos nós ouvíssemos também:

— Vejam bem os atos desse homem. Olhem bem para isso e jamais esqueçam.

— Estou vendo, meu pai, mas não devemos ficar? Não devíamos lutar? — disse Silas.

Ele disse isso sussurrando, mas todos escutamos e na mesma hora as mulheres gritaram baixinho e confidencialmente para ele que não devia dizer uma coisa dessas. José falou com firmeza que não admitiria essa conversa de ficar em Jerusalém.

Comecei a chorar. Eu comecei a chorar e não sabia por que estava chorando. Senti que não podia respirar e não consegui parar.

Minha mãe disse:

— Logo estaremos nas montanhas, longe de tudo isso. Você está conosco. E estamos indo para um lugar tranquilo. Não há guerra nesse lugar para onde vamos.

Tentei engolir o choro e fiquei com medo. Não me lembro de jamais ter sentido medo antes em toda a minha vida. E comecei a ver, dentro da minha cabeça, o nosso homem morto outra vez.

Tiago olhava para mim. E também meu primo João, filho de Isabel. Isabel estava montada num burro. E quando vi esses dois olhando para mim, Tiago e meu primo João, parei de chorar. Foi muito difícil.

A caminhada estava ficando penosa. E isso era algo em que pensar, subindo a estrada, sempre para cima, até poder ver a cidade do alto. Quanto mais íngreme era a subida, menos medo eu tinha. E logo a pequena Salomé me alcançou. Não pudemos ver a cidade por cima dos adultos, mesmo se quiséssemos, só que eu não queria mais vê-la agora e ninguém parou para comentar como o Templo era lindo.

Os homens fizeram Cleofas montar no burrico e disseram para tia Maria montar no outro. Ambos seguravam bebês nos braços. Cleofas falava baixinho.

E assim foi avançando a caravana.

Mas a mim pareceu errado deixar Jerusalém desse jeito. Pensei em Silas e no que ele havia dito. E realmente não parecia certo ir embora assim. Parecia errado escapar correndo na hora em que o Templo precisava de cuidados. Mas havia centenas de sacerdotes, padres que sabiam como purificar o Templo, e muitos moravam em Jerusalém, de modo que não podiam fugir. E esses ficariam — eles e o sumo sacerdote — e purificariam o Templo como devia ser purificado.

E eles saberiam o que fazer com o nosso homem morto. Iam cuidar para que ele fosse lavado, enrolado e enterrado como devia ser. Mas procurei não pensar porque sabia que ia começar a chorar de novo.

As montanhas se fecharam em torno de nós. Nossas vozes ecoavam nas encostas. As pessoas começaram a cantar, mas dessa vez cantavam salmos tristes, de lamento, dor e

aflição.

Quando passavam cavaleiros, nós nos espremiámos de um lado. As mulheres gritavam. Pequena Salomé dormia sobre o burro com Cleofas, que também dormia, ria e falava sozinho, e os dois sempre escorregavam.

Comecei a chorar. Não consegui evitar. Eram muitos cavaleiros passando por nós, muito rápidos, e não havia mais Jerusalém.

— Vamos voltar para lá no ano que vem — José disse para mim. — E no ano seguinte. Agora estamos em casa.

— E talvez não haja nenhum Arquelau no ano que vem — balbuciou Cleofas baixinho, sem abrir os olhos, mas Tiago e eu ouvimos. — O rei dos judeus! — ele zombou. — O rei dos judeus.

UM SONHO. ACORDE. EU CHORAVA. O homem caiu com a lança enfiada no peito. Ele caiu de novo, com a lança atravessada no peito. Acorde, disseram mais vozes. Havia alguma coisa molhada no meu rosto. Soluços. Abri os olhos. Onde estávamos?

— Acorde — disse minha mãe.

Eu estava rodeado de mulheres e o fogo era a única luz, mas alguma coisa lá fora iluminava o céu.

— Você está sonhando — disse minha mãe.

Ela me abraçou. Tiago passou correndo. Pequena Salomé me chamava.

— Jesus, acorde! — disse meu primo João, que nunca dissera uma só palavra até agora.

Que lugar é esse, uma caverna? Não. Era a casa dos meus parentes — era a casa em que João vivia com a mãe dele. Quando chegamos lá José me carregava.

Todas as mulheres secavam meu rosto.

— Você está sonhando.

Eu tossia de tanto chorar. Sentia muito medo, e nunca, nunca sentiria tanto medo como sentia agora. Agarrei-me à minha mãe. Apertei meu rosto contra ela.

— É o palácio real — alguém gritou. — Está pegando fogo!

Ouvi uma barulheira, som de cavalos. Ficou tudo escuro e depois a luz vermelha tremeluziu no teto.

Minha prima Isabel rezava baixinho, e um dos homens disse para as crianças se afastarem da porta.

— Apaguem os lampiões! — disse José.

E mais uma vez aquele barulho, o tropel de cavalos passando a galope e gritos lá fora.

Eu não queria ver o que eles descreviam, as crianças gritavam e choravam, as orações de Isabel ao fundo. O medo me dominou.

Até de olhos fechados eu via os clarões de luz vermelha. Minha mãe beijou minha cabeça.

Tiago disse:

— Jericó está em chamas. O palácio de Herodes está em chamas. Tudo está pegando fogo.

— Eles vão reconstruir tudo — disse José. — Já o incendiaram antes. César Augusto cuidará para que seja reconstruído. — Sua voz estava firme. Senti sua mão no meu ombro. — Não se preocupe, pequenino. Não se preocupe.

Por um minuto voltei a dormir — o Templo, o homem correndo na direção da lança. Cerrei os dentes e chorei, e minha mãe me apertou com toda a força que tinha.

— Estamos a salvo, pequeno — disse José. — Estamos em casa aqui, todos juntos e em segurança.

As mulheres que estavam ao meu lado se levantaram. Foram ver o incêndio. Pequena Salomé dava gritos de excitação, do mesmo jeito que gritava quando brincávamos. Todos corriam de um lado para outro, disputando lugares perto da porta para ver melhor.

O pequeno Simeão gritou:

— O fogo, o fogo!

Levantei a cabeça e consegui ver pela porta, atrás deles, e a simples visão do céu com aqueles clarões vermelhos me fez estremecer. Nunca tinha visto céu como aquele. Virei para o lado e vi meu tio Cleofas delineado contra a parede, com os olhos brilhando. Ele sorriu para mim.

— Mas por quê? — perguntei. — Por que estão incendiando Jericó?

— E por que não incendiariam? — perguntou Cleofas. — Deixe César Augusto ver como desprezamos o homem que enviou seus soldados para misturar o nosso sangue com o sangue dos sacrifícios! Essa notícia chegará a Roma antes de Arquelau. As chamas vão mais longe do que as palavras.

— Como se as chamas tivessem o objetivo das palavras — disse minha mãe em voz baixa e acho que ninguém escutou.

Meu primo Silas chegou correndo à casa, gritando:

— É o Simão, um dos escravos pessoais do Herodes. Ele se coroou rei e reuniu uma força imensa. Foi ele que pôs fogo no palácio!

— Você fique aqui dentro de casa! — disse meu tio Alfeu. — Onde está seu irmão?

Mas Levi estava lá e quando o vi notei que tinha uma expressão horrível. Ele estava com medo e isso aumentou o meu medo.

Todos os homens se levantaram e foram lá para fora para ver o incêndio. Olhei para todas aquelas silhuetas pretas contra o céu. Era muita gente andando para lá e para cá, como se todos estivessem dançando.

José ficou de pé.

— Yeshua, venha ver uma coisa — ele disse.

— Oh, mas por quê? — perguntou minha mãe. — Ele precisa sair?

— Venha, você pode ver o que fez um bando de salteadores e assassinos — disse José. — Pode ver como estão correndo exultantes para comemorar a morte do Velho Herodes. Pode ver o que há sob a superfície quando um rei governa através da crueldade e do terror. Venha.

— E por que deviam deixar os tiranos viver nesse luxo? — disse Cleofas. — Tiranos que matam seu próprio povo? Tiranos que constroem teatros e circos em Jerusalém, na própria Cidade Santa, lugares que nenhum bom judeu freqüentaria. E os sumos sacerdotes que ele indica, homens que quer agradar, como se o sumo sacerdote não fosse o homem que entra no Santo Sacrário, como se o sumo sacerdote não passasse de um servo bem pago.

— Meu irmão — disse minha mãe. — Eu vou enlouquecer!

Eu tremia tanto que fiquei com medo de me levantar, mas acabei conseguindo e dei a mão para José.

Ele me levou para fora da casa. A família inteira estava no topo da colina, até as mulheres, exceto minha mãe, e todos juntos com outras pessoas da aldeia que também tinham ido para lá no meio da noite.

As nuvens sobre o vale lá embaixo se agitavam com o fogo. O ar era quente e frio, as pessoas falavam alto como se estivessem num festival e as crianças corriam em círculos e dançavam, e saíam em disparada de novo para ver o incêndio. Fiquei agarrado a José.

— Ele ainda é muito pequeno — disse minha mãe.

Ela estava atrás de mim.

— Ele deve ver — disse José.

Era um incêndio enorme, crescente, e subitamente uma parede de fogo subia, com tanta fúria que parecia chegar às estrelas no céu. Virei a cabeça para o outro lado. Não podia ver aquilo. E chorei como louco. Os gritos saíam de mim como nós numa corda sendo puxada, um após o outro. Através das pálpebras fechadas eu via o bruxulear da luz do fogo. Não podia escapar. O cheiro da fumaça encheu meus pulmões. Minha mãe tentou me pegar no colo e eu não queria impedi-la, mas lutei contra ela e então José me segurou e repetiu meu nome muitas vezes.

— Nós estamos bem longe de lá! — ele disse. — Estamos seguros. Ouça o que estou dizendo!

Não consegui parar até ele me apertar contra o peito e impedir que eu me revirasse ou me contorcesse.

Ele caminhou depressa comigo no colo de volta para a casa.

Eu não conseguia parar de gritar. Meu peito doía com os gritos. Meu coração doía com os gritos.

Caímos os dois no chão e minha prima Isabel segurou meu rosto. Vi os olhos dela bem na minha frente.

— Escute o que vou dizer para você, meu filho — ela disse. — Pare de chorar. Você pensa que o anjo do Senhor teria vindo para o seu pai, José, e dito para ele trazê-lo de volta para casa, se você não estivesse a salvo aqui? Quem pode dizer quais são os propósitos do Senhor? Agora, pare de gritar e confie no Senhor. Encoste no seio da sua mãe, pronto, e pare de chorar. Deixe sua mãe segurá-lo. Você está nas mãos de Deus.

— Anjo do Senhor — eu sussurrei. — Anjo do Senhor.

— Sim — disse José —, e o anjo do Senhor estará conosco até a nossa chegada a Nazaré.

Minha mãe me pegou no colo.

— Nós estamos passando por isso — ela disse, com a voz baixa e doce no meu ouvido. — Estamos passando por isso e estaremos logo em casa, na nossa casa. Vamos comer os figos da nossa árvore e as uvas do nosso jardim. Vamos assar o pão de todo dia no nosso forno — ela disse para mim quando sentamos ao lado de Cleofas outra vez.

Solucei com o rosto encostado no pescoço dela. Ela acariciou minhas costas.

— Isso mesmo — disse Cleofas, bem perto de mim.

Segurei o pescoço da minha mãe. Procurei respirar cada vez mais fundo.

— Nós ficaremos em Nazaré — disse Cleofas —, e ninguém, eu prometo, meu pequenino, ninguém jamais procurará você lá.

Fiquei zozno, muito sonolento de repente. Mas o que Cleofas quis dizer, que ninguém ia me procurar? Quem estava me procurando? Eu não queria dormir. Queria perguntar para ele o que quis dizer com essas palavras, procurar por mim, quem estava procurando por mim? O que todas aquelas histórias estranhas queriam dizer? O que significava o que minha mãe tinha dito sobre o anjo que apareceu para ela? Em todo aquele sofrimento e dor, eu tinha esquecido o que ela havia dito lá no telhado em Jerusalém, as estranhas palavras que ela falou. E Isabel tinha acabado de dizer que um anjo aparecera para José. José não disse que um anjo apareceu para ele.

Por um momento pareceu, quando eu mergulhava mais e mais fundo num doce descanso, que tudo tinha ligação. Eu devia concluir alguma coisa daquilo. Sim! Anjos. Um anjo apareceu antes e um anjo apareceu de novo, e havia um anjo ali. Eu sabia disso, não sabia? Não. Mas então me senti apenas sonolento e muito seguro.

Minha mãe cantava para mim em hebraico e Cleofas cantava com ela. Ele estava melhor agora, muito melhor, embora ainda tossisse. Mas minha tia não se sentia bem, só que ninguém se preocupava com ela.

E amanhã íamos embora daquele lugar horrível. Deixaríamos meus primos ali, o estranho e solene menino João, que falava tão pouco e olhava tanto para mim, e a nossa

querida Isabel, mãe dele, e iríamos nos refugiar em Nazaré.

LOGO DEPOIS DO AMANHECER, homens a cavalo chegaram para uma investida violenta na aldeia.

Abandonamos o pequeno círculo que acabávamos de formar para ouvir a nossa prima Isabel e nos amontoamos no quarto dos fundos da casa.

Cleofas não tinha saído dali, já que tossiu muito a noite inteira e agora estava com febre outra vez. Estava deitado e sorrindo como sempre, os olhos molhados e fixos no teto baixo da casa.

Ouvimos gritos e o balido dos cordeiros e chamados de pássaros.

— Eles estão roubando tudo — disse minha prima Maria Alexandra.

As outras mulheres disseram para ela se calar e o marido, Zebedeu, deu um tapinha carinhoso no braço dela.

Silas ensaiou uma vez levantar-se para ir até a cortina, mas seu pai ordenou que fosse para o canto mais distante com um gesto firme.

Até os pequenos que ficavam excitados com tudo estavam quietos.

Tia Ester, mulher de Simão, segurava o bebê Ester nos braços e, toda vez que a menina começava a chorar, dava-lhe de mamar.

Agora eu não tinha medo e não sabia por quê. Fiquei com as mulheres e as outras crianças, menos Tiago, que foi para perto do pai dele. Tiago realmente não era mais criança, pensei, olhando para ele. Se tivéssemos ficado em Jerusalém, se não houvesse a rebelião, Tiago teria ido para o Santuário dos Filhos de Israel com Silas e Levi e com todos os homens.

Mas essas minhas divagações foram interrompidas pelo medo súbito que tomou conta de todos e pela sensação dos dedos da minha mãe apertando meu braço.

Havia estranhos na sala da frente. A pequena Salomé colou em mim e eu a abracei com força, como minha mãe me abraçava.

Então arrancaram a cortina da porta. Fiquei cego e pisquei, fiz um esforço para enxergar. Minha mãe me segurou com muita força. Ninguém disse nada nem se mexeu.

Eu sabia que tínhamos de ficar em silêncio e não fazer nada. Todos sabiam disso, até os menorezinhos sabiam. Os bebês choraram mas bem baixinho, e não tiveram nada a ver com aqueles homens que arrancaram fora a cortina.

Eram três ou quatro, silhuetas escuras contra a luz do sol, figuras grandes e brutalizadas, com trapos amarrados nas pernas sob as tiras das sandálias. Um usava peles de animal e outro um elmo brilhante. A luz caía sobre suas espadas e adagas. Tinham trapos em volta dos pulsos.

— Bom, olhem só — disse o homem com o elmo, falando em grego. — O que temos aqui? Metade da aldeia.

— Vámos lá, passem tudo! — disse outro, forçando a entrada para cima de nós e também em grego. A voz dele era horrível. — Estou falando sério, todos os denários que tiverem, todos vocês, agora. Ouro e prata também. Vocês, mulheres, suas pulseiras, podem tirar. Abrimos vocês ao meio para pegar o que engoliram, se não nos derem tudo que têm!

Ninguém se mexeu. As mulheres não fizeram nada. Pequena Salomé começou a chorar. Eu a apertei tanto que devo tê-la machucado. Mas ninguém respondeu àqueles homens.

— Estamos lutando para libertar a nossa terra — disse um dos homens. Ainda em grego. — Seus tolos e burros, não sabem o que está acontecendo em Israel?

Ele se aproximou de nós e nos ameaçou com sua adaga, olhando feio para Alfeu, depois para Simão e para José. Mas os homens não disseram nada.

Ninguém se moveu. Ninguém falou.

— Vocês me ouviram? Eu corto suas gargantas, uma por uma, começando pelas crianças! — disse o homem, recuando um passo.

Um dos outros chutou nossas trouxas bem amarradas, outro levantou um cobertor e deixou cair de novo. José falou bem baixo, em hebraico.

— Eu não entendo vocês. O que querem que nós façamos? Somos um povo de paz. Não entendo vocês.

Suavemente, Alfeu disse em hebraico:

— Por favor, não façam mal aos nossos filhos e mulheres inocentes. Não deixem que digam que vocês derramaram sangue inocente.

Agora foi a vez de os homens ficarem imóveis como pedras e finalmente um deles desistiu.

— Ah, seus camponeses burros e inúteis — ele disse em grego. — Escória miserável e ignorante.

— Eles nunca viram dinheiro na vida deles — disse o outro. — Não há nada neste lugar além de roupas velhas e bebês fedorentos. São uns pobres desgraçados. Comam sua sujeira em paz.

— É, chafurdem enquanto lutamos pela sua liberdade — disse outro. Eles deram meia-volta e saíram com passos pesados, chutando cestos e mantas das nossas camas no caminho.

Nós esperamos. Senti as mãos da minha mãe nos meus ombros. Podia ver Tiago, e ele se parecia tanto com José que achei incrível nunca ter reparado nisso antes.

Finalmente os gritos e o barulho acabaram.

José falou.

— Lembrem-se disso — ele disse.

Olhou para Tiago, para mim e para o pequeno Josué, depois para os meus primos que o fitavam fixamente e para João que estava ao lado da mãe dele.

— Não se esqueçam. Nunca levantem a mão para se defenderem ou atacar. Sejam pacientes. Se tiverem de dizer alguma coisa, que seja simples.

Meneamos a cabeça. Sabíamos o que tinha acontecido. Todos nós sabíamos. Pequena Salomé fungava. E de repente, minha tia Maria, que se sentia tão mal, começou a chorar, virou-se e sentou ao lado de Cleofas, que ainda olhava para o teto como antes. Parecia que ele já estava morto. Mas não estava.

E então nós, crianças, corremos para as portas da pequena casa. O povo da aldeia estava todo indo para a rua. Furiosos com os ladrões. Mulheres perseguiam pássaros voando baixo e vi o corpo de um homem estirado bem no meio daquela confusão toda, ele olhava fixo para o céu igual a Cleofas, mas tinha sangue escorrendo da boca. Era

como o nosso homem morto no Templo.

Não havia alma nele.

As pessoas desviavam dele, e ninguém chorava por ele nem se ajoelhava ao lado dele.

Por fim chegaram dois homens com uma corda, amarraram em volta dele e embaixo dos braços e o arrastaram dali.

— Era um deles — disse Tiago. — Não olhe para ele.

— Mas quem o matou? — perguntei. — E o que vão fazer com ele?

À luz do dia aquilo não era tão assustador como tinha sido à noite. Mas eu sabia, naquele momento mesmo, que a escuridão da noite viria. E seria muito assustador de novo. Eu sabia que o medo estava à espreita. O medo era algo novo. O medo era terrível. Não sentia, mas me lembrava dele e sabia que ele ia voltar. Nunca mais ia embora.

— Vão enterrá-lo — disse Tiago. — O corpo dele não pode ficar sem enterro. É uma ofensa ao Senhor no céu. Eles vão levá-lo para uma caverna ou vão enterrar. Não importa.

Disseram para irmos para dentro.

Tinham esvaziado a sala, varrido o chão e depois o cobriram com lindos tapetes, cheios de flores tecidas com a lã. Disseram para nos sentar, ficar quietos e prestar atenção, porque Isabel queria conversar conosco antes da viagem.

Lembro agora que estávamos reunidos para isso antes, mas os tapetes ainda não tinham sido desenrolados quando os primeiros cavaleiros chegaram.

Agora, como se nada tivesse acontecido, como se ninguém tivesse morrido na rua, continuamos.

Formamos um grande círculo compacto e numeroso. Os bebês ficaram suficientemente calmos para todos poderem ouvir o que Isabel dizia. Eu sentei na frente de José, de pernas cruzadas como as dele e pequena Salomé ficou bem ao meu lado, encostada na mãe dela. Cleofas ainda estava no outro quarto.

— Serei rápida — disse Isabel.

Quando acordei aquela manhã ela estava falando de avôs e avós, quem tinha se casado com quem e ido para qual aldeia. Eu não conseguia me lembrar de todos aqueles nomes. Tanto as mulheres como os homens repetiam o que ela dizia, para poder lembrar.

Agora, antes de começar ela balançou a cabeça e levantou as mãos. Vi seus cabelos brancos por baixo do véu, entremeados no cabelo mais escuro.

— O que eu tenho de dizer para vocês é isto, o que nunca escrevi numa carta para vocês. Quando eu morrer, que será logo, e não, não digam que não vou morrer. Eu sei que vou. Conheço os sinais. Quando eu morrer, João irá viver com os nossos parentes entre os essênios.

No mesmo instante todos ficaram inquietos e gritaram. Até Cleofas apareceu na porta, todo encolhido, com a mão no peito.

— Não, por que motivo você tomou essa decisão? — ele disse. — Enviar essa criança para ficar com gente que nem frequenta o Templo! E João, filho de um sacerdote! E você ficou sua vida inteira casada com um sacerdote, e Zacarias, filho de um sacerdote, e antes dele?

Cleofas foi mancando, segurando a barriga, até chegar ao círculo, então caiu de joelhos. Minha mãe já estava lá para ajudá-lo, para soltar seu manto e endireitá-lo sobre ele. E Cleofas continuou:

— E você mandaria João, cuja mãe é da Casa de Davi, e cujo pai é da Casa de Aarão, ir viver com os essênios? Os essênios? Esse povo que pensa que sabe mais e melhor do que todo o resto de nós o que é bom e o que é ruim, e quem é justo e o que o Senhor exige?

— E quem você pensa que são os essênios? — disse Isabel em voz baixa. Ela era paciente mas queria que a compreendessem. — Eles não são Filhos de Abraão? Não são da Casa de Davi e da Casa de Aarão, e de todas as Tribos de Israel? Eles não são pios? Não são cumpridores da Lei? Estou dizendo que eles vão levá-lo para o deserto, vão educá-lo e cuidar dele. E ele, o próprio menino, quer isso, e tem razão.

Meu primo João olhava para mim. Por quê? Por que não olhava para a mãe dele como todo mundo, quando não olhavam para ele? A expressão dele não dizia muita coisa. Ele olhava fixo para mim e eu só vi calma nele. Ele não parecia um menino

pequeno. Parecia um homem pequeno. Estava sentado de frente para a mãe e usava uma túnica branca e lisa de uma lã muito melhor do que a minha, ou de qualquer um de nós, e por cima dessa túnica um manto do mesmo tecido de qualidade. E essas coisas eu tinha visto antes, mas não tinha pensado sobre elas e agora, reparando de novo, senti uma grande curiosidade por ele, mas Cleofas estava falando e eu precisava ouvir o que dizia.

— Os essênios — disse Cleofas. — Será que ninguém aqui vai defender esse menino antes que se torne filho de homens que não se apresentam diante do Senhor nas datas marcadas? Será que sou o único homem aqui que tem voz? Isabel, sobre as cabeças dos nossos avós, eu juro que isso não pode...

— Irmão, acalme-se — disse Isabel. — Guarde a sua paixão para seus próprios filhos! Este filho é meu, entregue a mim pelo Senhor na minha velhice, contrariando todas as probabilidades! Você não está falando com uma mulher quando fala comigo. Você fala com Sara de antigamente, com Ana de antigamente. Você fala com uma escolhida por um motivo. Não devo dar a esse filho o que penso que o Senhor quer?

— José, não deixe isso passar — disse Cleofas.

— Você está mais próximo do menino — disse José. — Se deve falar contra a mãe dele, então fale.

— Não falo contra você — disse Cleofas.

Então teve um acesso de tosse e muita dor. Minha tia Maria ficou preocupada, e minha mãe também. Cleofas ergueu a mão, pedindo paciência. Mas não conseguiu aplacar o acesso de tosse. Depois de um tempo ele disse:

— Você fala de Sara, mulher de Abraão — ele disse —, e fala de Ana, mãe de Samuel, mas algum desses homens deixou de fazer o que o Senhor comandou? E você fala de mandar seu menino viver com aqueles que dão as costas para o Templo do Senhor?

— Irmão, sua memória é fraca — disse Isabel. — Quem foi que sua irmã Maria procurou, quando soube que tinha sido escolhida para gerar essa criança Yeshua? Ela veio a mim, e por quê? Agora, antes que alguma outra calamidade se abata sobre esta aldeia, eu imploro que prestem atenção na decisão que tomei, pedi para ouvirem, não para discutir comigo. Não estou apresentando isso aqui para o seu julgamento, entendam. Estou dizendo que o menino vai viver com os essênios.

Eu nunca tinha ouvido uma mulher falar com tanta autoridade assim. Era verdade que havia mulheres veneráveis na rua dos Carpinteiros em Alexandria, mulheres que faziam as crianças calar batendo palmas uma vez e mulheres que faziam perguntas na sinagoga, e o Mestre tinha de recorrer aos pergaminhos para responder. Mas aquilo era mais forte e mais claro do que qualquer coisa que eu ouvi na vida.

Cleofas ficou em silêncio.

Isabel abaixou mais a voz e prosseguiu.

— Temos parentes com eles, netos de Matadas e Naomi, que foram há muito tempo para o deserto viver com eles, e falei com eles, e vão aceitá-lo, mesmo agora. É o modo deles, pegar as crianças e criá-las com rigidez, obedecendo às suas regras de pureza e jejum na comunidade fechada, e todas essas coisas são naturais para o meu filho. E ele vai estudar com eles. Aprenderá os profetas. Aprenderá a palavra do Senhor. O deserto é onde ele quer estar, e quando eu for chamada pelos meus ancestrais ele irá para lá até se tornar homem e decidir por conta própria o que fará. Já tratei tudo com os essênios e eles só esperam um aviso meu, ou que ele vá ter com os que vivem do outro lado do Jordão, e o levarão para bem longe daqui, para o lugar onde será criado afastado das coisas dos homens.

— Por que vocês não podem vir conosco para Nazaré? — perguntou José. — São bem-vindos. Seu irmão certamente dirá isso, pois é para a casa dos pais dele que estamos indo, todos nós...

— Não — disse Isabel. — Eu ficarei aqui. Serei enterrada com o meu marido, Zacarias. E vou explicar por que esta criança precisa ir.

— Bem, conte o motivo — disse Cleofas. — E você sabe que quero que venha para Nazaré. Certamente o certo é que João e Yeshua sejam criados juntos.

Ele começou a tossir outra vez e tentou esconder. Mas eu sabia que se não fosse a tosse, teria dito muito mais.

— Isto é o que eu teria escrito numa carta para vocês — disse Isabel. — Por favor, prestem atenção, porque vou dizer apenas uma vez.

As mães fizeram os bebês silenciarem. Cleofas pigarreou.

— Então diga logo, ande — ele disse —, senão posso morrer sem ficar sabendo.

— Vocês sabem que depois que partiram para o Egito, você, Maria e José e o pequenino, Herodes ficou muito agitado e só pensava em crueldades.

— Sim — disse Cleofas. — Vamos logo com isso. — Ele começou a tossir de novo.

— E vocês sabem que João nasceu de mim e de Zacarias quando nós dois já tínhamos idade avançada demais, como foi com Sara e Abraão quando Isaac nasceu.

Ela parou de falar, olhou para cada um de nós, os pequenos, que estávamos no círculo de dentro, e meneamos a cabeça indicando que tínhamos entendido.

— Vocês conhecem a oração de Ana pedindo um filho, não conhecem, crianças, quando ela se pôs diante do Senhor na oração de Shiloh, e quem foi que pensou que ela estava bêbada, podem me dizer, algum de vocês sabe?

— Elias, o sacerdote — Silas disse logo. — E ela disse para ele que estava rezando e por que estava rezando, e ele rezou por ela também.

— Sim — disse Isabel —, e eu também rezei muito, mas o que vocês talvez não saibam, todos vocês mais jovens, é que o nascimento do meu filho foi anunciado.

Eu não sabia. E pude ver que os outros também não sabiam. Quanto ao João, ele nem se moveu, ficou observando sua mãe, mas parecia que nada o perturbava e que estava mergulhado profundamente em seus pensamentos.

— Bom, a explicação para isso deixo para seus pais, porque há motivos para não falar disso, e só vou dizer que era sabido que o filho chegaria para nós no fim da nossa vida pela vontade do Céu, e quando ele nasceu eu o consagrei ao Senhor. Vocês podem ver que nenhuma navalha jamais tocou a cabeça dele e que ele não consome nada que venha da uva. Ele pertence ao Senhor.

— O Senhor dos essênios? — perguntou Cleofas.

— Deixe que ela fale — disse minha mãe. — Você esqueceu tudo que sabe?

Ele se calou.

Isabel continuou.

Mais uma vez ela olhou para cada um e para todos. E ninguém disse nada, todos nós ficamos esperando para ver o que tudo aquilo queria dizer.

— Nós somos da Casa de Davi — disse Isabel. — E você sabe que Herodes sempre odiou todos nós e qualquer um de nós com o mais leve traço de sangue real, que ele queimou todos os registros do Templo e o povo sofreu a perda dos arquivos onde os nomes de todos os ancestrais estavam escritos para sempre.

“E você sabe o que aconteceu antes de vocês irem para o Egito, sabe o que fez minha amada prima Maria e seu filho recém-nascido ir para o Egito com José e com você, Cleofas. Você sabe muito bem.”

Eu não tive coragem de fazer a pergunta que estava na ponta da língua. Eu não sabia por que tínhamos ido para o Egito! Mas ela continuou.

— O rei Herodes tinha seus espiões por toda parte — ela disse, e sua voz foi ficando mais rouca e mais profunda.

— Nós sabemos disso — minha mãe disse suavemente.

Ela ergueu a mão só um pouco, sua prima Isabel a segurou e elas olharam uma para a outra concordando, seus véus quase encostando, como se trocassem um segredo sem palavras.

Então Isabel disse:

— Agora, os homens de Herodes, seus soldados, violentos como aqueles homens que vieram à nossa aldeia, nessa casa mesmo, pensando que iam nos assaltar em suas guerras medíocres, soldados como esses foram ao Templo à procura do meu Zacarias para saber do filho dele, do filho da Casa de Davi. Queriam ver esse filho.

— Nós não soubemos disso — sussurrou José.

— Eu disse que não escreveria isso numa carta — disse Isabel. — Tinha de esperar até vocês virem aqui. O que estava feito não podia ser desfeito. Então eles o encurralaram no Templo, esses soldados, quando ele saiu do santuário onde havia cumprido seu dever de sacerdote na época. E pensam que ele contou para eles onde encontrar seu filho? Ele já havia me escondido com o bebê. Tínhamos ido para as cavernas perto dos essênios, e eles levavam comida para nós. E ele não contou para esses soldados onde estávamos.

“Eles o empurraram, derrubaram-no de joelhos, e isso bem diante do santuário, e os outros sacerdotes não fizeram nada para impedi-los. E você pensa que sequer

tentaram? Acha que os escribas correram para defendê-lo? Que os sacerdotes foram protestar?”

Agora os olhos de minha prima Isabel estavam fixos em mim. Lentamente ela olhou para José e Maria, depois novamente para cada um que ouvia sua história.

— Eles espancaram Zacarias. Bateram nele porque ele não disse nada, e com um golpe certo na cabeça eles o mataram. Bem ali, diante do Senhor.

Esperamos em silêncio Isabel continuar.

— Muita gente viu o que aconteceu. Mas ninguém sabia por quê. Alguns sacerdotes sabiam. E mandaram me avisar. Nossos parentes souberam, avisaram outros parentes e alguns foram até os essênios e contaram. E assim eu fiquei sabendo.

Todos nós ficamos atônitos com essa notícia terrível. Minha mãe inclinou o corpo para frente e apoiou a cabeça no ombro de Isabel, e Isabel a segurou. Mas então Isabel se endireitou, minha mãe também, e Isabel continuou a falar.

— Os parentes de Zacarias, todos eles sacerdotes, cuidaram para que fosse enterrado com seus ancestrais — ela disse. — E pensam que desde esse dia eu voltei ao Templo? Só quando vocês vieram para Jerusalém. Só depois que o tirano morreu, depois que ele foi para o fogo eterno. Só depois que esqueceram as histórias de João e Yeshua, e o que encontramos quando fomos ao encontro do Senhor?

Ninguém teve coragem de responder.

— Ele vai viver com os essênios e muito em breve. Lá ficará escondido. Agora vocês têm minha licença para ir para Nazaré sem demora, antes que mais salteadores apareçam aqui. Não tenho nada para eles. Estou velha e João é pequeno, vão nos deixar em paz. Mas não os verei novamente. Não. E certamente João nasceu para seguir a voz do Senhor. Foi consagrado a Deus e os essênios sabem que ele está sob juramento. Vão cuidar para que ele estude até chegar a sua hora. Agora vocês precisam ir.

OS SOLDADOS DE HERODES, os salteadores, o homem assassinado no Templo, meu primo assassinado no Templo, um sacerdote morto por não revelar o paradeiro de um filho, e o meu primo era esse filho.

Yesbna e João. Por que ele foi anunciado, e por que estávamos ligados um ao outro, e por trás de tudo a grande pergunta: o que tinha acontecido em Belém? O que tinha acontecido e se foi isso que fez com que a minha família tivesse de ir para o Egito, onde vivi a vida inteira?

Mas no momento eu não conseguia pensar, só em ondas de curiosidade e de medo. O medo passou a fazer parte do meu raciocínio. O medo passou a fazer parte da história. Meu primo Zacarias, um sacerdote de cabelo grisalho, sendo chutado pelos soldados de Herodes. E cá estávamos nós na aldeia cheia de vozes furiosas daqueles que tinham sido roubados pelos salteadores, e esperavam mais ataques.

Encontramos nossos animais ainda amarrados na periferia da aldeia. Uma senhora sem dentes estava lá, rindo.

— Eles tentaram roubá-los! — ela gritou. — Mas os animais não se moviam. — Ela abaixou a cabeça e bateu com as mãos nos joelhos enquanto ria. — Eles não conseguiram fazer os animais sair do lugar.

E um homem idoso sentado no chão perto de uma casa pequena também ria.

— Eles roubaram minha manta — ele gritou. — Eu disse para eles: “Pode pegar, irmão, leve!” — Ele fez um gesto com a mão e não parava de rir.

Amarramos nossas trouxas rapidamente nos burros, pusemos Cleofas bem firme no lugar, tia Maria também e então minha mãe abraçou Isabel e as duas choraram.

O pequeno João ficou lá olhando para mim.

— Nós vamos dar a volta em Jericó e seguir pelo vale até em casa — José disse para todos.

Quando minha mãe finalmente veio, nós partimos. Pequena Salomé e eu fomos na frente com Tiago e alguns primos vieram logo depois.

Cleofas começou a cantar.

— Mas quem são os essênios? — perguntou a pequena Salomé para mim.

— Eu não sei — eu disse. — Ouvi o que você ouviu. Como poderia saber?

Tiago explicou:

— Eles não seguem os sacerdotes do Templo. Acreditam que é deles o verdadeiro sacerdócio. São os descendentes de Zadock. Estão esperando até poderem purificar o Templo. Vestem branco e rezam juntos. Vivem separados de todo o mundo.

— Eles são bons ou maus? — perguntou pequena Salomé.

— São bons para os do nosso povo — disse Tiago. — Mas como podemos saber? Há os fariseus, há os sacerdotes, há os essênios. Todos nós oramos: “Ouví, ó Israel, o Senhor nosso Deus é Único.”

Murmuramos a oração com ele em hebraico também. Rezávamos assim todas as manhãs, ao acordar e à noite. Eu nem chegava a pensar nas palavras. Quando dissemos a frase tudo parou e oramos de coração mesmo, sinceramente.

Eu não queria dizer nada sobre as coisas que me perturbavam. Tive uma impressão ruim, de que Tiago sabia de tudo, mas não queria falar nada na presença da pequena Salomé. Meus sentimentos foram ficando cada vez mais soturnos e o medo estava lá, muito perto.

Achei que estávamos avançando depressa, só descendo as montanhas, e o vale se exibia lindo à luz do sol, com palmeiras por toda parte, apesar de ainda haver fumaça saindo dos lugares incendiados, e havia muitas casas de todo lado. Não era difícil perceber que as pessoas continuavam com seus afazeres habituais, como se os saqueadores nunca tivessem aparecido.

Bandos de peregrinos passavam por nós, alguns cantando, outros a cavalo, e sempre nos saudavam com alegria.

Passamos perto de aldeias onde crianças brincavam e sentimos o cheiro de comida no fogo.

— Está vendo? — disse minha mãe como se lesse meus pensamentos. — Será sempre assim até Nazaré. Esses ladrões, eles vão e vêm, mas nós somos quem somos.

Ela sorriu para mim e tive a sensação de que nunca mais sentiria medo.

— Eles realmente lutam pela libertação da Terra Santa? — perguntou a pequena Salomé.

Ela queria agora uma resposta dos homens, já que parecíamos de certa forma unidos.

Cleofas riu da pergunta. Ele passou a mão na cabeça dela.

— Filhinha, se os homens querem lutar, sempre encontram um motivo — ele disse. — Os homens têm lutado pela libertação da Terra Santa atacando as aldeias sempre que têm vontade há centenas de anos.

José simplesmente balançou a cabeça.

Alfeu estendeu os braços e puxou a pequena Salomé para perto dele.

— Você não se preocupe — ele disse. — Antes era Ciro, o rei, que nos vigiava, agora é Augusto César. Para nós tanto faz, porque o Senhor no Céu é o único rei que conhecemos em nossos corações, e o homem que pensa que é rei aqui na Terra não importa para nós.

— Mas Davi era rei de Israel — eu disse. — Davi era rei, e Salomão depois dele. E o rei Josias foi um grande rei de Israel. Sabemos disso desde sempre. E nós somos a Casa de Davi, e o Senhor disse para Davi: “Vocês reinarão em Israel para sempre.” Não é verdade?

— Para sempre... — disse Alfeu. — Mas quem pode julgar as obras do Senhor? O Senhor manterá a promessa que fez a Davi a Seu modo.

Ele desviou o olhar quando disse isso. Agora já estávamos no vale. A multidão que descia as montanhas era enorme. Seguíamos rápido, juntos.

— Para sempre... o que é para sempre na mente do Senhor? — Alfeu disse. — Mil anos são apenas um momento para o Senhor.

— Virá um rei? — perguntei.

José virou de lado e olhou para mim.

— O Senhor cumpre suas promessas a Israel — disse Alfeu —, mas como, quando e de que modo, não sabemos.

— Os anjos só aparecem em Israel? — perguntou a pequena Salomé.

— Não — disse José. — Eles aparecem em qualquer parte, em todos os lugares e sempre que querem.

— Por que tivemos de sair do Egito? — perguntou a pequena Salomé. — Por que os homens do rei Herodes...

— Não é hora de contar isso para você — disse José.

Minha mãe falou.

— Esse momento chegará, então contaremos tudo para você lentamente, de modo que você entenda. Mas agora não é hora.

Eu sabia que eles iam dizer isso, ou palavras semelhantes. Mas a chance apareceu e fiquei contente de a pequena Salomé ter perguntado. Eu não sabia onde meus primos mais velhos, Silas e Justo, tinham ido, e os outros também, e o que pensavam do que Isabel tinha dito. Talvez aqueles meninos mais velhos soubessem mais coisas, certamente deviam saber de mais coisas. Silas talvez soubesse.

Fui ficando para trás bem devagar, no grupo da família, até chegar perto do meu tio Cleofas montado no burro.

Cleofas tinha escutado a nossa conversa, eu tinha certeza disso. Alguém me fez prometer que não faria perguntas para ele? Acho que não.

— Rezo para viver e poder contar coisas para você — disse Cleofas.

Mas assim que ele pronunciou essas palavras, José recuou, ficou ao lado dele, passou a andar conosco e foi logo dizendo:

— Rezo para que você viva para me deixar dizer o que eu quiser para o meu filho. — Ele foi gentil mas firme. — Chega de perguntas. Chega dessa conversa sobre as coisas ruins de tempos atrás. Estamos fora de Jerusalém. Estamos longe dos problemas. O dia está bem claro e podemos ir longe antes de ter de montar nosso acampamento.

— Eu queria entrar em Jericó! — gritou a pequena Salomé. — Não podemos entrar só um pouco em Jericó? Eu quero ver o palácio de Herodes que eles incendiaram.

— Nós queremos ver Jericó! — exclamou o pequeno Simeão.

Subitamente todas as crianças em volta de nós formaram um coro, até os filhos de

novos peregrinos que estavam conosco, e comecei a rir do jeito que José sorria.

— Você prestem atenção — disse José. — Nós vamos tomar banho esta noite no rio Jordão! O rio Jordão! Vamos lavar nosso corpo e nossas roupas nele pela primeira vez! E depois vamos dormir ao relento no vale, sob as estrelas!

— O rio Jordão! — todos gritaram, muito animados.

José contava a história do leproso que procurou o profeta Elias que disse para ele se banhar no rio Jordão, que seria purificado. E Cleofas contou uma história de como Joshua atravessou o Jordão, e então Alfeu contou para Tiago outra história e eu fui passando de uma história para outra à medida que íamos caminhando.

Zebedeu e seu povo nos alcançou, não os víamos desde que saímos da casa de Isabel e ele também tinha uma história sobre o rio Jordão para contar, e a mulher de Zebedeu, Maria, que era prima da minha mãe, Maria Alexandra, mas sempre chamada de Maria, logo começou a cantar:

— Abençoados todos que temem ao Senhor, que obedecem à Sua vontade!

A voz dela era doce e aguda. Cantamos junto com ela.

— Pois vocês comerão o fruto do trabalho de suas mãos, serão felizes e tudo ficará bem!

Éramos um clã tão numeroso que nos movíamos lentamente, com muitas paradas para o descanso e as necessidades das mulheres e para a pequena Ester ser enrolada em cueiros limpos. Minha tia Maria estava com náuseas, isso era certo, mas minha mãe disse que era bom sinal, de que havia um bebê a caminho e parei de me preocupar. E Cleofas teve de descer do burro muitas vezes para cobrir os pés, como eles dizem, o que significava encontrar um lugar discreto para se aliviar, longe da estrada.

Ele estava fraco e minha mãe ia com ele, segurando seu braço, por isso ele se zangava, mas precisava da ajuda e ela não deixava os homens fazerem isso.

— Ele é meu irmão — ela dizia, e iam só os dois.

Ele fez isso tantas vezes que teve de nos contar a história engraçada das Escrituras de quando o rei Saul guerreava contra o jovem Davi, temendo o jovem Davi porque sabia que Davi seria rei. O rei Saul foi para uma caverna cobrir os pés e seu inimigo Davi estava lá dentro, poderia matá-lo. Mas Davi o matou? Deus nos livre. Davi se

aproximou sorrateiramente de Saul na escuridão da caverna quando Saul se aliviava, um homem com a guarda baixa, e Davi cortou a borla do manto luxuoso de Saul, que nenhum outro homem usava.

E horas depois, com a esperança de fazer as pazes com o rei Saul, Davi enviou essa borla para ele, para que o rei soubesse que ele, Davi, poderia ter assassinado o rei Saul, mas será que Davi teria assassinado um rei ungido? Deus nos livre.

Nós todos gostávamos das histórias de Davi e Saul. Até Silas e Levi que costumavam se entediar com histórias chegavam mais perto para ouvir quando Cleofas contava esses casos. Cleofas falava em grego o tempo todo e estávamos acostumados, gostávamos também, só que ninguém dizia isso.

Cleofas contou-nos a maravilhosa história de quando o Senhor parou de falar com Saul e ele foi procurar a Adivinha de Endor para implorar que ela invocasse do Sheol o espírito do profeta Samuel, já falecido, para revelar o destino de Saul. Haveria uma grande batalha na manhã seguinte e Saul, que não era mais favorecido pelo Senhor, estava desesperado, e procurava uma mulher que pudesse falar com os mortos. Ora, isso era proibido por ordem do próprio Saul, assim como tudo relacionado à adivinhação. Mas essa mulher foi encontrada.

E com seu poder ela invocou da Terra o espírito do Profeta que perguntou:

— Por que perturbaram o meu descanso?

E depois ele previu que os inimigos de Saul iam derrotar Israel e que Saul e seus filhos iam todos morrer.

— E o que aconteceu então? — perguntou Cleofas, olhando em volta, para cada um de nós.

— Ela fez com que ele se sentasse e fizesse uma refeição para ganhar força — disse Silas.

— E é isso que gostaríamos de fazer agora mesmo.

Todos riram.

— Vou dizer uma coisa, não comeremos nem beberemos nada até chegar ao rio — gritou Cleofas.

E assim fomos em frente.

E finalmente chegamos ao rio.

Além do capim alto ele estava vermelho com a luz do sol que tinha quase sumido no horizonte.

Muitas pessoas se banhavam no rio. E muitas mais chegavam às suas margens de todos os lados, outras tinham montado seus acampamentos por perto. Podíamos ouvir a cantoria vinda de toda parte e canções se misturavam a outras canções.

Corremos para a água, que chegou até os nossos joelhos. Lavamos nosso corpo e nossas roupas. Cantamos e gritamos. O ar frio não nos incomodou e logo estávamos aquecidos e a água parecia morna.

Cleofas desceu do dorso do animal e caminhou até o rio. Levantou as mãos. Cantou bem alto para todos poderem ouvir.

— Louvado seja o Senhor, louvado seja o Senhor, minha alma, cante! Louvarei ao Senhor enquanto viver; cantarei em louvor ao meu Deus enquanto existir vida em mim; não deposite confiança em príncipes, nem nos outros de quem não venha auxílio; a vida dos seus homens se esvai, eles retornam à terra; e neste dia seus pensamentos se vão, se vão!

Todos começaram a cantar com ele.

— Feliz é aquele que tem o auxílio do Senhor de Jacó!

O rio inteiro era só cantoria e os que estavam nas margens também acompanharam cantando.

Eu nunca tinha visto meu tio como estava agora, olhando para cima, para o céu vermelho, com os braços levantados, a expressão tão concentrada nas orações. Toda a esperteza dele tinha desaparecido. Ele não se importava com as pessoas ali. Cantava e cantava sem olhar para ninguém. Olhava para o céu, eu também olhei e o céu estava escurecendo, com riscos vermelhos do pôr-do-sol e as primeiras estrelas brilhantes.

Eu me movi dentro da água enquanto cantava, quando cheguei perto dele passei o braço nas suas costas e senti que ele tremia por baixo do manto mergulhado na água.

Ele nem se deu conta de que eu estava ali.

Fique comigo. Senhor, Pai do Céu, deixe que ele fique conosco. Pai do Céu, estou pedindo! Será que é pedir demais? Se eu não puder ter respostas para as minhas perguntas, deixe-me ter este homem mais algum tempo, conforme a Sua vontade.

Eu estava fraco. Precisei me segurar nele, senão teria caído. Alguma coisa aconteceu. Aconteceu rápida e lentamente. Não havia mais rio, não havia mais céu escuro e não havia mais cantoria, mas à minha volta havia outros e eram tantos que ninguém seria capaz de contá-los; eram mais numerosos do que os grãos de areia no deserto ou no mar. *Por favor, por favor, comigo, por favor, mas se ele tiver de morrer, assim seja...* Estendi os dois braços para cima. Eu soube, apenas em um segundo, um minúsculo segundo, a resposta para tudo, não me preocupei com mais nada, mas esse segundo desapareceu e todos esses outros incontáveis se afastaram de mim subindo para o céu, para longe, onde eu não podia mais vê-los nem sentir sua presença.

Escuridão. Imobilidade. Pessoas rindo e conversando, como costumam fazer tarde da noite.

Abri os olhos. Alguma coisa escapou de mim, como a onda quebrando numa praia, voltando para o mar num repuxo tão grande e tão forte que ninguém é capaz de impedir. Desapareceu, o que quer que fosse. Desapareceu.

Eu senti medo. Mas estava seco e agasalhado e era macio onde eu estava, macio, protegido e escuro. As estrelas salpicavam todo o céu. Ainda havia pessoas cantando e luzes se moviam por toda parte, luzes de lampiões, velas e fogueiras perto das barracas. Eu estava coberto, quente e minha mãe me abraçava.

— O que foi que eu fiz? — perguntei.

— Você caiu no rio, estava esgotado, estava rezando e muito cansado. Havia muita gente, você rezava e gritou para o Senhor. Você está aqui agora e trate de dormir. Eu o trouxe para cá. Feche os olhos e quando acordar de manhã vai se alimentar e ficará forte. Isso tudo é demasiado, você é pequeno mas não suficientemente pequeno, e é um menino grande, mas não suficientemente grande.

— Mas estamos aqui e estamos em casa — eu disse. — E alguma coisa aconteceu.

— Não — ela disse e era sincera.

Ela não entendeu. E sorriu. Pude ver à luz do fogo e senti o calor do fogo. Ela disse a verdade como sempre fazia. Olhei para o lado e vi Tiago dormindo

profundamente, ao lado dele os irmãozinhos de Zebedeu e muitos outros, tantos que eu nem sabia os nomes deles todos. O pequeno Simeão dormia encolhido ao lado do pequeno Judas. Pequeno José roncava.

Maria, mulher de Zebedeu, conversava com Maria, mulher de Cleofas, de um jeito agitado e preocupado, mas não dava para eu escutar o que dizia. Tinham ficado amigas, percebi isso, e Maria, a egípcia, mulher de Cleofas, gesticulava e fazia desenhos com as mãos. Maria de Zebedeu meneava a cabeça.

Fechei os olhos. *Os outros, a grande multidão de outros, tão doces, como o cobertor, como o vento com o cheiro do rio.* Eles estavam aqui? Algo se agitou em mim, um conhecimento tão claro como se uma voz falasse: esta não é a parte mais difícil.

Foi apenas um segundo. Depois voltei a ser eu mesmo.

Novas vozes se juntaram à cantoria aqui e ali, os que passavam por nós cantavam. Eu estava feliz de olhos fechados.

— O Senhor reinará para sempre — cantavam —, nosso Senhor, ó Sião, por todas as gerações. Louvado seja o Senhor.

Ouvi a voz da minha tia Maria de Cleofas.

— Não sei onde ele está. Está por aí, lá perto do rio cantando com eles, conversando. Num minuto estão berrando um com o outro, no seguinte cantam juntos.

— Vá cuidar dele! — sussurrou minha mãe.

— Mas agora ele está mais forte, é verdade. A febre passou. Ele voltará quando precisar deitar um pouco. Se eu for lá quando ele está com os homens, ficará zangado. Não vou. Para que iria? E inútil tentar convencê-lo de qualquer coisa. Quando precisar voltar, ele volta.

— Mas devíamos cuidar dele — disse minha mãe.

— Então você não sabe — disse minha tia Salomé para ela — que é isso que ele quer? Se ele tiver de morrer, que morra discutindo sobre reis e impostos, sobre o Templo, à beira do rio Jordão, gritando para o Senhor. Deixe que ele tenha seus momentos de força derradeira.

As duas ficaram caladas.

Falaram em voz mais baixa, sobre coisas comuns. Depois sobre as preocupações, mas eu não quis ouvir. Salteadores por toda parte, aldeias incendiadas. Arquelau tinha embarcado, indo para Roma pelo mar. Se os romanos ainda não estivessem em marcha da Síria, logo estariam. As fogueiras de sinalização não contavam o que tinha acontecido a eles? Toda a cidade de Jerusalém estava tumultuada. Eu me encostei mais na minha mãe e encolhi o corpo como se fosse um punho fechado.

— Basta — disse minha mãe. — Nada muda nunca.

Dormir. Eu me distanciei meio adormecido.

— Anjos! — eu disse em voz alta e abri os olhos. — Mas não os vi realmente.

— Você fique quieto — disse minha mãe.

Eu ri sozinho. Ela havia visto um anjo antes do meu nascimento. Um anjo havia dito para José nos trazer de volta, ouvi quando disseram isso. E eu os tinha visto também. Eu os tinha visto mas apenas por um segundo. Menos de um segundo. Vieram em grandes números, incontáveis como as estrelas tão numerosas, e eu os vi por um átimo. Não vi? Como eram eles? Deixe para lá. *Esta não é a parte mais difícil.*

Virei de lado, com a cabeça apoiada na macia almofada cilíndrica. Por que não tinha prestado mais atenção na aparência deles? Por que não fiquei olhando para eles, por que deixei que fossem embora? Porque a verdade era que sempre estiveram aqui! Nós só tínhamos de ser capazes de vê-los. Era como abrir uma porta de madeira ou uma cortina. Mas a cortina era grossa e pesada. Talvez fosse assim também com a cortina do Santo Sacrário — ela era grossa e pesada. E a cortina se fechava de repente, caindo com o próprio peso.

Minha mãe tinha visto um anjo que falara com ela, que deve ter se destacado dos incontáveis,, que foi para perto dela, falou com ela, mas qual o significado das palavras dele?

Tive vontade de chorar outra vez, mas não chorei. Estava contente e triste ao mesmo tempo. Transbordante de sentimentos, como uma xícara cheia de água. Estava tão repleto de sensações que meu corpo se encolheu embaixo das cobertas e eu apertei a mão da minha mãe.

Ela livrou os dedos da minha mão.

Ficou deitada ao meu lado. Eu quase sonhei.

E assim que se faz, pensei. Os pensamentos foram passando. E assim que se faz para ninguém saber. E nunca, jamais contar para ninguém. Nunca contar, nem mesmo para a pequena Salomé ou minha mãe. Não. Mas Pai do Céu, eu fiz aquilo, não fiz? E vou descobrir o que aconteceu em Belém. Vou descobrir tudo.

Eles voltaram, eram tantos, mas dessa vez apenas sorri e não abri os olhos. *Podem vir, não vão me fazer pular e acordar.* Não, podem vir, mesmo sendo tantos e incontáveis. Vocês vêm de um lugar em que não há números. Vocês vêm de onde não há salteadores, não há incêndios, nenhum homem morrendo com uma lança no peito. Venham, mas vocês não sabem o que eu sei, sabem? Não, não sabem.

E como é que eu sei?

QUANTO DUROU A PAZ daquela noite? Com que rapidez foi desfeita?

Na manhã seguinte o vale do rio foi invadido pelos que fugiam dos ataques. Acordamos com gritos e choro. As aldeias próximas estavam em chamas. Carregamos nossas coisas nos burros e partimos para o norte.

Primeiro seguimos direto ao longo do rio, mas logo a visão dos incêndios e o barulho dos gritos fizeram com que nos afastássemos para o oeste, onde acabamos encontrando lutas e pessoas correndo, com suas trouxas e filhos embaixo dos braços.

Ao cruzar o rio, na direção oposta, encontramos o mesmo terror. A estrada apinhada de sofrendores e gente chorando que contava histórias de bandos de salteadores e pretensos reis que os atacavam em busca de animais de criação e de ouro, que queimavam suas aldeias por nenhum motivo aparente. O medo que eu sentia cresceu e transformou-se numa coisa que estava sempre comigo, de modo que toda felicidade finalmente parecia apenas um sonho, mesmo à luz mais forte do sol.

Perdi a noção dos dias e não conseguia guardar na memória os nomes das cidades e dos lugares por onde passávamos. Fomos parados inúmeras vezes pelos próprios bandidos, que avançavam pelo meio da multidão, gritando e xingando, querendo assaltar a todos.

Nós nos juntávamos e não dizíamos nada. Antes de escurecer montamos nosso acampamento longe das casas que em geral estavam vazias ou incendiadas.

Em uma cidade nos escondemos, enquanto ateavam fogo às casas à nossa volta. A pequena Salomé começou a chorar e fui eu que a consolei, eu que tinha chorado tanto na periferia de Jericó, que agora a segurava e dizia que logo chegaríamos em casa. Silas e Levi estavam irritados porque não podiam lutar contra os homens que nos ameaçavam, e Tiago repetia os avisos sérios do pai dele para ficarmos em silêncio e não fazer nada diante da superioridade numérica deles.

Afinal, esses “desgarrados”, diziam os homens, têm espadas e adagas. Eles matavam com a maior facilidade. Tinham “sede de sangue”. Não devíamos “provocá-los” de jeito nenhum.

Às vezes viajávamos até depois de escurecer, mesmo quando os outros peregrinos

paravam e montavam acampamento e os homens discutiam, com Cleofas sempre no meio da confusão. Tia Maria disse que ele estava se divertindo muito com tantos homens novos para ouvir seus discursos.

Ele não tinha mais febre.

As pessoas não falavam mais disso.

Eu ficava perto dele para aprender o que ele dizia. E ele não parava de emitir sua opinião sobre o rei Herodes Arquelau, não importa quantas vezes José chamasse sua atenção, e Alfeu acabou desistindo também. Arquelau tinha ido para Roma por mar. Era essa a notícia. Mas outros filhos de Herodes também tinham ido embora, “aqueles que tiveram bastante sorte para sobreviver”, disse Cleofas. Pois parecia que o rei havia assassinado cinco dos próprios filhos, fora inúmeros outros homens indefesos nos trinta e poucos anos de seu reinado.

O irmão de José, Simão, estava calado também, assim como seus filhos e filhas, como sempre faziam. Não se interessavam por essas coisas. E minha mãe também não.

Quando nos separamos de Zebedeu e a prima mais querida da minha mãe, Maria Alexandra, houve muito choro porque “as três Marias” não iam mais se encontrar até o próximo festival em Jerusalém e, com as coisas do jeito que estavam, quem poderia saber se seria seguro ir para lá?

E Isabel, o que sabiam de Isabel, elas soluçavam, sozinha no mundo e o pequeno João indo para viver com os essênios. Apesar de terem se despedido dela há muito tempo e antes de Jericó, choravam por ela de novo. Choraram por pessoas que eu não conhecia, e lá foram elas em seus animais, Zebedeu e seus parentes, em direção do mar da Galiléia, para Cafarnaum. Eu queria ir para o mar da Galiléia também. Queria muito ver aquele mar.

Sentia falta do mar. Isto é, quando tinha um só pensamento sem medo, sentia falta do mar. Alexandria era uma faixa estreita de terra entre o Grande Mar e o lago. Podíamos sempre sentir o cheiro de água em Alexandria. Podíamos sempre sentir a brisa fresca. Mas agora estávamos no interior, em terreno pedregoso, com trilhas de terra batida e chuvas repentinas.

Essas eram as últimas chuvas mais fracas, disseram os homens que conheciam as estações e para eles chegavam com atraso. Em qualquer outro tempo comum teriam sido

boas. Mas agora ninguém estava pensando na colheita ou nas plantações, apenas em escapar dali, das rebeliões e dos problemas. E as chuvas faziam com que nos encolhêssemos sob nossas capas, com frio.

As chuvas provocaram um medo terrível nas mulheres por causa de Cleofas, mas Cleofas não ficou doente. Ele nunca mais tossiu.

Os que passavam por nós na estrada contavam histórias de mais distúrbios em Jerusalém. Foi dito que soldados romanos voltavam da Síria, disso ninguém tinha dúvida. Os nossos homens erguiam os braços com as mãos para o céu.

Continuamos caminhando, ainda havia muitos conosco, peregrinos retornando para cidades na Galiléia, e começamos a subir para uma região mais elevada e mais verde de que gostei muito.

Para todo lado que olhava havia florestas, ovelhas pastando nas encostas, e aqui, finalmente, vimos os lavradores trabalhando, como se não existissem guerras.

Eu queria esquecer os saltadores e os distúrbios. Então, sem mais nem menos, do alto da vertente da colina surgia um bando de cavaleiros e todos nós fugíamos correndo e gritando. Às vezes o grande número de peregrinos sem-teto era demais para eles e cavalgavam pelo campo, desviavam de nós e nos deixavam em paz. Outras vezes atormentavam os homens que lhes davam apenas respostas humildes, como se fossem burros, só que não eram.

Noite após noite apareciam homens diferentes no nosso círculo na hora do jantar, alguns galileus que iam para o norte, para outras aldeias, alguns nossos parentes distantes, que realmente não conhecíamos, e alguns refugiados dos ataques e incêndios. Os homens sentavam em volta do fogo, passavam o odre com vinho, debatiam e discutiam e gritavam uns com os outros, e pequena Salomé e eu adorávamos ficar ouvindo o que diziam.

Líderes rebeldes estavam surgindo em todos os lugares, diziam os homens. Havia Athronges, com seus irmãos, reunindo forças e investindo em ataques violentos, e muitos que se juntavam a ele. E também no norte, Judas bar Ezequias, o galileu.

E além de os romanos estarem a caminho, tinham se juntado a eles os homens da Arábia Pétreia, e os árabes queimavam aldeias porque odiavam Herodes e não havia Herodes nenhum aqui para combatê-los e restabelecer a ordem. E os romanos faziam o

que podiam.

Tudo isso nos estimulava, e a todos à nossa volta, a seguir o mais rápido possível pela Galiléia, mesmo sem saber onde poderíamos nos deparar com essas forças terríveis.

Os homens discutiam sem parar.

— Sim, todos já falaram das maldades do rei Herodes, que ele era um tirano e um monstro — disse um dos homens —, mas vejam o que acontece com esse país num piscar de olhos! Será que precisamos de um tirano para nos governar?

— Podíamos nos dar bem com o governador romano da Síria — disse Cleofas.
— Não precisamos de um rei judeu que não é judeu.

— Mas quem ficaria aqui, aqui na Judéia e Samaria e Perea e Galiléia com autoridade? — perguntou Alfeu. — Seriam os mandatários romanos?

— Melhor do que Herodes — disse Cleofas, e muitos outros disseram a mesma coisa.

— E se um prefeito romano chegar marchando sobre a Judéia com uma estátua de César Augusto como Filho de Deus?

— Mas eles não fariam isso, nunca fariam isso — disse Cleofas. — Em todas as cidades do Império somos respeitados. Cumprimos o sabá, não exigem que entremos para o exército. Eles respeitam nossas Leis ancestrais. Eu digo que são melhores do que essa família de loucos que conspiram uns contra os outros e que matam seu próprio sangue!

E a conversa não acabava mais. Eu gostava de adormecer ouvindo essa falação. Assim eu me sentia seguro.

— Eu digo isso, porque eu vi — disse meu tio Alfeu. — Quando os romanos debelam uma rebelião, matam os inocentes junto com os maus.

— Mas por que os inocentes sofrem? — perguntou Tiago, meu irmão, que agora era um deles, como se nunca tivesse sido outra coisa.

— Como os soldados vão distinguir quem é inocente ou culpado quando investem contra uma turba numa cidade ou em uma aldeia? — disse um desconhecido, um judeu da Galiléia. — Você pode ser varrido assim por eles. Estou dizendo que, quando eles

chegam, trate de sair do caminho. Eles não têm tempo para prestar atenção quando você lhes explica que não fez nada. E uma nuvem de gafanhotos depois da outra, os ladrões primeiro, depois os soldados.

— E esses homens, esses grandes guerreiros antigos — disse Cleofas —, esses novos reis de Israel que surgem saídos da escravidão à nossa volta, esses repentinos líderes ungidos, para onde levarão essa terra, senão para mais e mais sofrimento?

Minha tia Maria, a egípcia, deu um grito.

Eu abri os olhos e sentei.

Minha tia Maria levantou-se de repente do meio das mulheres e se aproximou dos homens, com as mãos trêmulas, os olhos cheios de lágrimas. Dava para ver as lágrimas à luz do fogo.

— Parem, não digam mais nada — ela berrou. — Saímos do Egito para ouvir isso? Viemos de Alexandria para atravessar o vale do Jordão com medo e apavorados por causa desses tolos, e quando tudo está quieto e estamos quase em casa, vocês assustam as crianças com toda essa berraria, todas as suas profecias? Não conhecem a vontade do Senhor, vocês não sabem de nada! Podemos chegar em casa amanhã e descobrir que Nazaré virou cinzas.

Amanhã. Nazaré. Nesta terra linda?

Duas outras mulheres seguraram tia Maria e a levaram para longe dos homens. Cleofas sacudiu os ombros. Os outros homens continuaram falando, mas em voz mais baixa.

Cleofas balançou a cabeça e bebeu seu vinho.

Eu me levantei e fui ficar perto de Tiago que olhava para o fogo como costumava fazer.

— Estaremos assim tão cedo em Nazaré mesmo? — perguntei.

— Pode ser — ele disse. — Estamos perto.

— Mas e se estiver toda incendiada? — perguntei.

— Não fique com medo — disse José baixinho. — Não vai estar. Sei que não vai. E, você, volte a dormir.

Alfeu e Cleofas olharam para ele. Alguns homens sussurravam suas orações da noite, caminhando para suas camas ao relento.

— Como vamos saber a vontade do Senhor? — disse Cleofas resmungando, olhando para o outro lado. — O Senhor quis que deixássemos a bela Alexandria por isso, o Senhor quis que nós...

Ele parou de falar porque José não prestava mais atenção.

— O que aconteceu conosco até agora? — perguntou Alfeu.

Cleofas ficou zangado e falava em voz baixa. José olhava para ele.

Cleofas não encontrava palavras.

— O que aconteceu? — perguntou Alfeu. — Agora diga-me, Cleofas. O que aconteceu?

Todos observavam Cleofas.

— Não aconteceu nada conosco — sussurrou Cleofas. — Nós escapamos.

Todos ficaram satisfeitos. Era essa a resposta que queriam.

Quando me deitei José puxou o cobertor para me cobrir. O solo embaixo de mim estava frio e sentia o cheiro da relva. Sentia também o perfume doce das árvores não muito longe. Estávamos todos espalhados na encosta da colina, alguns embaixo das árvores e outros a céu aberto como eu.

O pequeno Judas e Simeão se aconchegaram ao meu lado, sem acordar nem uma vez.

Olhei para as estrelas. Nunca vi estrelas como aquelas em Alexandria, tão claras, tantas, como uma poeira, como areia, como todas as palavras que aprendi e cantei.

Os homens tinham se afastado da fogueira. O fogo estava apagado. Assim eu podia ver melhor ainda as estrelas, eu não queria dormir realmente. Não queria dormir nunca.

Ao longe pessoas gritaram. Ouvi gritos. Era no pé da colina. Ouvia as vozes bem longe lá embaixo, virei-me e avistei as chamas fora do nosso caminho, detestei o jeito que tremiam, mas os homens não se levantaram. Ninguém se mexeu. Estava tudo escuro. Nada mudou no nosso acampamento nem nos outros que estavam acampados

perto de nós. Ouvi o barulho de cavalos lá embaixo, no pequeno vale.

Cleofas estava deitado ao meu lado.

— Nada muda — ele disse.

— Como pode dizer isso? — perguntei. — Para todo lugar que vamos está tudo mudando.

Eu queria muito que os gritos parassem. E quase pararam. Mais chamadas. Eu tinha medo das chamadas.

Um tinido de gritos chegava cada vez mais perto. Era uma mulher berrando. Pensei que ia parar, mas não parou. E com os gritos ouvi o ruído de pés correndo, fracos, depois bem alto, batendo com força no chão.

Uma voz de homem soou no escuro, gritando palavras terríveis, palavras que eu sabia que eram odiosas e más quando ele vociferava, mais alto que os gritos da mulher.

Em grego ele chamou a mulher de prostituta, disse que ia matá-la quando a agarrou, e pragas terríveis saíram dele, palavras horríveis que eu nunca tinha ouvido antes.

Nossos homens se levantaram. Eu me levantei.

De repente os passos da mulher estavam bem perto de nós, subindo a encosta. Ela arfava de cansaço e não conseguia mais gritar. O fogo ao longe não chegava para iluminar nada ainda.

Cleofas avançou correndo, José também e os outros homens, e vi mesmo no escuro que seguraram a mulher assim que ela apareceu, agitando os braços, contra o céu incandescente. Derrubaram-na no chão e a puseram atrás deles, embaixo dos cobertores. Os homens ficaram imóveis. Eu ouvia a respiração dela, tosses e soluços, e as mulheres sinalizando para ela se calar, como se fosse uma criança pequena, levando-a para longe.

Eu estava de pé e Tiago logo atrás de mim.

Contra o incêndio distante vi o homem aparecer e parar. Ele era uma forma grande e escura como as pedras em volta de nós. Estava bêbado. Senti o cheiro de vinho nele. Pude ver que balançava a cabeça.

Com voz ameaçadora ele chamou a mulher de nomes desprezíveis, nomes que eu

só conhecia de ouvir de vez em quando no mercado e nomes que eu sabia que nunca deviam ser pronunciados.

Então ele se calou.

A noite ficou quieta, exceto pela respiração dele e o ruído da terra e do cascalho amassado sob os pés dele, quando tentava se equilibrar.

A mulher soltou um grito, mais como um soluço engasgado, como se não pudesse evitar.

Com isso o homem deu uma risada e foi direto na direção do meu pai e meus tios, e eles o agarraram. Era uma grande forma de escuridão dominando outra grande mancha de escuridão. A noite se encheu de ruídos abafados mas bem audíveis.

Lá foram eles morro acima, todos eles e agora parecia que eram muitos, talvez os dois filhos de Alfeu também, porque tudo foi muito rápido e os sons também eram muitos. Eu sabia o que era aquele barulho. Eles estavam dando uma surra no homem.

E o homem tinha parado de xingar e vociferar. E todos os outros também, não se ouvia mais nada a não ser as mulheres pedindo silêncio para a que chorava.

E eles foram embora!

Não sei por que não me mexi.

Comecei a correr atrás deles.

Ouvi meu irmão Tiago dizer:

— Não.

A mulher soluçou baixinho.

— Uma viúva sozinha, acreditem, sozinha com a minha criada, meu marido morto há menos de duas semanas, e eles caem em cima de mim como gafanhotos, acreditem. O que eu posso fazer? Para onde vou? Queimaram a minha casa. Levaram tudo. Quebraram o pouco que eu tinha. É o fundo do poço, acreditem. E meu filho pensa que eles lutam pela nossa liberdade. Acreditem, toda a imundície está se espalhando, Arquelau está em Roma, escravos matam seus senhores e o mundo inteiro está em chamas.

Ela não parava de falar.

Eu não conseguia ver nada. Procurei ouvir os sons que os homens emitiam. Não ouvi nada. Fiquei todo arrepiado.

— O que eles estão fazendo com ele? — perguntei para Tiago. Mal podia vê-lo. Só um pouco de luz refletida no olho dele.

Lá embaixo, no vale, o fogo ardia, mas não havia mais as enormes labaredas.

— Não diga nada — ele disse. — Volte para a sua cama.

— Minha casa — disse a mulher, com a voz despedaçada de mágoa —, minha fazenda, minha pobre menina, Riba... se a pegaram, ela está morta. Eles são muitos. Ela está morta, está morta, está morta.

As mulheres a consolavam do jeito que nos consolavam quando estávamos tristes. Faziam barulhos com a boca, não chegavam propriamente a falar.

— Volte para a sua cama — Tiago disse de novo para mim.

Ele era meu irmão mais velho. Eu tinha de fazer o que ele dizia. E pequena Salomé chorava um pouco, meio adormecida.

Fui até ela, procurei acalmá-la e dei-lhe um beijo. Ela apertou os dedos em volta dos meus e eu senti que dormia outra vez.

Fiquei lá deitado acordado até os homens voltarem.

Cleofas deitou ao meu lado como antes. Pequeno Simeão e Judas continuaram dormindo esse tempo todo, como se nada tivesse acontecido. Crianças pequenas são assim, depois que caem no sono, não há nada que as faça acordar. Estava tudo quieto. Nem a mulher estava fazendo muito barulho.

Cleofas começou a sussurrar em hebraico. Não consegui entender o que ele dizia. Os outros homens sussurravam também.

As mulheres falavam em voz tão baixa que podiam estar rezando.

Eu também rezei.

Não conseguia pensar na pobre menina, lá embaixo onde a casa tinha sido queimada. Rezei por ela, sem pensar nela. E não sei como acabei dormindo.

QUANDO ACORDEI a primeira coisa que fiz foi olhar para o céu azul e para as árvores.

Nazaré era naquela terra... cheia de árvores e verde.

Fiquei de pé, fiz as orações da manhã com os braços estendidos.

— Ouvi, ó Israel, o Senhor nosso Deus é Único, e amarei o Senhor vosso Deus de todo o coração, toda a vossa alma e toda a vossa força.

Eu estava contente.

Então me lembrei daquela noite.

Tinham acabado de voltar da casa da mulher, foi isso que as mulheres me disseram. A mulher estava conosco, e a criada, que não tinha morrido, veio também, com o véu, túnica e manto apropriados, chorando e nos braços de Cleofas que a ajudava a subir a encosta.

A mulher deu um grito e correu até ela.

Os homens traziam trouxas com os objetos da casa lá embaixo. E trouxeram também, puxando por uma corda, uma novilha, uma grande e lenta bezerra com olhos apavorados.

Elas se falaram em grego, a criada e a mulher, e se abraçaram. Quando a mulher falava com as outras mulheres, era na nossa língua. As mulheres cercaram essas duas recém-chegadas, todas as abraçaram, consolaram e beijaram.

Bruria era o nome dessa mulher e a criada, que se chamava Riba, era como filha para Bruria. E Bruria rezava para agradecer Riba ter sido poupada.

Finalmente nos juntamos ao povo na estrada e partimos em direção a Nazaré.

Soube pelas conversas que os bandidos tinham levado tudo que Bruria possuía — sedas, louça, grãos, odres com vinho e tudo que puderam carregar — e depois puseram fogo na casa. Nem mesmo o pomar de oliveiras ficou livre das chamas. Mas não encontraram o que estava escondido no túnel embaixo da casa. Por isso Bruria não perdeu seu ouro, tudo que o marido tinha deixado. E Riba havia se escondido no túnel

que os salteadores não acharam.

Na caminhada para Nazaré fiquei sabendo que elas agora ficariam conosco, essas duas.

E ouvi mais notícias na estrada também.

Não tinham incendiado apenas Jericó, mas outro palácio de Herodes também, o de Amathace. E os romanos não conseguiam impedir os ataques dos árabes. Eles punham fogo em aldeia após aldeia.

Mas os homens do ataque da noite anterior eram bêbados comuns, disse Bruria, confirmado por Riba que por pouco não conseguia chegar ao túnel com vida, e as duas caminhavam e choravam ao mesmo tempo.

Um túnel embaixo da casa. Eu nunca vi um túnel embaixo de uma casa.

— Não há rei, não há paz — disse Bruria, que era filha de Ezequiel, filho de Caleb, e ela recitou todos os nomes da família voltando no tempo e também os nomes da família do marido.

Até os homens prestaram atenção nela. Meneavam a cabeça e murmuravam ao ouvir um nome ou outro. Não olhavam para ela diretamente, nem para a criada, mas passavam perto das mulheres, calados, só ouvindo.

— Judas bar Ezequias, ele é o rebelde — disse a mulher. — O velho Herodes mandou prendê-lo. Mas não mandou executá-lo, o que devia ter feito. Agora ele está incitando os jovens. E se estabeleceu em Séforis, assaltou o arsenal lá. Ele governa de lá, mas os romanos já estão marchando para cá da Síria. Eu choro por Séforis. Todos aqueles que não querem morrer devem fugir de Séforis.

Agora eu sabia o nome da cidade, Séforis. Sabia que minha mãe tinha nascido lá, que seu pai Joaquim tinha sido escriba e a mulher dele, Ana, minha avó, também tinha nascido lá. Eles só vieram para Nazaré quando minha mãe ficou noiva de José, que morava com os irmãos na casa da Velha Sara e do Velho Justo, parentes da minha mãe, de Joaquim e de Ana, assim como de José também. Parte da casa foi dada para Joaquim e Ana e minha mãe, já que era uma casa grande com muitos cômodos para famílias viverem em um grande pátio, e foi lá que eles moraram até irem para Belém onde eu nasci.

Quando pensava nisso, ficava claro para mim que eu não conhecia partes da história. Eu sabia que José e minha mãe tinham se casado em Betânia, na casa de Isabel e Zacarias, e que essa casa era perto de Jerusalém. Mas Isabel e o filho João não moravam mais lá.

Não, eles estavam vivendo escondidos, como minha prima Isabel tinha contado para nós.

E quando eu pensava nisso, todas as perguntas voltavam.

Mas eu estava muito ansioso para ver Nazaré e não podia pensar em tudo aquilo agora. Doía demais pensar em tudo isso. E a terra em volta era muito linda. Eu conhecia a palavra dos Salmos e quando via aquela terra sabia o que significava.

Velha Sara e Velho Justo estavam à nossa espera em Nazaré. Tínhamos enviado uma carta para eles. Dissemos que estávamos voltando para casa. Velha Sara era tia da minha avó Ana. E tia de alguém da família de José, mas eu não me lembrava dos nomes assim tão antigos.

A terra ficava cada vez mais verde à medida que íamos avançando. E quando caiu uma chuva fraca nós não paramos.

Tínhamos escutado a leitura das cartas dela muitas vezes, ela se lembrava dos nomes de todas as crianças quando escrevia para nós e agora já sabia que estávamos voltando para casa.

Os homens não falavam muito, mas Bruria e Riba não paravam de tagarelar, os homens ficavam ouvindo, pelo menos era isso que eu achava. E finalmente Bruria disse que ia confessar seu maior arrependimento. Não conseguia mais guardar aquilo dentro dela. O filho de Bruria tinha fugido para se juntar aos rebeldes em Séforis! O nome dele era Caleb, e Caleb podia muito bem estar morto, disse Bruria. Ela não esperava vê-lo de novo.

Os homens não disseram nada. Apenas balançaram a cabeça.

— Quem se importaria com Nazaré? — disse Cleofas bem baixinho.

— Vai ser bom — disse José. — Eu sei.

E o sol ficou bem alto no céu. As nuvens bem limpas, como as velas dos navios e havia mulheres nos campos.

Já estávamos caminhando montanhas acima há muito tempo quando chegamos a uma pequena aldeia arruinada e despovoada. O mato crescido despontava em toda parte. Os telhados tinham ruído. As pessoas tinham abandonado o lugar há bastante tempo. Não havia nada incendiado. Quase todos passaram direto por essa aldeia.

Mas toda a nossa família parou.

Cleofas e José nos guiaram além das casas destruídas.

Encontramos uma pequena fonte de água que saía da pedra e uma grande piscina natural cercada de árvores altas e frondosas. Era uma coisa linda de se ver.

Montamos acampamento e minha mãe disse que íamos passar a noite ali e que na manhã seguinte seguiríamos para Nazaré.

Os homens foram sozinhos tomar banho na fonte e as mulheres levaram roupas limpas para eles. Nós esperamos. Então as mulheres reuniram todos os pequenos, tomamos banho e nos vestimos também. Elas providenciaram túnica e manto para Bruria e Riba.

A água estava fria mas todos riram e se divertiram, e as roupas limpas tinham um cheiro bom. O cheiro até parecia do Egito.

— Por que não podemos seguir agora para Nazaré? — perguntei. — Ainda é cedo.

— Os homens querem descansar — disse minha mãe. — E parece que vai chover outra vez. Se chover vamos para as casas velhas. Se não, ficamos aqui.

Os homens estavam esquisitos. Não tinha pensado muito nisso até agora. Mas estavam quietos, calados, o dia inteiro.

Com todos os problemas, mudávamos de lugar todos os dias. E tínhamos de nos virar com o que encontrávamos. Mas dessa vez os homens estavam diferentes. Até Cleofas estava calado. Ele sentou no chão encostado no tronco de uma árvore, olhando para as montanhas e parecia não ver as pessoas que passavam pela estrada, seguindo para a Galiléia. Mas quando olhei para José como sempre fazia nessas horas, ele se mantinha estável. Pegara um livro para ler, um livro com as páginas cortadas e murmurava baixinho. As letras no livro eram do alfabeto grego.

— O que é? — perguntei para ele.

— Samuel — ele respondeu. — Sobre Davi — completou.

Fiquei escutando enquanto ele lia. Davi estava lutando e quis beber a água do poço dos inimigos. Quando levaram a água para ele não pôde beber, porque os homens tinham corrido um risco muito grande para obter aquela água. Poderiam ter morrido para conseguir a água para Davi.

José se levantou quando terminou de ler e pediu para Cleofas juntar-se a ele.

As mulheres e as crianças estavam todas reunidas em volta de Bruria e Riba, elas contavam todas as coisas que tinham acontecido no país.

José e Cleofas, Alfeu, os dois filhos dele e Tiago pediram para Bruria ir conversar com eles.

Partiram para um bosque cujas árvores se moviam com o vento de um jeito que gostei de observar.

Falaram baixo, mas pude ouvir alguma coisa do que diziam.

— Não, mas você perdeu a sua fazenda. Não, mas você... E tudo que possuía...

— Acredite, você tem o direito de...

— É resgate.

Resgate.

E a mulher afastou-se deles com as mãos para cima, balançando a cabeça.

— Não farei isso! — ela avisou.

Todos voltaram e se deitaram, quietos novamente. José ficou pensativo, estava preocupado. Depois recuperou a estabilidade.

As pessoas passavam pela estrada sem nos ver. E passaram também cavaleiros.

Depois da nossa refeição, quando estavam todos dormindo, fiquei lá no escuro pensando no homem, no homem bêbado.

Sabia que o tinham matado. Mas não repeti isso para mim mesmo. Eu simplesmente sabia. E sabia por que o tinham matado. Sabia o que ele pretendia fazer com a mulher. E sabia que os homens tinham se lavado e vestido roupas limpas de acordo com a Lei e que não estariam limpos até o sol se pôr. Por isso não seguiram hoje

para Nazaré. Queriam estar limpos na volta para casa.

Mas será que poderiam mesmo se purificar de tal coisa? Como lavar o sangue de um homem, e o que se faz com o dinheiro que ele tinha, com o dinheiro que ele roubou, o dinheiro mergulhado em sangue?

FINALMENTE CHEGAMOS ao topo da montanha.

Havia apenas um grande vale diante de nós, e que vista, de oliveiras e relva ao vento. Parecia uma terra radiosa.

Mas o grande demônio, o fogo, queimava outra vez, volumoso e distante e a fumaça subia para o céu, para as nuvens brancas. Bati os dentes. O medo cresceu dentro de mim e empurrei-o para longe.

— É Séforis — gritou minha mãe, e as outras mulheres também gritaram.

Os homens também. E nós oramos, olhando, sem nos mexer.

— Mas onde fica Nazaré? — gritou a pequena Salomé. — Está pegando fogo também?

— Não — disse minha mãe.

Minha mãe se abaixou e apontou.

— Lá está Nazaré — ela disse, olhei para onde ela apontava e vi uma aldeia numa encosta. Casas brancas, algumas em cima das outras, árvores muito grossas, e à direita e à esquerda outras encostas suaves e vales ondulantes, e mais além outras aldeias que mal dava para ver com toda a luminosidade do céu. E depois disso tudo, o grande incêndio.

— Bem, o que vamos fazer agora? — perguntou Cleofas. — Vamos nos esconder nas montanhas porque Séforis caiu ou vamos para casa? Eu sou por irmos para casa!

— Não seja tão precipitado — disse José. — Talvez seja melhor ficar aqui. Eu não sei.

— O quê? Você dizendo isso? — perguntou o irmão dele, Alfeu. — Pensei que soubesse que o Senhor cuidaria de nós e agora estamos a menos de uma hora de casa. Se aqueles ladrões vierem cavalcando na nossa direção, prefiro me esconder no porão da casa em Nazaré do que aqui em cima nestas montanhas.

— Nós temos túncis? — perguntei logo, sem pretender interromper a conversa dos homens.

— Sim, temos túncis. Todos em Nazaré têm túncis. Nós todos temos. São antigos

e precisam de reparos mas estão lá. E esses bandidos assassinos estão por toda parte, aonde quer que vamos.

— É Judas bar Ezequias — disse tio Alfeu. — Ele deve ter acabado a destruição em Séforis e avançado para cá.

Bruria começou a chorar pelo filho e Riba com ela. E minha mãe tratou de emitir frases cheias de esperança.

José pensou sobre isso e então disse:

— Sim, o Senhor cuidará de nós, você está certo. E nós vamos. Não vejo nada de ruim acontecendo em Nazaré e nada também no caminho até lá.

Seguimos pela estrada e descemos para o vale. Passamos no meio de pomares e plantações ainda mais extensas de oliveiras, e pelos campos mais lindos que eu tinha visto. Andamos mais devagar do que nunca e nós, crianças, fomos proibidas de sair correndo na frente.

Eu estava tão ansioso para ver Nazaré e tão cheio de felicidade com aquela terra à nossa volta que queria cantar, mas ninguém cantava. Cantei em meu coração. “Louvado o Senhor que cobriu os céus de nuvens, que preparou a chuva para a terra, que fez a relva crescer nas montanhas.”

A estrada era pedregosa e irregular, mas o vento era suave. Vi árvores cheias de flores e pequenas torres bem longe em pequenas encostas, mas não havia ninguém nos campos.

Não havia ninguém em parte alguma.

E não havia ovelhas pastando, não havia gado.

José pediu para andarmos mais depressa e fizemos o melhor possível para nos apressar, mas não era fácil, com minha tia Maria, que agora estava doente, como se os males tivessem passado de Cleofas para ela. Puxamos os burros e nos revezamos carregando o pequeno Simeão no colo, que esperneava e chorava querendo a mãe dele, por mais que tentássemos acalmá-lo.

E finalmente estávamos subindo a ladeira para Nazaré! Implorei para ir correndo na frente, mas José não deixou.

Em Nazaré encontramos a cidade vazia.

Uma rua maior subia a colina, com pequenas ruas transversais de um lado e do outro, casas brancas, algumas com dois ou três andares, e muitas com pátios abertos, tudo muito quieto e vazio, como se ninguém vivesse ali.

— Vamos depressa — disse José, com expressão sombria.

— Mas o que está acontecendo lá em cima para fazer todo mundo se esconder desse jeito? — disse Cleofas em voz baixa.

— Não fale. Venha — disse Alfeu.

— Onde eles estão se escondendo? — perguntou a pequena Salomé.

— Nos túncis, eles só podem estar nos túncis — disse meu primo Silas.

O pai disse para ele ficar quieto.

— Deixe-me subir no telhado mais alto — disse Tiago. — Deixe-me ver lá de cima.

— Então vá — disse José —, mas fique abaixado, não deixe ninguém vê-lo, e volte logo para junto de nós.

— Posso ir com ele? — implorei.

Mas a resposta foi não.

Silas e Levi fizeram bico porque não podiam ir com Tiago.

José nos guiou cada vez mais rápido colina acima.

Ele nos fez parar na rua principal, talvez na metade da subida. E eu soube que estávamos em casa.

Era uma casa grande, bem maior do que eu imaginava que pudesse ser, muito velha e abandonada. Precisava de reparos, até ser varrida, e as toras de madeira que pude ver segurando as trepadeiras estavam podres. Mas era uma casa para muitas famílias, como tinham nos dito, com um estábulo aberto em seu imenso pátio, um grande telhado cobrindo toda a volta, e muitas portas velhas e empoeiradas de madeira. No pátio havia a maior figueira que eu já tinha visto.

A figueira era vergada, com galhos retorcidos que cobriam todas as pedras velhas e

gastas do chão do pátio, formando um telhado vivo para as folhas novas da primavera, muito verdes.

Havia bancos embaixo da árvore. E as trepadeiras cresciam nas armações apodrecidas de madeira acima do muro baixo da rua, criando um portão.

E era a casa mais linda que eu tinha visto na vida.

Depois da apinhada rua dos Carpinteiros, depois dos quartos em que homens e mulheres dormiam cada grupo de um lado, amontoados com bebês chorando, essa casa era um palácio para mim.

Sim, e tinha cobertura de pau a pique, dava para ver os velhos galhos que tinham sido postos em cima, e eu vi as marcas de água nas paredes e os buracos em que pombos faziam seus ninhos e namoravam — os únicos seres vivos naquela cidade —, e as pedras do pátio bem gastas. Do lado de dentro talvez encontrássemos chão de terra batida. Tínhamos chão de terra batida em Alexandria. Eu nem me importava com isso.

Pensei em toda a família naquela casa. Pensei na figueira, na glória das videiras com suas flores brancas espiando. Cantei uma canção secreta de agradecimento ao Senhor.

Qual era o quarto em que o anjo apareceu para minha mãe? Onde era? Eu precisava saber.

Agora todos esses pensamentos alegres se juntaram num instante dentro de mim.

Então um barulho, um barulho tão assustador para mim que apagou todo o resto. Cavalos. Cavalos subindo pelas ruas da cidade. Batendo e arranhando, e o som de homens gritando em grego, palavras que não ouvia direito.

José olhou para um lado e depois para o outro.

Cleofas sussurrou uma prece e disse para Maria levar todos para dentro.

Mas antes de Maria poder se mexer aquela voz soou de novo e agora todos nós pudemos ouvir, ele dizia em grego para todos saírem de suas casas, já. Minha tia ficou imóvel como se tivesse se transformado em pedra. Até as crianças menores ficaram quietas.

Os cavaleiros chegaram do alto e da parte baixa da cidade. Fomos para o pátio,

tivemos de ir, para sair do caminho deles. Mas não passamos dali.

Os cavaleiros eram soldados romanos de armadura completa, com a testa coberta por elmo, e portavam lanças.

Bem, eu tinha visto soldados romanos por todo lugar em Alexandria a minha vida inteira, chegando e partindo, em procissões e com suas mulheres no bairro judeu. Ora, até a minha tia Maria, a egípcia, mulher de Cleofas, que estava lá parada conosco, era filha de um soldado romano judeu, e os tios dela eram soldados romanos.

Mas aqueles homens eram diferentes dos que tínhamos visto. Aqueles homens estavam cobertos de suor e de poeira e olhavam para os lados com olhares cruéis.

Eles eram quatro, dois esperando enquanto os outros dois desciam a ladeira, e todos se encontraram diante do nosso pátio, um deles berrou para que ficassemos onde estávamos.

Fizeram seus cavalos parar, mas os animais dançavam, suarentos e espumando, indo para frente e para trás, dando patadas na terra. Eram grandes demais para a rua.

— Ora, vejam só isso — disse um dos homens em grego. — Parece que são os únicos que vivem aqui em Nazaré. Vocês têm essa cidade inteira só para vocês. E nós temos a população inteira reunida em um pátio. Não é uma beleza para nós?

Ninguém disse uma palavra. José apertava tanto o meu ombro que quase doía. Ninguém se mexeu.

Então outro soldado acenou para o primeiro se calar e avançou como pôde com sua montaria nervosa.

— O que vocês têm a dizer em sua defesa? — ele perguntou.

O outro soldado falou.

— Há algum motivo para não crucificarmos vocês com todo o resto da turba lá no fim da estrada?

Ninguém disse nada. Então José começou a falar, com voz bem suave.

— Meu senhor — ele disse em grego —, acabamos de chegar de Alexandria, de volta para a nossa casa aqui. Não sabemos nada do que está acontecendo. Acabamos de chegar, encontramos a aldeia deserta como o senhor está vendo. — Ele apontou para os

burros com seus cestos, cobertores e trouxas. — Estamos cobertos de poeira da estrada, meu senhor. E à sua disposição.

Essa longa resposta surpreendeu os soldados e o líder deles, o que tinha falado, fez seu cavalo dançante chegar mais perto de nós e entrar no pátio, fazendo nossos burros recuarem assustados. Ele olhou bem para todos nós, para nossas trouxas, para a mulher encolhida junto com as crianças pequenas.

Mas antes que pudesse dizer qualquer coisa, outro soldado falou.

— Por que não levamos dois e deixamos o resto? Não temos tempo para invadir todas as casas da aldeia. Escolha dois deles e vamos embora.

Minha tia gritou, minha mãe também, embora tentassem abafar os gritos. Na mesma hora a pequena Salomé começou a chorar. Pequeno Simeão começou a uivar, mas acho que ele não sabia por quê. Ouvi minha tia Ester murmurando em grego mas não distingi as palavras.

Eu estava tão apavorado que não conseguia respirar. Eles tinham dito “crucificar” e eu sabia o que isso significava. Tinha visto crucificação fora de Alexandria, mas só de passagem porque não podíamos nunca, jamais, ficar olhando para um homem pregado numa cruz, sem roupa, desesperadamente nu e morrendo. Um homem crucificado era uma visão terrivelmente vergonhosa.

Também estava aterrorizado porque sabia que os homens estavam completamente assustados.

O líder não respondeu.

O outro disse:

— Isso servirá de lição para a aldeia toda, levamos dois e deixamos os outros.

— Meu senhor — disse José bem devagar —, há alguma coisa que possamos fazer para mostrar que não temos culpa nenhuma aqui, que acabamos de voltar do Egito? Nós somos simples, meu senhor. Obedecemos à nossa lei assim como à sua. Como sempre fizemos.

Ele não demonstrou medo nenhum e os outros homens também não. Mas eu sabia que estavam temerosos. Senti, como sentia o ar à minha volta. Meus dentes começaram a bater. Tinha certeza de que se chorasse ia soluçar. Não podia chorar. Não agora.

As mulheres tremiam e choravam tão baixinho que quase não dava para ouvir.

— Não, estes homens não têm nada a ver com isso — disse o líder. — Vamos em frente.

— Não, espere, temos de voltar levando alguém desta cidade — disse o outro. — Você não pode afirmar que esta cidade não apoiou os rebeldes. Nós nem revistamos as casas.

— Como podemos revistar todas essas casas? — perguntou o líder. Ele nos examinou bem. — Você mesmo acabou de dizer que não podemos invadir todas essas casas, então vamos embora.

— Levamos um, pelo menos um, para servir de exemplo. Temos de levar um.

Esse soldado passou a frente do líder e ficou examinando os homens.

O líder não disse nada.

— Eu vou, então — disse Cleofas. — Levem a mim.

As mulheres gritaram em uníssono, minha tia Maria despencou amparada pela minha mãe, e Bruria caiu sentada no chão, soluçando.

— Eu fui poupado para este momento. Vou morrer pela família.

— Não, levem a mim, se alguém tem de ir — disse José. — Eu vou com vocês. Se um tem de ir, eu vou. Não sei do que sou acusado, mas vou.

— Não, eu é que vou — disse Alfeu. — Se alguém tem de ir, deixem que eu seja o refém. Apenas me digam, por que devo morrer?

— Você não vai morrer — disse Cleofas. — Não está vendo, foi por isso que não morri em Jerusalém. Este é o momento perfeito. Agora devo oferecer minha vida pela família.

— Serei eu — disse Simão, dando um passo à frente. — O Senhor não poupa um homem para morrer na cruz. Levem-me. Eu sempre fui o lerdo, o atrasado. Vocês sabem disso, todos vocês sabem. Não sou bom para nada. Agora servirei para alguma coisa. Deixem-me ter este momento para oferecer para meus irmãos e todos os meus parentes.

— Não, escutem aqui, serei eu! — disse Cleofas. — Eu é que vou. Sou eu que

vou.

Com isso os irmãos começaram a gritar um com o outro, até davam empurrões de leve uns nos outros, cada um procurava ficar mais na frente, cada um dizia por que devia morrer em vez dos outros, mas não entendi tudo que disseram. Cleofas porque de qualquer modo era adoentado, José porque era o chefe da família, e Alfeu porque deixava dois filhos fortes e assim por diante.

Os soldados, que não falavam nada de tão espantados que estavam, subitamente começaram a rir.

E Tiago desceu do telhado, meu irmão Tiago, de doze anos, lembrem-se, ele pulou no pátio, correu até nós e disse que ele queria ir.

— Eu vou com vocês — disse para o líder dos soldados. — Voltei para a casa do meu pai, e do pai dele, e do pai do pai dele, e do pai do pai do pai dele, para morrer por esta casa.

Diante disso os soldados riram ainda mais.

José puxou Tiago para trás e todos reiniciaram a discussão, até os soldados olharem para a casa. Um deles apontou e nós todos nos viramos.

De dentro da casa, da nossa casa, saiu uma mulher idosa, tão idosa que a pele dela parecia madeira desgastada pelo tempo, e ela trazia nas mãos uma bandeja com uma pilha de bolinhos, nos ombros um odre de vinho. Aquela tinha de ser a Velha Sara, nós sabíamos.

Nós crianças a vimos porque os soldados a viam atrás dos homens. Mas os homens ainda brigavam para ver quem ia ser crucificado, e quando ela falou não pudemos ouvir o que dizia.

— Parem com isso, todos vocês — berrou o líder. — Não estão vendo que a senhora quer falar?

Silêncio.

Velha Sara se adiantou com passos rápidos e chegou bem perto do portão.

— Eu faria uma mesura, meus senhores — ela disse em grego —, mas estou velha demais para isso. E vocês são jovens. Trouxe bolinhos doces para oferecer para vocês e

o melhor vinho dos vinhedos dos nossos parentes no norte. Eu sei que estão cansados e em terra estranha.

O grego que ela falava era tão bom como o de José. E ela parecia acostumada a contar histórias.

— A senhora alimentaria um exército que está crucificando seu próprio povo? — perguntou o líder.

— Meu Senhor, prepararia para os senhores a ambrosia dos deuses do monte Olimpo — ela disse —, e chamaria dançarinas e flautistas, encheria taças de ouro com néctar, se com isso os senhores poupassem esses filhos da casa do meu pai.

Os soldados caíram numa gargalhada geral, como se nunca tivessem rido antes. Não era uma risada com maldade, nunca tinha sido assim, e agora as expressões deles relaxavam um pouco e pareciam cansados.

Ela se aproximou, ofereceu os bolinhos, eles aceitaram, os quatro, e o soldado mau, o que queria levar um de nós, pegou o odre de vinho e bebeu.

— Melhor do que néctar e ambrosia — disse o líder. — E a senhora é uma boa mulher. Faz-me lembrar da minha avó na minha casa. Se a senhora me disser que nenhum desses homens é bandoleiro, se me disser que eles não têm nada a ver com a rebelião em Séforis, acreditarei na senhora. E diga-me por que não tem ninguém mais nesta cidade.

— Estes homens são o que disseram que são — disse a velha.

Tiago pegou a bandeja vazia da mão dela enquanto os homens comiam os bolinhos.

— Eles moraram em Alexandria sete anos. Tenho uma carta deles avisando que estavam voltando para casa. E esta criança, minha sobrinha, Maria, é filha de um soldado romano judeu na Alexandria, e o pai dele está em campanha no norte.

Minha tia Maria, que não podia mais ficar de pé sozinha e estava sendo amparada pelas outras mulheres, meneou a cabeça concordando.

— Olhe, tenho aqui a carta desses meninos, que chegou para mim do Egito apenas um mês atrás e pelo correio romano. Vou mostrar para vocês. Leiam. Está escrita em grego, pelo escriba da rua dos Carpinteiros. Podem ver com seus próprios olhos.

Ela pegou um pequeno embrulho de pergaminho, exatamente o pergaminho que eu vira minha mãe enviar para ela de Alexandria.

— Não, tudo bem — disse o soldado. — Tivemos de acabar com isso, com essa rebelião, a senhora sabe. E boa parte da cidade foi incendiada. Não é bom para ninguém uma coisa dessas. Ninguém quer que aconteça isso. Olhe só para esta aldeia. Olhe para os campos aqui. Essa é uma terra rica, uma terra boa. Por que essa rebelião estúpida? E agora a metade da cidade está queimada e os traficantes de escravos levam as mulheres e as crianças.

Um dos outros soldados zombava discretamente e o soldado mau não se manifestou. Mas o primeiro soldado continuou falando.

— Esses líderes não têm a mínima chance de unir este país. No entanto estão usando coroas e se declarando reis. E os sinais de Jerusalém nos dizem que as coisas estão ainda piores por lá. Vocês sabem que grande parte do exército está marchando para o sul, para Jerusalém, não sabem?

— Reze para que, quando a morte chegar para qualquer um de nós — disse a velha —, as nossas almas estejam juntas na trouxa da vida à luz do nosso Senhor.

Os soldados olharam para ela.

— E não na trouxa jogada fora, como as almas desses que praticam o mal, como se projetada por uma funda — ela disse.

— Boa reza — disse o líder.

— E espere só até você provar o vinho — disse o soldado que agora passava o odre para o líder.

O soldado bebeu.

— Ah, isso é bom — ele disse —, esse vinho é muito bom.

— Pela vida da minha família — perguntou a velha mulher — eu daria vinho ruim para os senhores?

Eles riram de novo. Gostavam dela.

O líder quis devolver o odre de vinho para a velha senhora, mas ela recusou.

— Pode levar — ela disse. — O que vocês precisam fazer é difícil.

— É difícil mesmo — disse o soldado. — A batalha é uma coisa. Execução é outra.

O silêncio caiu sobre todos. O líder olhou para nós e para a velha mulher como se estivesse dizendo alguma coisa, mas não disse nada. Só falou depois de um tempo.

— Eu agradeço, senhora, pela sua bondade. Quanto a esta aldeia, que fique como está.

Ele puxou as rédeas e fez o cavalo virar para a rua.

Todos nós nos curvamos na despedida.

A velha senhora falou, e o líder dos soldados parou para ouvir.

— Que o Senhor o abençoe e o proteja; que o Senhor o ilumine com sua luz; que o Senhor seja doce, que olhe por você e que lhe dê paz.

O líder ficou olhando um longo tempo para a mulher enquanto os cavalos se agitavam e batiam as patas na terra, depois meneou a cabeça e sorriu.

E foram embora.

E se foram como chegaram, com muito barulho e alvoroço dos cavalos. Então Nazaré ficou tão deserta e silenciosa como antes.

Nada se mexia, apenas as pequenas flores e folhas nas videiras verdes que cresciam em volta de nós. E as folhas novas de um verde tão brilhante da figueira.

Eu só ouvia os arrulhos dos pombos e a música suave de outros pássaros.

José falou em voz baixa para Tiago.

— O que você viu lá de cima dos telhados?

Tiago respondeu.

— Cruzes e mais cruzes, dos dois lados da estrada, na periferia de Séforis. Não consegui ver os homens, mas vi as cruzes. Nem sei quantas. Talvez cinquenta homens crucificados.

— Acabou — disse José, e todos começaram a se mexer e falar ao mesmo tempo.

As mulheres cercaram a velha senhora, seguraram a mão dela e a cobriram de

beijos. Depois acenaram para que fôssemos beijar as mãos dela.

— Esta é a Velha Sara — disse minha mãe. — Irmã da mãe da minha mãe. Todos vocês, venham aqui para perto da Velha Sara — ela disse para as crianças. — Venham para eu apresentar a Velha Sara para vocês.

A roupa dela estava poeirenta mas era macia, suas mãos pequenas e enrugadas como o seu rosto. Os olhos sob dobras de rugas, mas brilhantes.

— Jesus bar José — ela disse — e o meu Tiago, venham cá, deixem-me sentar embaixo da árvore, venham crianças, venham aqui, todas vocês, quero ver todo mundo, e olha, ponha esse bebê nos meus braços.

Toda a minha vida tinha ouvido falar da Velha Sara. Toda a minha vida ouvi a leitura das cartas da Velha Sara. Velha Sara era onde a família do meu pai e a família da minha mãe se juntavam. Eu não era capaz de me lembrar de todos os elos, por mais que fossem ditos e repetidos para mim. No entanto eu sabia que eram verdadeiros.

Então nos reunimos sob a figueira, sentei aos pés da Velha Sara. Aquele lugar era um lugar de sombra e de luz do sol. O ar era fresco, quase morno.

As pedras antigas estavam tão usadas que quase não dava mais para ver as marcas das ferramentas de pedreiro, e eram pedras bem grandes. Adorei as videiras com suas flores brancas adejando ao vento. Havia espaço ali, e uma suavidade nas coisas, pelo menos assim me pareceu, que não existiam em Alexandria.

Os homens foram cuidar dos animais. Os meninos mais velhos levaram as trouxas para dentro da casa. Eu queria ir com os homens e ajudá-los, mas também queria ouvir a Velha Sara.

Minha mãe segurava o pequeno Judas no colo quando contou a história de Bruria e sua escrava, Riba, para Velha Sara, e elas, Bruria e Riba, disseram que seriam nossas servas para sempre e que hoje mesmo já iam preparar a refeição para nós, com as próprias mãos, e que serviriam a todos, se lhes disséssemos o que podiam usar e onde encontrar. Todos falavam e conversavam em volta de mim.

Quanto ao resto de Nazaré, Velha Sara disse que as pessoas estavam escondidas nos túneis embaixo das casas e que alguns tinham fugido para cavernas nas montanhas.

— Estou velha demais para engatinhar por um túnel — disse Velha Sara —, e eles

nunca matam os velhos. E vamos rezar para que não voltem.

— Há milhares deles — disse Tiago, o que tinha visto tudo de cima dos telhados.

— Posso subir no telhado para ver? — perguntei para minha mãe.

— Vão lá dentro ver o Velho Justo — disse Velha Sara. — O Velho Justo está acamado e não pode se mexer.

Na mesma hora entramos na casa, a pequena Salomé, Tiago e eu, e meus dois primos, filhos de Alfeu. Passamos por quatro cômodos em fila para encontrá-lo. A cama dele era elevada, longe do chão e havia um lampião aceso que exalava perfume. José já estava com ele, sentado num banquinho de madeira ao lado da cama.

O Velho Justo ergueu a mão e tentou sentar na cama, mas não conseguiu. José disse os nossos nomes para o velho, mas ele só olhou para mim. Então deitou de novo e percebi que não podia falar. Ele fechou os olhos.

Tínhamos falado do Velho Justo sim, mas ele mesmo nunca escreveu cartas. Era mais velho ainda do que a Velha Sara. Era tio dela. E da família de José e da minha mãe, assim como a Velha Sara. Mas de que maneira, volto a dizer que não poderia fazer a associação com todos os nomes, como minha mãe faria, igual a um salmo.

Agora a casa tinha um cheiro de comida, pão saindo do forno e sopa de carne no fogo. Coisas que Velha Sara tinha feito.

Apesar de o sol ainda estar brilhando, os homens nos mandaram todos para dentro de casa. Fecharam as portas, até as do estábulo onde estavam os animais - os nossos burros eram os únicos animais lá —, acenderam os lampiões e sentamos no escuro. Estava quente. Eu não me importava. Os tapetes eram grossos e macios, e eu só pensava no jantar.

Ah, eu queria de todo o coração ver os campos em volta, as árvores, correr pela rua, para cima e para baixo e ver as pessoas da cidade, mas tudo isso podia esperar até os problemas terríveis terem passado.

Aqui estávamos a salvo, juntos, as mulheres estavam atarefadas, os homens brincavam com os pequenos, e o fogo no braseiro tinha um brilho bonito.

As mulheres levaram pratos com figos secos, passas com mel, tâmaras doces, azeitonas temperadas e outras coisas boas, que tínhamos trazido do Egito em nossas

trouxas, e isso tudo, com a espessa sopa de carne, cheia de lentilhas e carne de carneiro de verdade, e o pão fresco, era um banquete.

José abençoou as taças de vinho que bebemos e repetimos as bênçãos.

— O Senhor do universo, que fez o vinho que bebemos, que fez o trigo para o pão que comemos, damos graças de estar em casa e em segurança finalmente, livra-nos do mal, amém.

Se havia mais alguém na cidade, não sabíamos. Velha Sara disse para termos paciência e fé no Senhor.

Depois do jantar Cleofas se aproximou de tia Sara, abraçou-a, beijou as mãos dela e ela beijou a testa dele.

— E o que você sabe de deuses e deusas que bebem néctar e comem ambrosia? — ele quis saber.

Os outros homens riram um pouco.

— Dê uma espiada na caixa dos rolos de pergaminho quando tiver tempo, curioso — ela disse. — Pensa que meu pai não arrumou espaço lá dentro para Homero? Ou para Platão? Acha que ele nunca leu para os filhos à noite? Não pense que sabe o que eu sei.

Os outros homens foram beijar as mãos de Velha Sara, um por um, e ela os recebeu.

De repente me dei conta de que era muito tarde, essa hora que foram falar com ela, e que nenhum deles disse uma só palavra de agradecimento pelo que ela tinha feito.

Quando minha mãe me pôs na cama no quarto com os homens perguntei isso para ela, por que eles não tinham agradecido. Ela franziu a testa, balançou a cabeça e disse sussurrando que eu não devia falar disso. Que uma mulher havia salvado a vida dos homens.

— Mas ela tem muitos fios de cabelo branco — eu disse.

— E continua sendo uma mulher — disse minha mãe —, e eles são homens.

No meio da noite acordei chorando.

Por um tempo não sabia onde estava. Não enxergava nada. Minha mãe estava perto

de mim e também minha tia Maria, e Bruria falava comigo. E lembrei que estávamos em casa. Batia os dentes, mas não sentia frio. Tiago chegou perto de mim e disse que os romanos tinham seguido viagem. Deixaram soldados de guarda com os crucificados para cortar qualquer resto de rebelião, mas a maioria deles tinha ido embora.

Ele parecia muito seguro e forte. Deitou ao meu lado e passou o braço nas minhas costas.

Eu queria que já fosse dia. Achei que meu medo ia embora se já estivesse claro. Comecei a chorar de novo.

Minha mãe cantou baixinho para mim.

— É o Senhor que dá a salvação até para os reis, foi o Senhor que livrou Davi até da espada do mal; Que nossos filhos cresçam como plantas, que nossas filhas sejam pedra fundamental, polidas como se fossem a base do palácio... feliz é o povo de quem Deus é o Senhor.

Eu me perdi em sonhos.

Quando amanheceu vi a luz do sol por baixo da porta que dava para o pátio. As mulheres já estavam de pé. Saí antes que qualquer um pudesse me impedir. O ar lá fora era doce e quase quente.

Tiago veio rápido atrás de mim, eu subi a escada para o telhado, depois a outra escada para o telhado mais acima. Fomos engatinhando para a ponta e viramos de frente para Séforis.

Era tão distante que só consegui ver as cruzes, mesmo assim porque Tiago tinha falado delas. Não dava para contar quantas eram. Havia pessoas andando em volta das cruzes. Outras iam e vinham pela estrada, como costumam fazer, e vi carroças e burros. Não havia mais fogo, só fumaça subindo para o céu e grande parte da cidade não tinha sido incendiada. Mas não dava para ver bem.

A minha direita as casas de Nazaré subiam a colina, uma encostada na outra e à esquerda desciam. Não havia ninguém nos telhados que podíamos ver, mas avistamos esteiras e cobertores, aqui e ali, e os campos verdes e florestas com muitas árvores robustas em toda a volta da cidade.

Quando descí, José estava esperando, segurou-nos muito sério pelos ombros e

disse:

— Quem disse que vocês podiam fazer isso? Não subam mais aí.

Fizemos que sim meneando a cabeça. Tiago enrubesceu, os dois trocaram um rápido olhar, Tiago envergonhado e José perdoando.

— Foi iniciativa minha — eu disse. — Eu subi correndo.

— E trate de não fazer isso de novo — disse José. — E se eles voltarem?

Fiz que sim com a cabeça outra vez.

— O que você viu? — perguntou José.

— Está tudo quieto — disse Tiago. — Eles terminaram. As pessoas estão recolhendo os mortos. Algumas aldeias foram incendiadas.

— Eu não vi as aldeias — eu disse.

— Elas estavam lá, bem pequenas, perto da cidade.

José balançou a cabeça e levou Tiago para trabalhar com ele.

Velha Sara estava sentada, encolhida, ao ar livre, sob os galhos velhos da figueira. As folhas eram grandes e verdes. Estava costurando, mas passava mais tempo tirando fiapos de linha.

Um homem velho chegou ao portão, cumprimentou com um aceno de cabeça e seguiu seu caminho. Mulheres passavam com cestos e ouvi vozes de crianças.

Fiquei só escutando e ouvi o arrulho de pombos novamente, pensei ter ouvido as folhas se mexendo e uma mulher cantando.

— O que você está sonhando? — perguntou Velha Sara.

Em Alexandria havia gente... gente por toda parte, estávamos sempre com outras pessoas, era apinhado na hora de comer, de trabalhar, de brincar, de dormir, todos juntos, e nunca houve aquela... aquela quietude.

Eu quis cantar. Pensei no meu tio Cleofas e de como ele começava a cantar de repente. E quis cantar.

Um menininho apareceu na entrada do pátio e depois outro atrás dele, e eu disse

para os dois:

— Entrem.

— Sim, pode entrar, Toda, e você também, Mattai — disse Velha Sara. — Este é meu sobrinho, Jesus bar José.

No mesmo instante pequeno Simeão saiu de trás da cortina da porta e o pequeno Judas também.

— Eu consigo correr até o topo da ladeira mais rápido do que qualquer um — disse o menino Mattai.

Toda disse que eles tinham de voltar para o trabalho.

— O mercado está aberto de novo. Já viram o mercado? — perguntou Toda.

— Não, onde é?

— Vão — disse Velha Sara.

A cidade estava voltando à vida.

O MERCADO ERA APENAS uma reunião no sopé da colina. As pessoas armavam barracas e expunham sua mercadoria no chão sobre cobertores, e mulheres vendiam verduras e legumes que sobravam de suas hortas. Havia um mascate com alguns artigos, inclusive alguma prataria. E outro mascate tinha linho branco para vender e muitos tecidos tingidos, assim como quinquilharias de todo tipo, algumas taças de calcário e até um ou dois livros encadernados.

Conheci mais amigos, mas as mães não deixavam os filhos se afastarem. E Tiago logo apareceu à minha procura.

A cidade foi ficando cada vez mais movimentada. Mulheres que passavam a caminho do mercado, velhos e velhas ao ar livre nos pátios, alguns homens indo e vindo dos campos.

Mas as pessoas estavam preocupadas, falavam do que Séforis tinha sofrido em voz baixa e ninguém estava à vontade, exceto talvez alguns de nós, as crianças que conseguiam esquecer aquilo tudo por um tempo.

Quando voltei para casa vi mais crianças no pátio que tinham ido brincar com pequena Salomé e os outros, mas a maior parte da família estava trabalhando.

Era nossa tarefa fazer um levantamento dos reparos que precisavam ser feitos. Primeiro fomos ver onde eram os buracos no telhado de pau a pique e galhos, depois passamos por cada cômodo para verificar se as paredes estavam firmes e se o piso dos andares de cima ainda resistiam bem. Havia muita caiação a ser feita nos lugares em que o reboco tinha ficado cinza ou preto. E nas paredes dos quartos de baixo, com a luz que entrava pelas portas abertas, vi vestígios de bordas bem pintadas com várias cores e desenhos que um dia tinham sido sem dúvida muito bonitos.

José e Cleofas falaram em repintar tudo e eu os vira fazendo isso em Alexandria, com muita rapidez. Eu não tinha idade para pintar uma longa borda verde perfeitamente reta.

Mas agora tinha muita coisa que eu podia fazer com eles.

As baias no estábulo precisavam de conserto, os suportes das treliças das trepadeiras na frente do pátio tinham de ser refeitos, conforme eu tinha reparado assim

que cheguei.

Mas o que me deixou mais surpreso foi descobrir as imensas cisternas que a casa tinha, ambas com bastante água da chuva, apesar de precisarem de reparos.

E então a última descoberta foi a grande *mikvah*, uma piscina que tinha sido esculpida na pedra embaixo da casa, muitos e muitos anos atrás.

Bem, a *mikvah* era uma piscina para purificação, que eu não tinha visto no Egito, e tinha degraus até o fundo de modo que um homem podia caminhar até submergir na água e voltar sem ter de abaixar a cabeça. Tinha apenas a metade da água que devia ter, e em vários pontos as paredes estavam descascadas ou escurecidas e precisavam de conserto. José disse que ia tirar a água com balde e emassar a banheira inteira. A água dessa piscina era bombeada de uma das cisternas, que graças às chuvas abundantes estavam cheias.

Disseram, quando nos instalamos em Nazaré, que foi o avô da Velha Sara que construiu aquela piscina. Essa era a casa dele e dos sete filhos, e José sabia os nomes deles, de cada um, mas eu não conseguia me lembrar, nem de todos os seus descendentes, só que o pai da minha mãe descendia deles, e também o pai da mãe de José, e essas histórias eram assim. Eu estava ansioso para começar a trabalhar.

No fim da tarde havia muitas vassouras trabalhando; as mulheres tiravam o pó dos tapetes. Cleofas foi com as mulheres até o mercado comprar comida para o jantar; e o forno no pátio ficou aceso o dia inteiro.

Bruria sentou no pátio e chorou pelo filho que foi com os rebeldes para Séforis. Acreditava que ele devia estar morto. Sabíamos que isso podia querer dizer que ele estava pregado numa das cruzes na estrada, mas não tocamos no assunto. Ninguém ia descer para Séforis, ainda não. Trabalhamos em silêncio.

Ao anoitecer a casa tinha sido dividida entre as famílias. Alfeu, a mulher dele e os dois filhos em um conjunto de cômodos; Cleofas e tia Maria em seus quartos com os filhos pequenos; José, minha mãe, Tiago e eu em outros, mas nossos cômodos se misturavam com os de tia Maria e tínhamos também a Velha Sara e o Velho Justo. Tio Simão e tia Ester e a bebê Ester ficaram com os quartos perto do estábulo no meio da casa.

Bruria e a escrava Riba tinham seu próprio quarto.

E havia ainda uma velha serva, uma mulher magra e calada, chamada Ida, que eu não tinha visto no dia anterior. Ela cuidava do Velho Justo e da Velha Sara e dormia no chão no quarto deles. Eu não tinha certeza se essa mulher podia falar.

Mais uma vez o nosso jantar foi muito rico com o cozido da véspera e o pão quente recém-saído do forno e mais figos e tâmaras doces. Todos falavam ao mesmo tempo sobre o que tinha de ser feito na casa e no pátio e como estavam ansiosos para ir ao jardim fora da cidade e ver como era lá, para encontrar os outros que ainda não tinham visto.

Estávamos recostados, descansando, sem falar muito, sem fazer nada, quando um homem entrou na casa pela porta do pátio. José se levantou no mesmo instante. Foi até a porta, depois fechou para evitar o vento frio e disse:

— As legiões romanas saíram da Galiléia. Apenas um pequeno número deles ficou para trás com os homens de Herodes para manter a paz até Arquelau voltar.

— Graças ao Senhor excelso — disse Cleofas, e todos concordaram, cada um a seu modo. — E os crucificados? Já os tiraram das cruzes?

Todos ali sabiam que eram necessários dois ou mais dias para um homem morrer numa cruz.

— Eu não sei — disse José.

Velha Sara abaixou a cabeça, sentada em seu banquinho e cantou em hebraico.

— Os últimos soldados passaram pela estrada principal há mais de uma hora — disse José.

— Oremos para que jamais voltem — disse minha mãe.

— O homem crucificado deve ser tirado da cruz antes do pôr-do-sol! — disse Cleofas. — Isso é humilhante e já faz dias que esses homens...

— Cleofas, deixe para lá — disse Alfeu. — Nós estamos aqui e estamos vivos!

Cleofas já ia falar quando minha mãe estendeu o braço e pôs a mão no joelho dele.

— Por favor, irmão — ela disse. — Há judeus em Séforis que conhecem seu dever. Deixe para lá.

Ninguém disse nada depois disso. Eu não queria sentir sono, mas senti.

Quando fomos para a cama achei muito estranho estar num quarto sozinho, sem Simeao, Josué e os bebês também.

Eu sempre ficava com as mulheres e os pequenos. Mas os pequenos estavam com suas mães. E minha mãe estava com a Velha Sara e o Velho Justo, Bruria e sua escrava, embora tivessem um quarto só para elas. Eu sentia falta da pequena Salomé. Sentia falta até do bebê Ester que acordava, começava a chorar e só parava quando dormia.

Eu me senti muito adulto de estar com José e Tiago, mas mesmo assim perguntei para José se podia ficar junto com ele, e ele disse que sim, que eu podia.

— Se eu acordar chorando — perguntei —, você me põe junto da minha mãe?

— É isso que você quer que eu faça — ele perguntou —, que o ponha junto com a sua mãe? Você é pequeno para estar aqui conosco, mas já tem sete anos e entende as coisas. Fará oito em breve. O que quer? Pode ficar com sua mãe se quiser.

Não respondi. Virei de lado e fechei os olhos. Dormi a noite inteira sem acordar.

F OI SÓ NO TERCEIRO DIA que nos deixaram andar por onde quiséssemos. A essa altura Cleofas já tinha ido algumas vezes até a estrada e voltado, e constatou que todos os corpos tinham sido tirados das cruzeiras e que a cidade estava em ordem novamente, que o mercado estava aberto e, com uma risada, disse também que precisavam de carpinteiros para reconstruir o que tinha sido queimado.

— Temos bastante coisa para fazer aqui — disse José. — Vão construir em Séforis a partir de agora e durante anos depois de todos nós termos ido desta vida.

E realmente tínhamos muita coisa para fazer. Primeiro tiramos a água da *mikvah*, o que fez com que nós, as crianças, entrássemos na água fria para passar os cântaros de água para os homens. Depois havia o reboco, e quando terminássemos isso passaríamos para as paredes da casa.

Eu estava contente porque íamos sair da aldeia e assim que pude fui para a floresta. Vi crianças, montes delas e tive vontade de conversar com elas, mas primeiro queria caminhar ao ar livre e subir as encostas à sombra das árvores.

Alexandria era uma cidade com muitas maravilhas, como todos diziam sempre, com seus festivais e procissões e palácios e templos esplêndidos, casas como a de Philo com piso de mármore. Mas aqui havia a relva verde.

Eu achava o cheiro bom, melhor do que perfume e, quando passava embaixo dos galhos das árvores, sentia a terra mais macia. Soprava um vento fraco que vinha do vale que eu avistava dali e agitava as árvores quase uma de cada vez. Adorei o farfalhar das folhas lá em cima. Subi a encosta até chegar a uma área de relva novamente, um capim grosso, e lá deitei. Estava úmido porque tinha chovido à noite, mas era gostoso. Olhei para a aldeia lá de cima. Vi homens e mulheres trabalhando nas hortas e mais adiante os agricultores nos campos. As pessoas arrancavam ervas daninhas dos canteiros. Foi o que me pareceu.

Mas eu só via os bosques de árvores aqui e ali, bem longe também, e o azul do céu.

E me perdi. Eu me sentia solto, sentia a minha pele. Era como se eu estivesse cantarolando de boca fechada e esse cantarolar enchia meus ouvidos, só que eu não estava cantarolando. E era muito bom. Era como às vezes me sentia antes de adormecer. Eu não estava sonolento, não estava dormindo. Estava deitado e imóvel na relva e ouvia

as criaturas minúsculas em volta de mim. Cheguei a ver o adejar de asas bem pequenas. Olhava bem à frente e havia um mundo delas, dessas criaturas minúsculas, tão minúsculas, em confusão no meio do capim.

Deixei meus olhos vagarem lentamente para as árvores. O vento passava por elas de novo, e elas dançavam para lá e para cá. Suas folhas pareciam prateadas à luz do sol e nunca paravam de se mexer, mesmo quando a brisa morria.

Meus olhos voltaram para a coisa mais próxima que podia ver diante de mim: as pequenas criaturas se movendo, correndo tão rápido sobre os torrões de terra. E me dei conta de que quando me deitei ali tinha esmagado algumas dessas criaturas, talvez muitas e muitas delas, e quanto mais olhava para elas, mais criaturas pequenas eu via. O mundo delas era a relva. Só conheciam isso. E quem era eu que deitava ali, sentindo a maciez da relva, adorando o seu cheiro e tirando a vida de tantas criaturinhas?

Eu não estava arrependido por isso. Não sentia tristeza nenhuma. Minha mão se apoiava nas lâminas do capim e as criaturas andavam embaixo dela cada vez mais rápido, até seu mundo ser todo azáfama, sem emitir um som que eu pudesse ouvir.

A terra era cama embaixo de mim. Os gritos dos pássaros, melodia. Riscavam o céu lá em cima com tanta rapidez que mal conseguia vê-los. Pardais. Então, ao meu lado, bem diante dos meus olhos, vi flores minúsculas crescendo na relva, tão pequenas que não as notara antes, flores com pétalas brancas e miolos amarelos.

A brisa ficou mais forte e os galhos em cima de mim se moveram com ela. Folhas caíram em profusão, como chuva.

Mas um homem se aproximava. Ele saiu do bosque mais abaixo e foi subindo na minha direção.

Era José, de cabeça baixa, subindo a encosta. Seu manto e as franjas adejavam ao vento, e ele estava mais magro do que quando saímos de Alexandria. Talvez todos nós estivéssemos assim.

Eu sabia que tinha de me levantar por respeito a ele, mas estava tão bom ali na grama macia, e aquele cantarolar continuava, como se eu estivesse cantando, a percorrer todo o meu corpo, então só o olhei quando ele chegou.

Eu não tinha discernimento para saber, mas aquele momento na relva sob a árvore

foi a primeira vez em toda a minha vida que fiquei sozinho.

Eu só sabia que essa paz estava desfeita e que tinha de se desfazer. Quanto tempo eu podia passar ali assim, até o mundo perder todas as suas arestas? Acabei me levantando e foi como se despertasse de um longo sono.

— Eu sei — ele disse para mim com tristeza. — É apenas uma pequena aldeia, nada de mais neste mundo, e nada comparável à grande Alexandria, nada mesmo, e você deve ter pensado uma centena de vezes no seu amigo Philo e em todos os seus amigos e em tudo que deixamos para trás. Eu sei, eu sei.

Não pude responder. Tentei. Queria dizer para ele como eu via aquilo, como era macio e doce, como tudo aquilo era muito bom para mim e procurando as palavras que ainda não tinha, não falei em tempo.

— Mas, sabe — ele disse —, ninguém vai procurá-lo aqui. Você está bem escondido e é assim que vai ficar.

Escondido.

— Mas por que tenho de ficar...?

— Não — ele disse. — Nada de perguntas agora. A hora certa vai chegar. Mas, ouça, você nunca deve dizer coisas para as pessoas. — Ele parou de falar e olhou para mim para ver se eu tinha entendido. — Não deve falar sobre o que você ouve das nossas conversas. Jamais fale com ninguém fora da nossa casa. Não deve contar onde esteve, nem por quê, e guarde as suas perguntas no seu coração, quando tiver idade suficiente, contarei o que precisa saber.

Eu não disse uma palavra.

Ele segurou a minha mão. Voltamos para a aldeia. Chegamos a um pequeno jardim cercado de pequenas pedras e perto de algumas árvores. O canteiro estava cheio de mato, mas as árvores estavam lindas. Uma muito grande ficava bem ao lado e era cheia de vieiros e nós.

— O avô do meu avô plantou esta oliveira — disse José. — E lá, está vendo aquela árvore? Aquela é a árvore de romã, e espere só para ver quando ela florescer completamente. Ficará coberta de flores vermelhas.

Ele andava de um lado para outro olhando para o canteiro. Os outros naquela

encosta estavam limpos e cheios de plantas.

— Vamos aplainar essa terra amanhã para as mulheres — ele disse. — Não é tarde demais para plantar algumas uvas, pepinos e outras coisas. Vamos ver o que Velha Sara diz.

Ele virou de frente para mim.

— Você está triste? — perguntou.

— Não — fui logo dizendo. — Eu gosto disso!

Queria demais encontrar as palavras, palavras como as dos Salmos.

Ele me levantou, beijou meu rosto dos dois lados e voltou comigo para casa. Não acreditou em mim, pensou que eu disse aquilo só para ser gentil. Eu queria correr pelas florestas e subir as montanhas. Queria fazer todas as coisas que nunca fiz em Alexandria. Mas tínhamos o trabalho à nossa espera quando chegamos ao pátio, e mais e mais gente aparecia para prestar seus respeitos.

VELHA SARA DISSE QUE ÉRAMOS um redemoinho. Alfeu e seus filhos, Levi e Silas, consertaram todo o telhado em pouco tempo, e foi um serviço tão bem-feito que podíamos pular em cima dele, só para provar. Nossos vizinhos ladeira acima, à direita, ficaram contentes com isso, pois tinham uma porta que dava para esse telhado, e dissemos que podiam voltar a usá-lo como faziam antigamente, para esticar seus cobertores no verão. Havia bastante telhado de sobra para nós na parte principal da casa e do lado esquerdo, que dava para a casa mais baixa na ladeira, e das casas dos fundos que também eram mais baixas, na encosta.

Havia mulheres nos telhados sentadas com material de costura e bebês brincando, e todo telhado tinha um parapeito como os de Jerusalém, para as crianças não caírem. Algumas pessoas até tinham posto plantas em vasos em seus telhados, pequenas árvores frutíferas e plantas que eu não conhecia. Mas eu adorava ir lá para cima e ficar olhando para o vale.

O frio do inverno tinha praticamente acabado. Ainda restava um friozinho e eu não gostava de frio, mas sabia que o vento quente chegaria logo.

Cleofas e o pequeno Josué, seu primogênito, que ainda era pequeno, e o pequeno Justo, um pouco mais velho e muito inteligente, embora fosse o filho mais novo de Simão, refizeram o reboco da *mikrah* com a massa à prova d'água que sabíamos fazer com o material que conseguíamos nas aldeias por lá. E logo a piscina ficou toda branca e pronta para receber a água da cisterna. Havia um ralo bem pequeno no fundo da *mikrah*, pelo qual um pouco de água ficaria escoando o tempo todo, e assim seria água corrente, que a Lei exigia para a purificação.

— É água corrente por causa desse ralo minúsculo? — perguntou pequena Salomé. — Isso faz a piscina ficar igual ao rio?

— Faz — disse Cleofas, pai dela. — A água escoo. É corrente. Basta isso.

Na tarde que acabamos de reencher a piscina, todos nos reunimos em volta dela. Estava nova e clara, mas fria. À luz dos lampiões, parecia muito boa.

José e eu refizemos as estruturas de todas as trepadeiras perto da casa e ao longo da parte da frente do pátio, manuseando-as com o maior cuidado para não quebrá-las muito. Algumas ficaram destruídas e foi uma pena, mas salvamos a maioria e

amarramos as partes mais grossas com cordas novas.

Tiago trabalhava consertando os bancos, tirando o que estava bom em alguns para juntar com o que estava bom em outros. Sobraram poucos bancos, mas eram sólidos.

Vizinhos apareceram para conversar no muro do pátio, homens de poucas palavras que estavam a caminho do trabalho no campo, ou mulheres que tinham tempo para ficar ali um pouco, com seus cestos do mercado, em geral amigas da Velha Sara, mas raramente tão idosas como ela, e outros meninos também apareceram para ajudar. Tiago logo arrumou um amigo chamado Levi, que era da nossa família, filho dos nossos primos que possuíam uma fazenda e opulentos olivais; e pequena Salomé, poucos dias depois da nossa chegada, já tinha um bando de meninas da idade dela para levar para casa, cochichar, gritar e brincar.

As mulheres tinham mais trabalho do que sempre tiveram em Alexandria, onde podiam comprar pão fresco e até caldo e legumes todos os dias. Aqui levantavam cedo para assar o pão e ninguém entregava a água. Elas tinham de ir até a fonte fora da aldeia para buscá-la. E além disso estavam fazendo uma faxina nos quartos do segundo andar que ainda não estávamos usando, esfregando os bancos assim que Tiago terminava de consertá-los, passando pano no pátio e varrendo o chão de terra batida dentro da casa.

Esse chão de terra era igual ao de Alexandria só que era mais bem batido e não tinha tanto pó. E os tapetes eram muito melhores, mais grossos e mais macios. Quando nos recostávamos para a refeição da noite, com tapetes e almofadas, era muito gostoso.

E finalmente chegou o sabá. Chegou muito depressa. Mas as mulheres estavam prontas, com toda a comida preparada com antecedência, e foi um banquete de peixe seco inchado no vinho e depois grelhado, junto com tâmaras, nozes que jamais provei antes e frutas frescas das fazendas em volta da aldeia, além de muitas azeitonas e outras coisas esplêndidas.

Tudo isso foi posto na mesa e depois acenderam o lampião do sabá para receber o sabá na casa. Essa tarefa ficava a cargo da minha mãe, e ela dizia a oração com a voz suave enquanto acendia o lampião.

Fizemos nossas orações de agradecimento pela chegada a salvo em casa e iniciamos o nosso estudo, todos juntos, cantando, conversando, felizes por ser o nosso primeiro sabá no nosso lar.

Pensei no que José tinha dito para Philo, enquanto estudávamos. O sabá fazia de todos nós acadêmicos. Todos nós éramos filósofos. Eu não sabia bem o que era filósofo, mas tinha ouvido a palavra antes — e a associava a acadêmicos e os que estudavam a Lei. O Mestre em Alexandria uma vez disse que Philo era um filósofo. Sim.

E agora éramos todos estudiosos e filósofos — nessa grande sala, toda varrida e limpa, de banho tomado, indo bem fundo na *mikvah*, vestindo roupas limpas depois, tudo isso antes do pôr-do-sol e José lia à luz do lampião, e o cheiro do óleo puro de oliva batida do lampião era doce.

Ora, tínhamos até pergaminhos, como Philo, só que não tantos, não, nem tantos. Mas tínhamos alguns, quantos eu não sabia ao certo, porque vinham de baús pela casa, dos quais José e Velha Sara guardavam as chaves.

E tinham até escondido alguns pergaminhos, enterrados lá embaixo no túnel, onde ainda não permitiam que as crianças fossem. Se a casa fosse atacada por bandidos, se fosse incendiada, e eu estremecia só de pensar nisso, esses pergaminhos estariam salvos.

Compreenda, eu queria ver o túnel! Mas os homens disseram que o túnel precisava de consertos e que os pequenos não podiam ir lá.

E agora José tinha escolhido alguns pergaminhos antes de o sabá começar. Alguns eram muito antigos e já estavam quebrando nas pontas. Mas todos estavam inteiros.

— E agora não vamos mais ler do grego — disse José, olhando em volta, para todos nós. — Vamos ler apenas hebraico aqui na Terra Santa, e será que tenho de explicar por quê, para alguém?

Todos nós rimos.

— Mas o que vou fazer com o livro que gostamos tanto e que é escrito em grego? — Ele ergueu o pergaminho.

Sabíamos que era o Livro de Jonas. Batemos palmas e pedimos para ele ler.

José deu risada. O que ele mais adorava era nos ter assim reunidos em volta dele e ouvindo, e não tínhamos chance para isso há muito tempo.

— Digam-me o que devo fazer — ele disse. — Ler para vocês em grego ou contar na nossa língua.

Batemos palmas de novo, todos muito contentes. Gostávamos do jeito que José contava a história de Jonas. E ele nunca leu em grego sem largar o livro e contar a maior parte de cor, porque gostava demais da história.

Então ele começou a contar, animado.

— O Senhor chamou o profeta Jonas, o Senhor disse para ele pregar em Nínive, aquela grande cidade! — disse José, e todos nós repetimos com ele. — Mas o que Jonas fez? Tentou fugir do Senhor. Alguém pode fugir do Senhor?

Ele foi para o mar, num navio para alguma outra terra. Mas uma enorme tempestade caiu sobre a pequena embarcação. E todos os gentios rezaram para seus deuses salvá-los, mas a chuva, raios e trovões e nuvens negras não desapareceram.

Então veio o pior da tempestade no mar e os homens tiraram a sorte para ver quem provocava aquilo e a sorte indicou Jonas. E onde estava Jonas? Dormindo profundamente na caverna do navio.

— “O que está fazendo, estranho, roncando na caverna deste navio?” — disse José fazendo a cara zangada do capitão.

Rimos e batemos palmas.

— E o que fez Jonas? Ora, disse para eles que tinha medo do Senhor Deus de Toda a Criação, e que deviam jogá-lo ao mar porque tinha fugido do Senhor e o Senhor estava zangado, mas eles fizeram isso? Não. Remaram mais para levar o navio até a costa e...?

Todos nós gritamos.

— A grande tempestade continuou.

— E eles rezaram para o Senhor, com medo dele, mas o que fizeram?

— Jogaram Jonas no mar!

José ficou sério e semicerrrou os olhos.

— E os homens ficaram com medo do Senhor e sacrificaram Jonas para Ele, e lá nas profundezas do mar o Senhor tinha feito um grande peixe para...

— Engolir Jonas! — exclamamos.

— E ele ficou três dias e três noites na barriga da baleia!

Ficamos calados. Então todos juntos, guiados por José, repetimos a oração de Jonas ao Senhor para salvá-lo, que já conhecíamos bem, na nossa língua, assim como sabíamos em grego, e até os homens diziam essa oração conosco e com as mulheres.

— ... Desci até o mais fundo entre montanhas; a terra como prisão me cercou. Mas o Senhor livrou minha vida da corrupção. O Senhor meu Deus.

Fechei os olhos enquanto rezava.

— Quando minha alma enfraqueceu, lembrei-me do Senhor e minha oração se elevou ao Senhor, em Seu Templo sagrado...

Pensei no Templo. Não nas multidões dentro dele, no homem morrendo com a lança, mas na grande massa de calcário brilhante ao sol, com todo aquele ouro, e as músicas dos fiéis crescendo como ondas quebrando sem parar, uma atrás da outra, e o nosso navio flutuando, ondas sem fim...

Estava tão entretido nos meus pensamentos, tão imerso na lembrança da água batendo no barco, lembrando também o canto subindo e descendo, que quando me dei conta todos já estavam lá na frente com a história.

Jonas agora obedecia ao comando do Senhor. Foi para “aquela grande cidade de Nínive” e exclamou: “Quarenta dias e a cidade de Nínive será destruída!”

— Todas as pessoas acreditaram no Senhor! — disse José, erguendo as sobrancelhas. — Todos jejuaram, vestiram roupas de aniagem, desde o mais importante até o mais insignificante. Até o rei levantou do seu trono, cobriu-se de aniagem e sentou sobre cinzas!

Ele estendeu as mãos como se dissesse: mas vejam bem.

— O rei! — repetiu e balançou a cabeça. — E divulgaram uma proclamação que dizia que ninguém, nem homem, nem animal, rebanho de gado ou ovelhas, devia provar ou beber uma só gota de água. E todos eles, homens e animais, deviam se cobrir de aniagem e implorar para o Senhor.

Ele parou. Levantou-se.

— Quem pode saber se o Senhor voltará atrás e se arrependerá de sua ira?

Ele abriu as mãos para que respondêsemos.

— E o Senhor se arrependeu de sua ira — dissemos todos juntos —, e Nínive caiu nas graças do Senhor!

José esperou um pouco, então perguntou:

— Mas quem estava infeliz? Quem estava irado? Quem saiu furioso da cidade?

— Jonas! — exclamamos.

— “Não era isso exatamente o que eu sabia que aconteceria?” lamentou-se Jonas. “Quando estava no meu país! Não foi por isso que fugi num navio para Tarshish?”

Rimos, José apontou um dedo para cima como sempre fazia pedindo paciência e suavemente continuou com a voz do Profeta.

— “Eu sabia que o Senhor era generoso, misericordioso, que não se enfurecia com facilidade, dono de imensa bondade, que se arrependia da ira, não sabia?”

Todos nós meneamos a cabeça.

— “Agora!” — continuou José como Jonas, levantando com muito orgulho. — “Tire a minha vida, acabe comigo!” — Ele ergueu as mãos para o alto. — “Pois é melhor morrer do que continuar vivo!”

Risos.

— Bem perto dos portões de Nínive, Jonas se sentou. Estava tão cansado e tão furioso que ficou ali. Fez um abrigo com o que tinha e sentou embaixo dele, na sombra, só pensando, o que pode acontecer, o que ainda pode acontecer...

“E o Senhor tinha um plano. O Senhor fez uma grande trepadeira crescer na terra e cobrir Jonas de modo que o protegesse ali sentado e emburrado, e ele ficou muito contente com a sombra daquela trepadeira.

“Assim a noite passou e o Profeta dormiu embaixo da videira... e quem sabe? Talvez os ventos do deserto não fossem tão frios embaixo daquele abrigo. O que vocês acham?

“Mas antes do amanhecer o Senhor fez um verme, sim, um verme mau, que comeu a planta e a planta murchou e morreu.”

Ele fez uma pausa. Levantou o dedo.

— E o sol nasceu, o Senhor fez um vento forte, é, nós sabemos, um vento forte soprando contra Jonas e o sol fustigando a cabeça dele. Ele desmaiou!

José bateu com as palmas das mãos nas pernas e balançou a cabeça.

— O profeta desmaiou por causa do calor e do vento. E o que ele disse?

Nós rimos, mas esperamos José levantar as mãos e exclamar com a voz de Jonas.

— “Eu quero morrer, Senhor. É melhor morrer do que continuar vivo!”

Todos nós rimos muito e José esperou um pouco, fez uma expressão solene apesar de risonha e falou com a voz suave do Senhor.

— “Você considera certo ficar tão furioso por causa da morte de uma trepadeira?”

— “Sim, Senhor, considero certo ficar furioso, mesmo diante da morte!”

“Em seguida o Senhor disse: ‘Então teve pena de uma planta, não é? Uma videira que você não plantou, uma videira com a qual não teve trabalho nenhum, que surgiu e desapareceu em uma noite. E eu não deveria poupar Nínive, aquela grande cidade, sessenta mil pessoas, um sem-número de animais nos campos e todas aquelas pessoas que mal distinguem a mão esquerda da direita!’”

Rimos de novo e fizemos que sim com a cabeça, e nos sentimos como sempre, o riso nos animou como sempre também.

Depois disso Cleofas leu um pouco para nós, do Livro de Samuel, a história de Davi da qual nunca nos cansávamos.

Algum tempo depois os homens estavam conversando, debatendo a Lei e os profetas, falando de pontos que eu não conseguia acompanhar, e eu fui dormir. Todos nós dormimos lá mesmo, de roupa, ao lado do lampião que ficou aceso.

Amanheceu, ainda era o sabá e continuaria até o pôr-do-sol.

Depois que todos comeram o pão preparado antes manualmente, Velha Sara falou.

Ela estava recostada numa parede sobre almofadas e não tínhamos ouvido a voz dela a noite inteira.

Ela disse:

— Não existe mais uma sinagoga nesta cidade? Será que foi incendiada e não fiquei sabendo?

Ninguém disse nada.

— Ah, então foi destruída, não foi? — ela disse.

Ninguém falou nada. Eu não tinha visto nenhuma sinagoga. Sim, havia uma, mas eu não sabia onde era.

— Responda, meu sobrinho! — disse Velha Sara. — Ou será que perdi o juízo junto com a minha paciência?

— Está lá — disse José.

— Então leve essas crianças para lá — ela disse. — E eu também vou.

José não disse nada.

Nunca ouvi uma mulher falar daquele jeito com um homem antes, mas esta era uma mulher com muitos cabelos brancos. Esta era a Velha Sara.

José olhou para ela. Ela olhou para José e levantou o queixo.

José se levantou e indicou com um gesto para nós fazermos o mesmo.

A família inteira, menos minha mãe, Riba e os pequeninos, que seriam um transtorno numa Casa de Oração, subiu a ladeira, para um lado que eu não conhecia.

Eu tinha perambulado na periferia da cidade para ver a fonte e achei tudo muito lindo, mas não tinha subido e descido a colina.

As casas no topo da ladeira eram iguais pelo lado de fora, pau a pique e caiadas, na sua maioria, mas os pátios eram ainda maiores que o nosso e as figueiras e oliveiras muito velhas. Em um portão aberto duas lindas mulheres sorriram para nós, suas roupas feitas com o melhor linho que eu tinha visto em Nazaré, muito branco, com bordado em ouro na borda dos véus. Gostei de olhar para elas. Vi um cavalo amarrado em um estábulo, não tinha visto nenhum cavalo antes em Nazaré e passamos também por um homem a uma escrivadinha com pernas em xis, com um banquinho também com pernas em xis embaixo dele, lendo seus pergaminhos ao ar livre. Acenou e cumprimentou José quando passamos por ele.

Havia pessoas na rua que nos cumprimentavam meneando a cabeça, outras nos

ultrapassavam porque andávamos lentamente, algumas caminhavam atrás de nós. Não havia sinal de trabalho algum sendo executado. Todos observavam o sabá e se moviam devagar por ali.

Chegamos ao topo da ladeira e vi meu primo Levi com seu pai Jehiel, e pela primeira vez vi a casa enorme deles com as portas e janelas bem talhadas, treliças recém-pintadas, e lembrei que possuíam muitas terras ali perto.

Eles se juntaram a nós pela rua que agora serpenteava mais do que do outro lado e o bando de gente indo naquela direção só aumentava.

Vi muitas árvores à nossa frente e seguimos um caminho pelo meio delas, lá estava a fonte, que enchia as duas bacias de pedra até transbordar, correr e cair no despenhadeiro.

A maior bacia cortada na pedra estava transbordando e era nessa água que muitos iam lavar as mãos.

Fizemos a mesma coisa, lavamos nossas mãos e os braços até em cima, sem molhar nossas roupas. A água era fria, muito fria. Mas gostei. Observei em volta, o riacho fazia muitas curvas como a estrada por onde tínhamos vindo e dava para ver bem, de um lado e do outro.

Levantei-me, belisquei e apertei minhas mãos para afastar o frio.

E lá estava a Casa de Oração, ou a sinagoga, à esquerda do riacho e afastada da estrada, bem visível. Era uma construção grande com uma porta larga e aberta, dois andares e uma escada de um lado, tudo muito bem cuidado, com grama aparada na lateral.

Fomos para a sinagoga e tivemos de esperar a nossa vez para entrar.

Aconteceu uma coisa conosco. Cleofas, Alfeu, José, Simão e a Velha Sara, todos ficaram atrás de mim. Os outros foram na frente, primeiro as mulheres, menos a Velha Sara. Cleofas deu o braço para Velha Sara, e Silas e Levi entraram. Tiago ficou atrás de mim também, com todos os meus tios e José.

José me empurrou gentilmente para a porta.

Os homens se enfileiraram à minha direita e à esquerda.

Parei quando cheguei ao portal de madeira. O lugar era muito maior do que a pequena sinagoga na qual nos reuníamos em Alexandria, uma casa só para os nossos vizinhos, já que havia tantas sinagogas. E tinha bancos ao longo das paredes, em degraus ascendentes, de modo que as pessoas ficavam como se estivessem num teatro ou na grande sinagoga de Alexandria que eu tinha visitado uma vez.

Os bancos do lado esquerdo estavam lotados de mulheres. Vi minhas tias e Bruria, nossa refugiada, tomarem seus lugares. Havia crianças no chão, muitas, por toda parte e à direita, na frente dos homens.

Havia uma fileira de postes e no fim um lugar para um homem ler de pé.

Olhei para cima, pois era hora de entrar. Tinha muita gente atrás de mim querendo entrar. E ninguém impedindo o meu caminho.

Mas tinha um homem alto à esquerda, um homem com uma barba grisalha muito comprida e com aspecto de ser macia, e um bigode tão cheio que mal dava para ver sua boca. Seus olhos eram escuros e o cabelo comprido, até os ombros, só um pouco grisalhos, por baixo do xale de oração.

Ele pôs a mão na minha frente.

O homem falou com uma voz muito suave, olhando bem para mim, mas suas palavras eram para os outros.

— Eu conheço Tiago, sim, e Silas e Levi, lembro-me deles, mas e este? Quem é este?

Fez-se um silêncio muito grande.

Vi que todos na sinagoga olhavam para nós. Não gostei disso, estava começando a ficar com medo.

Então José disse:

— Ele é meu filho. Jesus bar José bar Jacó.

Assim que José disse isso senti os homens atrás de mim chegarem muito perto. Cleofas pôs a mão nas minhas costas, meu tio Alfeu também. Meu tio Simão ficou bem próximo de mim e pôs a mão no meu ombro.

O homem de barba continuou com a mão na minha frente, mas sua expressão era

bondosa. Ele olhou fixo para mim e depois para os outros.

Então soou a voz de Velha Sara, tão clara como antes. Ela estava atrás de todos nós.

— Você sabe quem ele é, Jeremias bar Janneus — ela disse. — Será que preciso dizer que hoje é o sabá? Deixe-o entrar.

O rabino devia estar olhando para ela. Mas eu não ia me virar para ver. Olhei para frente e não vi nada. Talvez tenha visto o chão de terra batida ou a luz que descia pelas treliças. Talvez tenha visto todos os rostos virados para nós.

Para onde quer que eu olhasse, vi que o rabino virava junto comigo. Vi que um dos outros rabinos, e havia dois deles no banco, tinha cochichado alguma coisa para ele.

E depois percebi que estávamos entrando na sinagoga.

Meus tios sentaram bem na ponta do banco, Cleofas sentou no chão e apontou para eu sentar lá também. Tiago, que já estava lá dentro, foi sentar ao lado de Cleofas. Então os outros dois meninos se levantaram e sentaram conosco. Ficamos no canto interno.

Velha Sara entrou lentamente com a ajuda de tia Salomé e de tia Maria e foi até o banco das mulheres. E pela primeira vez pensei: minha mãe não estava lá. Ela poderia ter ido, podia ter deixado as crianças com Riba. Mas ela não foi à sinagoga.

O rabino cumprimentou muitas pessoas e a casa ficou apinhada.

Não levantei a cabeça quando ele falou. Sabia que o rabino recitava de cor quando cantou em hebraico.

— Este é Salomão que vos fala — ele disse —, o Grande Rei. Senhor, Senhor dos nossos pais, Senhor misericordioso, em toda a vossa sapiência destes ao homem o domínio sobre todas as criaturas, administrador do mundo... para ministrar justiça com o coração justo. Dai-me o conhecimento, ó Senhor, a sabedoria que está à direita do vosso trono e não me recusais um lugar entre os vossos servos.

Enquanto ele dizia essas palavras, lentamente os homens e os meninos começaram a repeti-las e ele falou mais devagar para que todos pudessem repetir as frases à medida que ia pronunciando.

Meu medo desapareceu. As pessoas tinham nos esquecido. Mas eu não podia esquecer que o rabino nos interrogara, que o rabino quis nos impedir de entrar.

Lembrei-me das estranhas palavras da minha mãe para mim em Jerusalém, e de seus avisos. Eu sabia que alguma coisa estava errada.

Ficamos horas na sinagoga. Houve leitura, houve conversa. Algumas crianças adormeceram. Depois de um tempo as pessoas foram embora, chegaram outras. Estava quente lá dentro.

O rabino andava de um lado para outro fazendo perguntas e querendo respostas. Às vezes as pessoas riam. Cantamos. Depois conversas novamente sobre a Lei, e até discussões em que os homens levantavam a voz. Mas fiquei sonolento e adormeci encostado no joelho de José.

Mais tarde, quando acordei, todos cantavam. O canto era forte e bonito e não era como as canções desencontradas das pessoas no rio Jordão.

Dormi.

Despertei outra vez quando José me disse que íamos embora para casa.

— Não posso carregá-lo no sabá! — ele sussurrou. — Levante-se.

E eu me levantei. Andei de cabeça baixa, não tinha olhado nos olhos de ninguém na sinagoga.

Fomos para casa. Minha mãe estava sentada, encostada na parede, perto do braseiro, enrolada nos cobertores. Ela olhou para José e vi a dúvida em seus olhos.

Fui até ela e dormi com a cabeça em seu joelho.

Acordei várias vezes antes do pôr-do-sol. Não ficamos nem um momento sozinhos.

Meus tios cochichavam à luz dos lampiões que não podiam se apagar no sabá.

Mesmo se um dia eu tivesse podido fazer uma pergunta para José, o que perguntaria? O que eu perguntaria, que ele não quis me dizer, que me proibiu de questionar? Não queria que minha mãe soubesse que o rabino tinha me barrado na porta da sinagoga.

Minhas lembranças se tornaram elos de uma corrente. A morte de Eleazar na rua em Alexandria e tudo que aconteceu depois, elo por elo. O que tinham dito aquela noite em Alexandria sobre Belém? O que tinha acontecido em Belém? Eu nasci lá, mas o que

estavam dizendo?

Ví o homem morrendo no Templo, a multidão amedrontada e tentando fugir, a longa viagem, o fogo subindo até o céu. Ouvi os bandidos. Estremeci. Senti coisas para as quais não tinha palavras para descrever.

Pensei em Cleofas, quando achei que ele ia morrer em Jerusalém e depois minha mãe no telhado em Jerusalém. Não importa o que digam para você em Nazaré... apareceu um anjo... não houve homem nenhum... uma criança que fez o tecido para o Templo até ficar velha demais... apareceu um anjo.

José disse:

— Ora, Jeshua, por quanto tempo vou ter de olhar para esse rosto preocupado? Amanhã vamos até Séforis.

A ESTRADA PARA SÉFORIS estava muito movimentada desde Nazaré e havia outras pequenas aldeias no caminho. Abaixávamos a cabeça quando passávamos pelas cruzeiras, apesar de terem tirado os corpos delas. Tinham derramado sangue na terra e lamentávamos. Passamos por casas incendiadas e até bosques queimados, vimos pedintes que contavam que tinham perdido tudo para os saqueadores ou para os soldados que “saquearam” suas casas.

Parávamos a cada minuto, José lhes dava algum dinheiro da bolsa da família. E minha mãe oferecia as palavras de consolo que podia.

Meus dentes batiam muito e minha mãe pensou que era frio, mas não era. Era a visão das casas incendiadas de Séforis — apesar de a maior parte da cidade não ter sido queimada e de o mercado estar funcionando normalmente, com pessoas vendendo e comprando.

Minhas tias venderam imediatamente o tecido de linho bordado em ouro que trouxeram do Egito com esse único objetivo e embolsaram mais dinheiro do que esperavam. O mesmo aconteceu com todas as pulseiras, braceletes e belas taças que levaram para vender. A bolsa ficou estufada de tanto dinheiro.

Nós nos aproximamos dos que se lamentavam sentados no meio das vigas de madeira queimadas e das cinzas, chorando pelos que tinham morrido, e dos que imploravam: Viram esta pessoa, ou aquela?” Dávamos esmola para as viúvas da nossa bolsa. E por um tempo ficamos todos chorando, isto é, eu chorei, pequena Salomé também e as mulheres. Os homens tinham se afastado e nos deixado lá.

As pessoas contaram que o que incendiaram foi o centro da cidade, o palácio de Herodes, o arsenal e também as casas mais próximas, onde os rebeldes se abrigaram com seus homens.

Já havia movimentação de limpeza do entulho para a reconstrução no topo da colina. Soldados do rei Herodes estavam por toda parte, examinando as pessoas de cima a baixo, mas os que choravam e se lamentavam nem se importavam com eles.

Era uma visão e tanto, os lamentos e o trabalho, os uivos de dor e o luto, ao lado da compra e da venda no mercado. Meus dentes não batiam mais. O céu estava muito azul e o ar bem frio, mas era uma sensação de limpeza.

Vi em uma casa ali perto alguns soldados romanos que pareciam preparados para sair dali se pudessem, encostados nos batentes das portas e olhando para lugar nenhum. O sol brilhava em seus elmos.

— Ah, sim — disse uma mulher que me viu olhando para eles, de olhos vermelhos, as roupas cobertas de cinzas e terra. — E dias atrás nos massacraram, ouviu, e venderam qualquer um que vissem para os imundos mercadores de escravos que nos atacaram para aprisionar nossos entes queridos. Levaram o meu filho, meu único filho, ele se foi! E o que ele fez além de sair para encontrar a irmã dele, e ela também, para quê? Ela estava indo da minha casa para a casa da sogra dela.

Bruria começou a soluçar pelo próprio filho perdido. E partiu com a escrava para escrever em um muro onde outros escreviam mensagens para aqueles que tinham perdido. Mas tinha pouca esperança de vê-lo de novo.

— Tenha cuidado com o que escreve nesse muro — disse minha tia Salomé.

As outras mulheres concordaram.

Saídos das ruínas no alto vieram homens pedindo para as pessoas trabalharem.

— Vocês querem ficar aqui parados, chorando o dia inteiro? Eu pago para vir ajudar a tirar o entulho!

E outro disse:

— Preciso de mãos aqui para carregar os baldes de entulho, quem se habilita?

Ele estendia a mão aberta com moedas para refletirem a luz do sol.

As pessoas vociferavam enquanto choravam. Xingavam o rei, xingavam os bandidos, xingavam os soldados romanos. Algumas foram trabalhar, outras não.

Abrindo caminho no meio da multidão apareceram os homens da família, com uma carroça nova cheia de comida fresca, sacos de pregos, José me disse, e até telhas.

Na verdade os homens discutiam sobre as telhas, Cleofas dizia que era uma boa idéia, e eram baratas, José dizia que o telhado de barro e galhos já era bom, Alfeu concordava com José e dizia que a casa era grande demais para fazer um telhado de telhas em toda ela.

— Além do mais, com toda essa construção acontecendo aqui, não haverá telhas que cheguem daqui a um dia.

Homens se dirigiam a eles oferecendo trabalho.

— Você são carpinteiros? Pago o dobro do que receberem de qualquer um. E só dizer. Agora. Começam a trabalhar neste minuto mesmo.

José agradeceu e disse que não.

— Acabamos de chegar de Alexandria — ele disse. — Fazemos apenas trabalho de acabamento...

— Mas eu tenho trabalho de acabamento! — disse um homem corpulento e bem vestido. — Tenho de terminar uma casa inteira para o meu patrão. Foi tudo queimado... restaram apenas os alicerces.

— Nós temos muito que fazer na nossa aldeia — disse José quando tentamos seguir nosso caminho.

Os homens nos rodearam, insistindo, querendo comprar a madeira que tínhamos na carroça e nos usar como equipe. José prometeu que voltaríamos assim que pudéssemos. O nome do empreiteiro rico era Jannaeus.

— Eu me lembrarei de vocês — ele disse. — Você são os egípcios.

Rimos disso e fomos em frente, voltamos para a paz do campo.

Mas foi assim que ficamos conhecidos... como os egípcios.

Da estrada olhei para trás, para a cidade, e vi toda aquela movimentação sob o sol do fim da tarde. E meu tio Cleofas viu que eu estava olhando. Ele disse:

— Já viu um formigueiro?

— Já.

— Já pisou em um?

— Não, mas vi outro menino pisando.

— O que as formigas fizeram? Elas começaram a correr para todo lado, mas não saíram de cima do formigueiro e o reconstruíram. É isso que acontece na guerra, seja ela pequena ou grande. As pessoas simplesmente continuam a vida. Elas se levantam e

prosseguem, porque precisam de água, de pão e de um teto, e recomeçam tudo, não importa o que aconteça. Um dia você pode ser agarrado pelos soldados e vendido como escravo e no dia seguinte eles nem verão você quando passar. Porque acabou, alguém disse que acabou.

— Por que tem de bancar o sábio com o meu filho? — perguntou José.

Estávamos andando devagar, atrás da carroça. O burro andava bem.

Cleofas riu.

— Se eu não tivesse sido aprisionado por uma mulher — ele disse —, teria sido um profeta.

Toda a família riu dele. Até eu ri, sem poder me conter. E minha tia, a mulher dele, disse:

— Ele fala melhor do que canta. E se existe um salmo com uma formiga, ele canta.

Meu tio começou a cantar e minha tia gemeu, mas logo estávamos cantando com ele. Não existia salmo que falasse de formiga, não que eu conhecesse.

Quando Cleofas terminou de cantar disse:

— Eu devia ter sido profeta.

Até José riu disso.

A mulher dele disse:

— Então comece, conte para nós se vai chover antes de chegarmos em casa.

Cleofas me segurou pelos ombros.

— Você é o único que me dá ouvidos — ele disse, olhando nos meus olhos. — A verdade é essa, ninguém dá ouvidos a um profeta em sua própria terra!

— Eu não lhe dei ouvidos no Egito — disse a mulher dele.

Depois que todos riram disso, até Cleofas, minha mãe disse carinhosamente:

— Eu ouço o que você diz, irmão. Sempre ouvi.

— Você ouve, irmã, isso é verdade — disse Cleofas. — E não se importa quando ensino uma ou duas coisas para o seu filho, não é? Porque ele não tem avô vivo e na

minha juventude quase me tornei um escriba.

— Você quase se tornou escriba? — perguntei. — Nunca soube disso.

José abanou o dedo para mim pedindo a minha atenção e balançou a cabeça exageradamente: não.

— E você sabia disso, irmão? — perguntou Cleofas, mas com simpatia. — Quando levamos Maria para Jerusalém, para a casa em que os véus eram tecidos, estudei meses no Templo. Estudei com os fariseus, com o maior deles. Sentei aos pés dele. — Ele deu um tapinha no meu ombro para chamar a minha atenção. — Há muitos mestres no Templo. Os melhores de Jerusalém e também, bem, alguns não tão bons.

— E alguns alunos deles também não são tão bons — disse Alfeu em voz baixa, mas para todos poderem ouvir.

— Ah, o que eu poderia ter sido se não tivesse ido para o Egito — disse Cleofas.

— Mas por que foi para lá? — perguntei.

Ele olhou bem para mim. Todos ficaram em silêncio. Continuamos a andar em silêncio.

Então ele sorriu carinhosamente.

— Eu fui porque minha família foi, você, minha irmã, o marido dela, os irmãos dele e meus parentes.

Não era resposta para a minha pergunta, nenhuma resposta verdadeira. Mas eu sabia já há algum tempo que seria mais fácil saber de coisas com meu tio Cleofas do que com qualquer outro.

Ouvimos uma trovoadasurda.

Apressamo-nos, mas uma chuva fina nos pegou e tivemos de sair da estrada e nos abrigar sob as árvores. A terra tinha uma camada grossa de folhas mortas.

— Muito bem, profeta — disse minha tia Maria —, faça a chuva parar para podermos ir para casa.

Nós rimos, e José nos corrigiu.

— Mas vocês sabem que um santo pode fazer a chuva cair e parar — ele disse. —

Prestem atenção no que eu digo. Da Galiléia, o santo, Honi, o Desenhista do Círculo, na época do meu bisavô, fazia chover e fazia parar de chover.

— Conte para as crianças o que aconteceu com ele — disse minha tia Salomé. — Você deixou de fora a melhor parte.

— O que aconteceu com ele? — perguntou Tiago.

— Os judeus o apedrejaram no Templo — disse Cleofas sacudindo os ombros. — Não gostaram da oração dele! — Ele deu risada.

Então Cleofas riu mais ainda, como se achasse aquilo mais engraçado cada vez que lembrava.

Mas não consegui achar graça.

A chuva agora estava mais forte e, passando pelo meio dos galhos, nos molhava.

Veio à minha mente um pequeno pensamento, tão pequeno que imaginei que não devia ser maior do que o meu dedo mindinho. *Quero que essa chuva pare.* Bobagem minha pensar esse tipo de coisa. Pensei em todas as coisas que tinham acontecido... os pardais, Eleazar... Olhei para cima.

A chuva tinha parado.

Fiquei tão espantado que não parava de olhar para as nuvens, incapaz de fazer qualquer coisa, até respirar.

Todos ficaram muito alegres com isso, voltamos para a estrada e fomos indo para casa.

Não disse nada para ninguém, mas fiquei perturbado, profundamente perturbado. E sabia que jamais diria para alguém o que tinha acabado de fazer.

Achei Nazaré bonita quando voltamos. Gostei muito da pequena rua com as casas brancas e as videiras que cresciam nas nossas treliças, mesmo com o frio da primavera. Parecia que na figueira tinham brotado mais folhas nesses últimos dias.

E lá estava Velha Sara à nossa espera. O pequeno Tiago lia para o Velho Justo. E os pequeninos brincavam no pátio e corriam pelos quartos.

Toda a tristeza e o sofrimento de Séforis ficaram para trás.

E a chuva também.

A QUELA NOITE ficou decidido que eu ficaria para trabalhar na casa com José, e Alfeu e seus filhos, Levi e Silas, assim como Cleofas e talvez Simão, iriam até Séforis para reunir uma equipe de trabalhadores do mercado. Havia dinheiro suficiente. E o tempo estava bom.

Também ficou decidido que não importava quem ia trabalhar onde, nós meninos subiríamos até a sinagoga para estudar com os três rabinos. Só quando nos liberassem nos juntaríamos aos homens, provavelmente na metade da parte da manhã.

Eu não queria ir para a escola. E quando me dei conta disso, mais uma vez, todos os homens da família já subiam a ladeira conosco, fiquei com medo.

Mas Cleofas segurava a mão do pequeno Simeão. E tio Alfeu a do pequeno Josué, tio Simão de Silas e de Levi. Talvez tivesse de ser assim mesmo.

Chegamos à escola, havia lá três homens que eu tinha visto na sinagoga e ficamos diante do mais velho deles, que nos fez entrar com um gesto. Este homem não tinha falado e nem ensinado no sabá.

Bem, ele era muito velho e não tinha realmente olhado para ele porque tive medo demais na sinagoga. Mas ali ele era o mestre.

José disse:

— Estes são nossos filhos que vieram para aprender, rabino. O que podemos fazer pelo senhor?

Ele ofereceu ao rabino uma bolsa, com a mão em cima, mas o rabino não pegou.

Quando vi isso fiquei nauseado.

Jamais tinha visto um homem recusar uma bolsa de dinheiro. Vi então que o homem olhava diretamente para mim. E abaixei a cabeça na mesma hora, eu queria chorar. Não consegui me lembrar de uma só palavra do que minha mãe tinha dito para mim aquela noite em Jerusalém. Só me lembrava do rosto dela e do jeito que sussurrou para mim. E da aparência de Cleofas naquele leito de doente quando ele falou e todos pensamos que ia morrer.

Este senhor tinha cabelo e barba completamente brancos. Dava para ver, mesmo

olhando só para a barra do manto dele que era de lã fina e as franjas costuradas com o tradicional fio de bordar azul.

Ele falou com uma voz suave e gentil.

— Sim, José — ele disse. — Tiago, Silas e Levi eu conheço, mas Jesus bar José?

Os homens atrás de mim não disseram uma palavra.

— Rabino, o senhor viu o meu filho no sabá — disse José. — O senhor sabe que ele é meu filho.

Nem precisei olhar para José para saber que ele não estava nada calmo.

Reuni todas as minhas forças e olhei para o velho. O velho olhava para José.

Comecei a chorar sem fazer nenhum ruído. Não pude evitar. Por mais firme que fosse o meu olhar, as lágrimas vieram. Engoli tudo, em silêncio.

O velho não disse nada. Ninguém falou.

Então José se manifestou como se estivesse rezando.

— Jesus bar José bar Jacó bar Matthan bar Eleazar bar Eliud da Tribo de Davi que veio para Nazaré com uma concessão de terra do rei para desenvolver a Galiléia dos Gentios. E filho de Maria, filha de Ana, filha de Matatias e Joaquim bar Samuel bar Zakkai bar Eleazar bar Eliud da Tribo de Davi... Maria de Ana e Joaquim, uma das que foram enviadas a Jerusalém para viver entre as escolhidas das oitenta e quatro virgens com menos de doze anos de idade e um mês, para tecer os dois véus por ano para o Templo, o que ela fez até a maioridade e retornou para casa. Assim está registrado no Templo esses anos de serviço e essa linhagem, e foi registrada no dia em que o menino foi circuncidado.

Fechei e abri os olhos. O rabino parecia satisfeito e gentil quando viu que eu olhava para ele, chegou a sorrir. Então olhou de novo para José.

— Não há ninguém aqui que não lembre a sua ascendência — ele disse. — E há outras coisas que todos lembram também. Certamente você entende.

Silêncio outra vez.

— Eu me recordo — continuou o rabino com a voz tão gentil como antes — daquela manhã em que seu jovem filho saiu de casa e deu um escândalo na aldeia...

— Rabino, eles são crianças pequenas — disse José. — Não cabe aos pais dessas crianças contar a elas as coisas a seu tempo?

— Os pais? — perguntou o rabino.

— Pela Lei eu sou o pai do menino — disse José.

— Mas onde se casou com a sua parenta e onde nasceu seu filho?

— Na Judéia.

— Em que cidade da Judéia?

— Perto de Jerusalém.

— Mas não em Jerusalém?

— Casei-me em Betânia — disse José —, na casa da família da minha mulher lá, com sacerdotes do Templo, suas primas Isabel e o marido de Isabel, Zacarias.

— Ah, sim, e foi lá que o menino nasceu?

José não queria dizer. Mas por quê?

— Não — ele disse. — Não foi lá.

— Então onde foi?

— Em Belém da Judéia — ele disse, finalmente.

O rabino olhou para um lado, depois para o outro, os dois rabinos viraram para ele, mas ninguém disse nada.

— Belém — disse o velho rabino. — A cidade de Davi.

José não respondeu.

— Por que saíram de Nazaré e foram para lá, se os pais da sua noiva, Joaquim e Ana, já eram idosos? — perguntou o rabino.

— Por causa do censo — respondeu José. — Eu tinha de ir. Havia ainda uma terra para mim em Belém, para onde o nosso povo voltou depois do exílio e tive de tomar posse dela, senão ia perdê-la. Fui registrar-me onde meus ancestrais nasceram.

— Hummm... — disse o rabino. — E tomou posse.

— Sim. Tomei posse da terra e a vendi. E o menino foi circuncidado e o nome dele incluído nos registros do Templo, conforme eu disse, e estão lá.

— Estão lá sim — disse o rabino —, até outro rei dos judeus resolver queimá-los para ocultar sua herança.

Quando ele disse isso outros homens riram baixinho e balançaram a cabeça, e alguns meninos mais velhos deram risada. Foi quando os vi pela primeira vez.

Não sabia o que ele queria dizer com isso. Parecia uma das crueldades do rei Herodes, que não tinham fim.

— E depois disso vocês foram para o Egito — disse o rabino.

— Trabalhamos em Alexandria, meus irmãos, os irmãos da minha mulher e eu — disse José.

— E você, Cleofas, abandonou seu pai e sua mãe e levou sua irmã para Betânia?

— Nossa mãe e nosso pai tinham servos — disse Cleofas. — E Velha Sara, filha de Elias, estava com eles, e o Velho Justo não estava doente.

— Ah, sim, eu lembro — disse o rabino —, e você tem razão. Mas como seus pais choraram pelo filho e pela filha deles.

— E nós choramos por eles — disse Cleofas.

— E você se casou com uma mulher egípcia.

— Uma mulher judia — disse Cleofas —, nascida e criada na comunidade judaica em Alexandria. E de uma boa família que enviou isso para o senhor.

Vinha aí unia surpresa.

Ele estendeu a mão com dois pergaminhos pequenos, ambos em belas caixas com bordas de bronze.

— O que é isso? — perguntou o velho rabino.

— Está com medo de tocar neles, rabino? — perguntou Cleofas, oferecendo o presente. — Dois breves tratados de Philo de Alexandria, um acadêmico, filósofo se preferir, muito admirado pelos rabinos de Alexandria, que foram comprados de livros publicados no mercado e trazidos para o senhor como presente?

O rabino esticou a mão.

Respirei fundo quando ele segurou os pergaminhos.

Não sabia que meu tio tinha esses documentos. Escritos de Philo. Nem sonhava com tal coisa. E ver o rabino recebendo aquilo me deixou tão contente que as lágrimas afloraram de novo, só que continuei calado como antes.

— E quantos cabelos brancos tem Philo de Alexandria? — perguntou o rabino.

Todos riram disso, discretamente.

Mas eu estava muito melhor, porque não falavam mais de mim.

— Se ele o tivesse como acusador, teria uma quantidade enorme de cabelos brancos! — disse Cleofas.

Escutei José retrucando no ouvido de Cleofas, mas os meninos riram, e um grande e aberto sorriso surgiu no semblante do rabino.

Cleofas não conseguia parar.

— Devíamos recolher doações — ele disse apontando para a sala toda — e enviar o rabino para Alexandria. Estão precisando demais de fariseus para endireitá-los por lá.

Mais risos.

O velho rabino riu. Então os outros dois rabinos também riram. Todos deram risada.

— Agradeço o seu presente — disse o velho rabino. — Você não mudou nada. E agora que estão aqui, artesãos habilidosos que são, todos vocês, podem observar que há trabalho para ser feito nesta sinagoga, que o antigo carpinteiro, que Deus o tenha, não conseguiu fazer enquanto vocês estiveram fora.

— Estou vendo sim — disse José —, e somos seus servos, vamos consertar tudo que o senhor quiser. Uma nova mão de tinta aqui, e os din-téis, isso estou vendo que precisa e vamos emassar do lado de fora e consertar os bancos se o senhor permitir.

Silêncio.

Levantei a cabeça. Os três velhos estavam novamente olhando para mim.

Por quê? O que mais podiam perguntar? O que mais podia ser dito? Senti meu

rosto pegando fogo outra vez. Ruborizei, mas não sabia por quê. Fiquei vermelho por causa de todos os olhos voltados para mim. As lágrimas escorreram pelo meu rosto.

— Olhe para mim, Jesus bar José — disse o rabino.

Fiz o que ele mandou.

Em hebraico ele perguntou:

— Por que os fenícios cortaram o cabelo de Sansão?

— Peço para o rabino me perdoar, mas não foram os fenícios — respondi em hebraico. — Foram os filisteus. E cortaram o cabelo para deixar Sansão fraco.

Ele falou comigo em aramaico.

— Onde está Elisha que foi levado na carruagem?

— Peço ao rabino que me perdoe — eu disse em aramaico. — Foi Elijah que foi levado e Elijah está com o Senhor.

Em grego ele perguntou:

— Quem é que reside no Jardim do Éden, escrevendo tudo que acontece neste mundo?

Não respondi de imediato. Então disse em grego:

— Ninguém. Não há ninguém no Éden.

O rabino chegou para trás no banco, olhou para um lado e depois para o outro. Os outros rabinos olharam para ele e olharam para mim.

— Não há ninguém no Éden escrevendo os feitos do mundo? — ele perguntou.

Pensei um pouco. Eu tinha de dizer o que eu sabia. Mas como eu sabia, isso não podia dizer. Será que estava lembrando? Respondi em grego:

— Os homens dizem que é Enoc, mas o Éden está deserto até o Senhor dizer que o mundo inteiro será o Éden de novo.

O rabino falou em aramaico:

— Por que o Senhor rompeu seu acordo com o rei Davi?

— O Senhor jamais rompeu o acordo — eu disse, e isso eu sempre soube, desde quando aprendia a primeira resposta, nem precisava pensar para responder. — O Senhor não rompe acordos. O trono de Davi está lá..

O rabino ficou calado e os outros também. Os velhos nem se entreolharam.

— Por que não há um rei da Casa de Davi naquele trono? — perguntou o rabino, aumentando o tom da voz. — Onde está o rei?

— Ele virá — eu disse. — E sua Casa existirá para sempre.

O rosto dele ficou ainda mais bondoso do que antes. Ele falou baixo.

— Será construída por um carpinteiro? — perguntou.

Risos. Os velhos riram primeiro e depois os meninos que estavam sentados no chão. Mas o velho rabino não riu. Por um breve momento vi tristeza na expressão dele, depois desapareceu e ele ficou esperando a minha resposta, com um olhar suave nos olhos bem abertos. Meu rosto queimava.

— Sim, rabino — eu disse —, um carpinteiro construirá a Casa do rei. Há sempre um carpinteiro. Até o próprio Senhor, de vez em quando, é carpinteiro.

O velho rabino chegou para trás, surpreso. Ouvi ruídos à minha volta. Não gostaram dessa resposta.

— Diga-me de que maneira o Senhor é carpinteiro — disse o velho rabino em aramaico.

Pensei nas palavras que José tinha dito para mim inúmeras vezes.

— O Senhor não disse para Noé quantos côvados devia ter a arca, e com que tipo de madeira devia construí-la? E que a madeira devia ser coberta com breu, e o Senhor não disse quantos andares a arca devia ter, e o Senhor não disse que devia ter uma janela de um côvado, e o Senhor não disse para Noé onde devia construir a porta? — Parei de falar.

O homem mais velho sorriu bem devagar. Não olhei para mais ninguém. Fez-se silêncio novamente.

— E não é verdade — continuei na nossa língua — que o Senhor deu ao profeta Ezequiel a visão do Templo, as medidas das galerias e dos pilares, os portões, o altar,

disse como tudo devia ser?

— Sim, é verdade — disse o velho rabino, sorrindo.

— E, senhor — continuei —, não foi a Sapiência que disse que quando o Senhor fez o mundo, a Sapiência estava lá como um mestre artesão, e se a Sapiência não é o Senhor, o que é a Sapiência?

Parei. Não sabia onde tinha aprendido essa parte. Mas então continuei.

— Meu senhor rabino — eu disse —, foram os carpinteiros que Nabucodonosor levou para a Babilônia, em vez de matá-los, porque eles sabem construir, e quando Ciro, o Persa, decretou que podíamos retornar, os carpinteiros voltaram para casa para construir o Templo conforme o Senhor disse que deveria ser construído.

Silêncio.

O rabino recuou. Não entendi o que queria dizer a expressão dele. Olhei para o chão. O que eu tinha dito?

Olhei para ele de novo.

— Senhor rabino, desde o tempo do Sinai, onde há Israel sempre há um carpinteiro... um carpinteiro para construir o tabernáculo, e foi o Senhor que revelou as medidas do tabernáculo e...

O rabino me fez parar. Ele deu uma risada e levantou a mão pedindo silêncio.

— Este é um bom menino — ele disse, olhando para José por cima da minha cabeça. — Gosto deste menino.

Os outros homens menearam a cabeça quando o velho fez que sim. Mais uma vez ouvi risos, não uma risada alta, mas risos suaves percorrendo a sala.

Ele apontou para o chão bem na frente dele.

Sentei ali na esteira.

Mais conversas, amigáveis e naturais, quando o rabino recebeu Tiago e os outros meninos, mas não escutei direito o que disseram. Só sabia que o pior tinha passado. Meu coração batia com tanta força que pensei que todos poderiam ouvir. Ainda não havia secado as lágrimas, mas não chorava mais.

Finalmente os homens foram embora e a aula começou.

O velho rabino recitava as perguntas e as respostas, e os meninos repetiam. Quando fecharam as portas ficou quente na sala.

Nada mais disseram para mim aquela manhã e eu não falei nada também, mas recitei e cantei com os outros, olhei para o rabino e o rabino olhou para mim.

Quando acabou e fomos para casa fizemos a refeição com a família, sem chance de perguntar qualquer coisa, mas deu para ver na expressão deles que jamais me contariam por que o velho rabino tinha feito tantas perguntas. Eram os olhos deles quando olhavam para mim, o modo que tentavam fazer com que eu pensasse que não havia nada de errado.

E minha mãe estava muito contente, e eu sabia que ela não sabia o que tinha sido dito lá. Ela parecia uma menina quando servia os pratos e dizia para comermos mais.

Eu estava cansado, como se tivéssemos posto placas de mármore no piso o dia inteiro. Fui para o quarto das mulheres sem saber que estava indo, deitei na esteira da minha mãe e dormi.

Quando acordei ouvi todos conversando e senti o cheiro do mingau de aveia e o cheiro bom de pão no forno. Tinha passado a tarde inteira e eu dormi como um bebê, já era hora de comer de novo.

Fui ao banheiro, lavei meu rosto e as mãos na água fria da bacia, depois me ajoelhei e lavei as mãos na *mikvah*. Voltei para sentar com os outros e comer.

Deram-me um pote, com uma deliciosa coalhada com mel.

— O que é isso? — perguntei.

— Coma — disse Cleofas. — Você não sabe o que é?

Então José riu um pouco, e todos os meus tios também riram como uma brisa passando no meio das árvores.

Minha mãe olhou para o pote.

— Se o seu tio deu para você, deve comer — ela disse.

Cleofas disse baixinho, mas para todos ouvirem:

— “Manteiga e mel ele vai comer, para aprender a recusar o mal e escolher o bem.”

— Você sabe quem disse isso? — minha mãe perguntou.

Eu estava comendo a manteiga com mel. Fiquei satisfeito e dei o pote para Tiago mas ele não quis. Dei para José que passou adiante.

— Eu sei que foi Isaías — respondi para minha mãe —, mas não me lembro de mais nada.

E todos riram do que eu disse. Eu também.

E não me lembrei. Nem pensei muito a respeito.

Desejei por um instante, só um breve instante, fazer uma pergunta para Cleofas sozinho, mas a oportunidade não surgiu. Já era noite. Eu tinha dormido demais. E não fiz o meu trabalho depois da escola. Não podia deixar que isso acontecesse outra vez.

OS DIAS FORAM PASSANDO e eu gostava cada vez mais das horas de estudo pela manhã. Os três rabinos eram conhecidos como “Os Anciãos”, e o mais velho dos três era o grande mestre, ele mesmo um sacerdote que agora era velho demais para ir a Jerusalém, e nos contava as histórias mais maravilhosas que eu já tinha ouvido. O nome dele era rabino Berekhaiah bar Phineas e ele estava sempre em casa no início da noite quando eu queria visitá-lo, como qualquer menino podia fazer. Bem no topo da colina a casa do rabino era espaçosa porque a mulher dele era rica.

De manhã repetíamos e aprendíamos de cor grande parte dos livros sagrados como fazíamos em Alexandria, mas aqui era sempre em hebraico e quando falávamos em geral era na nossa língua. Muitas vezes éramos atendidos quando pedíamos para o rabino Berekhaiah contar suas aventuras.

À noite ele ficava na biblioteca dele, com as portas que davam para o pátio abertas, uma sala modesta, como ele mesmo sempre dizia, sorrindo, e era mesmo se comparada à grande biblioteca de Philo, mas para mim era um lugar atraente e acolhedor. Ele estava à disposição para qualquer pergunta e por mais cansado que eu estivesse por causa do trabalho, eu subia até lá pelo menos para sentar aos pés dele e ficar alguns minutos. Os servos eram gentis e nos serviam água fresca, eu ficaria lá horas ouvindo o rabino contar suas histórias, mas tinha de voltar para casa.

O mestre mais jovem, que não falava muito, era o rabino Sherebias, que também era sacerdote, mas que também não podia mais ir ao Templo, já que uma vez sofrera um terrível acidente na estrada de Jericó, quando assaltantes o atacaram a caminho do Templo para cumprir suas obrigações. Ele e seus irmãos foram espancados, e ele caiu de um precipício e teve uma perna esmagada, que foi amputada pelos médicos de Jerusalém.

Ele usava uma perna de pau, mas não dava para ver por baixo do manto e parecia um homem são, com um ar ágil e saudável. Mas nenhum sacerdote sem um membro podia se apresentar ao Senhor, por isso ele se tornou rabino na escola da aldeia e era procurado por todos por seus ensinamentos. Diziam que tinha se tornado um fariseu só depois que deixou de poder freqüentar o Templo. Seus irmãos eram sacerdotes também, mas viviam em Cafarnaum, que não era muito longe.

O rabino do meio, o último do grupo Os Anciãos, o que tinha nos recebido na sinagoga, era o rabino Jacimus e um grande fariseu, embora todos os três usassem franjas azuis em seus mantos. O rabino Jacimus era muito rígido em todos os seus hábitos e procurava ensinar isso para nós.

Todos da família do rabino Jacimus, e eram muitos — seus tios, irmãos e irmãs com seus maridos e filhos —, eram fariseus e só faziam as refeições entre si, como era o costume dos fariseus, e os costumes de Nazaré nem sempre eram o que gostariam que fossem. Mas todos os procuravam para pedir conselhos. E dois dos irmãos do rabino Jacimus eram escribas da aldeia, que redigiam cartas para as pessoas e até liam cartas dos muito idosos que não podiam ler tão bem. Esses homens escreviam outros textos que tinham de ser feitos e muitas vezes se ocupavam em seus pátios com esses escritos, junto com um homem ou uma mulher que ditava o que devia ser redigido. Pior ainda, às vezes as pessoas gritavam ou choravam por causa do que era lido para elas.

Esses três mestres eram os juizes em disputas, mas havia outros homens muito idosos, que raramente saíam de suas casas devido à idade, que também se reuniam com eles, se precisavam tomar alguma providência.

Na verdade algumas vezes as pessoas iam pedir para o Velho Justo, nosso tio, a sua opinião sobre as coisas. Agora o Velho Justo não podia falar e eu via claramente, como todos nós, que não tinha noção do que diziam para ele, mas mesmo assim as pessoas vinham, contavam suas mágoas e ele meneava a cabeça e arregalava os olhos e sorria. Adorava quando as pessoas falavam com ele. E isso deixava todos felizes, eles iam embora nos agradecendo e a ele.

Minha mãe balançava a cabeça. Velha Sara balançava a cabeça.

Agora, devo dizer que muita gente vinha procurar a Velha Sara. Homens e mulheres a procuravam. Às vezes eu tinha a impressão de que Velha Sara era mesmo venerável como diziam, por conta da sua idade, da sua inteligência e rapidez de raciocínio, que ela não era mais homem nem mulher para as pessoas.

E foi escutando um pouco desses desabafos que fiquei sabendo de muita coisa da aldeia, muita coisa que eu queria saber e algumas que eu não queria saber.

Soube muita coisa das outras crianças da aldeia, da Maria Cega que ficava sempre no pátio da casa do pai dela, sempre rindo e muito falante, dos meninos que vinham

brincar, Simão, o Tolo, que não era nenhum tolo, mas que ria o tempo todo e era muito bondoso, Jasão, o Gordo, que era gordo, Tiago Redondo e Tiago Alto, Michael Atrevido e Daniel Fanático, que era chamado assim porque encarava tudo “com fúria”.

Mas ninguém me ensinou as respostas para as perguntas que agora devoravam meu coração. Eu me esforçava para me lembrar das coisas que minha mãe tinha dito. Fazia isso quando estava executando algum trabalho, como polir uma perna de mesa, ou quando subíamos a ladeira para ir para a escola. Mas nessas horas estávamos todos conversando ou cantando e eu não podia pensar direito. Eu lembrava sim o que ela tinha dito, lembrava com imagens. Veio um anjo e apareceu para minha mãe, nenhum homem foi meu pai, mas o que isso significava?

Eu pensava nisso sempre que podia, mas nossa vida era muito ata-refada.

O tempo que sobrava do trabalho eu ia visitar os rabinos. Não queria sair de perto deles. Rabino Berekhaiah tinha curiosidade sobre Alexandria e me fazia muitas perguntas. Ele gostava de me ouvir falar e a mulher dele também, Miriamne, que era rica e não tão velha, e o pai dela, de cabelo branco, que muitas vezes estava na sala, escutando nossas conversas.

Rabino Berekhaiah leu os pergaminhos de Philo que nossa família deu para ele e fazia perguntas sobre Philo. Eu respondia, sempre dizendo que Philo tinha sido muito bondoso, que tinha me levado para a grande sinagoga só para eu ver, que estudava a Lei e os profetas e que falava deles como um rabino, embora fosse jovem demais, diziam alguns. E contei tudo sobre a casa de Philo e que era muito linda, até onde era apropriado dizer isso.

Um carpinteiro tinha de tomar cuidado com o que dizia sobre as casas daqueles para quem trabalhava. A casa era um lugar privado. Sempre me disseram isso. Mas a casa de Philo sempre estava cheia de jovens pupilos e os rabinos de Alexandria entravam e saíam também, de modo que não fazia mal descrever os desenhos do piso de mármore e as pilhas de pergaminhos que iam até o teto.

Falamos também sobre o porto de Alexandria e sobre o grande farol que eu tinha visto muito bem quando partimos de barco de lá. E falei dos templos que até um bom menino judeu não podia deixar de ver, pois estavam por toda parte e eram muito bonitos, e do mercado onde se podia comprar praticamente qualquer coisa, onde ouvíamos as pessoas falando latim além de grego e tantas outras línguas.

Eu falava um pouco de latim, não muito.

Eles ficaram felizes de ouvir falar dos navios também e nós tínhamos visto muitos em Alexandria, porque havia lá não só as embarcações de alto-mar que iam para a Grécia, para Roma, Antioquia e a Terra Santa, mas também as chatas que chegavam navegando pelo rio Nilo.

Às vezes eu pensava que via Alexandria com mais clareza nessas conversas, porque para responder às perguntas de Miriamne e do velho rabino, do sogro de Berekhaiah, eu tinha de me lembrar de muita coisa. Falei da biblioteca que fora reconstruída depois de Júlio César ter cometido a grande tolice de queimá-la. E falei do Festival especial dos judeus quando comemoramos a tradução da Lei e dos profetas e de todos os livros sagrados para o grego.

Agora aqui em Nazaré ninguém ia ensinar em grego, mas era uma língua falada por muitos, especialmente em Séforis onde todos os soldados do rei falavam grego, a maioria dos artesãos, e aqueles rabinos também falavam e liam. Eles conheciam a Escritura em grego. Tinham cópias dela. Era o que diziam. Mas o hebraico era a língua com que nos ensinavam aqui e a nossa língua, o aramaico, era falada todos os dias. Na sinagoga a Escritura era lida em hebraico, depois o rabino explicava na língua da comunidade. Assim, se alguém não soubesse a língua sagrada, ele ou ela poderia entender.

Eu poderia passar todo o meu tempo com o rabino Berekhaiah. Mas não foi isso que aconteceu.

Logo depois que começamos a trabalhar na casa, José e eu tivemos de ir até Séforis porque havia muita coisa para fazer por lá, as pessoas precisavam de abrigo devido à terrível guerra e tinham dinheiro para pagar. José não aceitou as ofertas de pagamento em dobro que ofereciam, um atrás do outro, mas se limitava ao que ganhávamos por um dia de trabalho em Alexandria e escolhia as obras que achava que teriam melhor utilidade.

Ele, os irmãos dele e meu tio Cleofas eram capazes de andar pelo meio das ruínas de uma casa, conversar com os proprietários sobre ela e depois reconstruí-la como era antes, procurando os pintores, estucadores e pedreiros, e cuidando de tudo, como faziam no Egito com muita facilidade. Tiago e eu sabíamos como ir ao mercado e escolher os operários entre os homens que ficavam por lá.

Mas por mais que organizássemos, tinha sempre muita coisa para levantar, segurar e carregar, tínhamos acesso de tosse com a poeira e as cinzas, e eu ficava com medo daquela conversa de estar havendo problemas em Jerusalém, pois os homens diziam que uma rebelião grave estava acontecendo no Templo. A terra da Judéia tinha vários focos de batalhas e havia bandidos escondidos nas montanhas da Galiléia.

Falavam até de alguns jovens que, apesar de tudo que tinha acontecido na Galiléia, estavam indo para lutar nessa guerra em Jerusalém, que era uma causa santa.

Enquanto isso os romanos tentavam sufocar a rebelião em todo lugar na Judéia, e ainda tinham os árabes marchando com eles, e os árabes incendiavam as aldeias da Judéia. E a família inteira do rei Herodes ainda estava em Roma, brigando e discutindo diante de Augusto para decidir quem devia ser o rei.

Meus dentes não batiam mais de medo, não importava o que eu ouvisse dizer e nossa família não falava muito desse assunto. Mas por todo lado construía prédios para um rei Herodes, fosse quem fosse. Homens chegavam de todos os lugares também, para consertar telhados, pegar água para os que trabalhavam, misturar e dar uma demão de tinta e preparar a argamassa para as pedras, e o nosso clã tinha muitos amigos entre aqueles que tinham muito trabalho e não sabiam como dizer sim para todos.

Meu tio Cleofas olhou em volta e disse:

— Agora Séforis ficará maior do que nunca.

— Mas quem será o rei? — perguntei.

Ele emitiu um som que demonstrava seu desprezo pela família de Herodes. Mas José olhou para ele na hora e Cleofas não disse o que queria dizer.

Os romanos continuavam na cidade, em rondas para manter a paz, vigiando os rebeldes nas montanhas e escutando as reclamações constantes do povo — o sofrimento de um filho desaparecido, da casa que não devia ter sido incendiada —, e às vezes os soldados se exasperavam e pediam silêncio, por não saber o que fazer.

Os soldados bebiam nas tavernas populares e nas esquinas onde compravam alimento. Ficavam nos observando enquanto trabalhávamos. Os escribas ocupados redigindo cartas deles para suas mulheres e filhos.

Aquela era uma cidade judaica. Eu observei isso. Não havia nenhum templo pagão ali. Poucas mulheres públicas faziam companhia aos soldados, apenas as mais velhas, donas das tavernas, e por vezes essas tinham seus homens também. Os soldados bocejavam e olhavam disfarçadamente para as nossas mulheres quando passavam por eles, mas o que podiam ver? Nossas mulheres sempre usavam a vestimenta adequada, com seus xales e véus.

Muito diferente de Alexandria, com tantas mulheres gregas e romanas no meio da multidão das ruas. Muitas usavam véus também, eram modestas, mas havia outro tipo que freqüentava as casas públicas. Nós éramos proibidos de olhar para elas, mas às vezes não conseguíamos evitar.

Aqui a história era outra.

Quando chegavam notícias ruins de batalhas em Jerusalém as pessoas se reuniam em grupos para discutir o assunto, olhavam feio para os soldados, os soldados ficavam agressivos, paravam de parecer simpáticos e formavam bandos pelas ruas. Mas nada acontecia.

Quanto à nossa família e a muitas e muitas outras, continuamos a trabalhar, qualquer que fosse a notícia. Rezávamos enquanto trabalhávamos, bem baixinho. Quando nos reunimos para comer nossa refeição ao meio-dia, agradecemos ao Senhor e abençoamos nosso alimento e bebida. Depois voltamos para o trabalho.

Eu não me importava de fazer isso. Mas estudar em Nazaré era melhor.

O que eu mais gostava além de estudar eram as nossas caminhadas de ida e volta de Séforis porque fazia calor, a colheita tinha quase terminado e para todo lado que virava eu via árvores frondosas. Não havia mais brotos nas amendoeiras, mas muitas outras árvores estavam cheias de lindas folhas. Em cada caminhada eu via coisas novas.

Eu queria sair da estrada e andar pelas florestas, mas não podíamos fazer isso. De modo que eu corria na frente às vezes e passeava um pouco. Um dia, pensei, haverá tempo para passear pelas pequenas aldeias nos pequenos vales, mas naquele momento a vida era plena.

Como alguém podia querer mais do que nós tínhamos?

NÃO SEI QUANTOS DIAS passaram antes de eu começar a me sentir mal.

A febre começou à tarde. Cleofas percebeu antes de mim, depois Tiago também reclamou que não estava bem, Cleofas pôs a mão na minha testa e disse que tínhamos de voltar imediatamente para Nazaré.

José me carregou no colo na última hora da caminhada. Acordei com sede, minha garganta doía e minha mãe estava com medo quando me pôs na cama. A pequena Salomé também estava doente. Éramos quatro, depois cinco acamados no mesmo quarto.

Eu ouvia tosse por toda parte, e minha mãe ficava o tempo todo encostando um copo com água na minha boca. Ouvi quando ela disse para Tiago:

— Você precisa beber! Acorde!

Pequena Salomé gemia e quando encostei nela senti que estava muito quente.

Minha mãe falava comigo.

— Quem sabe o que é isso — ela disse. — Pode ser dos romanos. Eles podem ter trazido isso. Talvez porque estivemos fora daqui e agora voltamos. Ninguém mais na aldeia está doente... só os nossos pequenos.

Mas minha tia Maria também estava mal. Cleofas levou-a para dentro e a pôs na cama. Ele disse o nome dela. E disse como se estivesse zangado, mas não estava. E ela não respondia. Isso tudo eu vi, mas estava meio sonolento. Velha Sara cantou para nós. Quando não podia mais vê-la no escuro, podia ouvir sua voz.

O corpo inteiro doía, meus ombros, os quadris, os joelhos... mas conseguia dormir. E sonhar.

Pela primeira vez tive a impressão de que o sono era um lugar.

Quando me lembro disso agora, sei que até aquele ponto na minha vida sempre combati o sono. Nunca quis realmente fugir para ele. Mesmo quando tinha medo nas montanhas e tudo queimava, queria que o fogo acabasse, que os bandidos violentos fossem embora. Eu não queria fugir para o sono.

Mas agora, com essa doença, com a dor nos ombros e nas pernas, era bom cair

num sono bem profundo.

Sonhei ainda acordado. E foi o sonho mais agradável que já tive. Sabia que estava em Nazaré. Sabia que minha mãe estava ali e que minha tia Maria estava deitada bem perto. Eu sabia que estava seguro.

Mas ao mesmo tempo eu caminhava por um palácio. Era bem maior do que a casa de Philo em Alexandria, e quando cheguei ao fim da sala, vi o mar azul. As pedras chegavam até o palácio dos dois lados na curva da costa e havia tochas lá embaixo no jardim. Muitas tochas. Colunas sustentavam o teto sobre a minha cabeça. Eu conhecia o estilo das colunas, os capiteis com folhas de acanto esculpidas.

Num banco de mármore estava sentado um ser com asas. Parecia um homem, um homem muito bonito. Pensei em Absalão, o filho de Davi, que tinha sido bonito e aconteceu uma coisa muito estranha: o cabelo do homem no banco ficou mais comprido e mais cheio.

— Você está tentando ficar parecido com Absalão — eu disse.

— Ah, você é muito esperto para a sua idade, não é? — ele disse. — O rabino ama você.

A voz dele era musical. Os olhos azuis como o mar brilhavam muito. Na túnica havia bordados verdes e vermelhos, uma videira cheia de flores minúsculas. Ele sorriu para mim.

— Eu sabia que ia gostar disso — ele disse. — O que eu quero saber é... o que acha que está fazendo aqui?

— Aqui? Neste palácio? — perguntei. — Estou sonhando, é claro.

Eu ri dele. Ouvi a minha risada no sonho. Olhei para o mar lá fora e vi as nuvens bem altas no céu e no limite mais distante do mar vi navios se movendo. Parecia que podia ver os remos batendo na água e o homem no timão. Era tudo muito claro sob a lua cheia. Tudo era beleza à minha volta.

— Sim, é um palácio à altura de um imperador — ele disse. — Por que você não mora num lugar assim?

— E por que deveria? — perguntei.

— Bem, certamente é melhor do que a sujeira e a pobreza de Nazaré — ele disse em sua língua educada, com seu sorriso educado.

— Tem certeza disso? — perguntei.

— Eu já morei nos dois lugares — ele disse.

A cara dele se fechou, ele olhou para mim com desprezo.

Olhei de novo para os navios, movendo-se muito rápido, deslizando sob a lua, navegando à noite, quando era perigoso navegar, mas muito lindo.

— Sim, eles estão saindo de Óstia — ele disse —, aquelas lindas galeras. O seu Arquelaus está louco para voltar para casa. E também os irmãos e irmãs dele.

— Eu sei — respondi.

— Quem é você? — ele quis saber, impaciente.

Afinal, este sonho logo terminaria. Todos os sonhos acabam.

Ví que ele estava zangado e que procurava esconder isso. Mas não conseguiu. Fiz com que eu me lembrasse dos meus irmãozinhos. Mas ele não era criança.

— E você também não é criança! — ele disse.

— Ah, agora entendo — eu disse, com a maior satisfação. — Não tinha percebido antes. Quando você está comigo assim, não sabe o que vai acontecer, não é? Não sabe o que está por vir! — Dei muita risada. — Essa é a sua maldição, não saber como vai terminar.

Ele ficou tão furioso que não foi capaz de segurar o sorriso.

Mas quando o sorriso se desfez, começou a chorar. Não podia se controlar. Era um homem adulto caindo em pranto, coisa que eu raramente tinha visto.

— Você sabe que eu sou o que sou por causa do amor — ele disse. — Isso que eu sou é pelo amor.

Fiquei triste por ele. Mas tinha de tomar cuidado. Ele cobriu o rosto com as mãos e olhava para mim por entre os dedos. Estava chorando, sim, mas me observava, e foi um sofrimento imenso vê-lo daquele jeito. Eu não queria olhar para ele. Não podia fazer nada por ele.

— Quem é você? — ele perguntou novamente e a fúria era tanta que parou de chorar e estendeu a mão para mim. — Exijo que me diga!

Recuei para longe dele.

— Não encoste em mim — eu disse.

Eu não estava zangado nem tenso, mas queria que ele compreendesse.

— Nunca, nunca mesmo, encoste as mãos em mim.

— Você sabe o que está acontecendo em Jerusalém? — ele quis saber.

A raiva dele era tanta que seu rosto estava completamente vermelho, os olhos ficando cada vez mais arregalados.

Não respondi.

— Vou mostrar para você, filho de anjo! — ele disse.

— Não precisa se dar ao trabalho — eu disse.

Diante de nós, em vez do mar azul, de repente vi o grande pátio do Templo. Eu não queria ver. Não queria pensar nos homens lutando, como fizeram quando eu estava lá. Mas aquilo era muito pior.

Sobre as colunas arqueiros disparavam flechas nos soldados romanos, outros jogavam pedras e todo tipo de luta acontecia, então as chamas surgiram ao pé das colunas, fogo, terror, e as labaredas horríveis crescendo e pegando os judeus desavisados quando tudo se encheu de fogo, o trabalho em ouro do lado de fora dos prédios começou a queimar, corpos caíam no meio das chamas, as pessoas gritavam e imploravam para o Senhor salvá-las.

O pátio inteiro pegou fogo e alguns judeus se desfizeram de suas armaduras e correram para o incêndio, rugindo e berrando, alguns romanos também enfrentavam as chamas onde podiam, outros romanos saíam com os braços carregados de tesouros. O tesouro do Templo, tesouro sagrado, tesouro do Senhor. Os gritos dos sofrendores foram demais para mim, não suportei.

— Senhor do céu, tenha piedade deles — pedi.

Eu tinha muito medo. Estremeci. Tremi. Todo aquele meu medo voltou e pior do que antes. Minha cabeça se encheu de incêndios, um depois do outro, como se cada um

se alimentasse do outro até o fogaréu atingir as estrelas. *Do mais profundo das profundezas eu imploro, ó Senhor.*

— Isso é tudo que pode fazer? — perguntou-me aquela estranha criatura.

Ele estava bem perto de mim, belo com sua roupa luxuosa, os olhos azuis cheios de ira apesar de sorrir.

Pus as mãos no rosto. Não podia ver aquilo. Ouvi a voz dele no meu ouvido.

— Estou de olho em você, filho de anjo! — ele disse. — Estou esperando para ver o que pretende fazer. Então prossiga: ande feito criança, coma feito criança, brinque feito criança, trabalhe feito criança. Mas eu observo tudo. E posso não conhecer o futuro, é, mas sei de uma coisa: sua mãe é uma prostituta, seu pai é um mentiroso e o chão da sua casa é de terra. A sua é uma causa perdida, eu sei que é, perdida a cada dia e a cada hora, e você também sabe disso. Pensa que seus pequenos milagres vão ajudar esse povo idiota? Ouça bem o que eu digo, reina o caos. E eu sou seu Príncipe.

Olhei para ele. Eu sabia que se quisesse podia responder. As palavras viriam facilmente e me diriam coisas que agora eu não sabia, arrancariam esse conhecimento da minha cabeça, com a mesma certeza que o som sairia da minha boca. Tudo estaria disposto ali na minha frente, todas as respostas, todo o espectro do Tempo. Mas não, não ia acontecer. Não desse jeito nem de qualquer outro jeito. Eu não disse nada. O sofrimento dele me fazia mal. A expressão de ódio me fazia mal. A fúria dele me fazia mal.

Acordei sem barulho algum. Estava deitado no quarto escuro, coberto de suor e cheio de sede.

A única luz era a do lampião. Tive a impressão de ouvir gemidos vindos de todos os lados. Não sabia onde eu estava, não reconhecia aquele quarto, aquele lugar... e minha cabeça doía. Doía tanto que não dava para suportar. Minha mãe estava perto, mas com outra pessoa.

Cleofas rezava sussurrando. Escutei uma voz estranha, voz de mulher.

— Se isso continuar assim, não vai querer que ela volte...

Feché os olhos. Sonhei. Vi os campos de trigo em volta de Nazaré. Vi as amendoeiras floridas pelas quais passamos no dia que chegamos àquela terra. Vi as

aldeias com suas casas brancas encarapitadas nas encostas. Folhas finas e retorcidas voando com suaves lufadas de vento. Sonhei com água. Aquela criatura queria aparecer outra vez, mas não o deixei chegar. Não, nada do mundo de palácios e navios, não.

— Pare — eu disse. — Não vou.

Minha mãe disse:

— Você está sonhando, estou segurando você. Está em segurança.

Em segurança.

Passaram dias e noites antes que eu recuperasse a consciência. Só descobri isso depois.

E mesmo então dormia a maior parte do tempo. Foram os lamentos que me acordaram, os gritos de dor e o choro, e soube que alguém tinha morrido.

Quando abri os olhos vi minha mãe alimentando pequeno Simeão que estava embaixo das cobertas e encostado num cobertor enrolado. Pequena Salomé dormia ali perto, com o rosto todo molhado. Mas não estava mais tão doente.

Minha mãe olhou para mim e sorriu. Mas seu rosto estava branco e triste, ela havia chorado e eu sabia. Sabia também que uma das pessoas gemendo e chorando na outra sala era Cleofas. Eu ouvi isso, aquele homem adulto soluçando que eu tinha ouvido e visto antes no sonho.

— Conte-me! — sussurrei.

O medo chegou, apertando a minha garganta.

— As crianças melhoraram — ela disse. — Você não lembra? Eu disse para você ontem à noite.

— Não, eu quero saber quem...?

Ela não queria responder.

— Foi a tia Maria? — perguntei.

Virei para o lado onde tia Maria estava dormindo. Ela não estava mais lá.

Minha mãe fechou os olhos e gemeu. Virei para ela, pus a mão no seu joelho, sobre a roupa, mas acho que ela não sentiu. Ela balançava para frente e para trás.

Quando despertei novamente o banquete do funeral já estava acontecendo. Devia ser. Ouvi a música de flautas que cortava o ar como facas de madeira.

José estava comigo e ele me fez tomar um pouco de sopa. Pequena Salomé, sentada ao meu lado com as costas bem retas, falou:

— Você sabia que minha mãe está morta?

— Sinto muito — eu disse.

— E o bebê também morreu porque o bebê estava dentro dela.

— Sinto muito — eu disse.

— Eles já a enterraram. Puseram na caverna.

Eu não disse nada.

Minhas tias chegaram, Salomé e Ester, fizeram a pequena Salomé tomar a sopa e deitar. Pequena Salomé não parava de perguntar pela mãe.

— Ela estava coberta? — perguntou. — Parecia branca?

Disseram para ela ficar quieta.

— Ela chorou quando morreu?

Eu dormi.

Quando acordei o quarto ainda estava cheio de crianças dormindo e meus primos mais velhos estavam lá também, doentes.

Foi só na manhã seguinte que me levantei.

Primeiro pensei que não havia ninguém de pé na casa.

Fui para o pátio.

Fazia calor e as folhas da figueira estavam grandes. Havia pequenas flores brancas em todas as trepadeiras e o céu estava muito azul, mas cheio de nuvens bem alvas que não anunciavam chuva.

Estava com tanta fome que comeria qualquer coisa. Não me lembrava de jamais ter sentido tanta fome.

Ouvi vozes dos cômodos que Cleofas e sua família usavam do outro lado do pátio. Entrei e vi minha mãe e meu tio sentados no chão, conversando, diante de um prato com pão e molho. A janela tinha apenas um véu bem fino. A luz incidia sobre os ombros deles.

Sentei ao lado da minha mãe.

— ... e eu cuidarei deles, estarei sempre com eles, eu os terei comigo porque agora sou a mãe deles e eles são meus filhos.

Era isso que ela estava dizendo para Cleofas.

— Está entendendo? Eles são meus filhos agora. São irmãos e irmãs de Jesus e de Tiago. Posso cuidar deles, quero que você acredite em mim. Todos sempre me trataram como se eu fosse uma menina. Não sou uma menina. Cuidarei de todos eles. Somos todos uma família unida.

Cleofas fez que sim com a cabeça, mas seu olhar era distante. Ele passou o pão para mim, murmurou a bênção e eu também. Engoli o pão.

— Não, não tão depressa — disse minha mãe. — Falo sério. Você não deve comer assim. E beba isso. — Ela me deu água.

Eu queria o pão.

Minha mãe passou a mão no meu cabelo e me beijou.

— Você ouviu o que eu disse para o seu tio?

— Eles são meus irmãos e irmãs — eu disse —, como sempre foram.

Comi um pouco mais de pão com molho.

— Já chega — disse minha mãe.

Ela pegou todo o pão e o molho, levantou-se e saiu. Fiquei lá sentado só com o meu tio. Cheguei mais perto dele. O rosto dele estava calmo como se todo o choro tivesse acabado e ele tivesse ficado vazio.

Ele virou de frente para mim e parecia muito sério.

— Você acha que o Senhor do céu tinha de levar um de nós? — ele perguntou. — E como fui poupado, Ele a levou no meu lugar?

Fiquei tão surpreso que mal conseguia respirar. Lembrei no mesmo instante a oração que fiz por ele, para ele viver, quando ele orava no rio Jordão. Lembrei o poder saindo de mim e indo para ele quando pus a mão nele enquanto ele cantava no rio, e ele nem soube.

Tentei dizer alguma coisa, mas as palavras não saíam.

O que eu podia fazer senão chorar?

Ele me abraçou e ficou balançando comigo, para lá e para cá.

— Ah, meu querido — disse baixinho para mim.

“Ó Senhor de Toda Criação que me curou — ele rezou. — Deve ter sido para o meu bem ter vivido tanta amargura... nós os vivos agradecemos, como faço agora, o pai contará aos filhos a sua perfeição.”

Ficamos semanas sem sair para o pátio.

Meus olhos doíam com a luz. Cleofas e eu pintamos alguns cômodos com cal. Mas os que tinham trabalho em Séforis foram para lá.

Finalmente todos se recuperaram da doença, até a pequena Ester por quem mais temíamos, só porque era muito pequena. Mas eu sabia que já estava boa porque ela berrava a mais não poder.

O rabino Sherebias, o sacerdote com a perna de pau, veio à nossa casa com a Água da Purificação para aspergir em nós uma vez e mais nos dias seguintes. Essa água ele preparava com as cinzas da novilha vermelha, que tinha sido sacrificada e queimada no Templo de acordo com a Lei para isso, e com a água corrente do riacho além da sinagoga no limite da aldeia.

Com essa Água da Purificação ele aspergiu não só a nós, mas também toda a casa, todos os utensílios da cozinha e os potes usados para servir comida e água ou vinho. A Água foi jogada em tudo. Até na *mikvah*.

Nós nos banhamos na *mikvah* depois de cada aspersão. E assim que o sol se pôs no último dia de aspersão todos nós e a nossa casa estávamos purificados.

Isso foi da impureza que pegamos com a morte de tia Maria sob o nosso teto. E era uma coisa solene para nós, especialmente para Cleofas, que recitou a passagem do

Livro dos Números que falava dessa purificação e de como deveria ser feita.

Minha mente se concentrou nesse ritual. Resolvi que queria ver o sacrifício da novilha vermelha com meus próprios olhos um dia, em Jerusalém.

Agora não, enquanto acontecia aquela violência toda. Mas um dia, quando estivesse tudo em paz e pudéssemos ir para lá. O sacrifício da novilha vermelha que depois era queimada com o couro, a carne, o sangue e o estêreo, para fazer as cinzas da purificação... que visão devia ser, pensei. Havia tanta coisa para ver no Templo... E agora o Templo era um campo de luta.

Era a única maneira que eu me lembrava dele, cheio de gente morta e pessoas berrando, aquele homem que mataram diante dos meus olhos, aquele soldado montado que na minha lembrança mais parecia homem e cavalo em um só ser, com sua longa lança cheia de sangue. Isso e depois a batalha incendiária que tinha visto no sonho, aquele estranho sonho. Como é que tinha sonhado aquilo?

Mas tudo isso estava muito distante.

Enquanto fazíamos a purificação tudo era paz.

Jamais em Alexandria eu me lembrava de terem feito isso, aquela aspersão com a Água da Purificação, e me lembrava vagamente da morte de uma criança pequena lá, o filho do meu tio Alfeu. Mas aqui na Terra, era costume fazer essas coisas de acordo com a Lei. E todos gostavam de agir assim.

Mas eu sabia que meus tios não tinham esperado esse ritual para ir trabalhar em Séforis. Eles não podiam mesmo esperar. Alguns ficaram lá trabalhando o tempo todo da doença. E as mulheres iam até a horta quando precisavam também. Não fiz nenhuma pergunta sobre isso para ninguém. Eu sabia que fazíamos o que podíamos. E eu confiava no que meus tios e José diziam. As pessoas faziam tudo que podiam.

E agora, não muito depois desse tempo, antes mesmo de eu sair de casa, meus tios começaram uma grave discussão.

Havia muito trabalho para fazer em Séforis, de modo que podiam escolher entre os mais difíceis, os que mais gostavam de fazer e entre as obras que utilizavam mais as habilidades da família. Mas José, em quem todos confiavam para tratar disso, não cobrava preços diferentes de qualquer tipo de serviço. Os tios achavam que isso não estava certo e alguns dos outros carpinteiros em Séforis também eram da mesma

opinião. Os tios queriam o dobro pelos trabalhos que exigiam mais perícia e os outros carpinteiros apoiavam, mas José não cobrava o dobro.

Todos eles acabaram subindo a ladeira para ir falar com o rabino Berekhaiah, embora quisessem mesmo ver o rabino Jacimus, o fariseu mais rígido.

— Precisamos de um fariseu para definir isso — tinha dito meu tio Cleofas.

E todos concordaram. Até José. Mas ninguém ia pedir para o rabino mais jovem antes de falar com o rabino mais velho.

O rabino Berekhaiah disse logo para procurar o rabino Jacimus, o fariseu, e para fazer o que ele dissesse.

Nós, os meninos pequenos, não podíamos entrar, e como foi ficando muito quente lá fora, voltamos para casa.

Eles demoraram muito para voltar e quando chegaram estavam todos satisfeitos. Parecia que o rabino Jacimus tinha feito a alegria de todos com este argumento: se eles cobrassem o dobro pelas obras especializadas, podiam deixar os meninos ir para a escola a metade do dia. E José concordou com isso!

Nós batemos palmas. Aquela era uma ótima notícia. Tiago e eu nos entreolhamos. Até nossos primos, Silas e Levi, ficaram contentes. O pequeno Simeao também gostou e ele nem sabia direito do que se tratava.

Nós íamos ter mais aulas. E a casa ia contar com maiores salários.

Minha mãe ficou muito satisfeita.

Bebemos um bom vinho com o jantar aquela noite, e à luz dos lampiões José leu para nós uma das histórias gregas que gostávamos muito, dos pergaminhos que trouxemos de Alexandria, A História de Tobit.

Nós nos reunimos para ouvir, as mulheres também, porque todos gostavam da história do anjo que apareceu para Tobias, o filho de Tobit, de quando esse anjo, “disfarçado”, contou para Tobias das curas que ele podia efetuar com as entranhas do peixe que tentou engolir o pé dele e de como ele devia se casar com a jovem Sara, filha de Raquel, e de Tobias perguntando se não era verdade que Sara já tinha tido sete maridos e que todos eles tinham sido mortos na noite de núpcias por um demônio.

Rolamos de rir quando José leu essa parte fazendo a voz do inocente Tobias. E depois José virou o anjo Rafael novamente.

— Agora preste atenção e não se preocupe com esse demônio!

José continuou lendo com a voz do anjo que disse que Tobias ia se casar com Sara aquela noite mesmo e que tudo que tinha de fazer era pôr o fígado e o coração do peixe no fogo da câmara nupcial e que o cheiro ia afastar o demônio para sempre!

— E quem mais vocês acham que esse cheiro ia afastar? — perguntou Cleofas.

Até minha mãe deu risada.

José prosseguiu a leitura como o prestimoso anjo Rafael, falando depressa.

— Agora antes de deitar na cama, fique de pé e reze, pedindo segurança e misericórdia. Não tenha medo, a moça foi escolhida para você desde antes do início do mundo, você vai salvá-la, ela irá com você, suponho que terão filhos e que serão meninos e meninas, e não diga mais nada.

Mais uma vez rimos tanto que quase chegamos a chorar.

— É assim que se faz — disse minha tia Ester e todos caíram na gargalhada de novo, se entreolhando.

— Não diga mais nada! — gritou minha tia Salomé e foi aquela risa-daria outra vez, como se elas, as mães, soubessem muito mais do que nós como aquilo era engraçado.

— E o anjo é quem sabe! — exclamou minha tia Ester.

Todos se calaram. Cessaram as risadas.

Vi que olhavam para a minha mãe, depois uns para os outros.

Minha mãe tinha o olhar perdido, então sorriu. Ela riu. Balançou a cabeça, deu risada e todos recomeçaram a rir também.

A história tinha muitas partes engraçadas e conhecíamos todas de cor. Do fedor do peixe o demônio fugiu, o anjo o prendeu, Tobias amou Sara, seu sogro não o deixou ir para casa porque gostou demais dele e a festa do casamento durou catorze dias, e quando finalmente voltou para casa, sim, ele curou a cegueira do pai com o remédio do peixe que tinha tentado engolir seu pé, e outra festa de casamento durou outros tantos dias e

todos ficaram felizes. Então chegou a parte mais séria da história, as longas e lindas orações de Tobit, que todos nós sabíamos em grego e que recitamos em grego.

No fim da prece, José, que nos guiava, pronunciou as palavras mais lentamente, já que agora tinham um significado para nós que não possuíam no Egito.

— Jerusalém, nossa cidade sagrada, o Senhor a flagelou por obra de suas mãos, mas Ele terá piedade dos filhos dos justos. Louvemos ao Senhor, pois Ele é bondade, e abençoado seja o Rei dos séculos, pois Ele novamente erguerá sua tenda entre nós...

Ficamos tristes de pensar na batalha que acontecia lá. E enquanto orávamos fiz as lembranças das lutas irem embora. Vi o Templo como era antes de saber que os homens iam lutar uns contra os outros.

Vi as paredes altíssimas e centenas de pessoas ali reunidas para rezar, multidões nos banhos, nos túneis que davam no pátio dos gen-tios. Ouvi as pessoas exclamando os salmos.

E rezamos, seguindo José.

— Uma grande luz brilhará até os confins da terra e muitas nações virão de longe até nós, os povos de toda a terra, para viver próximos do nome do Senhor, trazendo em suas mãos dádivas para o Rei dos Céus...

Eu vi a luz mentalmente, fiquei sonolento e embarquei num lindo e suave sono no qual podia ouvir as palavras da oração deitado na minha esteira, com o braço dobrado sob a cabeça.

— E eles o chamarão de O Escolhido por todos os séculos, para sempre.

E assim parecia que a pestilência tinha abandonado a nossa casa. A morte a tinha deixado. A impureza tinha ido embora, e as lágrimas também. Embora perturbado com o sonho da estranha criatura com asas e lindos olhos, apesar de mais perturbado ainda pelo fato de não poder contar para ninguém, logo tirei esse sonho da minha cabeça, assim como afastei a imagem do Templo cheio de sangue. E a vida recomeçou. Senti a alegria de saber disso, porque eu tinha aprendido o que era a tristeza, o que era o medo, a doença, o sofrimento e tudo isso tinha acabado.

LOGO QUE MINHA MÃE DISSE que eu podia, tomei um banho na *mikvah*, que estava muito fria e muito funda, com água acima da minha cabeça, vesti roupas limpas e subi a colina até a casa do grande rabino Berekhaiah. Os servos me disseram que ele estava na sinagoga, por isso fui para lá, com o cuidado de lavar as mãos no riacho para quem não soubesse que eu tinha tomado banho antes de sair de casa.

Entrei e sentei num canto da assembléia, surpreso de ver tanta gente lá num dia da semana, mas logo percebi que não estavam todos ouvindo os rabinos e sim um homem que tinha ido lá para contar os acontecimentos em Jerusalém. Ele era um fariseu, trajava roupas muito boas e tinha muito cabelo branco sob o xale.

Meu irmão Tiago estava presente, José também e Cleofas. Meus primos mais velhos estavam lá.

O rabino Berekhaiah sorriu ao me ver e indicou com um gesto que eu não saísse dali enquanto o homem continuava a falar.

O homem falava em grego e de vez em quando parava e falava na nossa língua.

Ele estava no meio da história.

— Esse Sabino, procurador dos romanos, ordenou que seus homens cercassem o Templo, e os judeus ocuparam os telhados sobre as colunas. Eles jogavam pedras nos romanos. As flechas passavam assim pelo ar. E as flechas dos romanos não atingiam os judeus graças à posição que ocupavam. Mas esse homem sem Deus, Sabino, esse homem cujo único propósito era, em tudo que fazia, encontrar o tesouro do rei na ausência do rei, esse homem ganancioso, ateou fogo às escondidas no pátio das colunas, bem nas colunas do Templo, com seu trabalho em ouro sobre cera, e os judeus foram atingidos pelas chamas. O fogo explodiu como se saísse de uma montanha. O breu no telhado do Templo pegou fogo. As próprias colunas ardiam, e o ouro foi destruído nas labaredas. E os homens no telhado foram destruídos. Como poderemos contar todos os mortos?

Senti meu medo voltar. Fazia calor, mas senti frio quando ele narrava aquela história.

— ... e os romanos, eles passaram bem no meio das chamas para roubar os

tesouros do Senhor diante dos olhos dos que observavam impotentes. Correram pelo grande pátio direto para os depósitos para furtar, movidos por sua ganância, e roubaram a casa do Senhor.

Vi aquilo como no sonho que tive. Abaixei a cabeça e fechei os olhos. Ele continuou contando e eu pude ver tudo o que dizia.

Batalha após batalha, as legiões romanas chegando, as cruzes sendo erguidas ao longo da estrada.

— Dois mil crucificados — ele disse. — E foram atrás dos que fugiram. Trouxeram presos os que consideravam suspeitos e os executaram. Quem pode saber se todas essas pessoas eram culpadas? Eles não sabem distinguir os bons dos maus entre nós! Não sabem. E os árabes, quantas aldeias queimaram antes de o general Várus finalmente os mandar para casa, antes de ele saber que não eram confiáveis como mantenedores da paz?

Depois vieram seqüências de nomes, lugares incendiados, famílias que perderam suas casas...

Eu não podia abrir os olhos. Vi as chamas contra o céu noturno. Vi pessoas correndo. Finalmente uma mão encostou no meu ombro e ouvi o rabino Berekhaiah sussurrar:

— Preste atenção.

— Sim, rabino — murmurei.

Olhei então para o homem que andava de um lado para outro diante da assembléia, falando sobre os rebeldes — Simão, que queimou o palácio de Jericó, foi caçado por Gratus, o general de Herodes que se bandeou para os romanos. Seu governo acabou. Mas havia tantos outros...

— Eles estão naquelas cavernas ao norte! — ele apontou. — Jamais serão derrotados.

As pessoas murmuraram, balançaram a cabeça.

— Eles são famílias, tribos de bandidos. E agora chega a notícia de que César nos dividiu entre os filhos de Herodes, e esses príncipes, se é isso que são, estão em mar alto, rumando para os nossos portos.

Eu vi o mar à noite, à luz do luar. Senti o meu sonho. O mensageiro parou de falar como se tivesse muito mais coisa para dizer, só que não podia.

— Aguardamos o governante que agora nos impuseram — ele disse.

Um homem falou do fundo da sala.

— Os sacerdotes do Templo vão governar! — ele disse.

E outro.

— Os sacerdotes conhecem a Lei, e vivemos segundo a Lei. Por que não temos sacerdotes da Casa de Zadock, como a Lei diz que devemos ter? Olhem, purguem do Templo as impurezas e os sacerdotes governarão novamente.

Alguns homens se levantaram, gritaram uns com os outros. Ninguém escutava o que se dizia.

O rabino Jacimus ficou de pé.

Mas só quando o rabino Berekhaiah se levantou os homens se acalmaram e se calaram.

— A nossa embaixada apresentou suas petições ao César — disse o rabino Berekhaiah. — César tomou sua decisão e logo saberemos qual foi, na íntegra. Até lá esperamos.

Ele olhou para toda a assembléia, virou para um lado e para o outro, observando bem os rostos dos homens e das mulheres reunidos ali.

— Quem conhece a linhagem do sacerdote que está no Templo neste momento? — perguntou. — Quem sabe até se há algum sumo sacerdote lá?

Muitos mençaram a cabeça concordando quando ele disse isso. Os homens sentaram de novo em seus lugares.

O mensageiro então passou a responder às perguntas que os homens faziam.

Mas logo começaram a discutir e a gritar outra vez.

Eu me levantei e saí discretamente da sinagoga.

No ar quente lá de fora eu não tremia mais. Atravessei a aldeia e subi a colina.

As mulheres cuidavam das hortas. Os fazendeiros trabalhavam com seus ajudantes no campo.

O céu era enorme e as nuvens moviam-se rápidas como navios no mar.

Flores silvestres despontavam na relva, algumas grandes, outras pequenas. E as árvores estavam coalhadas de azeitonas verdes.

Deitei na grama e passei a mão aberta pelas flores silvestres. Olhei para cima, através dos galhos de uma oliveira. Era assim que eu queria, o céu em pequenos pedaços. Estava feliz. Ouvia ao longe os pombos e pombas da aldeia. Pensei até que podia ouvir as abelhas em suas colméias. Ouvi algo que parecia a grama crescendo, mas não era isso, eu sabia que não era isso. Eram todos os sons juntos, suavizados... tão diferente dos sons de uma cidade.

Pensei em Alexandria. Pensei no grande Templo aberto para Augusto César perto do porto, com todos os seus jardins e todas as suas bibliotecas. Eu vira muitas vezes aquele Templo quando passávamos por ele vindo dos armazéns a caminho do cais para levar suprimentos.

Sim, tudo isso. E a nossa procissão, nós, os judeus de Alexandria, a maioria da população, comemorando o dia em que a Escritura foi traduzida para o grego. Demos aos pagãos algo para admirar, não demos? Pelo menos era isso que os homens diziam quando cantávamos os Salmos.

Eu vi o mar.

Realmente pensei nessas coisas... mas gostava demais deste lugar. Conhecia esse amor, o amor pelas densas florestas que subiam as encostas, os ciprestes e os plátanos, as árvores de murta, nomes que José tinha me ensinado.

Rezei em meu coração.

— Pai do céu, agradeço por isto.

Não ia durar aquela paz de estar sozinho ali.

Foi Cleofas que subiu para me buscar.

— Não fique triste — ele disse.

— Estou muito feliz — eu disse ao me levantar. — Não estou nada triste. Nada me

entristece.

— Ah, entendo — ele disse, com seu tom normal de voz. — Pensei que a conversa na sinagoga tinha feito você chorar.

— Não — eu disse, balançando a cabeça. — Este é um lugar feliz, este lugar aqui — eu disse, olhando para trás, para onde eu tinha estado. — Venho para cá, fico pensando, e meus pensamentos se transformam em orações.

Ele gostou disso.

Descemos a encosta juntos.

— Bom — ele disse. — Você não deve se preocupar com todas essas lutas, essas derrotas. Os romanos vão pegar até o último desses rebeldes na Judéia. Aquele idiota, Simão, é apenas um deles. Vão pegar Athronges, o rei pastor, e também os irmãos dele. E caçarão esses ladrões na Galiléia também. Eles estão lá em cima, nas cavernas, nas Fontes do Jordão. Eles saem de lá quando querem alguma coisa, e dá para ouvir a barulheira que fazem quando passam pela aldeia. Ah, mas não aqui, nada de mais acontece em Nazaré, a não ser... Quem for rei aqui na Judéia, Arquelau ou Antipas, César é quem julga a quem podemos apelar. Vou dizer uma coisa sobre o César. Ele não quer encrenca por aqui. E esses Herodes vão governar, desde que não haja encrenca. Nós sempre temos César.

Parei de andar. Olhei bem para ele.

— Você quer que seja assim, que tenhamos sempre César?

— E por que não? — ele perguntou. — Quem mais há por aí para manter a paz?

Senti um medo tão agudo que até senti dor na barriga. Não respondi.

— Nós teremos um dia outro rei para o trono de Davi? — perguntei.

Ele ficou olhando para mim um longo tempo antes de responder.

— Eu quero paz — ele disse. — Quero construir, botar reboco nas paredes, pintar, alimentar meus filhos e estar com a minha família. É isso que quero. E é isso que todos os romanos querem. Você sabe que eles não são uma gente má, os romanos. Veneram os deuses deles. As mulheres deles são decentes. Eles têm o jeito deles e nós o nosso. Olha só, você poderia achar que todo pagão era um bandido cruel que queimou

os filhos para Moloch e cometeu abominações todas as tardes em sua própria casa.

Eu dei risada.

— Mas isso aqui é a Galiléia — ele disse. — Depois de morar numa cidade como Alexandria, depois de conhecer Roma, você sabe que isso é uma ilusão. Sabe o que quer dizer essa palavra?

— Sim — eu disse. — Desejos. Sonhos.

— Ah — ele disse. — Você é o tal que entende o que eu digo.

Eu dei risada e balancei a cabeça, concordando.

— Eu sou o seu profeta — ele disse.

— Você será o meu profeta? — eu disse.

— O quê? O que quer que eu faça?

— Que me dê as respostas. Por que me fizeram parar na porta da sinagoga? Por que José não quis dizer que foi em...

— Não — ele disse, balançou a cabeça indicando que não, pôs as mãos na cabeça e olhou para baixo, para mim. — Não posso fazer isso porque José não quer que eu faça.

— José me proibiu de fazer perguntas para ele, de fazer perguntas para qualquer um.

— Você sabe por quê? — ele perguntou.

— Ele não quer que eu saiba — eu disse e dei de ombros. — O que mais poderia ser?

Ele se ajoelhou e segurou meus ombros. Olhou bem nos meus olhos.

— Ele mesmo não entende as coisas — ele disse. — E quando um homem não entende, não pode explicar.

— José? Não entende?

— Sim, foi isso que eu disse. E só para você, para mais ninguém.

— E você, você entende? — perguntei.

— Eu tento — ele disse, ergueu as sobrancelhas e sorriu. — Você me conhece.

Sabe que eu tento. Mas com José a questão é esperar, esperar pelo Senhor. José não precisa entender, porque confia completamente no Senhor. Tem uma coisa que posso contar e que você precisa lembrar sempre. Um anjo falou com a sua mãe. E anjos apareceram para José também. Mas nenhum anjo jamais apareceu para mim.

— Para mim também não, mas...

Interrompi a frase no meio. Eu não ia falar... de Eleazar no Egito, da chuva que parou de cair, menos ainda do próprio Cleofas no rio Jordão e da minha mão nas costas dele. Nem sobre aquela noite na margem do Jordão quando pensei que havia outros por lá, à minha volta, na escuridão.

Ele se perdeu em seus pensamentos. Levantou-se e admirou os campos nas montanhas a leste e a oeste.

— Conte-me o que aconteceu! — eu disse, mantendo a voz baixa. E implorci: — Conte-me tudo.

— Vamos falar das batalhas, da rebelião e desses reis da Casa de Herodes. É mais fácil — ele disse.

Cleofas continuava olhando para longe.

Então virou para mim.

— Não posso contar o que você quer saber. Também não sei tudo. Se tentar responder a essas coisas para você, seu pai me expulsará da casa. Você sabe que ele faria isso. E não posso criar esse problema para a nossa casa. Você está com quantos, oito anos agora?

— Ainda não — eu disse. — Mas farei em breve!

Ele sorriu.

— Sim, um homem! — ele disse. — Estou vendo. Como pude não saber que você é um homem? Escute aqui, um dia, antes de eu morrer, conto para você tudo que sei. Prometo... — Ele voltou para seus pensamentos.

— O que é?

O rosto dele estava cheio de sombras.

— Vou dizer uma coisa. Guarde isso no seu coração. Chegará o dia... — Ele balançou a cabeça e olhou para o outro lado.

— Fale, continue. Estou ouvindo.

Quando virou de frente para mim de novo, tinha voltado a sorrir.

— Agora é César Augusto — ele disse. — Que importância tem quem recolhe os impostos ou prende os ladrões? Que importância tem quem fica de guarda nos portões da cidade? Você viu o Templo. Como pode o Templo ser reconstruído e purificado se os romanos não impuserem a ordem em Jerusalém? Herodes Arquelau dá ordem para o massacre dentro do próprio Templo. Os ladrões e os rebeldes pisam lá e atiram suas flechas dentro do Templo. Eu accitaria uma paz romana, sim, uma paz como a que tínhamos em Alexandria. Vou contar uma coisa sobre os romanos. A taça deles está cheia e é bom ser governado por quem tem a taça cheia.

Não respondi nada, mas ouvi cada palavra com atenção e gravei na memória para nunca esquecer.

— O que fizeram com Simão, o rebelde que pegaram?

— Ele foi decapitado — disse Cleofas. — Se quiser saber a minha opinião, acho que ele se safou com muita facilidade. Só que não me importei de ele ter queimado os dois palácios de Herodes. Não é isso... é todo o resto, a bandidagem, a ruína.

Ele olhou para mim.

— Ah, você é pequeno demais para entender — ele disse.

— Quantas vezes você já disse isso para mim? — perguntei.

Ele riu.

— Mas eu entendo — eu disse. — Nós não temos um rei judeu para governar para todos nós, não há um rei judeu que os homens amem.

Ele fez que sim com a cabeça. Olhou em volta, para o céu, para as nuvens que passavam.

— Nada muda mesmo para nós — ele disse.

— Já ouvi isso antes.

— E vai ouvir de novo. Amanhã você irá comigo para Séforis para ajudar a pintar as paredes que estamos retocando. É trabalho fácil. Já desenhei as linhas e vou misturar as cores. Você só tem de preencher. Vai trabalhar como fazia em Alexandria. É isso que queremos. Não é? Isso é amar o Senhor de todo o nosso coração e com as nossas mentes, e conhecer a Lei do Senhor.

Voltamos para casa juntos.

Não contei para ele o que se passava no meu coração. Não pude. Queria contar para ele aquele estranho sonho que tive, mas não pude. E se não podia contar para o meu tio Cleofas, então não podia contar para ninguém o que tinha sonhado. Eu nunca poderia perguntar nada para o velho rabino sobre o homem com asas, sobre as visões que tive, dizer que eu tinha visto as colunas do Templo em chamas.

E quem ia entender a noite perto do rio Jordão, aqueles seres em volta de mim, no escuro?

Já estávamos chegando ao fim da ladeira. Havia uma mulher cantando em seu jardim e crianças brincando.

Eu parei.

— O que foi? — ele perguntou. — Venha. — Fez um gesto com a mão.

Não obedeci.

— Tio — eu disse. — O que era, lá em cima, que você ia me contar? Conte agora.

Ele olhou para mim, eu olhei para ele.

Com a voz bem baixa eu disse:

— Eu quero saber.

Cleofas não disse nada e algo mudou nele, ficou mais suave, então falou com a voz baixa e respondeu:

— Você trate de guardar o que vou dizer no seu coração. Chegará o dia em que você é que terá de nos dar as respostas.

Ficamos nos entreolhando e fui eu que desviei primeiro o olhar. *Eu terei de dar as respostas!*

E então veio a lembrança do rio Jordão ao pôr-do-sol, o fogo na água que era um fogo lindo e a sensação daqueles outros, aqueles incontáveis outros em volta de mim.

E num lampejo senti que compreendia tudo, *tudo!*

E acabou com a mesma rapidez que chegou. E eu soube que tinha deixado passar essa sensação. Sim, eu tinha deixado passar.

Meu tio ainda olhava para mim.

Ele se abaixou e afastou meu cabelo da testa. E me beijou na testa mesmo.

— Você está sorrindo para mim? — perguntou.

— Estou — eu disse. — Você falou a verdade.

— Que verdade?

— Eu sou pequeno demais para entender.

Ele deu risada.

— Você não me engana — ele disse, endireitou-se e descemos a colina juntos.

O VERÃO TINHA SIDO muito bom.

A segunda safra de figos fazia curvar a nossa velha árvore no pátio e os catadores de azeitonas batiam os galhos nos olivais. Eu sentia uma felicidade que nunca senti antes e tinha consciência disso.

Era o começo do tempo para mim... dos últimos dias em Alexandria até a chegada àquele lugar.

Os meses foram passando, terminamos todos os consertos na nossa casa de modo que ficou quase perfeita para todas as nossas famílias — a dos meus tios, Simão e Alfeu e Cleofas, e para José, minha mãe e eu.

A escrava grega, Riba, que viera com Bruria, teve um filho.

Havia muita falação e cochichos sobre esse acontecimento, mesmo entre as crianças e pequena Salomé cochichou para mim:

— Ela não se escondeu dos ladrões bem fundo naquele túnel, não é?

Mas na noite em que a criança nasceu, ouvi seu choro e ouvi também Riba cantando para ele em grego e depois Bruria também cantou, minhas tias deram risada e cantaram junto, com os lampiões acesos, e foi uma noite muito alegre.

José acordou e segurou o bebê.

— Essa criança não é árabe — disse minha tia Salomé —, esse menino é judeu e você sabe disso.

— Quem disse que era uma criança árabe? — gritou Riba. — Eu disse...

— Muito bem, muito bem — disse José calmamente, como sempre. — Vamos chamá-lo de Ismael. Assim todos ficam satisfeitos?

Eu gostei do bebê à primeira vista.

Ele tinha um bom queixo e grandes olhos negros. Não chorava o tempo todo como o novo bebê da minha tia Salomé, que se assustava com qualquer ruído novo, e a pequena Salomé adorava carregá-lo no colo enquanto a mãe dele trabalhava. E assim havia também o pequeno Ismael. Pequeno João da tia Salomé e de Alfeu era um dos

quinze João que viviam na aldeia, junto com dezessete Simão, treze com o nome de Judas, e mais Maria do que eu tinha dedos nas mãos, e estes só entre os nossos parentes deste lado da colina.

Mas estou adiantando demais minha história. Os bebês só chegaram no inverno.

O verão foi muito quente sem a brisa marinha da costa, e o banho na fonte era muito divertido toda noite quando voltávamos de Séforis, os meninos brincando de briga na água, enquanto na outra curva do riacho podíamos ouvir as meninas rindo e conversando. Mais acima na cisterna cortada na rocha onde as mulheres enchiam seus cântaros de água também havia muita conversa e risos, e minha mãe às vezes até ia para lá à noite para encontrar as outras mulheres e caminhar com elas.

Quase no fim do verão aconteceram casamentos na aldeia, os dois tiveram comemorações que duraram a noite inteira, e nas quais parecia que toda a população de Nazaré estava bebendo e dançando, os homens dançando com os homens muito animados, e as mulheres dançando com as mulheres, até mesmo as virgens, embora tivessem receio e ficassem juntas, sempre perto da tenda sob a qual estava a noiva, coberta com os mais lindos véus e usando pulseiras brilhantes de ouro.

Muitos na aldeia tocavam flauta, alguns homens lira e as mulheres tocavam tamborim sobre as cabeças deles, os idosos tocavam pratos, marcando o ritmo constante para a dança. Até o Velho Justo foi levado para fora de casa e recostado em almofadas contra o muro, balançando a cabeça, sorrindo para o casamento, apesar de sua baba escorrer pelo queixo e Velha Sara ter de ficar secando.

O pai da noiva às vezes saía numa dança muito agitada de júbilo, oscilando e levantando os braços, girando muito depressa em sua túnica com franja colorida e algumas pessoas beberam até ficar bêbadas, e seus irmãos ou filhos as carregaram e levaram para casa sem dizer nada, como era de se esperar.

Havia boa comida, carneiro assado e sopa substancial de carnes e lentilhas, lágrimas em profusão, e nós, os pequenos, ficávamos brincando no campo até tarde, correndo, gritando, assobiando e pulando no escuro, porque ninguém se importava. Corri até a floresta, até onde tive coragem de ir, depois subi a colina e olhei para as estrelas, dancei como tinha visto os homens dançarem.

Aconteceu tanta coisa naquele ano que nem posso contar.

Houve o casamento da filha do fazendeiro rico, Alexandra, muito linda, todos diziam, e que noiva, com seus véus bordados em ouro. Quando o baldaquino e as tochas chegaram à porta da casa dela, todos cantaram ao vê-la tão linda.

Vão gente de outras aldeias para o banquete e quando os fariseus se reuniram para desejar o bem de todos, recusando a comida, a mãe de Alexandra, a linda, curvou-se até o chão diante do rabino Sherebias e disse que a comida tinha sido abatida e preparada de acordo, que era perfeita e limpa e que se ele não aceitasse a comida daquele casamento da filha dela, ela também não comeria nem beberia na cerimônia, apesar de se tratar de sua única filha.

O rabino Sherebias pediu para o servo trazer água para lavar as mãos, como os fariseus sempre faziam, lavar os dedos logo antes de comer, mesmo estando limpos, e então comeu o banquete, levantou a mão segurando um bocado para todos verem, todos aplaudiram e os outros fariseus fizeram o mesmo, até o rabino Jacimus, apesar de eles quase nunca comerem com gente que não é fariseu.

Depois o rabino Sherebias dançou, mesmo com sua perna de pau e todos os homens dançaram.

Nosso querido rabino Berekhaiah se adiantou e iniciou uma dança lenta e enlevada que agradou a todos nós, pequenos, que éramos seus pupilos. Além do mais, depois disso o sogro dele, para não ficar para trás, teve de dançar também, como fizeram todos os homens idosos da aldeia.

A mãe de Alexandra foi para junto da noiva e das mulheres que bebiam felizes porque os fariseus tinham comparecido ao banquete.

O trabalho continuava.

Os prédios subiam em Séforis como plantas crescendo livres num brejo. Os palácios incendiados foram reformados como feridas curadas. O mercado ficava maior a cada dia, era cada vez maior o número de comerciantes lá, vendendo tudo para as pessoas que refaziam suas casas. E havia muitos operários que podíamos contratar para fazer o nosso trabalho. E todos nos chamavam de equipe egípcia.

Ninguém reclamava dos nossos preços. Enquanto Alfeu e Simão administravam a construção dos alicerces, dos pisos e das novas paredes e muros, Cleofas e José confeccionavam as belas mesas de banquetes, estantes para livros e as cadeiras romanas

que costumávamos fazer em Alexandria.

Aprendi a pintar frisos com mais firmeza do que antes. E até pintei algumas flores e folhas também, só que bastava preencher o que os pintores habilidosos tinham delineado para nós.

Quando fazíamos trabalho de pedreiro, era do tipo mais elaborado, a combinação de lajes de mármore nos pisos exigia paciência e um projeto muito cuidadoso. Fomos à aldeia de Cana para montar um piso para um homem que voltara das ilhas gregas e queria que sua biblioteca ficasse linda.

Chegavam pessoas de outros lugares para nos contratar também. Um comerciante de Cafarnaum pediu para irmos para lá, e eu quis muito ir porque estaríamos perto do mar da Galiléia, mas José disse que essas viagens ficariam para depois de terminada a reconstrução em Séforis.

E levamos muitas tarefas para casa, para serem acabadas em Nazaré, especialmente a fabricação de sofás ou de mesas marcheteadas. Soubemos dos melhores ferreiros e esmaltadores em Séforis e recorremos a eles para dar acabamento nas peças.

Se havia algo de ruim, além da conversa dos soldados perseguindo os rebeldes na Judéia, que continuava sem cessar um só dia, era o fato de a pequena Salomé e eu não podermos mais estar juntos tanto tempo.

Ela estava sempre ocupada com as mulheres, muito mais do que tinha estado em Alexandria, e me parecia que com todo o trabalho que tínhamos, com todo o dinheiro que entrava, as mulheres carregavam o fardo mais pesado.

Em Alexandria elas compravam a comida o tempo todo, mas aqui plantavam hortas e tinham de colher tudo. Em Alexandria sempre podíamos comprar pão quente, na rua dos padeiros, mas aqui o pão era todo feito em casa pelas mulheres, depois de moerem o trigo bem cedo todas as manhãs.

Sempre que eu tentava conversar com pequena Salomé ela me dispensava, e cada vez mais usava o mesmo tom de voz comigo que as mulheres usavam com as crianças. Ela havia crescido da noite para o dia e estava sempre cuidando de algum bebê. Era o bebê Ester que agora já estava aprendendo a ficar quieta de vez em quando, pela primeira vez, ou então o bebê de alguma mulher que tinha ido visitar Velha Sara. Aquela não era mais a criança que cochichava e ria comigo em Alexandria nem a menininha que

chorou na viagem de Jerusalém para o norte. Ela ia para a escola conosco às vezes — havia algumas meninas na escola que ficavam separadas dos meninos —, mas ficava impaciente e queria voltar para casa para trabalhar, ela dizia. Cleofas disse para ela que tinha de aprender a ler e a escrever em hebraico, mas ela não se importava com isso.

Eu sentia falta dela.

Mas o que as mulheres gostavam mesmo de fazer era tecer e, quando instalavam seus teares no pátio nos meses mais quentes, eram motivo de conversas de uma ponta à outra de Nazaré.

Parecia que as mulheres daqui usavam um tear com uma vara vertical e com um travessão sobre o qual pisavam. Mas tínhamos trazido de Alexandria teares maiores, com dois travessões deslizantes, nos quais se podia sentar, e as mulheres da cidade vieram todas para ver isso.

A mulher podia sentar no tear, como eu disse, e era isso que minha mãe fazia, e o trabalho era feito com muito mais rapidez, como minha mãe fazia, então assim era feito o tecido para ser vendido no mercado, o que minha mãe também fazia — quando tinha tempo, isto é, quando não estava cuidando do pequeno Simeão e do pequeno Judas com a ajuda da pequena Salomé.

Mas minha mãe adorava tecer. O tempo que passou tecendo os véus do templo com as oitenta e quatro jovens escolhidas para isso, morando em Jerusalém, tinha lhe dado grande velocidade e habilidade no trabalho e ela produzia tecido que se equiparava em qualidade aos melhores do mercado. Também sabia tingir o tecido e até trabalhava com púrpura.

Explicaram para nós que aquelas meninas foram escolhidas para tecer os véus do templo porque todas as coisas do Templo tinham de ser feitas por quem estava em estado de pureza. E só meninas com menos de doze anos eram certa de pureza. As escolhidas seguiam uma tradição e a família de minha mãe fazia parte desse grupo. Mas minha mãe não falava muito sobre aqueles dias em Jerusalém. Só para dizer que o véu era muito grande e muito elaborado e que tinha de tecer dois por ano.

Era este véu que cobria a entrada do Sacrário: o lugar em que o próprio Senhor estava presente.

Nenhuma mulher jamais entrou no Sacrário: apenas o sumo sacerdote. E então

minha mãe gostou muito do trabalho que fez tecendo o véu e do fato de o seu véu ter ido cobrir o Sacrário.

Muitas mulheres da aldeia iam conversar com a minha mãe e observar enquanto ela trabalhava no seu tear. E foi diferente, quando começou a tecer no pátio ao ar livre ela fez mais amigas. Nossos parentes que não apareciam muito antes para conversar agora vinham com frequência.

E depois daquele verão continuaram procurando minha mãe, algumas jovens que não tinham filhos pequenos apareciam para segurar os bebês no colo. Aquilo era bom para minha mãe, porque ela estava temerosa.

Numa aldeia como Nazaré, todas as mulheres sabem de tudo. Não há explicação para isso. Mas era verdade, era isso que acontecia. E minha mãe devia com certeza saber que tinham feito perguntas duras para José quando me levaram para a escola. E ela ficou magoada.

Eu sabia disso porque conhecia cada pequeno movimento no rosto dela, seus olhos, seus lábios. Eu via o medo que ela sentia das outras mulheres.

Dos homens ela não tinha medo porque nenhum homem bom ia olhar ou falar com ela de modo a perturbá-la. Na aldeia era assim. Os homens não falavam com uma mulher casada a menos que fossem parentes muito próximos e, mesmo assim, jamais a abordavam quando estavam sozinhas, só se fossem irmãos. Por isso não tinha realmente medo dos homens. Mas das mulheres? Teve medo até os dias do tear, quando elas apareceram para aprender com ela.

Eu não tinha elaborado tudo isso sobre o medo da minha mãe na minha cabeça até ele mudar. O temor da minha mãe fazia parte do temperamento dela. Mas agora tinha mudado e eu estava feliz.

E pensei em mais uma coisa, um segredo meu, um dos muitos que não podia contar para ninguém: minha mãe era inocente. Tinha de ser. Se não fosse inocente, ela teria medo dos homens, não teria? Mas ela não tinha medo nenhum dos homens. E, e nenhum medo de ir até o riacho pegar água, e nenhum medo de ir até Séforis de vez em quando para vender o linho que tecia. Seu olhar era mais inocente do que o da pequena Salomé. Sim, um pensamento secreto.

Velha Sara estava velha demais para fazer qualquer trabalho mais minucioso com as

agulhas, aliás, para qualquer trabalho com agulhas, ou com o tear, mas ela ensinava para as jovens como bordar. As meninas se reuniam em volta dela, conversando e rindo, contando histórias, e minha mãe estava sempre por perto.

Agora, com todas as marteladas, polimento, montagem, costura e tecelagem, o pátio ficou muito movimentado. Acrescente a isso crianças gritando e chorando e rindo, bebês engatinhando nas pedras, o estábulo aberto onde os homens cuidavam dos burros que carregavam nossas coisas para Séforis, os meninos mais velhos entrando e saindo com montes de feno, dois de nós esfregando o ouro num novo sofá, um dos oito encomendados por um mesmo homem, a comida cozinhando sobre a fogueira no braseiro, as esteiras e tapetes estendidos sobre as pedras nas quais fazíamos nossas refeições, todos nós reunidos para rezar, tentando calar os pequenos só um pouco enquanto agradecíamos ao Senhor por todas as nossas bênçãos... acrescente tudo isso e terá uma imagem da nossa vida naquele primeiro ano em Nazaré, que ficou gravado na minha mente e que continuou comigo todos os anos que vivi lá.

“Escondido”, foi o que José disse. Eu estava “escondido”. Mas do que, ele não dizia. E eu não podia perguntar. Mas eu estava feliz escondido. E quando pensava nisso, e nas estranhas palavras que Cleofas me disse, que um dia eu teria de responder às perguntas, tinha a sensação de ser outra pessoa. Eu me apalpava todo e depois parava de pensar nisso.

O meu aprendizado ia muito bem.

Aprendi palavras novas, palavras que sempre ouvi e disse, mas passei a entender o que significavam e a maioria era dos Salmos. *Que os campos sejam alegres, sim, jubilosos, e que todas as árvores da floresta se regozijem. Crie uma canção de alegria para o Senhor; cante seu louvor.*

A escuridão desapareceu. A morte desapareceu. O fogo desapareceu. E embora as pessoas ainda falassem dos meninos que tinham fugido para lutar com os rebeldes, e de vez em quando uma mulher lamentasse e demonstrasse seu sofrimento quando recebia notícia do filho perdido, nossa vida era cheia de coisas boas.

Naquelas noites longas e tardias eu corria pelo meio das árvores subindo e descendo as encostas até perder Nazaré de vista. Encontrava flores tão lindas que tinha vontade de colhê-las para plantar em casa. E em casa havia a doçura da serragem e o cheiro bom do óleo que esfregávamos na madeira. Havia sempre o cheiro de pão no forno e sabíamos quando havia o melhor molho para o jantar assim que chegávamos em

casa.

Tínhamos bom vinho do mercado de Séforis. Tínhamos melões e pepinos deliciosos da nossa própria terra.

Na sinagoga batíamos palmas, dançávamos, cantávamos e aprendíamos a Escritura. Na escola era um pouco mais puxado, os mestres nos faziam escrever as letras nas tábuas de cera, mandavam repetir o que não fazíamos bem. Mas até isso era bom e o tempo passava muito depressa.

Em pouco tempo os homens já colhiam as azeitonas, batiam nos galhos das árvores com as varas compridas e juntavam as frutinhas. A prensa de azeitonas também era movimentada e eu gostava de passar por lá sempre que podia para ver os homens trabalhando e para sentir o cheiro doce do azeite.

As mulheres da nossa casa esmagavam as azeitonas numa prensa pequena e obtinham o azeite mais puro para uso doméstico.

As uvas nos nossos jardins estavam prontas para a colheita, e tínhamos posto para secar a quantidade de figos que queríamos, para usar em bolos ou para serem consumidos assim mesmo. Os figos temporões eram tantos ali no nosso pátio e no jardim que levaram um pouco para o mercado da aldeia no pé da colina.

As uvas que não comíamos eram postas para secar e virar passas. Não fazíamos vinho com elas porque a terra em volta de Nazaré não tinha vinhedos, e sim trigo, cevada, ovelhas e as florestas que eu gostava tanto.

Foi ficando mais frio, as primeiras chuvas chegaram com muita força. Trovões rugiam sobre os telhados e todos rezavam, agradecendo. As cisternas da casa se encheram e água fresca jorrou na *mikvah*.

Na sinagoga o rabino Jacimus, nosso fariseu mais rígido, nos disse que agora a água das calhas que fluía para a *mikvah* era “água corrente”, e que o Senhor queria que nos purificássemos em “água corrente”. Devíamos rezar para as chuvas serem suficientes não só para os campos e para os rios, mas também para manter nossas cisternas cheias e nossa *mikvah* viva.

O rabino Sherebias não concordava totalmente com o rabino Jacimus, e eles começaram a citar os sábios sobre essas questões e a “discutir” em geral. Finalmente o velho rabino pediu que oferecêssemos nossas orações de agradecimento por as Janelas

do Céu estarem abertas, que os campos logo estariam prontos para o início do plantio.

À noite, durante o jantar, com a chuva batendo no telhado, conversamos sobre o rabino Jacimus e a questão da “água viva” ou corrente. Era complicado para Tiago e para mim também.

Chegamos a Nazaré depois da estação das chuvas. E a *mikvah* estava vazia então. Recuperamos o reboco, depois enchemos com água da cisterna, que continha água parada um longo tempo. Mas aquilo era água da chuva, não era? E era água corrente quando enchemos a *mikvah*?

— Não era água corrente? — perguntei.

— Se não é água viva — disse Tiago —, então ficamos impuros depois de usar a *mikvah*.

— Nós nos banhamos bastante no riacho, não é? — perguntou Cleofaz. — E quanto à *mikvah*, ela tem um buraco pequeno no fundo, para a água ficar sempre se movendo. E quando a chuva encheu a cisterna, era água corrente. Então é água corrente. Amém.

— Mas o rabino Jacimus diz que não basta — disse Tiago. — Por que ele diz isso?

— Basta sim — disse José —, mas ele é um fariseu e os fariseus são muito cuidadosos. Vocês têm de entender. Pensam que, se tiverem muito cuidado com cada parte da vida, estarão mais seguros e não vão transgredir a Lei.

— Mas eles não podem dizer que a nossa *mikvah* não é pura — disse meu tio Alfeu. — As mulheres usam a *mikvah*...

— Olhe — disse José. — Imaginem duas trilhas na vertente da montanha. Uma é bem perto do despenhadeiro, a outra fica mais distante. A mais distante é sempre mais segura. Essa é a trilha dos fariseus... sendo mais longe do despenhadeiro, fica mais longe de uma possível queda do penhasco e do pecado, por isso o rabino Jacimus acredita em seus costumes.

— Mas não são leis — disse meu tio Alfeu. — Os fariseus dizem que todas essas coisas são leis.

— O rabino Sherebias disse que era a Lei — disse Tiago timidamente. — Que

Moisés recebeu Leis que não foram escritas e que essas foram passadas adiante através dos sábios.

José sacudiu os ombros.

— Fazemos o melhor possível. E agora as chuvas chegaram. E a *mik-val*? Está cheia de água fresca!

Ele levantou as mãos quando disse isso e sorriu, todos rimos, mas não estávamos rindo do rabino. Estávamos rindo como sempre rimos das coisas que conversávamos para as quais parecia não haver uma única resposta.

O rabino Jacimus era muito rígido, mas era um homem gentil, um homem sábio, e contava histórias maravilhosas. Essas histórias eram a nossa história, quem éramos e por vezes não havia nada que eu gostasse mais do que histórias.

No entanto eu estava começando a entender algo que era da maior importância. Todas as histórias faziam parte de uma grande história, a história de quem nós éramos. Antes eu não via isso com tanta clareza, mas agora era tão nítido que me emocionava.

Muitas vezes na escola e às vezes na sinagoga, o rabino Berekhaiah se levantava, apesar de tremer nas pernas arqueadas, levantava os braços, com a cabeça para trás e olhando para cima, e exclamava:

— Mas quem somos nós, crianças, digam-me!

E então cantávamos com ele:

Somos o povo de Abraão e Isaac. Fomos para o Egito no tempo de José. Tornamo-nos escravos lá. O Egito se transformou numa fornalha de fundição e sofremos. Mas o Senhor nos redimiu, o Senhor chamou Moisés para nos liderar e o Senhor nos trouxe, dividindo as águas do mar dos Sargaços, para a Terra Prometida.

O Senhor deu a Lei para Moisés no monte Sinai. E nós somos um povo sagrado, um povo de sacerdotes, um povo da Lei. Somos um povo de grandes reis — Saul, Davi, Salomão e Josias.

Mas Israel pecou aos olhos do Senhor. E o Senhor enviou Nabu-codonosor da Babilônia para destruir Jerusalém, até a Casa do Senhor.

Mas Nosso Senhor não é impetuoso em sua ira, é constante em seu amor e cheio de

misericórdia, por isso enviou um redentor para pôr fim à nossa escravidão na Babilônia, sim, este era Ciro o persa, e retornamos à Terra Prometida e reconstruímos o Templo. Virem-se e olhem para o Templo, pois lá, todos os dias, o sumo sacerdote oferece um sacrifício pelo povo de Israel ao Senhor Altíssimo. Por todo o mundo há judeus, um povo sagrado, fiel à Lei e ao Senhor, que vira para o Templo e não conhece outros deuses senão o Senhor.

Ouvi, ó Israel, o Senhor nosso Deus é Um.

E amareis o Senhor vosso Deus de todo o coração e toda a vossa alma e com toda a vossa força.

E estas palavras, que digo neste dia, ficarão em vossos corações:

E deveis ensiná-las diligentemente aos vossos filhos, falar delas quando estiverdes com os outros em vossas casas, quando caminhardes pelas estradas, quando fardes deitar e levantar.

Não precisávamos estar no Templo para manter as Festas sagradas. Judeus de todo o mundo cumpriam as Festas sagradas.

Ainda não era seguro viajar para o Templo. Mas recebemos a notícia de que a luta havia parado em Jerusalém e que o Templo tinha sido purificado. Os sinais de fogo que vinham de Jerusalém diziam que estava tudo bem.

E nós saímos ao amanhecer, antes do Dia do Perdão para a vigília da primeira luz, porque sabíamos que o sumo sacerdote ia se levantar com aquela primeira luz para iniciar suas cerimônias no Templo, a purificação que ele faria várias vezes aquele dia.

Torcemos e rezamos para que não houvesse rebelião nem problemas.

Porque nesse dia o sumo sacerdote ia procurar compensar todos os pecados do povo de Israel. Ele vestiria sua melhor roupa. O rabino Jacimus, sacerdote consagrado, tinha descrito para nós essas vestes sagradas e aprendemos como devia ser pela Escritura:

A longa túnica do sumo sacerdote era azul, com uma faixa amarrada na cintura e a bainha com franjas e pequenos sinos dourados. Podiam-se ouvir os sinos quando o sumo sacerdote caminhava. Por cima da túnica ele usava uma segunda vestimenta chamada de *ephod*, com muito ouro e bordados e um peitoral com doze pedras preciosas brilhantes, uma para cada tribo de Israel, de modo que quando o sumo sacerdote se apresentasse diante do Senhor teria com ele as Doze Tribos. E na sua cabeça havia um

grande turbante com uma coroa de ouro. Era uma “visão gloriosa”.

Mas antes de o sumo sacerdote vestir essa linda roupa, vestes tão finas quanto as de qualquer sacerdote pagão em qualquer Templo, vestia linho simples, puro e branco, para executar os sacrifícios.

Nesse dia o sumo sacerdote punha as mãos no novilho que seria sacrificado por Israel. E punha as mãos nos dois bodes.

Um desses bodes seria sacrificado, mas o outro carregaria todos os pecados do povo de Israel para o deserto. Era o bode para Azazel.

E o que era Azazel? Nós, os meninos pequenos, queríamos saber. Mas já sabíamos. Azazel era o mal; eram os demônios; era o mundo “lá fora”, que vivia sem a Lei, no deserto. E todos sabiam o que a palavra “deserto” queria dizer, porque o povo de Israel já caminhara pelo deserto antes de entrar na Terra Prometida. E o bode carregaria os pecados de volta para Azazel, para mostrar que os pecados de Israel tinham sido perdoados pelo Senhor e que o mal podia pegar de volta o que era mau porque não o queríamos mais.

Mas a coisa mais importante que o sumo sacerdote fazia era entrar no Sacrário do Templo, o lugar onde o Senhor estava presente; o lugar onde apenas o sumo sacerdote podia entrar.

E toda Israel rezava para que o poder do Senhor que havia lá não caísse sobre o sumo sacerdote, e sim que suas orações pedindo perdão fossem ouvidas por ele e por todos nós, e que ele saísse e se encontrasse com o povo depois de ter estado na Presença do Senhor.

No fim da tarde nos reunimos na sinagoga onde o rabino leu o per-gaminho que o sumo sacerdote estava lendo na Corte das Mulheres.

— E no décimo dia do sétimo mês haverá o dia do perdão... *e suas almas sofrerão tormento.*

O rabino nos disse que o sumo sacerdote falava para a multidão no Templo:

— Mais do que eu li para vocês está escrito aqui.

E finalmente chegou a escuridão. Ficamos descalços no telhado, esperando. Os que estavam nos lugares altos gritaram. Podiam ver os sinais de fogo das aldeias mais

próximas ao sul e então acendiam o fogo para espalhar a notícia para o norte, o leste e o oeste:

Todos gritavam de alegria. Nós dançamos. Nosso jejum terminou. Estavam servindo vinho. A comida estava sendo posta nas brasas.

No Templo purificado e renovado, o sumo sacerdote tinha completado sua tarefa. Ele saiu do Sacrário a salvo. Suas orações por Israel tinham terminado, os sacrifícios feitos, a leitura completa. E ele ia agora, como nós, para um banquete entre seus familiares na casa dele.

As primeiras chuvas foram boas. O plantio havia começado.

E logo depois do Dia do Perdão veio a Festa das Cabanas na qual toda Israel tinha de passar sete dias em cabanas feitas de galhos de árvores para lembrar a viagem do Egito para Canaã, e para as crianças isso era muito divertido.

Colhíamos os melhores galhos que encontrávamos na floresta, especialmente os de chorões à beira do riacho e ficávamos nesses abrigos, todos nós, homens, mulheres e crianças como se fossem a nossa casa, e cantávamos os Salmos de alegria.

E finalmente chegou a notícia de que Herodes Arquelau e Herodes Antipas tinham chegado a casa, junto com todos aqueles que tinham ido ter com César Augusto. Nós nos reunimos na sinagoga para ouvir o aviso de um jovem sacerdote que acabara de chegar de Jerusalém e que tinha sido encarregado de trazer a notícia. Ele falava grego muito bem.

Herodes Antipas, filho do temido Herodes, o Grande, seria o governante da Galiléia e de Perea. E Herodes Arquelau, que todos ainda odiavam muito, ia governar Ethnarch da Judéia. Outros filhos de Herodes governariam lugares mais distantes. Uma princesa de Herodes recebeu o palácio da cidade grega de Ascalon. Achei esse nome bonito.

Perguntei para José sobre a bela cidade de Ascalon mais tarde e ele me disse que havia cidades gregas por toda Israel e Perea e até na Galiléia — cidades com templos dedicados a ídolos de mármore e de ouro. Havia dez cidades gregas em torno do mar da Galiléia e eram chamadas de Decápolis.

Fiquei surpreso ao saber disso. Tinha me acostumado tanto com Séforis e seus costumes judaicos. Eu sabia que Samaria era Samaria, sim, e que não nos

relacionávamos com samaritanos apesar de ficarem muito perto das nossas fronteiras. Mas não pensava que havia cidades pagas na nossa terra. Ascalon. Achei bonito. Formei uma imagem na minha cabeça da princesa Salomé, filha de Herodes, passeando no seu palácio em Ascalon. O que era um palácio para mim? Eu sabia o que era um palácio, assim como sabia o que era um templo pagão.

— O Império é assim — disse meu tio Cleofas. — Não se preocupe com isso, o fato de termos todos esses gentios entre nós. Herodes, rei dos judeus — ele disse num tom de voz malicioso —, construiu muitos templos para o imperador e para aqueles deuses pagãos. É assim o nosso rei dos judeus.

José levantou a mão indicando que Cleofas devia se calar.

— Nesta casa estamos na Terra de Israel — ele disse.

Todos riram.

— É — disse Alfeu —, e do lado de fora dessa porta é o Império.

Não sabíamos se devíamos rir disso ou não, mas Cleofas meneou a cabeça concordando.

— Mas onde é que Israel começa e acaba? — perguntou Tiago, que estava conosco.

— Aqui! — disse José. — E lá! — Ele apontou. — E em qualquer lugar onde houver judeus reunidos, judeus que seguem a Lei.

— Um dia veremos essas cidades gregas? — perguntei.

— Você viu Alexandria, viu a melhor delas, a maior — disse Cleofas. — Você conheceu uma cidade que só perde para Roma.

Tivemos de concordar com isso.

— E lembrem-se dela e de tudo isso — disse Cleofas. — Porque em cada um de nós, vocês devem entender isso, está a história completa de quem somos. Estávamos no Egito, como o nosso povo muito tempo atrás, e como eles fizeram também voltamos para casa. Vimos a batalha no Templo, como o nosso povo viu com o ataque da Babilônia, mas o Templo agora está recuperado. Sofremos na viagem para cá, como o nosso povo sofreu no deserto e sob a ameaça de inimigos, mas voltamos para casa.

Minha mãe levantou os olhos da costura.

— Ah, então foi por isso que aconteceu assim — ela disse, como uma criança diria.

Ela sacudiu os ombros e a cabeça também, e continuou a bordar.

— Antes eu não conseguia entender...

— O quê? — disse Cleofas.

— Bem, por que um anjo apareceria para José e diria para ele voltar para casa no meio de todo aquele derramamento de sangue e de todos os terrores, mas você acabou de dar um sentido a isso, não foi?

Ela olhou para José.

Ele sorriu, mas acho que sorria por não ter pensado nisso antes. E os olhos de minha mãe brilhavam como os de uma criança, com a confiança de uma criança.

— Sim — ele disse. — Agora parece que é isso mesmo. Foi a nossa viagem através do deserto.

Meu tio Simão estivera dormindo em sua esteira, com a cabeça apoiada no cotovelo, mas acordou e disse com voz sonolenta:

— Acho que os judeus são capazes de encontrar sentido para qualquer coisa.

Silas riu muito.

— Não — disse minha mãe —, é verdade. É só uma questão de ver. Lembro que, em Belém, eu perguntava para o Senhor: “Como, como...?”, e então...

Ela olhou para mim, passou a mão no meu cabelo como sempre fazia. Eu gostei, como sempre, mas não me aninhei perto dela. Já estava grande demais para isso.

— O que aconteceu em Belém? — perguntei.

E fiquei vermelho. Tinha me esquecido da ordem que José tinha dado para não fazer perguntas. Senti uma dor aguda no corpo todo.

— Sinto muito ter perguntado — sussurrei.

Minha mãe olhava para mim, e percebi que ela sabia que eu me sentia mal. Ela olhou para José e de novo para mim.

Ninguém disse nada.

Meu irmão Tiago ficou muito sério e olhou fixo para mim.

— Você nasceu lá, sabe disso — disse minha mãe —, em Belém. A cidade estava cheia de gente. — Ela hesitou antes de falar, olhou para José e depois para mim. — Aquela noite a cidade estava movimentada em Belém, e não encontrávamos lugar para ficar, Cleofas, José, Tiago e eu, por isso o estalajadeiro nos acomodou no estábulo. Na gruta ao lado da estalagem. Era bom lá, porque estava quente e Deus tinha enviado neve.

— Neve! — eu disse. — Quero ver neve.

— Bem, talvez um dia você veja — ela disse.

Ninguém disse uma palavra. Olhei para ela, ela queria continuar. Eu sabia que ela queria. E ela sabia o quanto eu queria que continuasse.

Minha mãe começou a falar outra vez.

— Você nasceu lá no estábulo — ela disse calmamente. — Eu o enrolei com um pano e o pus na manjedoura.

Todos riram, aquele riso suave comum na família.

— Na manjedoura? Onde põem feno para os burros?

Era esse o segredo de Belém?

— Sim — disse minha mãe —, e você ficou lá, numa cama talvez mais macia do que qualquer outro recém-nascido em Belém aquela noite. E os animais nos esquentaram muito bem, enquanto os hóspedes congelavam nos quartos da estalagem.

Outra vez a risada da família.

A lembrança deixou todos alegres, exceto Tiago, que parecia quase com raiva. Sua cabeça divagava, distante. Segundo os meus cálculos ele devia ter talvez uns sete anos quando isso aconteceu, a idade que eu tinha agora. Como eu poderia saber o que ele pensava?

Tiago olhou para mim. Nossos olhos se encontraram e alguma coisa passou entre nós. Ele olhou para o outro lado.

Eu queria que minha mãe contasse mais.

Mas já estavam falando de outras coisas, de como eram boas aquelas primeiras chuvas, das notícias de paz vindas da Judéia, da esperança que talvez pudéssemos ir para Jerusalém na próxima Páscoa, se as coisas continuassem a andar bem assim.

Eu me levantei e fui lá para fora.

Estava escuro e fazia frio, mas foi bom depois do calor abafado da casa.

Aquela não podia ser toda a história do que tinha acontecido em Belém. Eu não conseguia juntar todas as peças, as perguntas, os momentos e palavras ditas, as dúvidas.

Lembrei-me do meu terrível sonho, do homem com asas e das coisas más que ele disse. No sonho elas não me fizeram mal, mas agora me incomodavam muito.

Ah, se ao menos eu pudesse conversar com alguém... Mas não havia ninguém, ninguém para quem eu pudesse contar o que havia no meu coração, e não haveria nunca!

Ouvi passos atrás de mim, suaves, passos arrastados e então senti uma mão no meu ombro. Ouvi uma respiração que sabia que era da Velha Sara.

— Venha para dentro, Jesus bar José — ela disse —, está frio demais para você ficar aí parado olhando para as estrelas.

Dei meia-volta e fiz o que ela disse porque foi uma ordem, não porque eu quisesse. Fui com ela para dentro de casa. E de volta para a reunião da família, mas dessa vez dei como meus tios, com a cabeça apoiada no braço e fiquei olhando para o braseiro com o carvão incandescente.

Os pequenos começaram a reclamar. Minha mãe se levantou para ir cuidar deles e depois chamou José para ajudar.

Meus tios foram para suas camas em seus quartos. Tia Ester estava em outra parte da casa, com o bebê Ester, que berrava, como sempre.

Só a Velha Sara continuou sentada em seu banco porque era velha demais para sentar no chão. Tiago também continuou lá, olhando para mim, e havia fogo em seus olhos.

— O que é? O que você quer dizer? — perguntei para ele, mas em voz baixa.

— O que foi isso? — quis saber Velha Sara. Ela se levantou. — Foi o Velho Justo? — perguntou e saiu para o outro quarto.

Não era nada muito sério. Apenas o Velho Justo tossindo porque a garganta dele estava tão fraca que não conseguia engolir.

Tiago e eu ficamos sozinhos.

— Fale para mim — eu disse.

— Os homens disseram que viram coisas — disse Tiago. — Quando você nasceu eles viram coisas.

— O quê?

Ele olhou para o outro lado. Estava com raiva, muita raiva.

Aos doze anos um menino pode se sentir pressionado pela Lei. Ele estava passando por isso agora.

— Os homens afirmaram que viram coisas — ele repetiu. — Mas eu posso contar o que vi, com os meus próprios olhos.

Fiquei esperando.

Ele olhou de novo para mim e com um olhar tenso.

— Vieram uns homens. Para a casa em Belém. Estávamos em Belém há algum tempo. Tínhamos encontrado um bom lugar para ficar. Meu pai cuidava dos negócios dele, procurava nossos parentes, tudo isso. E então, à noite, chegaram esses homens. Eles eram sábios do Oriente, talvez da Pérsia. Eram os homens que liam as estrelas e que acreditavam em mágica, que aconselhavam os reis da Pérsia sobre o que deviam fazer ou não, de acordo com os presságios, os sinais. E trouxeram servos com eles. Eram homens ricos, muito bem vestidos, e chegaram pedindo para ver você. Eles se ajoelharam na sua frente, levaram presentes. E o chamaram de rei.

A surpresa foi grande demais e não consegui falar nada.

— Disseram que tinham visto uma grande estrela no céu — ele continuou —, que seguiram essa estrela até a casa onde nós estávamos. Você estava num berço. E deixaram os presentes na sua frente.

Eu não tive coragem de perguntar qualquer coisa para ele.

— Todos em Belém viram os magos chegando com seus servos. Esses homens montavam camelos e falavam com autoridade. Foi o fim da viagem deles, e ficaram

satisfeitos.

Eu sabia que ele estava dizendo a verdade. Nenhuma mentira passaria pelos lábios do meu irmão Tiago.

E eu tenho certeza de que ele sabia que fui eu que fiz aquele menino morrer no Egito e depois o trouxe de volta à vida. E também viu quando dei vida aos pardais de barro, coisa que eu mal me lembrava.

Um rei. *Filho de Davi, Filho de Davi, Filho de Davi.*

As mulheres já estavam voltando. E meus primos mais velhos também apareceram, vindos não sei de onde.

Minha tia Salomé pegou o que sobrou do pão e os restos do jantar.

Velha Sara já estava de novo no seu banco.

— Tomara que essa criança durma até o amanhecer — disse Velha Sara.

— Não se preocupe — disse tia Salomé. — Riba dorme com um olho aberto vigiando todos eles.

— Uma bênção — disse minha mãe — aquela doce menina.

— Pobre Bruria nem estaria viva se não fosse aquela garota. A menina cuida dela como se ela fosse criança. Pobre Bruria...

— Pobre Bruria...

E assim foi a conversa.

Minha mãe disse para eu ir para a cama.

No dia seguinte Tiago não olhava para mim. Não foi surpresa. Ele quase nunca olhava para mim mesmo. E conforme os dias foram passando, nunca mais olhou.

Os meses do inverno foram ficando cada vez mais frios.

Quando chegou a época da Festa das Luzes acendemos muitos lampiões em casa, e dos telhados podíamos ver grandes fogueiras em todas as aldeias e nas nossas ruas, homens dançando com tochas como fariam se tivessem ido para Jerusalém.

Na manhã depois do oitavo dia, quando a Festa estava terminando e eu já estava

dormindo, ouvi gritos lá fora. Logo todos no quarto estavam de pé e correndo.

Antes de poder perguntar o que era, fui com eles.

A luz da manhã estava completamente cinza. E o Senhor enviou neve para nós!

Toda Nazaré estava lindamente coberta de neve, que caía em flocos grandes, as crianças corriam para pegá-los como se fossem folhas, mas eles derretiam.

José deu um sorriso só para mim quando todos os outros foram lá para fora ver a neve caindo silenciosa.

— Você rezou para nevar? — ele perguntou. — Bem, está aí a sua neve.

— Não! — eu disse. — Eu não fiz isso. Fiz?

— Tenha cuidado com o que você pede em oração! — ele sussurrou. — Está entendendo?

O sorriso de José cresceu e ele me levou lá para fora para sentir os flocos de neve. A risada e a alegria dele me deixaram tranqüilo.

Mas Tiago, lá parado, sozinho, embaixo do prolongamento do telhado sobre as pedras do pátio, olhava fixo para mim. E quando José se afastou ele se aproximou e cochichou no meu ouvido:

— Por que você não reza para chover ouro?

Senti meu rosto pegar fogo.

Mas ele foi se juntar aos outros. E depois não ficamos mais sozinhos, quase nunca.

Mais tarde aquele dia — o oitavo dia da Festa das Luzes tinha terminado quando o sol nasceu —, fui para o bosque, o único lugar de toda a criação onde podia ficar sozinho. A neve era espessa. Eu usava lã grossa em volta dos pés com sandálias pesadas, mas a lã já estava molhada quando cheguei lá e eu sentia muito frio. Não podia ficar muito tempo sob as árvores, mas parei um pouco, pensando e vendo a maravilha da neve cobrindo os campos, lindos como uma mulher com sua melhor roupa.

Como tudo parecia novo e limpo.

Eu rezei. Pai do céu, diga o que quer de mim. Diga o que todas essas coisas significam. *Tudo tem uma história.* E qual é a história de tudo isso?

Fechéi os olhos e quando abri vi que o céu nos dava mais neve, formando um véu sobre Nazaré. Lentamente, enquanto eu observava, a aldeia desapareceu. Mas eu sabia que estava ali.

— Pai do céu, eu não vou pedir neve, Pai do céu, nunca vou rezar pelo que não é a Sua vontade. Pai do céu, não vou rezar para este viver ou aquele morrer, ah, não, nunca para aquele morrer e jamais tentarei fazer chover ou parar a chuva, fazer nevar... nunca, até eu compreender o que é tudo isso, o que significa...

E aí a minha oração se transformou em lampejos de lembranças e a neve caiu nos meus olhos quando olhei para cima, para a copa das árvores, e ela caiu suavemente em mim como se me beijasse.

Eu estava escondido na neve, escondido e a salvo, até de mim mesmo.

Ao longe alguém chamou meu nome.

Despertei da minha oração, despertei da imobilidade e da maciez da neve, e desci correndo a colina, acenando e chamando, indo para o calor do fogo e da família em volta dele.

MEU PRIMEIRO ANO na Terra Prometida terminou como havia começado: com a abertura do Ano-Novo para Israel.

Herodes Arquelau e os soldados romanos da Síria tinham conquistado a paz na Judéia — pelo menos paz suficiente para podermos atravessar a terra de Herodes Arquelau, pelo vale do rio Jordão e para subir as montanhas até Jerusalém para a Festa da Páscoa.

Para mim eu era uma criança mais velha desde aquela viagem de sofrimento e assustadora, naquele mesmo caminho para Nazaré. Já conhecia muitas palavras novas para poder raciocinar sobre o que tinha visto. E gostei muito quando estávamos em campo aberto. Gostei dos sorrisos e dos risos. E gostei de me banhar no rio Jordão outra vez.

Muitos outros aldeões se juntaram aos homens da nossa família, muitas esposas tinham ido também e um número grande de jovens virgens sob os olhares dos pais e das mães, todos os meus novos amigos da aldeia, a maioria meus parentes e alguns não.

As chuvas mais fracas tinham sido boas aquele ano, todos diziam, e por um longo tempo a relva permaneceu verde.

Velha Sara fez a viagem conosco e foi montada num burro. Foi bom ter a sua companhia. Nós nos amontoávamos em volta dela. Minha mãe também foi, mas tia Ester e tia Salomé ficaram em casa para cuidar dos pequenos e pequena Salomé ficou com elas.

Bruria, nossa refugiada, veio também conosco, assim como a escrava grega Riba, com seu recém-nascido a tiracolo e cuidando de todos.

Devo dizer que o que motivou José a levar Bruria foi a esperança de que quando passássemos pelo lugar onde ficava sua fazenda, ela se apossasse dela novamente. Bruria tinha os papéis que recuperou da casa incendiada e certamente, disse José, haveria gente por lá que sabia que a propriedade era dela.

Mas Bruria não desejava isso. Ela não queria nada. Trabalhava como sonâmbula, ajudava mas não queria nada para ela. E José nos disse para nunca julgá-la nem deixar de ser bondosos com ela. Se ela quisesse ficar conosco para sempre, tudo bem. Todos

nós tínhamos sido desconhecidos um dia na Terra do Egito.

Ninguém se incomodava mesmo, e minha mãe disse isso. Riba era uma alegria para as mulheres, disse minha tia Salomé. Era modesta como uma mulher judia, limpa e prestativa e fazia tudo tão bem como qualquer outra.

Aprendemos a amar Riba e Bruria. E quando Bruria passou pelo local onde ficava sua fazenda e nem se importou, ficamos tristes por ela. A terra era dela e devia aproveitá-la.

Também vieram para a estrada conosco os fariseus, todos juntos em um grupo com seus animais para as mulheres e os idosos, e suas famílias. E havia outras famílias de Nazaré também e de muitas outras aldeias que se juntaram à procissão.

Nossos parentes de Cafarnaum, os pescadores, suas mulheres e filhos também vieram nos encontrar — esses eram Zebedeu, o querido primo da minha mãe e a mulher dele, Maria Alexandra, também prima da minha mãe e ambos primos distantes de José e muitos outros, alguns que eu lembrava, outros não.

Logo havia uma multidão na estrada, conversando e cantando os Salmos como tínhamos feito no primeiro dia em Jerusalém tanto tempo atrás. Cantamos os salmos mais doces, chamados de Salmos de Louvor.

Quando iniciamos a subida do Jordão para a Cidade Santa pelas montanhas íngremes, senti aquele antigo medo. Eu queria a minha mãe e que ninguém soubesse disso. Fazia muito tempo que eu não tinha os pesadelos, mas eles voltaram. Dormia perto da Velha Sara sempre que podia e se acordava chorando, a voz dela fazia o sonho ir embora. Sabia que Tiago acordava também nessas horas e não queria que ele soubesse disso. Queria ser forte e ficar com os homens.

Não foi uma viagem difícil. Era bom ver as aldeias que foram incendiadas sendo reconstruídas. A cidade de Jericó estava sendo refeita e em volta dela as lindas palmeiras de tâmaras e grandes florestas de bálsamo eram viçosas.

O bálsamo era uma árvore que não crescia em nenhum outro lugar do mundo, só aqui, e seu perfume era vendido com grande valor. Os romanos eram o maior mercado para ele.

O sol brilhava sobre tudo isso quando vi dessa vez, porque antes Jerico era uma cidade em chamas à noite, que me fez chorar apavorado. Claro que tivemos de ver os

alicerces do novo palácio e o trabalho dos carpinteiros. Meus tios inspecionaram tudo, desde as pilhas de pedras no local para o suporte e a limpeza da terra para os novos cômodos que seriam construídos para Arquelau.

Logo depois de Jericó chegamos à aldeia onde tínhamos deixado nossa prima Isabel e o pequeno João.

Minha mãe estava preocupada quando nos aproximamos, Zebedeu e a mulher dele também. Fazia muito tempo que ninguém recebia cartas de Isabel.

Quando chegamos encontramos a pequena casa onde ficamos toda fechada e vazia. Pensei que minha mãe ia ficar terrivelmente chocada, e o choque veio sim, mas não tão sério como eu temia.

Parentes distantes chegaram logo para contar que Isabel, mulher de Zacarias, o sacerdote, tinha sofrido uma queda um mês antes e que a tinham levado para Betânia, perto de Jerusalém. Ela não podia mais falar, foi o que nos contaram, nem se mexer muito e o pequeno João foi morar com os essênios no deserto. Alguns essênios tinham ido até lá para levá-lo para um lugar perto da vertente das montanhas, acima do mar Morto.

Depois de atravessar os longos passos da montanha, chegamos ao monte das Oliveiras, de onde podíamos avistar, além do vale do Reino, a Cidade Sagrada à nossa frente. E lá estavam os muros brancos do Templo, com suas grandes bordas de ouro e todas as pequenas casas se derramando pelas encostas em volta dele.

Todos gritaram de alegria e agradeceram aquela visão. Mas fui tomado pelo medo e não contei para ninguém. José me pegou no colo, mas eu estava grande demais para sentar nos ombros dele. Algumas crianças tentavam se espremer pelo meio da multidão para chegar mais à frente. Eu não queria ir.

O medo cresceu em mim como náusea na garganta e não pude escapar. Não importava o sol brilhando no céu. Eu nem vi, não vi nada além de escuridão. Acho que a Velha Sara percebeu porque ela me puxou mais para perto dela. Eu gostava demais do cheiro do seu manto de lã e do toque suave da sua mão.

Depois das orações as pessoas começaram a apontar onde as colunas tinham queimado e onde tinham reconstruído. Todos apontavam e procuravam determinar as coisas.

— E podem ter certeza que os carpinteiros e os pedreiros estão felizes — disse meu tio Cleofas com amargura. — Eles o queimaram, nós reconstruímos.

Rimos daquela verdade, mas Tiago olhou irritado para Cleofas como se não quisesse que ele dissesse aquilo. Meu tio Alfeu se pronunciou.

— Bem, os carpinteiros e os pedreiros de Jerusalém estão sempre felizes. Eles trabalham no Templo desde que nasceram, a maioria deles!

— Jamais vão terminar essa obra — disse Cleofas. — E por que terminariam? Temos reis com sangue nas mãos e graças à culpa que sentem constróem o grande Templo como se isso os tornasse justos aos olhos do Senhor. Bem, deixem que façam. Deixem que ofereçam seus sacrifícios, os profetas disseram que os sacrifícios deles...

— Já chega de falar mal deles — disse Alfeu. — Vamos para a cidade.

— E os profetas disseram — José acrescentou calmamente, sorrindo.

Cleofas repetiu baixinho as palavras do profeta.

— Sim, eu sou o Senhor e não me modifico.

E mais e mais falaram de como aquele era o maior Templo do mundo todo. Mas essas coisas eu ouvi com todo o medo que sentia, lembrando os corpos por toda parte e mais que isso, um grande e terrível sofrimento, um tormento que dizia: vocês não conhecerão nada além de sofrimento. Isso nunca acabará.

Mais uma vez me levantaram, dessa vez meu tio Alfeu.

Olhei para o Templo, lutando contra o medo, vendo que era muito grande e como a cidade parecia crescer em volta dele e se agarrar a ele. A cidade era parte dele. A cidade não era nada sem ele. Não havia outros templos em Jerusalém, só o Templo. E a grande glória do Templo realmente parecia linda — todo branco, brilhante, cheio de ouro — imaculado — pelo menos assim de longe.

Havia outros prédios grandes sim. Tio Cleofas chamou a minha atenção para o grande palácio de Herodes, a fortaleza, Antonio, que ficava bem ao lado do Templo, sempre cheia de soldados. Mas esses não eram nada. O Templo *era* Jerusalém. Eu vi. O sol brilhava e o medo, as lembranças, a escuridão se foram.

Agora minha mãe queria ir até Betânia, não muito longe de onde estávamos, para

ver a prima Isabel. Mas a família queria ir primeiro para Jerusalém e encontrar um lugar para ficar. Então fomos.

A multidão era compacta, andávamos cada vez mais lentamente e apertados, e parávamos quando ninguém mais podia se mexer. Todos cantando para manter o espírito festivo.

Quando finalmente chegamos à cidade foi muito difícil passar pelos portões, era gente demais e nós, os pequenos, já estávamos cansados a essa altura. Algumas crianças choravam, outras tinham adormecido nos braços das mães. Eu já estava grande demais, pensei, para pedir para alguém me carregar no colo. Por isso não podia ver para onde estávamos indo nem o que estávamos fazendo.

Antes de nos embrenharmos mais na cidade recebemos a notícia de que todas as sinagogas estavam lotadas e que as casas tinham abrigado todos os peregrinos que podiam aceitar. Então José resolveu que voltaríamos para Betânia onde tínhamos parentes e onde podíamos montar acampamento.

Planejamos aquela viagem antes de muita gente. Tínhamos esperança de executar os ritos de purificação no Templo, o mesmo rito que fizemos na aldeia, com as cinzas e a água viva, corrente, as duas aspersões, só que gostaríamos de fazer outra vez no Templo.

Agora ficava claro para nós que gente demais tinha ido para lá pelos mesmos motivos e que a Festa atraía o mundo inteiro.

Numa multidão como aquela era de se esperar que as pessoas comessem a discutir e brigar, e algumas chegavam a gritar com as outras. Quando isso acontecia meus dentes batiam. Mas até onde podia ver, não havia luta. Bem lá no alto dos muros os soldados andavam e procurei não olhar para eles. Minhas pernas doíam e estava com fome. Mas sabia que todos se sentiam assim.

Depois da longa e penosa subida para fora da cidade até a aldeia, fiquei tão cansado que queria economizar toda a minha alegria e gratidão de estar perto de Jerusalém para o dia seguinte.

Ainda era dia, mas começava a escurecer. Havia pessoas acampadas em todos os cantos. Minha mãe e meu pai me deram as mãos e fomos logo visitar Isabel.

Era uma casa grande, uma casa rica, com belo piso e paredes pintadas, cortinas

grossas sobre as portas. Um jovem nos recebeu, muito educado, o que mostrou logo que era rico, usava uma túnica de linho completamente branca e sandálias de boa qualidade. O cabelo e a barba pretos brilhavam com óleos perfumados, tinha uma expressão inteligente e nos recebeu de braços abertos.

— Esse é seu primo José — disse minha mãe imediatamente. — Seu primo José é sacerdote e o pai dele, Caiafas, é sacerdote, e o pai dele antes dele também era sacerdote. Eis nosso filho, Jesus. — Ela pôs a mão no meu ombro. — Viemos para ver nossa prima Isabel de Zacarias. Disseram que ela não está bem e que é mantida aqui por sua bondade. Somos muito gratos por isso.

— Isabel é minha prima, como vocês — disse o jovem com voz suave.

Os olhos dele eram pretos e vivos, e ele sorriu para mim daquele jeito aberto, que logo me deixou à vontade.

— Por favor, entrem. Eu ofereceria um lugar para dormir aqui, mas como estão vendo temos gente em todos os cantos. A casa está superlotada...

— Ah, não, não estamos procurando isso. — José se apressou em dizer para ele. — Só viemos visitar Isabel. E saber se podemos acampar aí fora. Sabe, é uma tribo e tanto que veio de Nazaré, Cafarnaum e Canaã.

— Pois sejam muito bem-vindos — ele disse e fez sinal para que o seguissemos. — Vão encontrar Isabel tranqüila mas silenciosa. Não sei se ela vai reconhecê-los ou não. Não esperem por isso.

Eu sabia que estávamos trazendo a terra da estrada para a casa dele, mas não havia nada a fazer. Havia peregrinos por toda parte, em seus cobertores, em todos os cômodos, e pessoas correndo para lá e para cá com jarras, e já havia muita poeira. Então só tínhamos de seguir mesmo.

Chegamos a um quarto tão abarrotado quanto os outros, mas com grandes janelas com treliças e o sol do fim da tarde entrava por elas, trazendo um calor gostoso. Nosso primo nos levou até um canto onde estava Isabel, numa cama elevada, recostada em travesseiros limpos, toda enrolada em lã branca, olhando para a janela, achei que ela observava o movimento das folhas verdes.

Acho que foi por respeito, mas as pessoas ficaram caladas e nosso primo se abaixou perto de Isabel e segurou o braço dela.

— Mulher de Zacarias — ele disse gentilmente —, há parentes aqui para vê-la.

Não adiantou nada.

Minha mãe se abaixou, beijou-a, falou com ela, mas não houve resposta.

Ela continuou parada, olhando para a janela. Parecia muito mais velha do que no ano anterior. As mãos estavam rígidas e torcidas nos pulsos, apontando completamente para baixo. Ela parecia tão velha como a nossa querida Sara. Como uma flor murcha pronta para cair da videira.

Minha mãe virou para José e chorou encostada nele, e nosso primo José balançou a cabeça, disse que estavam fazendo tudo que era possível.

— Ela não sofre — ele disse. — Está sonhando.

Minha mãe não conseguia parar de chorar por isso saí com ela enquanto José conversava com o nosso primo sobre os ancestrais e quais os seus elos familiares, o assunto comum sobre famílias e casamentos. Minha mãe e eu fomos ver o sol se pôr.

Encontramos os tios e Velha Sara reunidos sobre cobertores, num bom acampamento perto da periferia da multidão de peregrinos e não muito longe do poço.

Alguns parentes da casa vieram ao nosso encontro e ofereceram comida e bebida. Nosso primo José estava com eles. Todos com roupas de linho, todos bem-educados, trataram-nos bem, com mais bondade talvez do que teriam tratado pessoas iguais a eles.

O mais velho, pai de José, chamado Caiafas, conversou conosco e disse que estávamos suficientemente perto de Jerusalém e que podíamos comer o banquete da Páscoa ali mesmo. Não devíamos nos preocupar se não estávamos dentro das muralhas. O que eram muralhas? Tínhamos viajado para Jerusalém e estávamos em Jerusalém. Poderíamos ver as luzes da cidade assim que escurecesse.

As mulheres saíram da casa também e ofereceram cobertores, mas tínhamos levado os nossos.

Então Velha Sara e os tios entraram para ver Isabel antes de ficar tarde demais. Tiago foi e voltou com eles.

Quando estávamos todos reunidos e os primos ricos tinham ido para Jerusalém cumprir seus deveres no Templo pela manhã, Velha Sara disse que gostava de José bar

Caiafas, que ele era um bom homem.

— São descendentes de Zadock e é isso que importa — disse Cleofas. — E nada mais.

— Por que são ricos? — perguntei.

Todos riram.

— Ficaram ricos com o couro dos sacrifícios que é deles por direito — disse José, sério. — E eles vêm de famílias ricas.

— Sim, e o que mais? — perguntou Cleofas.

— As pessoas nunca falam bem dos ricos — disse Velha Sara.

— Você tem algo de bom para falar deles, velha? — perguntou Cleofas.

— Ah, então posso falar na assembléia dos sábios! — ela respondeu e todos riram. — Sim, tenho mais a dizer. Quem vocês pensam que iam prestar atenção neles, se não fossem ricos?

— Há muitos sacerdotes pobres — disse Cleofas. — Você sabe disso tão bem quanto eu. Os sacerdotes da nossa aldeia são pobres. Zacarias era pobre.

— Não, ele não era pobre — disse Velha Sara. — Não era rico, não. Mas nunca foi pobre. E sim, há muitos que trabalham com as mãos, porque precisam. E eles se apresentam ao Senhor, sim. Mas e, bem lá no alto, aqueles que protegem o Templo? Quem poderia fazer isso senão aqueles que os outros homens temem?

— E importa quem eles são? — perguntou Alfeu. — Desde que cumpram suas obrigações, não conspurquem o Santuário e poupem nossas mãos dos sacrifícios?

— Não, não importa — disse Cleofas. — O velho Herodes escolheu Joazer como sumo sacerdote porque era quem ele queria. E agora Arquelau quer outro homem. Quanto tempo faz desde que Israel escolheu o sumo sacerdote? Quanto tempo faz desde que o Senhor escolheu o sumo sacerdote?

Levantei a mão como fazia na escola e meu tio Cleofas olhou para mim.

— Como é que as pessoas sabem — perguntei — que os sacerdotes fazem o que devem fazer?

— Todos observam — disse José. — Os outros sacerdotes observam, os levitas observam, os escribas observam, os fariseus observam.

— Ah, sim, os fariseus observam! — disse Cleofas.

E nós rimos muito com isso. Gostávamos muito do nosso fariseu, o rabino Jacimus. Mas ele observava todas as regras.

— E você, Tiago? — perguntou Cleofas. — Não quer perguntar nada?

Pela primeira vez vi Tiago pensativo. Ele levantou a cabeça e estava com uma expressão sombria.

— O velho Herodes assassinou o sumo sacerdote uma vez — ele disse em voz baixa. Parecia um dos homens falando. — Matou Aristóbulo porque ele aparecia lindamente diante do povo, não é verdade?

Os homens menearam a cabeça.

— É verdade. — Cleofas repetiu as palavras. — Ele mandou afogá-lo por causa disso e todos sabiam. Tudo porque Aristóbulo tinha aparecido diante do povo com suas vestes e o povo gostou demais dele.

Tiago olhou para longe.

— Que conversa é essa? — disse José. — Viemos para a Casa do Senhor para oferecer sacrifício, para nos purificar, para comer a refeição da Páscoa. Vamos parar de pensar nisso.

— É, vamos deixar isso para lá — disse Velha Sara. — Eu digo que José Caiafas é um jovem bom. E, quando se casar com a filha de Annas, ficará mais próximo dos que estão no poder.

Minhas tias e Alexandra concordaram com isso.

Cleofas ficou atônito.

— Estamos aqui há menos de duas horas e vocês mulheres já sabem com quem José Caiafas vai se casar! Como é que descobrem essas coisas?

— Todo mundo sabe disso — disse Salomé. — Se você não se ocupasse tanto de citar os profetas, saberia também.

— Quem sabe? — perguntou Velha Sara. — Talvez José Caiafas possa vir a se tornar um sumo sacerdote algum dia...

Eu sabia por que ela dizia isso, apesar de ele ser muito jovem. Ele tinha um ar, um jeito de se movimentar e de falar, uma facilidade de se comunicar com todos, uma gentileza, e quando nos recebeu preocupou-se conosco, embora não fôssemos ricos, e por trás dos seus olhos negros havia uma alma forte.

Mas agora todos os meus tios e tias estavam discutindo isso, especialmente os homens, dizendo para as mulheres calarem a boca, que elas não entendiam nada disso, alguns insistindo que ainda não tinha acontecido, mas todos sabiam que Arquelau podia trocar o sumo sacerdote quando quisesse.

— Você virou profeta, Sara? — perguntou Cleofas. — Para saber que esse homem será sumo sacerdote?

— Pode ser — ela respondeu. — Eu sei que ele seria um bom sumo sacerdote. É inteligente e devoto. É nosso parente. Ele... ele toca meu coração.

— Ah, bem, dê-lhe tempo — disse Cleofas. — E que nossos primos que nos receberam aqui sejam abençoados por sua generosidade.

Cleofas virou para José que estava calado.

— O que você acha?

José olhou para ele, sorriu e rolou os olhos nas órbitas brincando, para fingir que pensava, só que não estava pensando e depois disse:

— José Caiafas é um homem alto. Um homem muito alto. E ele tem uma postura imponente, mãos compridas que se movem como pássaros voando lentamente. E vai se casar com a filha de Annas, nosso primo, que é primo da Casa de Boethus. Sim, ele será sumo sacerdote.

Todos nós rimos. Até Velha Sara riu.

Eu me levantei.

O medo tinha passado, mas na hora eu não sabia.

A ceia da Páscoa estava pronta e foi uma boa refeição.

A Casa de Caiafas levou para nós sopa de lentilhas muito bem temperada. E uma

deliciosa pasta de azeitonas salgadas no azeite, tâmaras doces, que raramente tínhamos em casa, e muitas mesmo. E como sempre bolos de figos secos, mas esses eram muito elaborados e gostosos. O pão era leve e ainda estava quente do forno.

A mulher de Caiafas, mãe de José Caiafas, ficou parada na porta da casa dela para servir o vinho pessoalmente, com os véus apropriados, escondendo todo o cabelo, apenas uma pequena parte do rosto aparecendo. Podíamos vê-la à luz das tochas. Ela acenou um cumprimento para todos e depois entrou na casa.

Conversamos sobre o Templo, a nossa purificação e a própria festividade — as ervas amargas, o pão ázimo e o carneiro assado, e todas as orações que íamos dizer. Os homens falaram disso para os meninos poderem entender, mas os rabinos na escola tinham feito a mesma coisa, já sabíamos o que esperar e o que fazer.

E estávamos ansiosos para tudo acontecer porque no ano anterior, em meio a toda a luta e todo o medo, não tivemos festa nenhuma e queríamos aparecer diante do Senhor dessa vez como a Lei exigia.

Agora, devo dizer que Tiago tinha quase terminado sua educação na escola. Ele já estava com treze anos e era homem diante do Senhor. E Silas e Levi, mais velhos que ele, não iam mais para a escola. Ambos tinham sido muito lerdos. O rabino não queria que parassem de ir, mas eles pediram, dando como justificativa o trabalho que queriam fazer. Então quando repassamos as regras da Festa, acho que gostaram.

Quando estávamos acabando de jantar alguns meninos dos acampamentos vieram nos encontrar. Eram bem simpáticos. Mas pensei no meu primo João bar Zacarias, que tinha ido viver com os essênios. Fiquei imaginando se estava satisfeito.

Ele estava muito longe, no deserto, diziam, e quantas vezes via a mãe dele? Será que ela reconheceria o próprio filho? Mas por que pensar nessas coisas? Aquelas antigas e misteriosas palavras voltaram, de que ele tinha sido predestinado. Minha mãe foi a eles quando soube que eu ia nascer. Eu queria muito ver João. E quando é que poderia fazer isso?

Todos sabiam que os essênios não vinham para a Festa. Os essênios se mantinham distantes, levavam uma vida mais rígida até do que a dos fariseus. Os essênios sonhavam com um Templo renovado. Eu tinha visto um grupo de essênios em Séforis uma vez, todos eles de branco. Eram um povo à parte. E acreditavam que eram a

verdadeira Israel.

Acabei deixando os meninos lá, embora quisesse brincar, e fui procurar José. Já estava escurecendo e a cidade lá embaixo estava cheia de luz. As luzes do Templo eram grandiosas e lindas. Mas eu não podia procurar em toda a cidade e em todos os acampamentos, não encontrei nem o meu tio Cleofas.

José estava admirando a cidade e talvez ouvindo música, porque havia música e a batida dos tambores de algum lugar mais próximo. Ele bebia vinho de uma taça e não havia ninguém por perto naquele momento.

Perguntei logo para ele.

— Nós um dia vamos ver nosso primo João de novo?

— Quem sabe? — ele disse. — Os essênios ficam depois do mar Morto, no sopé das montanhas.

— Você acredita que eles são bons?

— São filhos de Abraão como todos nós — ele disse. — Há coisas piores do que ser um essênio. — Fez uma pausa e continuou. — Os judeus são assim. Você sabe que na nossa aldeia há homens que não acreditam na ressurreição no Dia do Juízo Final. E temos os fariseus. E os essênios acreditam em muitas coisas de todo o coração, e se esforçam muito para agradar a Deus.

Fiz que sim com a cabeça.

Ora, eu sabia que todos na nossa aldeia queriam ir para o Templo e que cumprir as datas de todas as festas do modo correto era importante para eles. Mas não disse isso, porque parecia ser verdade o que ele dizia e não tinha mais pergunta nenhuma a fazer.

Eu estava muito triste. Minha mãe gostava demais da prima. Eu as via mentalmente, as duas mulheres abraçadas quando estivemos com eles aquela última vez. E fiquei muito curioso, queria conversar com o meu primo. Havia uma seriedade nele — era essa a palavra, finalmente a encontrei —, seriedade, que me atraía.

Os outros meninos do acampamento eram muito simpáticos e os filhos dos sacerdotes eram bem-educados e diziam coisas boas, mas eu não queria estar com outras pessoas.

Sai de perto de José. Não tinha permissão para fazer nenhuma pergunta sobre todas as coisas que pesavam no meu coração. Era proibido.

Deitei na minha esteira e quis dormir, apesar de o céu estar só começando a se encher de estrelas.

A minha volta homens discutiam, alguns diziam que o sumo sacerdote não era o homem certo, que Herodes Arquelau tinha cometido um erro de nomeá-lo, e outros diziam que o sumo sacerdote era aceitável e que tínhamos de ter paz, não rebeliões.

As vozes iradas deles, de um lado e do outro, me amedrontavam.

Levantei, deixei minha esteira e fui caminhar sozinho, para fora do acampamento, até a encosta, sob o céu estrelado. Era bom estar assim, na montanha.

Havia acampamentos ali também, mas eram menores, pequenos grupos cobrindo as encostas, as fogueiras iluminando um pouco em volta, lá em cima a linda lua brilhava muito sobre tudo e eu podia ver as estrelas espalhadas, formando belos desenhos.

Tinha grama sob meus pés e o cheiro dela era doce, não fazia tanto frio agora, e fiquei imaginando se João via as mesmas estrelas aquela noite lá no deserto.

Tiago veio ao meu encontro. Estava chorando.

— O que aconteceu com você? — eu disse.

Sentei, levantei e segurei a mão dele.

Nunca tinha visto meu irmão daquele jeito.

— Eu preciso contar para você — ele disse. — Sinto muito. Sinto pelas maldades que disse para você, por... ter sido mau com você.

— Mau comigo? Tiago, do que você está falando?

Ninguém podia nos ouvir nem nos ver, estava escuro.

— Não posso entrar no Templo do Senhor amanhã com isso no coração, o fato de ter tratado você tão mal.

— Mas está tudo bem — eu disse, estendendo os braços para abraçá-lo, mas ele recuou. — Tiago, você nunca me fez mal algum!

— Eu não tinha o direito de contar para você sobre a ida dos magos a Belém.

— Mas eu quis que você contasse — eu disse. — Queria saber o que tinha acontecido quando nasci. Quero saber tudo. Tiago, se você me contasse tudo que aconteceu...

— Eu não falei porque você queria. Fiz isso para ser mais forte do que você! — ele sussurrou. — Fiz isso para provar que eu sabia uma coisa que você ignorava!

Senti que ele dizia a verdade. Era a verdade nua e crua, exatamente o tipo de verdade dura que Tiago sempre falava.

— Mas você me contou o que eu queria saber — eu disse. — Foi bom para mim. Eu queria isso — repeti.

Ele balançou a cabeça. Chorou mais ainda, como um homem.

— Tiago, você está triste por nada. Ouça o que digo. Eu amo você, meu irmão. Não sofra por isso.

— Eu preciso contar para você — ele disse, sussurrando, como se tivesse necessidade.

Não havia ninguém ali, só nós dois naquela encosta.

— Eu o odiava desde o dia em que nasceu — ele disse. — Detestei você antes mesmo de nascer. Odiar o fato de você estar a caminho!

Meu rosto ardia. Senti toda a pele arrepiada. Nunca tinha ouvido alguém dizer uma coisa daquela. Depois de algum tempo eu disse:

— Isso não me magoa.

Ele não respondeu.

— Eu não sabia — eu disse. — Não é bem isso. Acho que sabia, mas acreditei que ia passar. Não pensei nisso, se é que eu sabia mesmo.

— Ouça o que está dizendo — ele disse e parecia muito triste.

— O que estou dizendo?

— Você é sábio demais para a sua idade — ele disse, do alto de seus treze anos, um homem. — Está com o rosto diferente de quando saímos do Egito. Na época era um rosto de menino, seus olhos eram como os olhos da sua mãe.

Eu entendia o que ele queria dizer. Minha mãe sempre pareceu criança. O que eu não sabia era que estava diferente. Nem o que dizer para ele.

— Sinto muito por odiar você — ele disse. — Sinto muito mesmo. E pretendo amá-lo e ser leal a você, sempre.

Fiz que sim com a cabeça.

— Eu também o amo, meu irmão — eu disse.

Silêncio.

Ele ficou lá calado, secando as lágrimas.

— Posso abraçar você? — perguntei.

Ele fez que sim e nos abraçamos. Dei-lhe um abraço apertado e senti que ele tremia. Realmente se sentia mal.

Recuei lentamente. Ele não se virou nem foi embora.

— Tiago — eu disse. — Por que você me odiava?

Ele balançou a cabeça.

— Razões demais — ele disse. — E não posso contar tudo. Algum dia você saberá.

— Não, Tiago, conte-me agora. Eu preciso saber. Estou pedindo, conte para mim.

Ele ficou pensando um longo tempo.

— Não sou eu que vou contar para você as coisas que aconteceram.

— Mas quem é que vai me contar? — perguntei. — Tiago, diga o que provocou esse ódio. Conte-me apenas isso. O que foi?

Ele olhou para mim e seu rosto parecia cheio de ódio. Ou talvez fosse apenas infelicidade. No escuro os olhos dele pareciam fogo.

— Vou dizer por que devo amá-lo — ele disse. — Os anjos apareceram quando você nasceu. É por isso que tenho de amá-lo!

E começou a chorar outra vez.

— Você está falando do anjo que apareceu para a minha mãe — eu disse.

— Não. — Ele balançou a cabeça e sorriu, mas era um sorriso sombrio e amargo. — Os anjos apareceram na noite em que você nasceu. Você sabe como foi, eles contaram. Estávamos na estalagem em Belém, no estábulo, com os animais no meio do feno, todos nós, era o único lugar que tinham para nos oferecer, havia muita gente lá naquela noite. E sua mãe entrou em dores de parto nos fundos do estábulo. Ela não chorou. Tia Salomé estava lá para ajudá-la, ergueram você para meu pai ver e eu o vi. Você estava chorando, mas só como os bebês pequenos choram, porque não sabem falar. Enrolaram você com cueiros, do jeito que enrolam os bebês para não poderem se mexer e se machucar, e você foi posto na manjedoura, sobre o feno macio, formando um berço. E sua mãe, deitada nos braços de tia Salomé, começou a chorar pela primeira vez, e foi terrível ouvir.

“Meu pai foi até ela. Ela estava toda coberta e tinham levado embora os panos do parto. Ele a abraçou. ‘Por que aqui neste lugar?’, ela exclamou. ‘Nós fizemos alguma coisa errada? Estamos sendo castigados por isso? Por que aqui neste lugar? Como isso pode estar certo?’ Era isso que ela perguntava para ele. E ele não tinha resposta.

“Você está entendendo? Um anjo tinha aparecido para ela para avisar que você ia nascer, e o nascimento acabou acontecendo em um estábulo.”

— Eu entendo — eu disse.

— Foi terrível ouvi-la chorando — ele repetiu. — E meu pai não sabia o que dizer para ela. Mas a porta se abriu e entrou o vento frio, uma rajada, todos se encolheram e resmungaram para alguém fechar a porta. Mas estavam lá aqueles homens, um menino com eles e um lampião. Eram homens vestidos com pele de carneiro, os pés envoltos em panos porque era inverno, com seus cajados, e todos puderam ver que eram pastores.

“Ora, você sabe que os pastores jamais abandonam seus rebanhos, não no meio da noite, no meio da neve, mas eles estavam lá e bastava ver a expressão no rosto deles para qualquer um se levantar de sua cama no feno e olhar para eles, e foi o que todos fizeram. Eu também.

“Era como se o fogo de um lampião ardesse na face deles! Nunca vi rostos como aqueles!

“Eles foram direto para a manjedoura onde você estava e olharam para você. Eles

se ajoelharam, encostaram a testa no chão com as mãos para cima.

“E exclamaram: ‘Glória a Deus nas alturas e paz na terra aos homens de boa vontade!’

“Todos olhavam para eles.

“Sua mãe e meu pai não disseram nada, ficaram apenas observando os pastores. Eles ficaram de pé e viraram para a direita e para a esquerda contando que um anjo tinha aparecido para eles no campo, na neve, onde cuidavam de seus rebanhos. Ninguém os impediria de contar isso e todas as pessoas instaladas no estábulo fizeram uma roda em volta deles.

“Um contou que o anjo tinha dito: ‘Não tenham medo porque lhes trago boas novas de grande alegria; pois hoje nasceu para todos, na cidade de Davi, um Salvador: Cristo, o Senhor!’”

Ele parou.

E mudou completamente de atitude.

Não estava mais cheio de ódio e de lágrimas.

A expressão era suave e os olhos imensos.

— Cristo, o Senhor — ele disse.

Tiago não estava sorrindo. Mas tinha voltado para Belém, naquele momento, estava com os pastores, com a voz baixa e cheia de paz.

— Christos Kyrios — ele disse em grego.

Tiago e eu falamos grego quase toda a minha vida. Ele continuou em grego.

— Aqueles homens estavam tomados pelo júbilo. Embevecidos, cheios de convicção. Ninguém poderia duvidar deles. E ninguém duvidou.

Então Tiago calou-se. E pareceu divagar em suas lembranças.

Não consegui falar nada.

Então era isso que escondiam de mim. Sim, e eu entendia por que escondiam de mim. Só que agora eu sabia e isso queria dizer que eu tinha de conhecer todo o resto. Precisava saber o que o anjo tinha dito, o anjo que apareceu para minha mãe. Tinha de

saber por que e como eu possuía o poder de tirar e dar a vida, o poder de fazer a chuva parar e de fazer cair neve. Se é que eu tinha, se, e o que eu devia fazer. Não podia esperar mais. Eu precisava saber de tudo.

E foi um pavor completo pensar no que Cleofas tinha dito, que eu devia ser quem explicaria as coisas para eles.

Era coisa demais para guardar na minha cabeça. Era demais até enunciar as perguntas que ainda não tinham respostas.

E o meu Tiago, o meu irmão, parecia que ele estava ficando pequeno e distante, mesmo parado ali na minha frente... estava se tornando uma coisa frágil. Tive uma rápida sensação de que eu não fazia parte daquele lugar, daquela relva, daquela encosta, daquela montanha sobre Jerusalém, dos trechos de música que chegavam com o vento até nós, dos risos ao longe, no entanto era tudo tão lindo para mim, tudo aquilo e Tiago, meu irmão, eu o amava, amava e compreendia também o sofrimento dele, com todo o meu coração.

Ele começou a falar outra vez, movendo os olhos como se visse o que descrevia.

— Os pastores disseram que o céu estava repleto de anjos. Que havia uma multidão de anjos no céu. Levantavam os braços quando falavam isso, como se estivessem vendo os anjos novamente. Os anjos cantavam: “Glória ao Senhor nas alturas! E na terra, paz aos homens de boa vontade.”

Ele abaixou a cabeça. Tinha parado de chorar mas parecia esgotado e triste.

— Imagine — ele disse em grego —, o céu inteiro. E eles viram isso e foram para Belém à procura da criança na manjedoura, conforme os anjos tinham dito para fazer.

Esperci.

— Como eu poderia odiá-lo por isso? — ele perguntou.

— Você era apenas um menininho, um menininho mais jovem do que eu sou agora — eu disse.

Ele balançou a cabeça.

— Não me dê a sua bondade — ele retrucou, e eu mal conseguia ouvir, ele estava de cabeça baixa. — Não mereço a sua bondade. Sou mau para você.

— Mas você é meu irmão mais velho — eu disse.

Ele puxou a túnica para secar as lágrimas.

— Não — ele disse. — Eu odiei você e isso é pecado.

— Para onde foram esses homens, esses pastores que disseram essas coisas? — perguntei. — Onde estão agora? Quem são eles?

— Eu não sei — ele disse. — Voltaram para a neve. Contaram para todos a mesma história. Não sei para onde eles foram, nunca mais os vi. Devem ter voltado para os seus rebanhos. Eles tinham de voltar. — Tiago olhou para mim e à luz da lua pude ver que estava melhor agora. — Mas você não entende? Sua mãe estava feliz, tinha recebido um sinal e adormeceu abraçada com você.

— E José?

— Chame-o de pai.

— E o pai?

— Ele foi como é sempre, atento, ouvindo sem dizer nada. E quando todas as pessoas que estavam naquele estábulo o questionaram, ele não respondeu. As pessoas chegavam uma por uma, ficavam de joelhos e olhavam para você, elas rezavam e iam embora, de volta para os cantos, para baixo de seus cobertores. No dia seguinte encontramos outro lugar para ficar. Todos na cidade já sabiam do ocorrido. E não parava de chegar gente à nossa porta, pedindo para ver você. Vinham velhos, apoiados em suas bengalas. Os outros meninos da cidade sabiam. Mas José disse que não íamos ficar lá muito tempo. Só o bastante para você ser circuncidado e para fazer o sacrifício no Templo. E os magos do Oriente apareceram nessa casa. Se não fossem os magos terem ido contar para Herodes...

Ele interrompeu a frase no meio e virou para um lado.

— Os magos foram contar para Herodes? O que aconteceu?

Mas ele não pôde dizer mais nada. José vinha subindo a encosta.

Reconheci no escuro por causa do seu jeito de andar. Ele parou antes de chegar mais perto de nós.

— Vocês se ausentaram tempo demais — ele disse. — Voltem agora. Não quero

que fiquem tão longe assim do acampamento.

Ele esperou por nós.

— Amo você, meu irmão — disse para Tiago em hebraico.

— Amo você, meu irmão — ele disse. — Nunca mais vou odiá-lo. Nunca mais. E nunca vou invejá-lo. A inveja é uma coisa terrível, um pecado terrível. Vou sempre amar você.

José foi andando na frente.

— Amo você, meu irmão — disse Tiago outra vez. — Amo você, seja você quem for.

Seja eu quem for! Cristo, o Senhor... nunca contaram para Herodes.

Ele pôs o braço no meu ombro e eu no dele.

Eu me dei conta de que não deixaria José saber que Tiago tinha me contado aquelas coisas. José não ia querer isso nunca. José preferia não conversar sobre nada, preferia viver um dia de cada vez.

Mas eu precisava conhecer o resto dessa história! E se meu irmão pôde me odiar todos esses anos por isso, se o rabino pôde me fazer parar à porta da escola e perguntar quem eu era, eu tinha de saber!

Esses estranhos acontecimentos eram o motivo para termos ido para o Egito? Não, não pode ter sido assim.

Mesmo que a cidade inteira de Belém comentasse isso, poderíamos ter ido para outra cidade. Poderíamos ter voltado para Nazaré. Mas e o anjo que apareceu para a minha mãe?

Tínhamos parentes lá... em Betânia. E não eram todos sacerdotes importantes e ricos. Ora, Isabel estava lá. Por que não fomos para a casa dela? Mas então os homens de Herodes mataram Zacarias! Será que Zacarias morreu por causa dessas histórias? Histórias de uma criança que acabava de nascer, que era Cristo, o Senhor! Ah, se pelo menos eu conseguisse lembrar mais o que Isabel nos disse naquele dia terrível no ano passado, depois que os bandidos saquearam a cidade, sobre o assassinato de Zacarias no Templo.

Ah, quanto tempo teria de passar para eu saber essas coisas?

Mais tarde aquela noite, eu estava deitado no meu cobertor, fechei os olhos e rezei.

Todas as muitas frases dos profetas passaram pela minha cabeça. Eu sabia que os reis de Israel tinham sido ungidos pelo Senhor, só que não foram anunciados por anjos. Não, e eles não nasceram de uma mulher que jamais esteve com um homem.

E acabei não podendo mais pensar em nada. O esforço era demais para mim.

Olhei para as estrelas e procurei ver os anjos cantando no céu. Rezei para os anjos aparecerem para mim como apareciam para qualquer um na Terra.

Fui dominado por uma imensa doçura, paz em meu coração. Pensei, esse mundo inteiro é o Templo do Senhor. Toda a Criação é esse Templo.

E o que construímos naquela colina ao longe é apenas um lugar pequeno, um lugar através do qual demonstramos o nosso amor pelo Senhor que criou tudo. Pai do céu, me ajude. Quando adormeci foi uma música linda que ouvi e quando acordei não sabia onde estava, o sonho era como um véu de ouro sendo tirado de cima de mim.

Eu estava bem. Era bem cedo. As estrelas continuavam lá.

E U NÃO ERA MAIS UMA CRIANÇA. Segundo o costume, o menino passa a ter de cumprir a Lei quando completa doze anos, mas isso não tinha importância. Eu não era uma criança. Soube disso quando observei as outras crianças brincando aquela manhã.

Soube quando nos juntamos aos peregrinos a caminho do Templo.

Foi a mesma pressão da véspera, as horas passando e a cantoria, o avanço lento até chegar aos banhos onde entrávamos nus na água gelada, depois vestíamos roupas limpas que tínhamos levado em nossas trouxas.

Finalmente chegamos ao túnel que subia até o grande pátio. Ali as vozes dos que discutiam ecoavam nas paredes e às vezes pareciam raivosas, mas eu não me assustava mais.

Minha mente se concentrava na história inacabada que Tiago havia contado.

Por fim a onda de peregrinos que cantavam, com as vozes de todo o mundo, desaguou no pátio do Templo e o céu limpo foi uma visão bem-vinda. As pessoas se espalharam, abriram espaços, tivemos liberdade para respirar fundo, mas logo nos vimos em nova multidão compacta para comprar os pássaros para o nosso sacrifício. Pois Tiago queria fazer uma oferenda de pecador. E logo descobri que era por isso que estávamos lá.

Para qual pecado Tiago queria fazer aquela oferenda eu não sabia. Ou sabia. Mas que importância tinha aquilo para mim? Cleofas disse que eu devia ver e por isso me levou junto.

Nós só íamos receber a primeira aspersão de purificação no dia seguinte.

Ora, isso me deixava perplexo.

— Como é que vamos entrar no Santuário para fazer o sacrifício se não recebemos a purificação? — perguntei.

— Você sabe que estamos purificados — disse Cleofas. — Fomos purificados antes de sair de Nazaré, na *mikvah*. Nós nos banhamos esta manhã no riacho perto da casa de Caiafas. Acabamos de nos lavar nos banhos aqui. Vamos passar pela aspersão por causa da Páscoa. É a purificação completa para nos limpar caso tenhamos alguma

impureza que ignoramos. — Ele sacudiu os ombros. — E é o costume. Mas não há motivo para Tiago esperar. Tiago é bom. Vamos entrar no Santuário agora.

— Deixem os judeus gregos passarem pela purificação antes de entrar — disse meu tio Alfeu, que estava conosco. — Todos os judeus de outras terras.

José não disse nada. Ele pôs a mão no ombro de Tiago enquanto nos guiava a todos pelo meio da multidão.

Antes de podermos comprar as aves, que eram todas selecionadas como perfeitas para o Senhor, tivemos de trocar o nosso dinheiro pelas moedas recebidas pelo Templo.

E acima das mesas dos atarefados trocadores de dinheiro sob as colunas, pude ver o telhado queimado dos dois lados, os homens trabalhando neles, transpirando ao sol, raspando e limpando as pedras que sobraram, alguns encaixando novas pedras com reboco. Eu conhecia bem aquele trabalho.

Mas nunca tinha visto uma construção tão grande, nem dava para avistar o fim do pátio das colunas para a direita ou para a esquerda. Os capitéis das colunas eram lindos, e grande parte do trabalho em ouro havia sido restaurado.

Vozes foram ficando iradas à minha frente. Homens e mulheres discutiam com os trocadores de dinheiro. Cleofas ficou impaciente.

— Para que essa discussão? — ele disse em grego para mim. — Ouça o que dizem. Então não sabem que essa gente é um bando de ladrões?

Ele usou a mesma palavra em grego que todos nós usamos para os ladrões que viviam nas montanhas, os rebeldes que tinham descido de lá para atacar Séforis e com isso atraído os romanos em perseguição a eles.

Na nossa primeira visita o derramamento de sangue nos impediu de chegar até ali. Agora nos aproximamos das mesas e ouvimos aquela balbúrdia.

— Bem, se você quer comprar duas aves, então troque por isso! —disse um homem para uma mulher de pé ao lado dele, que parecia não entender grego. Ela fez uma pergunta em aramaico, um aramaico diferente do nosso. Mas entendi o que ela disse.

José se ofereceu para dar-lhe as moedas que ela precisava, mas ela levantou a mão e não aceitou.

José, Cleofas e todos os homens trocaram suas moedas sem dizer nada e então Cleofas recuou e disse:

— Bando de ladrões, vocês se orgulham do que estão fazendo?

Os trocadores de dinheiro acenaram para ele ir embora sem nem levantar a cabeça, e José insistiu para ele parar.

— Na Casa do Senhor não — disse José.

— E por que não? — disse Cleofas. — O Senhor sabe que eles são ladrões. Cobram demais pela troca.

— Deixe para lá — disse tio Alfeu. — Não houve uma rebelião aqui hoje, houve? Você quer começar uma?

— Mas por que eles cobram demais, pai? — perguntou Tiago.

— Eu não sei se eles fazem isso. Eu aceito o que pedem — disse José. — Trouxemos dinheiro suficiente para o sacrifício. Ninguém tirou nada de mim que eu não estivesse preparado para dar.

Já estávamos no lugar em que guardavam as rolinhas. Fazia muito calor. Meus pés doíam sobre as belas pedras do piso. Pude ouvir mais raiva, mais discussão, junto com o arrulho dos pássaros. Demoramos muito para chegar até as mesas.

O fedor das gaiolas era pior do que o de qualquer pátio em Nazaré. A sujeira escorria pelas grades.

E até José ficou surpreso com o preço que teve de pagar, mas o mercador estava furioso e apontou para o monte de gente que aguardava na fila.

— Você quer sentar aqui e aturar essa gente? — perguntou o mercador. — Ou trazer os seus pássaros perfeitos da Galiléia? É de lá que vocês vêm não é? Dá para perceber pelo modo que falam.

Em todo lugar eu ouvia a mesma discussão. Uma família tinha voltado com pássaros que os sacerdotes não aceitaram. O mercador berrou em grego que os pássaros estavam sem mácula quando os vendeu. Mais uma vez José se ofereceu para pagar outro sacrifício, mas o pai disse que não, dessa vez agradecendo. A mulher chorava.

— Andei catorze dias para chegar aqui e fazer esse sacrifício.

— Ouçam, vocês têm de nos deixar pagar outro par de rolinhas para vocês! — disse Cleofas. — Eu não vou dar o dinheiro para vocês — ele disse para a mulher. — Vou dar para esse camarada aqui e então ele dá outros dois pássaros para vocês. Assim continuará sendo o seu sacrifício. Compreenderam? Vocês não vão tirar nada de mim para isso. Ele é que vai.

A mulher parou de chorar. Olhou para o marido. O marido meneou a cabeça, concordando.

Cleofas pagou os pássaros.

O mercador deu para a mulher duas rolinhas agitadas. E rapidamente enfiou as outras numa gaiola vazia.

— Seu ladrão miserável! — disse Cleofas baixinho.

O mercador fez que sim com a cabeça.

— Sim, sim, sim.

Tiago fez sua compra rápido.

Surgiram pensamentos na minha cabeça que me assustaram, não eram lembranças da batalha nem do homem que tinha morrido ali, e sim outras idéias. Que aquele não era lugar para oração, que não era o lugar lindo de Javé para o qual todos viriam para venerá-lo. Parecia muito simples as leis do sacrifício quando recitávamos a Escritura, mas ali era uma imensa praça de mercado cheia de barulho, raiva e decepção.

Havia gentios à nossa volta naquela multidão enorme e sempre em movimento, e por dentro me envergonhei do que eles viam e ouviam. No entanto pude perceber que muitos não se importavam. Tinham ido lá para ver o Templo e pareciam talvez mais felizes do que os judeus, aqueles que iam seguir para o salão das mulheres, onde os gentios não podiam entrar.

É claro que os gentios tinham seus próprios templos, seus próprios mercadores vendendo animais para sacrifício. Eu os tinha visto, e muitos, em Alexandria. Talvez brigassem e discutissem do mesmo jeito.

Mas o nosso Senhor era o Senhor que havia criado todas as coisas, o nosso Senhor era invisível, o nosso Senhor era o Senhor de todos os lugares e de todas as coisas. O nosso Senhor só habitava naquele Templo e nós todos éramos o seu povo sagrado, cada

um de nós.

Quando chegamos ao salão das mulheres, Velha Sara, minha mãe e as outras mulheres pararam, porque era só até ali que as mulheres podiam ir. Não havia tanta gente assim naquele ponto. Os gentios não podiam entrar, sob pena de serem condenados à morte. Agora estávamos realmente no Templo, apesar de o barulho dos animais que iam ser sacrificados continuar nos acompanhando, pois os homens levavam suas vacas, carneiros e pássaros.

Os terríveis incêndios não tinham atingido aquele lugar. Tudo em volta era prata e ouro. As colunas eram gregas e tão lindas como qualquer coluna em Alexandria. Muitas mulheres subiram para a galeria de onde podiam ver o sacrifício que acontecia no salão interno, mas Velha Sara não conseguia mais subir escadas e nossas mulheres ficaram com ela.

Quando as deixamos, combinamos de nos reunir novamente no canto sudeste do grande pátio. Fiquei preocupado pensando em como íamos nos encontrar.

Minhas pernas doíam quando subimos a escada. Mas eu estava tomado por uma alegria nova, e pela primeira vez minhas lembranças dolorosas e a minha confusão me deixaram em paz.

Eu estava na Casa do Senhor. Podia ouvir o canto dos levitas.

Quando chegamos ao portão, o levita no posto nos fez parar.

— Ele é só um menino — ele disse. — Por que não o deixam com as suas mulheres?

— Ele é maduro para a idade e conhece a Lei — disse José. — E está preparado — concluiu.

O levita fez que sim com a cabeça e nos deixou entrar.

Mais uma vez a massa humana ficou bastante compacta. O barulho dos animais era ensurdecedor e as rolinhas batiam as asas na mão de Tiago.

Mas havia música por toda parte. Ouvi as flautas e os pratos, as vozes profundas e harmoniosas dos cantores. Jamais tinha ouvido música tão rica, tão intensa, como a que os levitas cantavam. Não era o canto descontínuo, alegre e agudo dos Salmos que cantávamos na estrada, nem as canções animadas, com ritmo acelerado, dos casamentos.

Era um som misterioso e quase triste que fluía sem parar e com grande poder. As palavras em hebraico se misturavam no coro. Não havia começo nem fim de qualquer parte.

Fiquei tão embevecido com aquele som que só fui ver lentamente o que acontecia bem na minha frente, diante da balaustrada.

Os sacerdotes, com seus mantos de puro linho branco e turbantes também brancos na cabeça, moviam-se para frente e para trás levando os animais da multidão para o grande altar. Eu vi os pequenos cordeiros e bodes indo para o sacrifício. Vi levarem as aves.

Os sacerdotes eram tantos em volta do altar que não dava para ver o que faziam, mas de vez em quando se viam os esguichos de sangue, para cima e para baixo. As mãos dos sacerdotes estavam cobertas de sangue, que também manchou suas belas vestes de linho. Uma grande fogueira ardia no altar. E o cheiro de carne assada era fortíssimo, entrando em minhas narinas cada vez que eu respirava.

José apontou para o altar com incenso e vi isso também, mas não consegui sentir o seu perfume.

— Olhe, os cantores, está vendo? — perguntou Cleofas abaixado e falando bem perto do meu ouvido.

— Estou — eu disse. — Tiago, olhe.

Consegui ver em meio às idas e vindas dos sacerdotes.

Eles estavam nos degraus que iam para o santuário interno, eram muitos, homens barbados com longos cachos, todos com pergaminhos nas mãos, e eu vi as liras de onde saíam os sons delicados que não tinha discernido da grande beleza integrada da música deles.

O canto ficou mais alto para os meus ouvidos quando os vi. Era tão lindo que tive a impressão de flutuar com ele. Abafava completamente os sons da multidão.

Todos os meus problemas se foram enquanto eu estava ali rezando. Minhas palavras deixaram de ser palavras, apenas adoração do Senhor capaz de criar todas as coisas, enquanto ouvia a música e observava tudo que estava acontecendo.

Senhor. Senhor, quem quer que eu seja, o que quer que eu seja, o que quer que eu deva me tornar, sou

parte disso, deste mundo que é todo uma maravilha fluída... como esta música. E o Senhor está conosco. O Senhor está aqui. O Senhor armou Sua tenda aqui, entre nós. Esta música é a Sua música. Esta é a Sua casa.

Comecei a chorar, mas sem fazer ruído. Ninguém viu.

Tiago fechou os olhos e rezou, segurando os dois pássaros, à espera do sacerdote que ia pegá-los. Havia tantos sacerdotes que eu não conseguia contar. Eles receberam os carneiros que baliavam, os bodes que berravam, até o último momento. O sangue era recolhido em bacias, de acordo com a Lei. Depois levado para ser jogado nas pedras do altar.

— Vocês sabem — Cleofas disse para nós sussurrando com clareza — que este não é o altar da presença. O altar da presença fica mais em cima, depois dos cantores, no santuário, atrás do grande véu. E essas coisas vocês nunca irão ver. Sua mãe estava entre as que teceram esses véus, dois por ano. Ah, eram bordados tão maravilhosos. Apenas o sumo sacerdote entra no santuário sagrado. E quando entra, está mergulhado numa nuvem de incenso.

Eu pensei em José Caiafas. Imaginei que ele entrava naquele lugar sagrado. Depois pensei no jovem Aristóbulo, o sumo sacerdote que o Velho Herodes tinha assassinado. *Se os magos não tivessem contado para Herodes...*

Lembrei-me das palavras da minha mãe. “Você não é filho de um anjo.” Eu era só um menininho quando ela disse isso. Não tinha pensado nessas palavras desde a noite que ela conversou comigo no telhado ali em Jerusalém. Não me permiti pensar nelas. Mas agora lembrei, e todas as estranhas imagens que Tiago pintou para mim com seu relato se encheram de cores na minha mente.

Mas eu não queria pensar nessas coisas, nesses fragmentos de algo que eu não podia completar.

Querida a paz e a felicidade que senti minutos atrás. E elas voltaram para mim.

Eram tais a paz e a felicidade que me dominaram que quase deixei de ser um menino lá entre os outros. Eu era a minha alma, a minha mente, como se ela pudesse crescer além do tamanho do meu corpo, como se pudesse sair de mim, carregado pelas ondas da música, como se eu não tivesse peso nem tamanho, e assim, neste momento, eu pudesse entrar no santuário sagrado, e entrei, passei pelo portão, pela parede, pelo véu e

fui ainda mais além. *Eles o chamaram de Christos Kyrios. Cristo, o Senhor.*

Senhor, diga-me quem sou. Diga-me o que devo fazer.

O som de choro me trouxe de volta a mim mesmo. Um som baixo em meio à música e às orações em hebraico sussurradas em volta.

Tiago estava chorando. E tremendo.

Olhei mais uma vez para o grande altar de pedra do sacrifício e para os sacerdotes jogando o sangue nas pedras. O sangue pertencia ao Senhor. Pertencia ao Senhor quando estava no animal e pertencia ao Senhor agora. O sangue era a vida do animal. Um israelita não podia jamais beber sangue. As pedras do altar ficaram encharcadas de sangue.

Era uma coisa misteriosa e bonita, como a música crescendo e as orações pronunciadas por toda parte em hebraico. Até os sacerdotes indo e voltando parecia um movimento de dança.

Não, eu não sou mais uma criança. Não sou.

Pensei nos homens que matavam naquele dia no ano anterior. Pensei nos homens que queimavam na rebelião naquele Templo. Pensei no sangue sobre as pedras deste Templo. Sangue. E sangue.

Tiago segurou com força os pássaros que tentavam escapar de suas mãos, formando uma gaiola com os dedos em volta deles.

— Confesso os meus pecados — ele sussurrou em hebraico. — Pequei por inveja, por despeito.

Ele engoliu o choro. Aos treze anos, era um homem chorando. Não pensei que mais alguém além de mim sabia que ele estava chorando. Então vi José apertando o ombro dele, passando a mão para consolá-lo. José beijou o rosto dele. José amava Tiago. Amava muito. E me amava. Ele amava cada pessoa de um jeito diferente.

Tiago segurava as aves e abaixou a cabeça quando o sacerdote veio na nossa direção, seguindo a fila.

— Porque um menino nos nasceu — Tiago recitou de Isaías —, um filho nos foi dado, ele recebeu o poder sobre seus ombros, e lhe foi dado este nome: Conselheiro-

maravilhoso [*peleh yô'tî*], Deus poderoso [*'el gibôr*], Pai eterno [*'bhi'adî*], Príncipe da paz [*sar shâlôm*].

Olhei curioso para Tiago. Por que essa oração?

— Que o Senhor perdoe a minha inveja. Que o Senhor perdoe os meus pecados e que eu possa me purificar. Que eu não tenha medo. Permita que eu compreenda. Arrependo-me de tudo.

De repente o sacerdote estava parado na nossa frente e o sangue tinha espirrado em sua barba e no rosto também. Mas ele era lindo com sua veste de linho branco e sua mitra. O levita estava ao lado dele. O sacerdote segurava a bacia de ouro. Com os olhos semicerrados virou para Tiago, Tiago meneou a cabeça e entregou para ele os dois pássaros.

— Esta é uma oferenda por pecado — disse Tiago.

Fui empurrado para frente e me inclinei para ver, mas o sacerdote logo se perdeu entre os outros sacerdotes e não deu para enxergar o que faziam no altar. Eu sabia pelas Escrituras como era o ritual. Eles torciam o pescoço de uma ave e deixavam escorrer o sangue. Essa era a oferenda de pecado. E o corpo da segunda ave seria queimado.

Ficamos lá muito tempo.

Logo terminou. Tudo pago.

Voltamos por onde viemos, empurrando e quase nos acotovelando e logo estávamos no meio do povo do salão dos gentios. Dessa vez fomos andando não pelo meio de tudo, mas ao longo da colunata chamada de pórtico de Salomão.

Os mestres estavam sentados sob o pórtico, com muitos jovens em volta. As mulheres paravam para escutar também. Ouvi um deles ensinando em aramaico, e o seguinte, com um grupo muito grande de ouvintes atentos, respondia a uma pergunta em grego de um participante.

Eu quis parar, mas a família seguiu em frente e, toda vez que eu andava mais devagar para olhar para os mestres, para talvez captar uma única palavra, alguém segurava a minha mão e me puxava.

Por fim vi a grande *stoa*, colunata, logo à frente. Agora a aglomeração não era mais tão compacta.

Passamos pela escada de saída e então eu vi por quê.

Velha Sara estava sob o telhado, sentada ao lado de uma das colunas, na sombra, com Bruria, nossa infeliz refugiada, e também Riba, brincando com seu bebê. Minha mãe e minhas tias estavam lá.

Tinha me esquecido delas. Nem sabia que devíamos encontrá-las. Velha Sara foi logo abraçando e beijando Tiago.

Como estávamos todos muito cansados, sentamos lá com elas. E eu logo vi que muita gente fazia a mesma coisa, apesar de os pedreiros estarem trabalhando não muito longe dali, na parede dos fundos da colonata. Ficamos bem perto uns dos outros para não sermos pisoteados.

Muitos deixavam o Templo. Até dois ou mais mercadores tinham guardado suas aves nas gaiolas e estavam descendo a escada. Mas ainda havia outros reclamando e até gritando entre eles, e algumas pessoas se encostavam nas mesas dos trocadores de dinheiro.

Os levitas que vendiam o azeite e a farinha para o sacrifício estavam recolhendo suas mesas. E então vi os guardas, talvez os homens que chamam de polícia do Templo, se aproximando da escada para observar o fluxo das pessoas que iam embora.

A noite do sacrifício do cordeiro logo ia terminar. Eu não tinha muita certeza, havia muito para aprender. Tudo na sua hora, eu não me preocupava com isso.

Vi ali perto um cego sentado num banquinho, um homem com uma barba grisalha muito comprida, que falava grego sozinho, com os braços estendidos para frente. Talvez estivesse falando para todos. As pessoas jogavam moedas no colo dele. Algumas paravam para escutar e depois seguiam seu caminho. Não pude ouvir muito bem o que ele dizia por causa do barulho. Acabei perguntando para José se podia dar alguma coisa para ele e ficar ali escutando um pouco.

José pensou, depois me deu um denário, que era bastante dinheiro. Peguei a moeda e na mesma hora corri para sentar aos pés do homem.

Ele falava um grego lindo, suave como Philo falaria. Recitava um salmo.

— Chegue até Vós, Senhor, o meu brado; Instruí-me segundo a vossa palavra. Entre a minha prece até o Vosso acatamento~ Livrai-me segundo a Vossa promessa...

Ele parou para sentir a moeda que pus no seu colo. Toquei nas costas da mão dele. Os olhos do homem eram cinza-claro, cobertos por uma película.

— E quem é esse que me oferece tanto e que vem sentar aos meus pés? — ele perguntou. — Um filho de Israel, ou alguém em busca do Senhor de Todas as Coisas?

— Um filho de Israel, mestre — eu disse em grego. — Um aluno que busca a sabedoria de seus cabelos brancos.

— E o que quer saber, filho? — ele perguntou, olhando fixo para frente.

O homem guardou a moeda no cinto por baixo da dobra do seu manto de lã.

— Mestre, diga-me por favor, quem é Christos Kyrios?

— Ah, filho, são muitos os ungidos — ele disse. — Mas o ungido que é o nosso Senhor? Quem você pensa que é, senão o Filho de Davi, o rei ungido que vem de Jessé para governar Israel e trazer a paz para a Terra?

— Mas e se os anjos cantaram quando o ungido nasceu, rabino — perguntei —, e se chegaram magos seguindo uma estrela no céu, para dar-lhe presentes?

— Ah, essa velha história, filho — ele disse. — A história de Belém, a história do bebê que nasceu na manjedoura. Então você a conhece, quase ninguém mais fala sobre isso. É triste demais. Pensei que já estava esquecida.

Fiquei sem fala.

— As pessoas dizem: “Eis o Messias” e “Lá está o Messias” — ele continuou, dizendo a palavra messias em hebraico. — Nós saberemos quando o Messias chegar... como podemos não saber?

Fiquei excitado demais e não sabia o que dizer.

— Diga para mim, filho, as palavras de Daniel... “A vinda daquele como o Filho do Homem.” Você ainda está aí, filho?

— Sim, rabino, mas qual é a história da criança na manjedoura, em Belém? — perguntei.

— Aquilo foi espantoso demais e quem sabe o que realmente aconteceu? Foi rápido e terrível demais. Só Herodes podia ter feito uma coisa dessas, um homem sanguinário, sedento de sangue! Mas não devo dizer essas coisas. O filho dele é o rei.

— Mas, rabino, o que foi que ele fez? Estamos sozinhos aqui, não há ninguém perto de nós.

Ele segurou a minha mão.

— Quantos anos você tem, filho? Sua mão é pequena e áspera de trabalho.

Não queria contar para ele. Sabia que ia se surpreender.

— Rabino, preciso descobrir o que aconteceu em Belém. Eu imploro, conte-me.

Ele balançou a cabeça.

— Coisas indizíveis — ele disse. — Como chegamos a ser governados por uma família como essa? Esses homens, dados a fúrias, massacrando seus próprios filhos? Quantos filhos dele mesmo Herodes destruiu? Cinco? E César Augusto, o que ele disse de Herodes depois que o homem assassinou seus dois filhos? “Eu prefiro ser porco de Herodes do que filho dele.” — Ele deu risada.

E eu também, em respeito a ele, mas minha cabeça voava em pensamentos.

— Filho, responda para mim — ele disse. — Com a minha cegueira não posso mais ler meus livros e os meus livros são tudo para mim, meu consolo, preciso pagar para alguém ler para mim, e meus livros são meu tesouro. Não vou me desfazer deles para pagar um menino para ler para mim o que resta deles. Não posso desistir daqueles que eu mesmo copiei, nem dos que foram copiados com tanto cuidado, segundo a Lei. Diga-me, Zacarias: “Chegará o dia... Chegará o dia...”, a última frase, filho...?

— Chegará o dia em que não haverá mais nenhum mercador na casa do Senhor — eu disse.

Ele meneou a cabeça, concordando.

— Está ouvindo? — ele perguntou.

Ele falava dos trocadores de dinheiro e das pessoas que discutiam com eles.

— Sim, estou, rabino.

— Chegará o dia! — ele repetiu. — Chegará o dia.

Olhei para os olhos dele, para a película espessa que os recobria. Era como leite. Se eu pudesse... mas tinha prometido. Se ao menos eu soubesse que era certo, se... mas

tinha prometido.

Ele apertou meus dedos com os seus, secos, macios.

Fiquei segurando a mão dele e rezei por ele no meu coração.

Deus todo misericordioso, se for a vossa vontade, dê-lhe consolo, dê-lhe algum alívio...

José estava ao meu lado.

— Venha, Yeshua — ele disse.

— Que Deus o abençoe, rabino — eu disse e beijei a mão dele.

Ele ficou acenando para mim, depois que eu me afastei.

Assim que Velha Sara se levantou e Riba amarrou bem o bebê em seu corpo, iniciamos nossa caminhada para sair do Templo.

No topo da escada que dava no túnel, José parou. Ele segurou a minha mão. Tiago tinha ido na frente.

O homem cego corria na nossa direção, com os olhos escuros e cintilantes de luz. Ele franziu o cenho, olhou para um lado e depois para o outro, de novo para José. Não seria mais espantoso ver um homem morto recuperar a vida.

Meu coração batia descompassado.

— Havia uma criança aqui! — disse o homem. — Uma criança! — Ele olhou para a multidão no pé da escada, por cima de mim. — Um menino de doze ou treze anos — ele disse. — Acabei de escutar a voz dele outra vez. Para onde ele foi?

José balançou a cabeça, agarrou-me com seu forte braço direito, içou-me para o ombro dele e me carregou para baixo, para o túnel, para longe.

No caminho de casa ele não disse nem uma palavra para mim.

Eu queria dizer para ele as palavras da minha oração, que aquela oração tinha saído do meu coração, que não tinha sido minha intenção fazer o que não era direito, que eu tinha rezado e posto nas mãos do Senhor.

OS DIAS DEPOIS DISSO foram alegres e animados para a família. Fomos para a aspersão no Templo e nos banhamos depois da segunda vez, como era a norma. E no período de espera, passeamos pelas ruas de Jerusalém de dia, maravilhados com as jóias, os livros e os tecidos à venda no mercado. Cleofas até comprou um pequeno livro encadernado, em latim. Para minha mãe, José comprou fios de bordar que ela coseria num véu para usar nos casamentos da aldeia.

À noite havia muita música e até dança em Betânia, de todos os acampados.

E a festa da Páscoa foi uma grande maravilha.

José cortou a garganta do cordeiro para o sacerdote e o levita recolherem o sangue. Depois de assado no fogo, jantamos seguindo o costume, com pão ázimo, ervas amargas, contando a história do nosso cativeiro nas terras do Egito, como o Senhor nos resgatou do Egito e levou-nos através do mar Vermelho para a Terra Prometida.

Comíamos pão sem fermento porque não tivemos tempo, quando fugimos do Egito, de fazer o pão com fermento; as ervas amargas eram porque nosso cativeiro tinha sido amargo; comíamos o cordeiro porque agora estávamos livres e podíamos oferecer um banquete para o Senhor que nos salvou; e foi o sangue do cordeiro nos umbrais dos israelitas que fez com que o Anjo da Morte nos ignorasse, o mesmo anjo que matou o primogênito do Egito porque o faraó não queria nos libertar.

E quem, entre nós, na nossa pequena reunião, podia deixar de atribuir um significado especial a tudo isso, desde que voltamos do Egito há um ano, passando pela guerra e pelo sofrimento, e encontramos uma Terra Prometida cheia de paz em Nazaré, de onde partimos felizes para o Templo do Senhor?

Um dia depois do banquete, quando muitos deixavam Jerusalém e a família resolvia quando ia partir e o que íamos fazer, se Velha Sara estava refeita para iniciar a viagem, isso e aquilo, procurei José e não o encontrei.

Cleofas disse que ele tinha voltado para Jerusalém com a minha mãe, para o mercado, agora que grande parte do povo tinha ido embora, para ela comprar alguns fios.

— Eu quero voltar para o Templo, ouvir os mestres no pórtico — eu disse para

Cleofas. — Não vamos partir hoje, vamos?

— Não, não vamos — ele disse. — Encontre alguém para ir com você. É bom ver quando não está tão cheio de gente. Mas você não pode ir sozinho.

E Cleofas voltou para a conversa com os homens.

Todo esse tempo José não tinha dito uma só palavra para mim sobre o homem cego. O que aconteceu com o cego deixou José com medo. Quando descemos apressados a escada aquela noite eu não sabia, mas agora sim.

E não sabia se ele conseguia ver a mudança em mim, ou não. Mas eu tinha mudado.

Eu sabia que minha mãe via isso. Ela observou, mas não se preocupou. Afinal de contas, eu não estava triste. Só tinha parado de correr com os outros meninos. E como eu via as coisas com olhos diferentes, ficava mais parado, mas de jeito nenhum infeliz. Escutava o que os homens diziam quando conversavam. Prestava atenção em coisas que antes nem notava. E ficava quieto num canto a maior parte do tempo.

De vez em quando sentia a tentação de sentir raiva, raiva daqueles que não me contavam todas as coisas que eu queria saber. Mas então me lembrava do cego que não quis revelar aquelas “coisas terríveis” e entendia por que não me contavam. Minha mãe e José tentavam me proteger de alguma coisa. Mas eu não podia mais ser protegido. Eu precisava saber.

Tinha de saber o que todos os outros sabiam.

Fui para a estrada que ia dar no Templo. José Caiafas também ia para lá com alguns membros da sua família, ele acenou com a cabeça e sorriu para mim.

Segui atrás deles.

Ele olhou para trás uma ou duas vezes, chamou meu nome, o que me surpreendeu, e sinalizou para eu andar junto com o grupo dele. Eu fiz isso, mas mesmo assim me mantive um pouco atrás. Afinal, eu estava muito empoeirado do acampamento e ele usava seu costumeiro linho branco, e todos que estavam com ele, que deviam ser sacerdotes, também.

Mas eu estava fazendo o que Cleofas mandou. Estava indo com outras pessoas. Não estava sozinho.

Quando chegamos ao monte do Templo, eu me separei deles.

A multidão no salão dos gentios estava espaçada e pela primeira vez pude realmente ver o tamanho do Templo, a escala das peças decorativas. Era exatamente como Cleofas havia dito.

Mas não era isso que eu queria ver.

Fui para o pórtico de Salomão para ouvir os mestres.

Eram muitos lá, alguns com grupos maiores do que os outros. Mas eu procurava um homem muito velho, um homem frágil pela idade e pelos cabelos brancos.

Acabei encontrando o mais velho de todos, um homem emaciado, com olhos profundos e brilhantes, sem cabelo no topo da cabeça por baixo do xale mas com cabelo grisalho caindo sobre as orelhas. Ele estava bem-vestido e tinha os fios azuis bordados nas trancas da túnica. Havia um número razoável de jovens em volta dele, alguns bem mais velhos do que eu.

Fiquei observando e escutando.

Ele fazia perguntas para os meninos mais extrovertidos. Olhava atentamente para o rosto de cada um que respondia. Tinha um riso fácil que era simpático e bondoso. Mas aparentava também bastante autoridade. Dizia o que tinha de dizer, com ele não havia desperdício de palavras. E sua voz tinha a agilidade da voz de um jovem.

As perguntas que ele fazia eram perguntas que os nossos rabinos poderiam fazer para nós. Cheguei mais perto e comecei a responder. Ele ficou satisfeito com as minhas respostas. Acenou para eu me aproximar mais. Os meninos abriram espaço para eu sentar aos pés dele. Nem pensei em Tiago. Fui respondendo e respondendo a todas as perguntas. O rabino Berekhaiah tinha me ensinado bem. E logo o rabino estava escolhendo os outros, sorrindo para mim, para dar uma chance a eles de responder no meu lugar.

Quando sopraram a corneta para o sacrifício da noite, paramos de rezar.

Então chegou a hora que eu estava esperando, e eu nem sabia que esperava por isso. Meu coração ficou acelerado. Os meninos foram indo para os quartos onde dormiam ou para suas casas em Jerusalém. E o rabino ia para a biblioteca no Templo. Eu o segui, junto com um ou dois meninos.

A biblioteca era muito grande, maior do que a de Philo, e cheia de pergaminhos. Havia escribas trabalhando lá, nas mesas, copiando, de cabeça baixa. Eles se levantaram em sinal de respeito pelo homem mais velho.

Mas o rabino passou por essas salas, foi para o seu local de estudo e deixou que fôssemos com ele. Um dos outros meninos conversava com ele, fazendo perguntas sobre a Lei.

Eu ouvi tudo isso, mas nada ficou registrado na minha mente. Eu tinha apenas um objetivo.

Finalmente fiquei sozinho diante do rabino que estava sentado à mesa e com uma taça de vinho que tinham levado para ele. Os lampiões estavam acesos e à sua volta havia muitos pergaminhos. Os cheiros da sala eram de pergaminho, de papiro e do óleo queimando. Se meu coração não estivesse batendo com tanta força no peito eu teria gostado muito daquele lugar.

— O que você quer de mim? — ele perguntou. — Esperou muito tempo por isso. Diga o que é.

Esperci um pouco, mas não veio nenhum pensamento à minha cabeça, nenhum desígnio. Combinei as palavras dele com as minhas.

— Há oito anos nasceu uma criança em Belém. Os anjos cantaram para os pastores quando ele nasceu. Os anjos o chamaram de Cristo, o Senhor. Dias depois chegaram três homens do Oriente, magos persas que ofereceram presentes para o menino. Afirmaram que uma estrela os guiara até a criança.

— Sim? — ele disse. — Conheço essa história.

— O que aconteceu com essa criança?

— Por que precisa saber disso? Por que se preocupa com isso?

— Imploro que me diga. Não penso em outra coisa, dia e noite. Não consigo comer nem beber, enquanto não descobrir o que aconteceu com essa criança.

Ele pensou um pouco, bebeu um gole do vinho.

— Vou contar — ele disse. — Para você tirar isso da cabeça e pronto. E estudar como deve.

— Sim — eu disse.

— Esses magos, como você chama, os sábios, vieram para Jerusalém. Foram para o palácio de Herodes, ao sul de Belém. Afirmaram que seguiram uma estrela. Disseram que viram sinais no céu que indicavam o nascimento de um novo rei. — Ele parou de falar e depois de alguns minutos continuou: — Esses homens eram ricos, bem-vestidos, tinham uma caravana e servos, eram conselheiros de seus governantes. Tinha levado presentes para essa criança. Mas já perto de Jerusalém a estrela pairou sobre um grande grupo de casas. Eles não encontravam o lugar onde a criança estava. Herodes recebeu esses homens, fingiu querer saber quem podia ser esse rei.

O rabino deu um sorriso amargo e bebeu mais um gole de vinho.

Eu esperai.

— Ele nos reuniu, os anciãos, os escribas, os que conheciam as Escrituras e o lugar onde o verdadeiro rei de Israel ia nascer. O Cristo. Ele era só presunção, como sempre em relação a esses assuntos, fez um teatro para esses magos, implorou que disséssemos o que as Escrituras previam.

Ele balançou a cabeça. E desviou o olhar, virou para as paredes e depois de volta para mim.

— Dissemos para ele que Belém seria o local do nascimento do Messias. Era verdade, apenas isso. Quem dera não tivéssemos dito nada. Mas então não sabíamos que uma criança havia nascido em Belém, cercada de sinais milagrosos! Não tínhamos ainda ouvido as histórias porque o menino tinha apenas alguns dias de vida. Não sabíamos dos anjos e nem da mãe virgem. Tudo que ficamos sabendo muito depois. Só conhecíamos a Escritura e pensamos que esses homens do Oriente eram gentios empenhados numa busca tola, essa é a verdade. Por isso respondemos, não com malícia, mas com a verdade. Quanto a Herodes, entendíamos perfeitamente que a última coisa que o homem ia querer era encontrar o verdadeiro rei, o Cristo.

Ele abaixou a cabeça.

Não disse mais nada e não agüentei.

— Rabino, o que aconteceu? — perguntei.

— Os magos foram para lá. Soubemos disso depois. Encontraram a criança,

deram seus presentes. Mas não retornaram ao palácio de Herodes como ele havia pedido. Foram embora, para a casa deles, por alguma estrada desconhecida. E quando Herodes descobriu isso ficou furioso. Bem cedo pela manhã, quando ainda estava escuro, enviou os soldados de sua fortaleza e, enquanto observava do parapeito, eles entraram em todas as casas de Belém e mataram todas as crianças com menos de dois anos de idade!

Levantei as mãos. Senti o soluço subir pela garganta.

— Arrancaram as crianças dos braços das mães, esmagaram suas cabeças nas pedras, cortaram seus pescoços. Mataram todas, nenhuma criança escapou.

— Não, isso não pode ter acontecido! — exclamei baixinho, quase sufocando. — Não, eles não fizeram isso!

— Ah, fizeram, sim — ele disse.

O pranto cresceu em mim, sem parar. Não conseguia me mover. Tentei cobrir o rosto mas não podia me mexer.

Comecei a tremer e a chorar com o corpo e a alma inteiros.

O rabino apertou meus ombros.

— Meu filho — ele disse. — Meu filho.

Mas eu não conseguia parar.

Não conseguia parar e não conseguia contar para ele. Eu não podia contar para ninguém! *Isso aconteceu por causa do meu nascimento!* Comecei a gritar. Gritei como naquela noite quando vi Jericó ardendo, e o horror que tomou conta de mim neste momento era mil vezes maior que aquele medo, mil vezes. Eu não conseguia ficar em pé direito.

Pessoas me ampararam. O rabino disse palavras suaves para mim, mas elas se perderam no meu terror.

Visualizei os bebês. Eu os vi jogados nas pedras, suas gargantas cortadas. Vi o pescoço dos cordeiros cortados no Templo na Páscoa. Vi o sangue, as mães berrando. Não conseguia parar de chorar.

Pessoas murmuravam perto de mim. Mãos me seguraram.

Fui posto numa cama. Senti um pano gelado na testa. Eu engasgava com os meus

soluções. Não conseguia abrir os olhos. Não conseguia parar de ver os bebês morrendo, de ver os cordeiros sendo abatidos, o sangue no altar, o sangue dos bebês. Eu vi o homem, o nosso homem, no Templo, com a lança varando seu peito. Eu o vi se virando. Vi bebê Ester, bebê Ester sangrando. Bebês nas pedras. Senhor do céu, não. Não por minha causa. Não.

— Não, não... — Fiquei repetindo essa palavra inúmeras vezes e não falava mais nada.

— Sente-se, quero que beba isso!

Levantaram-me.

— Abra a boca, beba isso!

Engasguei com o líquido, o mel, o vinho. Tentei engolir.

— Mas eles estão mortos, estão mortos, estão mortos!

Não sei quanto tempo demorou para isso se transformar num choro incontrolável, um verdadeiro pranto, e eu disse:

— Eu não quero dormir. Vou vê-los quando sonhar.

EU ESTAVA NAUSEADO. Com sede. As vozes e as mãos eram muito carinhosas, deram-me o vinho e o mel para beber. Dormi e os panos molhados na testa eram uma sensação boa. Se sonhei, não me lembrei dos sonhos. Ouvi música... as vozes suaves e profundas dos levitas. Perdi a noção do tempo. Só de vez em quando via os bebês, os inocentes assassinados, e chorei. Afundi o rosto no travesseiro e chorei.

Preciso acordar, pensei, mas não podia. E uma vez, quando consegui, estava escuro e o velho rabino dormia em sua cadeira. Era como um sonho e mergulhei no sono de novo, sem conseguir evitar.

Finalmente chegou uma hora em que abri os olhos e soube que estava bem.

Pensei no mesmo instante nas crianças massacradas, mas agora já dava para visualizar sem chorar. Senti e olhei em volta. O velho rabino estava lá e levantou da sua mesa imediatamente. Havia outro homem que se aproximou de mim também.

O homem mais jovem pôs a mão na minha testa e examinou meus olhos.

— Ah, já passou — ele disse. — Pequenino sem nome. Você já está bom. Quero ouvir você falar.

— Eu agradeço — eu disse. Minha garganta doía, mas sabia que era só por ter ficado tanto tempo sem falar. — Agradeço por ter cuidado de mim. Eu não queria ficar indisposto.

— Venha, trouxe roupas limpas para você — disse o homem. — Vou ajudá-lo.

Quando levantei vi que estava usando uma túnica nova e essa bondade tocou meu coração.

Quando voltei do banho, bem mais descansado e vestido, o velho rabino dispensou o homem e disse para eu sentar na frente dele.

Tinha um banquinho. Acho que eu nunca sentara num banquinho antes. Fiz o que ele pediu.

— Você é um menino — ele disse —, e esqueci que é um menino. Um menino que tem coração.

— Eu queria saber essas respostas para as minhas perguntas, rabino. Eu precisava saber, não ia parar de perguntar nunca.

— Mas por quê? — ele perguntou. — A criança que nasceu em Belém já está morta, isso aconteceu há oito anos, como você mesmo disse. Agora não comece a chorar de novo.

— Não, eu não vou chorar.

— E a virgem mãe, quem poderia acreditar numa coisa dessas.

— Eu acredito, rabino — eu disse. — E a criança não morreu. O menino escapou.

Ele ficou olhando para mim um longo tempo.

E naquele momento senti toda a minha tristeza, a distância de todos à minha volta. Senti isso com muita amargura.

Pensei que ele ia contradizer o que eu tinha dito, que ia dizer que, mesmo que a criança de alguma forma tivesse conseguido fugir de Belém, aquilo tudo não passava de uma história e a carnificina de Herodes era a coisa mais horripilante de todas.

Mas antes de ele poder dizer qualquer coisa, ouvi vozes conhecidas muito perto.

Minha mãe e José tinham chegado.

Minha mãe chamou meu nome.

Fiquei de pé no mesmo instante e virei-me para saudá-los quando eles entraram, dizendo rapidamente para o escriba que sim, eu era filho deles.

Minha mãe me abraçou.

José beijou as mãos do velho rabino.

Muito foi dito e rápido. Não consegui acompanhar tudo. José e minha mãe estavam à minha procura há três dias.

O rabino elogiou minhas respostas às perguntas dele, quando eu estava com os outros meninos. Até onde eu podia dizer, ele não mencionou a nossa conversa sobre Belém e também não contou que eu estivera doente.

Fui até ele, beijei suas mãos e agradei pelo tempo que passou comigo, e ele respondeu:

— Vá agora, com sua mãe e seu pai.

José quis pagar por terem me abrigado, mas o rabino recusou.

Quando chegamos lá fora, à luz brilhante do grande pátio, minha mãe me segurou pelos ombros.

— Por que você fez isso? — Ela quis saber. — Sofremos muito procurando você!

— Mãe, agora eu preciso saber coisas — eu disse. — Coisas que sou proibido de perguntar para você e para José. Preciso tratar do que quer que seja que eu tenho de fazer!

Foi um choque para ela. Quase não suportei ver aquilo estampado no rosto dela.

— Eu sinto muito — eu disse. — Sinto muito mesmo. Mas é a verdade.

Ela olhou para José e ele fez que sim com a cabeça.

Sáímos juntos do Templo e fomos para a cidade velha, pelas ruas estreitas, até chegar à sinagoga dos nazarenos e lá fomos para um pequeno quarto. Era lá que estavam hospedados enquanto me procuravam.

O quarto tinha uma janela coberta de treliça e a iluminação era boa. E estava tudo muito limpo.

Minha mãe sentou encostada na parede, de pernas cruzadas. E José saiu em silêncio.

Esperei mas ele não voltou.

— Sente-se aqui e preste atenção — disse minha mãe.

Eu sentei na frente dela.

A luz incidia diretamente no rosto dela.

— Nunca contei essa história — ela disse. — Quero contar uma vez só.

Fiz que sim com a cabeça.

— Não diga nada enquanto eu estiver contando.

Concordei.

Ela olhou para o outro lado enquanto falava.

— Eu tinha treze anos — ela disse. — Fui prometida para José, meu parente, como sempre foi o costume entre nós, um parentesco distante, no entanto parte da mesma tribo. Velha Sara tinha dado sua aprovação para minha mãe e meu pai quanto a ele, antes mesmo de eu vir de Jerusalém quando trabalhava no Templo bordando os véus. Eu mal me lembrava dele. Eu o conheci, era um bom homem.

“Fui criada com uma disciplina muito rígida. Nunca saía de casa. Os servos iam ao poço pegar água. Cleofas ensinou o pouco de leitura que sei. O pouco que sei do mundo. Eu devia me casar em Nazaré, pois meus pais tinham ido para lá, saídos de Séforis, para morar com a Velha Sara. E era a casa grande na qual você mora agora.

“Uma manhã despertei muito cedo e não sabia por quê. O sol ainda não tinha nascido. Eu estava de pé, parada no meio do quarto. A primeira coisa que pensei foi que minha mãe precisava de mim. Mas fui até o quarto dela e ela estava dormindo e bem.

“Voltei para o meu quarto, que estava completamente iluminado, cheio de luz. Aconteceu num instante, em silêncio. A luz estava por toda parte. Tudo que havia no quarto continuava lá, mas cheio daquela luz. Era uma luz que não ofuscava meus olhos, apesar de ser muito brilhante. Imagine que está olhando para o sol e que o sol não queima seus olhos. Essa luz era assim.

“Eu não tive medo. Fiquei lá parada e vi uma figura na luz, a imagem de um homem, só que era muito maior do que um homem e não se mexia. Eu sabia que não era um homem.

“Ele falou comigo. Disse que eu tinha recebido uma graça do Senhor, que eu era abençoada entre as mulheres. E que do meu ventre nasceria um filho chamado Jesus, que ele seria grande e Filho do Altíssimo. Disse que o Senhor Deus lhe daria o trono de seu pai Davi e que ele reinaria para sempre sobre a Casa de Jacó. Respondi para a voz, dizendo que jamais tinha estado com um homem. A voz disse que o Espírito Santo viria a mim. Disse que a Criança Sagrada nascida de mim seria o Filho de Deus.”

Minha mãe olhou para mim pela primeira vez naquele momento.

— Essa voz, esse ser, esse anjo queria que eu respondesse e eu disse: “Sou a serva do Senhor. Seja feita a vossa vontade.”

“Quase ao mesmo tempo senti vida dentro de mim. Ah, não era o peso do bebê

que vem depois, nem um movimento, não. Mas uma mudança. Eu sabia que estava acontecendo. Eu sabia! E a luz desapareceu completamente.

“Corri para a rua. Não foi intencional. Eu não sabia o que estava fazendo. Gritei, exclamei que um anjo tinha aparecido, que um anjo tinha aparecido para mim e falado comigo, que um filho estava a caminho.”

Ela parou de falar.

— E por isso fui ridicularizada por alguns em Nazaré, não é mesmo? — ela perguntou. — Mas com o tempo muitos esquecem.

Eu fiquei esperando.

— A parte mais difícil foi contar para José bar Jacó — ela disse. — Mas os meus pais esperaram. Eles acreditaram em mim, sim, e esperaram. E quando viram que a filha virgem tinha uma criança no ventre, quando não havia mais como negar, então, e só então, foram falar com José. E o que eles viram outros também ficaram sabendo.

“Mas um anjo tinha aparecido para José em sonho. Ele não saiu gritando isso pela rua como eu fiz. E não foi o anjo que apareceu para mim e encheu o quarto de luz. Mas foi um anjo, e o anjo disse para ele me aceitar como esposa. Ele não se importou com o que a aldeia inteira comentava. Ele tinha de ir para Belém para o censo, falou com Cleofas e ficou decidido que todos viajaríamos juntos para Betânia, onde Cleofas e eu ficaríamos hospedados na casa de Isabel, e lá José e eu nos casaríamos e estaria tudo resolvido dessa maneira. A viagem aconteceu no inverno e foi dura, mas fomos juntos, todos nós, os irmãos de José também, como agora você sabe, e o pequeno Tiago, nosso querido Tiago.”

Ela continuou, falando lentamente.

Contou a história que Tiago havia contado — do estábulo lotado, da chegada dos pastores, dos seus semblantes cheios de alegria e dos anjos que eles tinham visto. Ela falou dos magos e de seus presentes.

Fiquei prestando atenção como se nunca tivesse ouvido falar dessas coisas.

— Eu sabia que tínhamos de sair de Belém — ela disse. — Falavam muito por lá. Os pastores e depois os magos. Apareciam pessoas na porta dia e noite. Então José acordou uma manhã e disse que íamos embora imediatamente. Arrumamos tudo e

saímos em menos de uma hora. Ele não queria me dizer por quê, só que um anjo tinha aparecido para ele outra vez, era um sonho. Eu não sabia que estávamos indo para o sul, para o Egito, até aquela noite, e continuamos a viagem até bem tarde.

Sua expressão ficou angustiada, e ela olhou para o outro lado.

— Ficamos vagando por lá, todos nós — ela disse. — Moramos em muitas cidades pequenas no Egito. Os homens aceitavam trabalho sempre que podiam e não tínhamos falta de dinheiro. Os carpinteiros sempre têm trabalho. As pessoas eram bondosas. Você era minha alegria. Eu não pensava em mais nada, só em você. Você era a criança doce que toda mulher deseja ter. E nesse tempo todo eu não sabia do que estávamos fugindo. Então finalmente voltamos para o norte, chegamos a Alexandria e nos instalamos na rua dos Carpinteiros. Gostava demais de lá. Salomé e Ester também. E Cleofas.

“Só depois de um tempo comecei a ouvir as histórias do que tinha acontecido em Belém. Relatos de um Messias que tinha nascido lá e provocado a fúria do rei Herodes. Ele enviou soldados de sua fortaleza que ficava a poucos quilômetros de distância. Eles mataram todas as criancinhas da aldeia! Cerca de duzentos bebês assassinados à noite, antes de o sol nascer.”

Ela me observou.

Eu me esforcei para não chorar, para não sentir medo, para não tremer, para ficar só esperando.

Ela abaixou a cabeça e ficou com uma expressão tensa.

Quando olhou para mim de novo, seus olhos estavam cheios de lágrimas.

— Eu disse para José: “Você sabia que isso ia acontecer? O anjo que apareceu para você contou isso?” Ele respondeu: “Não, não sabia de nada disso.” Eu disse: “Como é que o Senhor pode deixar acontecer uma coisa dessas, o massacre daquelas crianças inocentes?” — Ela mordeu o lábio. — Eu não conseguia entender. E a sensação era de ter sangue nas nossas mãos!

Pensei que ia me render às lágrimas, mas usei toda a minha força para isso não acontecer.

— José disse para mim: “Não, o sangue não está nas nossas mãos. Os pastores

foram adorar esta criança. Os gentios foram adorá-la. Um rei maligno tentou matá-la porque a escuridão não suporta a luz, mas a luz não pode ser destruída pela escuridão. A escuridão sempre procura engolir a luz, mas a luz brilhará. Não está vendo? Temos de proteger o menino e isso nós vamos fazer. O Senhor mostrará como.”

Ela olhou nos meus olhos.

Olhou fixa e intensamente para mim.

Estendeu os braços e me segurou pelos ombros.

— Você não nasceu de um homem — ela disse.

Eu não falei nada.

— Você é filho de Deus! — ela sussurrou. — Não o filho de Deus como César se denomina; não o filho de Deus como o homem bom diz que é. Não é o filho de Deus como chamam o rei ungido! Você é realmente filho de Deus!

Ela esperou, olhando fixo para mim, mas não perguntou nada. Manteve as mãos firmes nos meus ombros. O seu olhar não mudou.

Quando ela falou de novo, sua voz estava mais suave, mais baixa.

— Você é o filho do Senhor Deus! — ela disse. — Por isso pode matar e trazer de volta à vida, é por isso que pode curar um cego como José o viu fazer, é por isso que pode rezar pedindo neve e a neve cairá, é por isso que pode discutir com seu tio Cleofas quando ele esquece que você é um menino, é por isso que faz pardais de barro ganharem vida. Guarde o seu poder dentro de você, guarde-o até o seu Pai do céu mostrar a hora de usá-lo. Se ele o fez uma criança, então o fez criança para crescer em sabedoria, assim como em tudo o mais.

Mencei a cabeça lentamente.

— E agora você vai voltar para casa conosco, para Nazaré. Não vai retornar ao Templo. Ah, eu sei o quanto você quer ficar no Templo. Eu sei. Mas não. O Senhor do céu não enviou você para a casa de um mestre do Templo, ou um sacerdote do Templo, ou um escriba, ou para um rico fariseu. Ele enviou você para José bar Jacó, o carpinteiro, e para sua prometida, Maria da Tribo de Davi em Nazaré. E você vai voltar para a nossa casa em Nazaré conosco.

D O MONTE DAS OLIVEIRAS demos uma última olhada para a cidade de Jerusalém.

José me contou o que eu já sabia, que três vezes por ano íamos para Jerusalém nas grandes festas e banquetes e que eu ia conhecer a grande cidade muito bem.

Nossa viagem de volta para Nazaré foi rápida porque não tínhamos a família inteira conosco, mas não nos apressamos, conversamos bastante sobre a beleza da paisagem e as pequenas coisas da nossa vida diária.

Quando finalmente chegamos à vertente, e a aldeia ficou bem à vista, eu disse para os meus pais que nunca mais faria aquilo, isto é, deixá-los do jeito que os deixei. Não tentei explicar o que tinha acontecido. Eu simplesmente disse que não precisavam se preocupar porque eu nunca mais ia sair sozinho assim e me afastar da família.

Percebi que eles ficaram satisfeitos, mas não queriam falar sobre o que tinha acontecido. Já tinham tratado de pôr o assunto bem longe dos pensamentos do dia-a-dia. Minha mãe foi logo falando de coisas simples, dos afazeres domésticos e José concordava com o que ela dizia.

E fui dominado por uma quietude completa.

Caminhava com eles, mas estava sozinho.

Pensei no que minha mãe tinha dito, quando citou José, que a escuridão tentava engolir a luz e que a escuridão nunca consegue derrotar a luz. Eram belas palavras, mas apenas palavras.

Na minha cabeça, sem sentimento, sem choro, sem tremor, eu vi o homem morto no Templo, o cordeiro da Páscoa sangrando na bacia, as crianças que nunca conheci sendo assassinadas em Belém. Vi o incêndio à noite no céu de Jerico. Minha mente ficou remoendo essas coisas.

Quando entramos em casa sentei para descansar.

Pequena Salomé apareceu e ficou parada na minha frente. Eu não falei nada porque pensei que ela ia me oferecer um prato ou copo e depois ir embora, como sempre fazia, típico da pequena mulher que era.

Mas ela não fez isso. Apenas ficou lá parada.

Eu olhei para ela.

— O que foi? — perguntei.

Ela se ajoelhou e pôs a mão no meu rosto. Foi como se ela jamais tivesse me deixado para se ocupar dos afazeres domésticos com as mulheres. E olhou bem nos meus olhos.

— O que está havendo, Yeshua? — ela perguntou.

Engoli em seco. Senti que minha voz seria grande demais para mim se tentasse explicar, mas mesmo assim falei.

— É apenas o que todos têm de aprender — eu disse. — Não sei por que não vi isso antes.

O homem nas pedras. O cordeiro. As crianças. Olhei para ela.

— Conte para mim — ela disse.

— Sim! — sussurrei. — Por que não vi isso?

— Conte-me — ela disse.

— É tão simples. Não vai significar nada para você enquanto você mesma não descobrir, não importa quem seja.

— Eu quero saber — ela disse.

— É isso. Tudo que nasce neste mundo, não importa como nem por que motivo, *nasce para morrer*.

Ela não disse nada.

Eu me levantei. Fui lá para fora. Estava escurecendo. Andei pela rua, cheguei ao morro e subi para o lugar onde a relva era macia e intocada. Este era meu lugar predileto, como o bosque ali perto onde gostava de descansar.

Vi as primeiras estrelas aparecendo no início da noite.

Nascemos para morrer, pensei. Sim, nascemos para morrer. Senão por que eu nasceria de uma mulher? Senão por que eu seria de carne e osso se não fosse para

morrer? O sofrimento era tão terrível que pensei que não ia suportar. Iria para casa aos prantos se não parasse de pensar naquilo. Mas, não, isso não podia acontecer. Não, nunca mais.

E quando é que os anjos iam aparecer para mim com uma luz muito brilhante e eu não sentiria medo? Quando é que os anjos iam povoar o céu com seus cantos para eu poder vê-los? Quando é que os anjos apareceriam para mim em meus sonhos?

Senti aquela quietude, bem no momento que pensei que meu coração ia explodir.

A resposta veio na forma da própria terra, como se sáísse das estrelas, da relva macia, das árvores próximas e do ronronar da noite.

Não fui enviado para cá para encontrar anjos! Não fui enviado para sonhar com eles. Não fui enviado para cá para ouvi-los cantar! *Fui enviado para cá para estar vivo.* Para respirar, transpirar, sentir sede e às vezes chorar.

E tudo que acontecia comigo, tudo de grande e de pequeno, eram coisas que eu precisava aprender! Havia espaço na mente infinita do Senhor e eu tinha de buscar o aprendizado ali, por mais difícil que fosse encontrá-lo.

Quase ri.

Era tão simples, tão belo. Se ao menos pudesse guardar na minha cabeça essa compreensão, esse momento... jamais esquecer, como um dia vinha depois do outro, jamais esquecer, não importa o que acontecesse, jamais esquecer, não importa o que viesse a suceder.

Ah, sim, eu ia crescer e chegaria a hora de sair de Nazaré, certamente. Hei de sair pelo mundo e fazer o que tenho de fazer. Sim. Mas agora? Estava tudo claro. Meu medo acabou.

Parecia que o mundo inteiro me segurava. Por que um dia pensei que estava sozinho? Eu vivia no regaço da terra, daqueles que me amavam sem se importar com o que pensavam ou compreendiam, das próprias estrelas.

— Pai — eu disse —, sou Seu filho.

Nota da autora

T O DO LIVRO QUE ESCREVI desde 1974 contou com pesquisa histórica. Tem sido um prazer para mim que por mais que tenham elementos sobrenaturais na história, por mais que a trama e os personagens sejam imaginativos, o plano de fundo tem sido sempre historicamente real. E com o passar dos anos eu me tornei conhecida por essa exatidão. Se um dos meus romances acontece em Veneza, no século XVIII, podem ter certeza de que os detalhes da ópera, das roupas, do ambiente, dos valores das pessoas, que tudo isso é correto.

Sem nem planejar fui recuando lentamente na história, do século XIX, onde me sentia em casa nos primeiros dois livros, até o século I, onde busquei as respostas para as enormes perguntas que viraram obsessão e que simplesmente não podiam ser ignoradas.

Basicamente a figura de Jesus Cristo era o centro dessa obsessão. Em geral era o nascimento do cristianismo e a queda do mundo antigo. Eu queria desesperadamente saber o que acontecia no século I e por que as pessoas não costumam falar sobre isso.

Compreenda que eu tinha passado por uma infância católica romana antiquada e rígida nas décadas de 1940 e 1950 numa paróquia irlandesa-americana que hoje seria chamada de gueto católico, onde assistíamos à missa e comungávamos numa igreja enorme e magnificamente decorada, construída pelos nossos antepassados, alguns com as próprias mãos. As turmas eram separadas, só de meninos e só de meninas. Aprendemos catecismo e história da Bíblia, além da vida dos santos. Janelas com vitrais, a missa em latim, as respostas detalhadas para perguntas complexas sobre o bem e o mal, essas coisas ficaram gravadas na minha alma para sempre, junto com muita história da Igreja que existia como uma grande corrente de acontecimentos triunfando sobre o cisma e a Reforma, até culminar no papado de Pio XII.

Deixei essa Igreja aos dezoito anos, porque parei de acreditar que era “a única Igreja criada por Cristo para recebermos graças”. Nenhum acontecimento na minha vida pessoal precipitou essa perda da fé. Aconteceu no campus de uma universidade secular, onde havia uma intensa pressão sexual; mas mais do que isso, havia o mundo mesmo, sem catolicismo, cheio de pessoas boas e pessoas que liam livros que eram terminantemente proibidos para mim. Eu queria ler Kierkegaard, Sartre e Camus. Queria saber por que tanta gente que parecia boa gente não acreditava em qualquer

religião organizada e mesmo assim se preocupava apaixonadamente com o próprio comportamento e com o valor da sua vida. Como católica ortodoxa que eu era, não tinha opções para explorar nada. Rompi com a Igreja. E rompi também com minha fé em Deus.

Quando me casei dois anos depois, foi com um ateu apaixonado, Stan Rice, que, além de não acreditar em Deus, achava que tinha tido algo parecido com uma visão que lhe dera a certeza de que Deus não existia. Ele era uma das pessoas mais honradas e conscientes que conheci na vida. Para ele e para mim, escrever era nossa vida.

Em 1974 eu me tornei escritora publicada. O romance refletia a minha culpa e o meu sofrimento por ter me afastado de Deus e da salvação, por estar perdida num mundo sem luz. O tempo do livro era o século XIX, contexto que eu havia pesquisado profundamente para tentar responder às perguntas sobre Nova Orleans, onde nasci e onde não morava mais.

Depois disso escrevi muitos livros sem me dar conta que refletiam minha busca de significado num mundo sem Deus. Como disse antes, fui recuando na história no meu trabalho, respondendo a perguntas minhas sobre os fatos históricos, por que certas revoluções aconteceram, por que a rainha Elizabeth I era daquele jeito, quem realmente escreveu as peças de Shakespeare (isto eu nunca usei em um livro), como foi a Renascença italiana e como foi a Peste Negra antes dela. E o que tinha levado ao feudalismo.

Na década de 1990, morando em Nova Orleans outra vez, entre adultos que freqüentavam a igreja e tinham fé, católicos flexíveis com alguma sofisticação, eu sem dúvida recebi alguma influência deles.

Mas também mergulhei inevitavelmente na pesquisa do século I, porque queria saber tudo sobre a Roma Antiga. Tinha romances para escrever com personagens romanos, e havia a possibilidade de descobrir uma coisa que quis saber a vida inteira e nunca soube:

Como “aconteceu” realmente o cristianismo? Por que Roma caiu?

Para mim essas eram questões importantes demais e sempre foram. Tinham relação com o que somos hoje.

Lembro que nos anos 1960 eu estava numa festa em uma casa linda em San

Francisco, em homenagem a um famoso poeta. Estava lá um acadêmico europeu e me vi sozinha com ele, sentados num sofá. Perguntei para ele: “Por que Roma caiu?” E ele ficou duas horas inteiras explicando.

Não consegui absorver a maior parte do que ele disse. Mas nunca esqueci o que eu compreendi — que todo grão da cidade tinha de vir do Egito, que as terras que circundavam Roma eram ocupadas por mansões, grandes propriedades, e que o povo se alimentava com esmolas.

Foi uma noite maravilhosa, mas saí com a sensação de que não tinha entendido completamente o que tinha acontecido.

A história da Igreja católica me deu o conhecimento da nossa herança cultural, apesar de ser apresentada a ela muito cedo e sem um contexto. E eu queria conhecer esse contexto, por que as coisas eram como eram.

Quando eu era pequena, quando tinha uns onze anos, talvez menos, estava um dia deitada na cama da minha mãe, lendo ou tentando ler um dos livros dela. Li uma frase que dizia que a Reforma protestante dividiu culturalmente a Europa em duas. Pensei que isso era absurdo e perguntei para ela se era verdade. Ela disse que era. Nunca esqueci isso. Toda a minha vida quis saber o que significava.

Em 1993, pesquisei esse período antigo e é claro que comecei antes, na história dos sumérios e da Babilônia, de todo o Oriente Médio, de volta ao Egito que eu havia estudado na faculdade e me envolvi com tudo isso. Li textos especializados de arqueologia como histórias de detetive em busca de padrões, fascinada com a epopéia de Gilgamesh, rei sumério, e detalhes como a ferramenta de pedreiro que os antigos reis (estátuas) seguravam.

Escrevi dois romances nesse período que refletem o que eu estava fazendo. Mas aconteceu uma coisa comigo que não deve estar registrada em livro nenhum.

Tropecei num mistério sem solução, um mistério tão imenso que desisti de tentar encontrar a explicação porque todo esse mistério desafiava a crença. O mistério era a sobrevivência dos judeus.

Sentada no chão do meu escritório, cercada de livros sobre os sumérios, o Egito, Roma etc, e algum material cético sobre Jesus que tinha caído nas minhas mãos, eu não conseguia entender de que maneira esse povo prevaleceu, como o grande povo que era.

Foi esse mistério que me levou de volta para Deus. Pôs em movimento a idéia de que de fato deve existir um Deus. E quando isso aconteceu, cresceu dentro de mim, por algum motivo, um desejo imenso de retornar à mesa do banquete. Em 1998 voltei para a Igreja católica.

Mas mesmo então eu ainda não tinha resolvido a questão de Jesus Cristo e do cristianismo. De fato eu li a Bíblia em estado de completo deslumbramento e assombro com sua variedade, sua poesia, seus espantosos retratos de mulheres, sua inclusão de bizarros e muitas vezes sangrentos e violentos detalhes. Quando ficava deprimida, o que acontecia freqüentemente, alguém lia a Bíblia para mim, muitas vezes traduções literárias do Novo Testamento, isto é, traduções de Richmond Lattimore, que são maravilhosamente literais, belas e reveladoras, e dão nova abertura ao texto.

Em 2002, deixei todo o resto de lado e resolvi me concentrar inteiramente em responder às perguntas que me perseguiram a vida inteira. A decisão foi tomada em julho daquele ano. Eu lia a Bíblia constantemente, lia partes em voz alta para a minha irmã, estudando o Tanach (Antigo Testamento), e decidi que me entregaria por completo à tarefa de tentar entender Jesus, ele mesmo, e de que modo o cristianismo emergiu.

Eu queria escrever a vida de Jesus Cristo. Já sabia disso há anos. Mas agora estava pronta. Estava preparada para cometer uma violência na minha carreira. Eu queria escrever o livro na primeira pessoa. Nada mais tinha importância. Consagrei o livro ao Cristo.

Consagrei a mim mesma e o meu trabalho ao Cristo. Não sabia exatamente como ia fazer.

E também não sabia como ia ser a minha caracterização de Jesus.

Tinha assimilado muitas idéias da moda corrente sobre Jesus, que ele tinha sido supervalorizado, que os Evangelhos eram documentos “posteriores”, que não sabíamos nada de concreto sobre ele, que a violência e as brigas marcaram o movimento do cristianismo desde o início. Eu tinha adquirido muitos livros sobre Jesus e eles lotavam as estantes do meu escritório.

Mas a verdadeira investigação começou em julho de 2002.

No mês de agosto fui para meu apartamento na praia para escrever o livro. Que ingenuidade! Não fazia idéia de que estava entrando num campo de pesquisa em que

ninguém concordava em coisa alguma, se estávamos falando do tamanho da aldeia de Nazaré, do nível econômico da família de Jesus, do comportamento judaico dos galileus em geral, da razão de Jesus ter ficado famoso, do motivo de ele ter sido executado ou de os seus seguidores terem se espalhado pelo mundo.

Quanto ao alcance desse campo, era praticamente sem fim. O estudo do Novo Testamento incluía livros de todos os tipos imagináveis, desde livros céticos que procuravam desmontar a idéia de que Jesus tinha algum valor real para a teologia ou para uma igreja duradoura, até livros que conscienciosamente tratavam de cada objeção dos céticos com rodapés até a metade da página.

As bibliografias eram intermináveis. As discussões por vezes geravam desavenças.

E a principal fonte material do século I era motivo de controvérsia constante, na qual os Evangelhos eram considerados fonte secundária por alguns, primária por outros, e a história de Josephus e as obras de Philo sujeitas a exames exaustivos e discórdia quanto à relevância e validade delas, ou se continham alguma verdade.

E havia também a questão dos rabinos. Será que o Mishnah, o Tosefta e os Talmudes mereciam confiança para deles se extrair um quadro preciso do século I? Eles mencionavam mesmo Jesus? E se não mencionavam, que diferença fazia, já que também não mencionavam Herodes, que construiu o Templo.

Ah, o que eu tinha pela frente...

Mas vou voltar no tempo um pouco. Em 1999, recebi pelo correio do meu editor e mentor de longa data um exemplar do livro *Jesus of Nazareth, King of the Jews* [Jesus de Nazaré, rei dos judeus], de Paula Fredriksen. Eu li grande parte desse livro em que Fredriksen recriava lindamente o meio judeu no qual o menino Jesus pode ter vivido em Nazaré e ido para o Templo com a família para as festividades da Páscoa. Fredriksen argumentou muito bem que Jesus era judeu. E que isso tinha de ser levado em conta quando se escrevia sobre ele ou se pensava nele, pelo menos foi isso que me pareceu.

Agora, seis anos depois, produzi um livro obviamente inspirado naquela cena que Fredriksen descreveu, por isso só posso agradecer humildemente a ela e reconhecer sua influência.

Claro que a minha crença é completamente contrária à de Fredriksen, conforme revela o livro *Cristo Senhor*. Mas foi Fredriksen que me encaminhou na direção certa,

para explorar Jesus como um judeu, e foi aí que minha pesquisa séria sobre ele começou.

Mas voltando ao ano de 2002. Quando iniciei meu trabalho para valer, recebi uma ligação do meu marido. Ele sentia os primeiros sintomas de um tumor cerebral que acabou por matá-lo menos de quatro meses depois.

Estávamos casados há quarenta e um anos. Depois que voltei para a Igreja, ele concordou em se casar comigo na grande e velha igreja da minha infância, com um padre que era meu primo e que fez o pronunciamento. Essa foi uma concessão maravilhosa, vinda de um ateu convicto. Meu marido fez isso porque me amava. Quarenta e um anos. E ele se foi.

Será que recebi o dom da determinação antes de essa tragédia se abater para ser capaz de suportá-la? Eu não sei. O que sei é que nas últimas semanas de vida, meu marido, quando estava consciente, transformou-se num santo. Ele manifestava seu amor por todos à sua volta, compreendia pessoas que nunca compreendeu antes. Queria dar presentes para os que o ajudaram em sua doença. Antes disso ele havia conseguido, apesar de estar semiparalisado, pintar três quadros incríveis. Não posso deixar de dizer isso. Então, depois desse período de amor e compreensão, ele foi lentamente entrando em coma e faleceu.

Ele deixou mais de trezentas pinturas, todas feitas em quinze anos, e muitos livros de poesia, a maioria publicada nesse mesmo período, além de milhares de poemas inéditos. Sua galeria memorial vai em breve se mudar de Nova Orleans para Dallas, no Texas, onde ele nasceu.

Prosegui na minha busca todo o tempo da doença dele, até sua morte. Meus livros serviram de apoio. Conteí para ele sobre o que eu estava escrevendo. Ele achou maravilhoso. Foi todo elogios.

Daqueles dias em diante, de dezembro de 2002, quando ele morreu, até 2005, estudei o período do Novo Testamento e continuei estudando. Lia sem parar, dia e noite.

Cobri uma quantidade enorme de críticas de céticos, discussões violentas, e li vorazmente as fontes primárias de Philo e Josephus que me deram um prazer muito grande.

Comecei com as críticas dos céticos, aqueles que se baseavam nos primeiros estudiosos iluministas que faziam leituras céticas do Novo Testamento e esperava descobrir que seus argumentos seriam assustadoramente poderosos, que o cristianismo era, no fundo, uma espécie de fraude. Eu teria de acabar dividindo a minha mente em compartimentos, com a fé em um e a verdade em outro. E o que eu escreveria sobre o meu Jesus? Não tinha idéia. Mas as perspectivas eram interessantes. Ele certamente era um liberal, casado, tinha filhos, era homossexual, e quem sabe o que mais? Só que eu precisava fazer a minha pesquisa antes de escrever uma palavra sequer.

Esses estudiosos céticos pareciam muito seguros de si mesmos. Construíam seus livros sobre certas asserções sem nem analisar essas asserções. Como podiam estar errados? Os estudiosos judeus apresentavam suas teses com muito cuidado. Jesus com certeza devia ser simplesmente um judeu que observava os costumes, ou um *hasid*, devoto, que foi crucificado. Fim da história.

Eu li e li e li. Por vezes pensei que caminhava pelo vale das sombras da Morte, enquanto lia. Mas continuei, pronta para arriscar tudo. Precisava saber quem era Jesus, isto é, se é que alguém sabia, eu tinha de saber o que essa pessoa sabia.

Ora, eu não podia ler as línguas antigas, mas como pessoa letrada posso certamente acompanhar a lógica de um argumento. Sou capaz de verificar as notas de rodapé e as referências bibliográficas. Posso consultar o texto bíblico em inglês. Sou capaz de verificar todas as traduções que tenho, e tenho todas que conheço, desde Wycliffe até Lamsa, inclusive a *New Annotated Oxford Bible* e a antiga *English King James* que adoro. Tenho a antiga tradução católica e todas as traduções literárias que pude encontrar. Tenho traduções de fora do circuito que os eruditos não mencionam, como a de Barnstone e Schonfield. Adquiri cada uma dessas traduções pelo esclarecimento que podia oferecer a uma frase mais obscura.

O que foi ficando aos poucos claro para mim foi que faltava coerência em muitos argumentos dos céticos, argumentos que insistiam que a maior parte dos Evangelhos era suspeita, por exemplo, ou então escrita tarde demais para ser um relato de testemunha ocular. Não eram elegantes. Argumentos a respeito de Jesus pessoalmente eram montes de conjecturas. Alguns livros não passavam de suposições em cima de suposições, chegavam a conclusões absurdas com base em poucos dados ou nenhum.

Resumindo, todo esse quadro do Jesus não divino que caiu por acaso em

Jerusalém e por algum motivo foi crucificado por um ninguém e não teve nada a ver com a fundação do cristianismo, e que ficaria horrorizado se soubesse disso, toda essa imagem que pairava nos círculos liberais que freqüentei como atéia por trinta anos, esse quadro não ficou definido. Além de não ficar definido, nesse campo descobri alguns dos piores e mais preconceituosos eruditos que cheguei a ler.

Não vi quase nenhum dos céticos apresentar argumentos convincentes, e os Evangelhos, desmembrados pelos críticos, perdiam toda a intensidade quando eram reconstruídos por diversos teóricos. Não eram nada tocantes quando tratados como composições e registros de “comunidades” que viveram tempos depois.

Não me convenceram as postulações desarvoradas daqueles que se diziam filhos do Iluminismo. E também percebi outra coisa. Muitos desses acadêmicos, os que aparentemente dedicavam a vida ao estudo do Novo Testamento, não gostavam de Jesus Cristo. Alguns tinham pena dele porque o consideravam um fracassado sem salvação. Outros faziam pouco dele, e outros ainda sentiam um desprezo bem declarado. Isso aparecia nas entrelinhas dos livros e surgia na personalidade dos textos.

Jamais me deparei com esse tipo de emoção em qualquer outro campo de pesquisa, pelo menos não tanta assim. Era intrigante.

As pessoas que se dedicam aos estudos elisabetanos não se empenham em provar que a rainha Elizabeth I era uma tola. Não desgostam dela pessoalmente. Não fazem observações debochadas sobre ela nem passam toda a sua vida profissional tentando destruir sua reputação histórica. Abordam esse estudo de outras maneiras. E também não aplicam essa espécie de aversão, suspeita ou desprezo a outros personagens da era elisabetana. Quando fazem isso, quase sempre a pessoa não é o foco do estudo. De vez em quando um acadêmico estuda um vilão, isso é verdade. Mas mesmo assim o autor em geral acaba encontrando argumentos para as características boas de um vilão, ou para o lugar dele ou dela na história, ou para alguma causa que justifique, que redima o próprio estudo. Pessoas que estudam os desastres na história podem ser altamente críticas em relação aos governantes ou à mentalidade da época, isso sim. Mas em geral os estudiosos não passam a vida toda na companhia de figuras históricas que desprezam abertamente.

Mas há pesquisadores do Novo Testamento que detestam e desprezam Jesus Cristo. É claro que todos nós nos beneficiamos com a liberdade na comunidade

acadêmica, com a quantidade imensa de estudos bíblicos que existem hoje e com a grande variedade de contribuições que estão fazendo. Não estou defendendo a censura, mas talvez esteja defendendo a sensibilidade da parte de quem lê esses livros. Talvez eu esteja defendendo uma certa cautela no que tange a esse campo de pesquisa em geral. O que parece terreno firme pode não ser nenhum terreno firme.

Outra questão me incomodava muito.

Todos esses céticos insistiam que os Evangelhos eram documentos *a posteriori*, que as profecias contidas neles tinham sido escritas depois da Queda de Jerusalém. Mas quanto mais eu leio sobre a Queda de Jerusalém, mais fico sem entender isso.

A Queda de Jerusalém foi um verdadeiro horror e acarretou uma guerra enorme e cataclísmica, uma guerra que durou anos e anos na Palestina, seguida por outras revoltas, perseguições e leis punitivas. Quando lia sobre isso nas páginas de S. G. F. Brandon e em Josephus, eu me peguei atônita com os detalhes desse desastre apavorante no qual o maior Templo do mundo antigo foi irremediavelmente destruído para sempre.

Nunca tinha me confrontado de fato com esses acontecimentos antes, jamais procurei compreendê-los. E agora eu estava achando totalmente impossível que os escritores dos Evangelhos não tivessem incluído a Queda do Templo em suas obras se só tivessem escrito depois do fato, como os críticos insistiam.

Simplesmente não tinha e não tem sentido algum.

Esses escritores dos Evangelhos eram de um culto judaico-cristão. Era isso que era o cristianismo. E a história central do judaísmo tem a ver com a redenção do Egito e a redenção da Babilônia. E antes da redenção da Babilônia houve a Queda de Jerusalém, quando os judeus foram levados para a Babilônia. E aí temos essa guerra horrível. Os escritores cristãos não teriam escrito sobre ela se a tivessem visto? Não teriam visualizado na Queda de Jerusalém algum eco da conquista babilônica? Claro que teriam. Eles escreviam para judeus e para gentios.

O modo como os céticos deixam esse problema de lado mostra que simplesmente supuseram que os Evangelhos eram documentos posteriores por causa dessas profecias nos Evangelhos. Isso não dá nem para o começo se pretendem convencer alguém.

Antes de abandonar essa questão da guerra dos judeus e da Queda do Templo, vou

dar uma sugestão. Quando os acadêmicos judeus e cristãos começarem a levar essa guerra a sério, quando começarem a realmente estudar o que aconteceu naqueles anos terríveis do cerco a Jerusalém, da destruição do Templo e das revoltas que continuaram a eclodir na Palestina até Bar Kokhba, quando então os judeus se concentram na perseguição dos cristãos na Palestina; e a guerra civil em Roma nos anos 60 que Kenneth L. Gentry descreve tão bem em seu livro *Before Jerusalem Fell* [Antes da queda de Jerusalém]; assim como a perseguição dos judeus na Diáspora durante esse período... para resumir, quando toda essa era obscura for trazida para a luz de uma análise bem-feita, os estudos da Bíblia vão mudar.

Agora mesmo os estudiosos negligenciam ou ignoram as realidades desse período. Para alguns parece que foi um estorvo de dois mil anos e não sei bem se entendo por quê.

Mas estou convencida de que o segredo para entender os Evangelhos é que eles foram escritos antes de tudo isso acontecer. Por isso foram preservados sem questionamento, apesar de um contradizer o outro. Eles vieram de uma época que foi catastroficamente perdida para os cristãos que vieram depois.

Avancei na minha busca e descobri uma linha de raciocínio bem diferente da que os céticos usavam — a de John A. T. Robinson, em *The Priority of John* [A precedência de João]. Ao ler suas descrições, que levavam a sério as palavras do próprio Evangelho, vi o que estava acontecendo com Jesus no texto de João.

Foi o momento decisivo. Consegui entrar no quarto Evangelho e ver Jesus vivo e em movimento. E o que acabou emergindo para mim dos Evangelhos foi sua coerência exclusiva, suas personalidades... o selo inevitável da autoria individual.

Claro que John A. T. Robinson defendeu uma data anterior para os Evangelhos muito melhor do que eu jamais poderia. Ele fez isso brilhantemente em 1975 e tratou de cobrar dos estudiosos liberais suas suposições na época, em *Redating the New Testament* [Renovando a data do Novo Testamento], mas o que ele disse é tão verdadeiro hoje como era quando escreveu essas palavras.

Depois de Robinson eu fiz muitas grandes descobertas, entre elas Richard Bauckham que em *The Gospels for All Christians* [Os Evangelhos para todos os cristãos] refuta vigorosamente a idéia de que os Evangelhos foram produzidos por comunidades isoladas e demonstra o que é óbvio, que foram escritos para circular e serem lidos por

todos.

A obra de Martin Hengel é brilhante para afastar de vez essas suposições, e suas realizações são enormes. Eu continuo a estudá-lo.

A linha de estudo de Jacob Neusner merece todos os elogios e mais alguns. As traduções que fez do Mishnah e do Tosefta têm valor inestimável e seus ensaios são brilhantes. Ele é um gigante. Entre os acadêmicos judeus, Géza Vermes e David Flusser sem dúvida nenhuma devem ser lidos. David Flusser chamou a minha atenção para coisas no Evangelho de Lucas que eu não tinha visto antes.

Livros genéricos que achei importantes e que cobrem todo o desenvolvimento de Jesus nas artes incluem um grande livro de pesquisa escrito por Charlotte Allen chamado *The Human Christ* [O Cristo humano], que trata de como as buscas iniciais do Jesus histórico influenciaram as imagens de Jesus nos filmes e também Jesus nos romances. O trabalho de Luke Timothy Johnson sempre foi útil, assim como o de Raymond E. Brown e de John P. Meier. O que Seán Freyne escreveu sobre a Galiléia é extremamente importante, e a obra de Eric M. Meyers também.

Quero mencionar *Lord Jesus Christ* [Senhor Jesus Cristo] de Larry Hurtado, *The Historical Reliability of John's Gospel* [A confiabilidade histórica do Evangelho de João] de Craig L. Blomberg, e o trabalho de Craig S. Keener que apenas comeci a ler. Admiro muito Kenneth L. Gentry, Jr.

Roger Aus está sempre me ensinando alguma coisa, embora eu discorde completamente das conclusões dele. Mary S. Thompson tem um trabalho maravilhoso.

Altamente recomendados são os livros de Robert Alter e Frank Kermode sobre a Bíblia como literatura e *Mimesis* [Mimetismo], de Erich Auerbach. Em geral devo elogiar os estudos de Ellis Rivkin, Lee I. Levine, Martin Goodman, Claude Tresmontant, Jonathan Reed, Bruce J. Malina, Kenneth Bailey, D. Moody Smith, C. H. Dodd, D. A. Carson, Leon Morris, R. Alan Culpepper e o grande Joachim Jeremias. Agradeço especialmente a BibleGateway.com.

Aprendi alguma coisa em cada livro que examinei.

O pesquisador que talvez tenha me dado minhas conclusões mais importantes e que continua a fazer isso com sua enorme produção é N. T. Wright. Ele é um dos escritores mais brilhantes que eu já li e sua generosidade em aceitar os céticos e comentar seus

argumentos é uma inspiração. Sua fé é imensa e seu conhecimento vasto.

Em seu livro *The Resurrection of the Son of God* [A ressurreição do Filho de Deus], ele responde solidamente à pergunta que me perseguiu a vida inteira. O cristianismo chegou aonde chegou, segundo N. T. Wright, porque Jesus ressuscitou dos mortos.

Foi o fato de Jesus ter revivido que impeliu os apóstolos para o mundo com a força necessária para criar o cristianismo. Nada mais teria provocado isso, senão a ressurreição.

Wright faz muito mais para pôr essa questão inteira numa perspectiva histórica. Como posso ser justa com ele aqui? Só posso recomendá-lo sem reserva nenhuma e continuar lendo seus trabalhos.

É claro que a minha busca não terminou. Há milhares de páginas dos acadêmicos anteriormente mencionados para serem lidas e relidas.

Há coisa demais de Josephus, Philo, Tacitus, Cícero e Júlio César que preciso ler. E tantos textos de arqueologia — devo voltar a ler Freyne e Eric Meyers sobre a Galiléia, e há escavações produzindo artefatos na Palestina, e novos livros sobre os Evangelhos estão sendo impressos enquanto escrevo isto.

Mas agora vejo uma grande coerência na vida de Cristo e no início do cristianismo que antes eu ignorava, e também vejo a transformação sutil do mundo antigo devido à estagnação econômica e ao ataque que sofreu em seus valores monoteístas, valores judaicos misturados com valores cristãos, para os quais eu talvez não estivesse preparada.

Há também teólogos que precisam ser lidos, mais de Teilhard de Chardin, Rahner e Santo Agostinho.

Em algum ponto nessa minha viagem por tudo isso, quando me decepcionei com os céuticos e com as provas frágeis para suas conclusões, compreendi uma coisa sobre o meu livro.

Foi o seguinte. O desafio era escrever sobre o Jesus dos Evangelhos, é claro!

Qualquer pessoa poderia escrever sobre um Jesus liberal, um Jesus casado, um Jesus gay, um Jesus revolucionário. A “Busca do Jesus Histórico” tinha se transformado em piada por causa de todas as inúmeras definições que ela havia

atribuído a Jesus.

O verdadeiro desafio era pegar o Jesus dos Evangelhos, Evangelhos que ficavam cada vez mais coerentes para mim, Evangelhos que me atraíam com testemunhos elegantes na primeira pessoa, sem dúvida ditados para escribas, mas definitivamente antigos, os Evangelhos produzidos antes de Jerusalém cair, pois bem, pegar o Jesus dos Evangelhos, tentar entrar dentro dele e imaginar o que ele sentia.

E havia também as lendas — os Apócrifos — com as histórias hipno-tizantes do Evangelho da Infância de Tomás que descreviam o menino Jesus que podia matar outra criança, trazê-la de volta à vida, transformar pássaros de barro em criaturas vivas e executar outros milagres. Topei com isso logo no início da minha pesquisa, em muitas edições, e jamais esqueci. E o mundo também não. Eram cheias de fantasia, algumas delas engraçadas, extremas evidentemente, mas sobreviveram até a Idade Média e depois. Eu não conseguia tirar essas lendas da cabeça.

E finalmente decidi me dedicar a esse material, inseri-lo na estrutura canônica da melhor forma possível. Sentia que havia uma verdade profunda ali e queria preservar essa verdade da forma que se apresentava a mim. Claro que isso é uma suposição. Mas eu fiz isso. E talvez por assumir que Jesus realmente manifestava poderes sobrenaturais bem cedo na vida, de algum modo estou sendo fiel à declaração do Concílio de Chalcedon, que disse que Jesus era Deus e Homem o tempo todo.

Estou certamente procurando ser fiel a Paulo quando ele disse que Nosso Senhor se esvaziou por nós, no sentido de que o meu personagem se esvaziou de sua consciência divina para sofrer como ser humano.

Este é um livro que ofereço a todos os cristãos — aos fundamenta-listas, aos católicos romanos, aos cristãos mais liberais, com a esperança de que essa minha adoção de doutrinas mais conservadoras terá alguma coerência para eles no aqui e agora do livro. Ofereço-o aos acadêmicos com a esperança de que talvez gostem de ver as provas da pesquisa que está dentro dele, e é claro que o ofereço àqueles que admiro muito e que têm sido meus mestres, embora nunca os tenha conhecido e talvez nunca venha a conhecer.

Ofereço este livro aos que não conhecem nada da vida de Jesus Cristo, esperando que o vejam nestas páginas de alguma forma. Ofereço esta história com amor aos meus leitores que acompanham cada uma das minhas estranhas mudanças, e espero que Jesus

seja tão real para vocês como qualquer outro personagem que já lancei neste mundo que compartilhamos.

Afinal, Cristo nosso Senhor não é o maior herói sobrenatural, o maior peregrino, o maior imortal de todos?

Se você me acompanhou até aqui, eu agradeço. Eu poderia juntar agora uma bibliografia longa demais, mas não farei isso.

Vou concluir agradecendo a algumas pessoas que têm me apoiado e inspirado em todos esses anos:

Frei Dennis Hayes, meu orientador espiritual, que respondeu às minhas perguntas teológicas sempre com paciência.

Frei Joseph Callipare, cujos sermões sobre o Evangelho segundo São João foram brilhantes e maravilhosos. O tempo que passei em sua paróquia na Flórida foi um dos períodos mais lindos da minha pesquisa e do meu trabalho.

Frei Joseph Cocucci, cujas cartas e discussões sobre teologia comigo foram inspiradoras e realmente ótimas.

Os padres redentoristas, padres da minha paróquia em Nova Orleans, cujos sermões me ampararam e cujos exemplos foram luzes brilhantes. Deixo-os com saudade. Meu pai estudou no Seminário Redentorista de Kirkwood, Missouri, e isso sem dúvida mudou o curso de sua vida. Minha dívida com os redentoristas jamais poderei saldar.

Frei Dean Robins e frei Curtis Thomas da paróquia Natividade de Nosso Senhor, que têm me recebido como nova paroquiana. Sinto pena de deixá-los.

Irmão Becket Ghioto, cujas cartas têm sido pacientes, sábias e cheias de descobertas e respostas maravilhosas.

E finalizando, mas em nada menos importante, Amy Troxler, minha amiga e companheira, que respondeu a tantas perguntas fundamentais para mim, ouviu meus delírios intermináveis, que foi comigo à missa e me trouxe a comunhão quando eu não podia ir, que tem sido uma grande ajuda para mim, muito mais do que posso dizer. Era Amy que estava lá ao meu lado na tarde do ano de 1998 quando perguntei se ela conhecia um padre que pudesse ouvir a minha confissão, que pudesse me ajudar a voltar

para a Igreja. Foi Amy que encontrou o padre e me levou para conhecê-lo. Foi o exemplo de Amy naqueles primeiros meses assistindo à missa em inglês que me ajudou demais a me adaptar à liturgia que estava completamente diferente da que eu tinha deixado para trás. Deixo Amy, como deixo Nova Orleans, com muita saudade.

Minha equipe querida, meus grandes amigos, minha editora Vicky Wilson que leu e comentou este manuscrito para aprimorá-lo muito, minha família, agradeço a todos. Eu vivo no ambiente da riqueza do seu amor. Sou abençoada.

E quanto ao meu filho, este livro é dedicado a ele. Isso diz tudo.

6 horas da manhã de 24 de fevereiro de 2005